



**Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Linguística
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos**

KÁTIA MARIA CAPUCCI FABRI

**O FUNCIONAMENTO TEXTUAL-DISCURSIVO DO *JÁ* E DO *AGORA* EM
DIFERENTES TIPOS DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

UBERLÂNDIA – MG

2013

KÁTIA MARIA CAPUCCI FABRI

**O FUNCIONAMENTO TEXTUAL-DISCURSIVO DO *JÁ* E DO *AGORA* EM
DIFERENTES TIPOS DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (PPGL/ILEEL-UFU), como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de concentração: Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Linha 2 - Texto e discurso.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia.

UBERLÂNDIA – MG

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F124f Fabri, Kátia Maria Capucci, 1953-
2013 O funcionamento textual – discursivo do já e do agora em diferentes
tipos de textos orais e escritos da língua portuguesa / Kátia Maria Capucci
Fabri. -- 2013.
232. : il.

Orientador: Luiz Carlos Travaglia.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

1. Linguística - Teses. 2. Análise do discurso - Teses. 3. Semântica -
Teses. I. Travaglia, Luiz Carlos. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801



**Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Linguística
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos**

Kátia Maria Capucci Fabri

O funcionamento textual-discursivo do *já* e do *agora* em diferentes tipos de textos orais e escritos da língua portuguesa

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (PPGL/ILEEL-UFU), como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia

Banca Examinadora (Titulares):

Luiz Carlos Travaglia - Dr. em Linguística – Instituição: UFU (Orientador).

Prof. Dra. Maria Luiza Braga – Instituição: UFRJ.

Prof. Dra. Ana Lúcia Tinoco Cabral – Instituição: UNICSUL.

Prof. Dra. Luisa Helena Borges Finotti – Instituição: UFU.

Prof. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha – Instituição: UFU.

*Para Renato, meu esposo, companheiro e estímulo constantes.
Para os meus filhos, Daniel e Renata, sentido maior de minha
existência.
Para os meus pais, Noêmia e Olímpio (in memorian), presentes
em todos os meus atos.
Para o padrinho Geraldo (in memorian), meu grande
admirador.*

AGRADECIMENTOS

- Ao meu orientador Professor Dr. Luiz Carlos Travaglia, pela sabedoria e generosidade;
- A Neuza Gonçalves Travaglia, pelo acolhimento carinhoso;
- A todos os envolvidos no Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos (PPGL), pela atenção;
- Às Professoras Dr^a Luísa Helena Borges Finotti e Dr^a. Maura Alves de Freitas Rocha, pelas significativas sugestões na banca de qualificação;
- À Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por disponibilizar os inquéritos dos Projetos NURC e PEUL e à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, por disponibilizar os inquéritos do Projeto Mineirês;
- A todos os meus familiares e amigos pelas diferentes formas de apoio.
- Às amigas que me incentivaram e colaboraram com a correção.

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Este trabalho trata da investigação do uso semântico-argumentativo dos itens lexicais **já** e **agora**, em diferentes tipos de textos e nas modalidades oral e escrita da língua. Além disso, ele pretende investigar quais são os valores, condições de uso e funções dos itens, em estudo, como conectores argumentativos; observar se há preferência no emprego desses itens, nas diferentes modalidades de língua e tipos de texto e o que a justifica; descrever as orientações argumentativas estabelecidas pelo emprego do **já** e do **agora**; identificar a especificidade do uso de cada conector e, além disso, cotejar o emprego dos itens estudados nas modalidades escrita e oral ente si e, também, com o item “mas”. Nesta investigação, concebemos língua como processo de interação e nessa perspectiva a abordagem que será dada aos conectores não apontará apenas para a função gramatical deles, mas, sobretudo, serão observadas suas funções semântico-argumentativas. Esta pesquisa é por um lado de natureza quantitativa, com 11 tabelas que revelam diversos fatos sobre o emprego dos itens em foco, e por outro de natureza descritivo-analítica. Para a sua realização, buscamos as contribuições dos estudos do texto e do discurso no que diz respeito ao funcionamento da língua em suas diferentes situações de interação verbal e ancoramos, principalmente, nos construtos teóricos da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa. O *corpus* deste estudo é composto de 66 textos escritos, de diferentes fontes, e 30 inquéritos orais dos Projetos NURC, PEUL e Mineirês. Para a análise dos itens **já** e **agora**, empregamos os critérios: semântico-argumentativo, sintático e fonológico. Nesta pesquisa, foi verificado que os itens, em estudo, **já** e **agora** podem funcionar como advérbio de tempo, como é registrado em gramáticas tradicionais e vários estudos e, também, podem desencadear ideias de oposição, como conectores de contrajunção; introduzir um novo tópico na sequência que iniciam, como operadores discursivos modificadores de tópico, e podem, ainda, estabelecer a interação no diálogo como marcadores conversacionais. A justificativa que se apresenta para este trabalho é o fato de que os outros existentes sobre itens que desencadeiam a contrajunção centram-se principalmente no conector ‘mas’ e, geralmente, em textos escritos. Espera-se que esta pesquisa possa ampliar os estudos textuais-discursivos. Ainda se aponta que as funções de conector de contrajunção, operador discursivo de mudança de tópico e marcador conversacional dos itens em foco, estudadas nesta pesquisa seriam resultado de um processo de gramaticalização.

Palavras-chave: Conector de contrajunção, Operador discursivo, Marcador conversacional, Argumentação.

ABSTRACT

This study deals with the investigation of the semantic-argumentative use of the lexical items ‘já’ (already) and ‘agora’ (now), in different types of texts and in the spoken and written modalities of language. It also intends to investigate what are the values, the conditions of use and functions of the items under study, as argumentative connectors; observe if there is any preference in the use of these items in the different language modalities and types of text and what justifies this; describe the argumentative leads established by the use of ‘já’ and ‘agora’; identify the specificity of use of each connector, as well as collate the use of the items studied in the written and spoken modalities between themselves, along with the item ‘mas’ (but). In this investigation, we understand language as a process of interaction and in this perspective the approach given to the connectors will not point only to their grammatical function, but and above all, their semantic-argumentative functions shall be observed. This research is, on the one hand of quantitative nature, with 11 tables that reveal various facts concerning the use of the items under focus and on the other hand of a descriptive-analytical nature. In order to carry out our study, we went in quest of contributions from the study of texts and of discourse concerning the functioning of the language in its different verbal interactive situations; we have as our fundamental basis the theoretical constructs of Textual Language and of Argumentative Semantics. The *corpus* of this study is made up of 66 written texts from different sources and 30 oral enquiries from the NURC, PEUL Projects and ‘Mineirês’ (*the colloquial language of the people of the State of Minas Gerais*). For the analysis of the items ‘já’ and ‘agora’ we used the following criteria: semantic-argumentative, syntactic and phonological. In this research it was verified that the items under study ‘já’ and ‘agora’ may function as adverbs of time, as registered in the traditional grammars and various studies, and they may also give way to ideas of opposition such as contrajunction connectors; they may introduce a new topic in the sequence they begin, as discursive operators that modify the topic, and may still, establish interaction in the dialogue as conversational markers. The justification that is presented for this study is the fact that the other studies already existent concerning items that give way to the contrajunction are focused mainly in the connector ‘but’, and in general in written texts. It is expected that this study may extend the textual-discursive studies. It is still pointed out that the functions of contrajunction connector, discursive topic change operator and conversational marker of the items under focus studied in this research, would be the result of a grammaticalization process.

Key Words: Contrajunction connector, Discursive operator, Conversational marker, Argumentation.

LISTA DE QUADROS

	Pág.
QUADRO 1 - Quadro das propriedades dos tipos de textos dados pela perspectiva do falante em relação ao objeto do dizer.....	24

LISTA DE TABELAS

	Pág.
TABELA 1 Ocorrências no <i>corpus</i> da <u>modalidade oral</u> do item já : inquiritos e funções.....	112
TABELA 2 Ocorrências no <i>corpus</i> da <u>modalidade oral</u> do item agora : inquiritos e funções.....	115
TABELA 3 Ocorrências dos itens já e agora na transcrição do <u>corpus oral</u> : itens e funções.....	118
TABELA 4 Ocorrências do já e do agora no <u>corpus escrito</u> : itens e funções.....	120
TABELA 5 Ocorrências gerais dos itens já e agora e suas funções no <u>corpus escrito</u> e na transcrição do <u>corpus oral</u>	124
TABELA 6 Ocorrências gerais no <i>corpus</i> da <u>modalidade oral</u> , item já , funções e variáveis	127
TABELA 7 Ocorrências no <i>corpus</i> de <u>modalidade oral</u> , item agora , funções e variáveis.....	130
TABELA 8 Ocorrências do já e do agora , nas funções não adverbiais, de acordo com os diferentes tipos de texto, no <u>corpus escrito</u>	132
TABELA 9 Ocorrências do já e do agora no <u>corpus escrito</u> , especificando os tipos de textos e suas novas funções.....	135
TABELA 10 Ocorrências do já e do agora na transcrição do <u>corpus oral</u> , especificando os tipos de textos.....	140
TABELA 11 Ocorrências do já e do agora na transcrição do <u>corpus oral</u> , especificando os tipos de textos e suas novas funções.....	142

SUMÁRIO

RESUMO	08
ABSTRACT	09
LISTA DE TABELAS e LISTA DE QUADROS	10
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	17
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1. Linguística Textual	17
1.1 Tipologia Textual	21
1.2 Semântica Argumentativa	27
1.2.1 Argumentação.....	29
1.3 Algumas observações sobre a língua oral e o emprego de conectores	48
1.4 Classes gramaticais	54
1.4.1 Classes gramaticais: um estudo dos advérbios nas gramáticas tradicionais....	55
1.5 Levantamento dos significados dos itens já e agora nos dicionários	59
1.6 Conectores de contração: estudos linguísticos	62
1.7 Advérbios como conectores argumentativos: estudos linguísticos	74
1.8 Gramaticalização	89
CAPÍTULO 2	98
METODOLOGIA	98
2 Corpus da pesquisa	101
2.1 Critérios para a descrição analítica	106
2.1.1 Semântico-argumentativo.....	106
2.1.2 Sintático.....	108
2.1.3 Fonológico.....	108
CAPÍTULO 3	111
FUNÇÕES DE JÁ E AGORA: ASPECTOS QUANTITATIVOS DE SUA OCORRÊNCIA	111
CAPÍTULO 4	147
ANÁLISES DO FUNCIONAMENTO TEXTUAL-DISCURSIVO DOS ITENS JÁ E AGORA	147
4 Preliminares	147

4.1 Critérios para a análise do já e agora nas dimensões: semântico-argumentativa, sintática e fonológica.....	158
4.2 O já como conector de contração.....	162
4.3 O já como operador discursivo modificador de tópico.....	165
4.4 O agora como conector de contração.....	169
4.5 O agora como operador discursivo modificador de tópico.....	175
4.6 O agora como marcador conversacional.....	179
4.7 O emprego do já e do agora em diferentes tipos de textos.....	181
4.8 Identidades e diferenças entre o emprego do já e do agora e o emprego do mas.....	191
4.8.1 Identidades.....	191
4.8.2 Diferenças.....	197
4.9 O já e o agora são correlatos?	200
4.10 Possibilidades de gramaticalidade.....	204
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 210
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 217
 ANEXOS.....	 223
ANEXO A Listagem dos textos constitutivos do <i>corpus</i> escrito com ocorrências do já e do agora	224
ANEXO B Listagem dos textos constitutivos do <i>corpus</i> escrito sem ocorrências do já e do agora	229
ANEXO C Listagem dos inquéritos constitutivos da transcrição do <i>corpus</i> oral.....	232

INTRODUÇÃO

Acreditamos que, ao enfrentarmos a elaboração de uma tese, assumindo a posição de pesquisadores, desejamos abrir possibilidades para outros olhares sob um objeto que já foi e continua sendo investigado. Se por um lado o que estamos construindo pode ser um enfrentamento ao já posto, por outro lado ele poderá ser, é o que esperamos - luz para novos questionamentos. É como se tivéssemos uma linha em caracol, que nunca se fecha, podendo ser sempre pinçada, alcançada, ampliada por outros estudiosos.

Para chegarmos neste ponto, cruzamos por caminhos, às vezes espinhosos, ou por ter sido pouco trilhado, ou por levantar outras perspectivas, colocando-nos, de certo modo, como pioneiros na empreitada.

O enfrentamento para essa jornada foi mobilizado pelo desejo de conhecimento, desejo esse que nos permitiu ter forças para adentrar em campos sombrios e iluminados, compartilhados e solitários. Mas esse é o processo de construção de uma pesquisa que, além de exigir trabalho, exige também paixão.

Sabemos que o estudo sobre os itens lexicais incluídos na classe dos advérbios reserva uma área extensa de interesse para os pesquisadores da Linguística, porque as descrições das gramáticas tradicionais e outros estudos não conseguiram ser suficientes para dar conta da heterogeneidade e da complexidade dessa possível classe.

Diante disso, escolhemos o **já** e o **agora** para fazermos uma descrição analítica textual-discursiva e, ao fazermos essa escolha, estávamos certos de que penetraríamos em um terreno movediço e de que a tarefa não seria fácil.

Outro aspecto que gostaríamos de realçar, nesta introdução, diz respeito à observação feita por Neves (2012) de que os limites dos significados são fluidos: “as entidades linguísticas se configuram em zonas difusas de significação, com imprecisão de fronteiras” (NEVES, 2012, p. 112). Dessa forma, o estabelecimento de sentidos entre as novas funções como de conector de contrajunção, de operador discursivo modificador de tópico e de

marcador conversacional pode ocorrer em linhas com contornos às vezes indefinidos. Isso não deve levar a abandonar o rigor científico na tarefa de estudar os fatos, mas buscar a melhor sistematização para os mesmos, descrevendo-os o melhor possível.

Colocadas essas ideias iniciais, propomo-nos neste estudo a fazer uma investigação a respeito do uso textual-discursivo dos itens linguísticos¹ **já** e **agora**, em diferentes tipos de textos escritos e orais, de acordo com a tipologia de Travaglia (1991, [2003]2007). O *corpus* da língua falada foi retirado do Projeto NURC (Norma Urbana Culta), do Projeto PEUL (Projeto de Estudo dos Usos Linguísticos) e do Projeto Mineirês (Projeto Mineirês e construção de um Dialeto: O Mineirês Belo-Horizontino, língua falada culta e não-culta). O nosso *corpus* é composto 364.644 palavras, com 66 textos escritos e 30 inquéritos orais. Nesses textos orais e escritos, localizamos 1875/364.644 (0,50%) ocorrências de **já** e **agora**, em todas as funções, incluindo a de advérbio, sendo que desse total há 336/1875 (0,10%) ocorrências do **já** e do **agora**, nas funções de **conector de contrajunção**, **operador discursivo modificador de tópico** e **marcador conversacional**, que são o foco de nosso estudo, distribuídas da seguinte forma: **já**: **23/336** (6,80%) ocorrências em textos orais e **79/336** (23,50%) ocorrências em textos escritos; **agora**: **223/336** (66,40%) ocorrências em textos orais e **11/336** (3,30%) ocorrências em textos escritos. Reiteramos que essas porcentagens são relativas às novas funções, apontadas nesta tese, excluindo o advérbio.

Para desenvolver este estudo, partimos de algumas perguntas de pesquisa que estão especificadas mais adiante no capítulo de metodologia (Cf. p. 99). A preocupação deste estudo centra-se na observação do uso do **já** e do **agora** em diferentes tipos de textos e modalidades de língua, na perspectiva argumentativa e fazendo um cotejo com o que vem sendo preconizado pelas gramáticas tradicionais e outros estudos. Como justificativa, apresentamos o fato de que: a) há poucos trabalhos que buscam estudar as funções de **já** e **agora** como conectores de contrajunção, operadores discursivos modificadores de tópico e marcadores conversacionais de um modo mais amplo e sistemático. Às vezes se registra a existência dessas funções para estes itens, mas não se busca uma descrição mais sistemática de como eles funcionam quando têm tais funções e que inter-relações existem entre eles e outros itens com funções semelhantes; b) muitos trabalhos existentes sobre conectores de contrajunção estão focados principalmente no conector “mas” e, especificamente, em textos escritos. Alguns trabalhos investigam outros elementos de conexão, que podem também funcionar como o “mas” adversativo, entretanto esses trabalhos centram-se em textos orais e o

¹ A palavra item pode ser usada equivalendo a elemento da língua, unidade linguística e marca linguística.

ontempla as duas modalidades: oral e escrita, além dos diferentes tipos de texto. Outro motivo que justifica esta pesquisa é a ampliação dos estudos da língua em uma perspectiva textual-discursiva, a partir de duas teorias: da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa.

A priori, era nossa crença de que os itens **já** e **agora** poderiam funcionar como elementos da língua capazes de estabelecer somente a contrajunção, podendo ser, inclusive, cotejados com o **mas**. Outras hipóteses estão especificadas na parte da metodologia. Como **objetivo geral**, determinamos: investigar o uso semântico-argumentativo dos itens **já** e **agora**, em diferentes tipos de textos e modalidades das línguas oral e escrita. Os objetivos específicos constam na parte da metodologia (Cf. p. 98, 99).

Para a realização desta pesquisa, buscamos as contribuições dos estudos do texto e do discurso no que diz respeito ao funcionamento da língua em suas diferentes situações de interação verbal. Dessa forma, contamos com a base teórica da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa.

Nesta investigação, concebemos língua como processo de interação e nessa perspectiva a abordagem que será dada aos conectores não apontará apenas para a função gramatical deles, mas, sobretudo, serão observadas suas funções semântico-argumentativas.

Registramos, nesta introdução, as concepções que adotamos de texto e discurso.

Texto será concebido como a:

unidade linguística concreta (perceptível por um dos sentidos: para a língua, geralmente a audição ou a visão) que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independente de sua extensão. (KOCH; TRAVAGLIA, 1989, p. 8-9).

E **discurso** como:

toda atividade comunicativa de um locutor, numa situação comunicativa determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzido em tal situação - ou os seus e os de seu interlocutor, no caso de diálogo – como também o evento de sua enunciação. (KOCH; TRAVAGLIA, 1989, p. 8).

E ainda mobilizamos o conceito de **conector** que, segundo Koch (1992a, p. 84, 89), é definido como elemento da gramática de uma língua que tem como uma de suas funções importantes indicar a força argumentativa dos enunciados, a direção argumentativa, isto é, o

sentido para que apontam. São, portanto, responsáveis pela orientação argumentativa do discurso, no sentido de levarem o interlocutor a um determinado tipo de conclusão em detrimento de outras conclusões.

A fundamentação teórica apresentada, no Capítulo I, terá como suporte as seguintes referências:

- a) Sobre a Linguística Textual: Fávero e Koch (1994); Koch (1984, 1992a, 1992b e 2008); Koch e Travaglia (1996 e 1989); Travaglia (1991, 2002a, 2002b, [2003]/2007 e 2009).
- b) Sobre a Semântica Argumentativa e argumentação: Aquino (1997); Ducrot (1972, 1981, 1989), Guimarães (1987, 1995); Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005);

Contemplamos também estudos que abordam:

- a) o texto oral: Marcuschi (1997), Galembeck e Blanco (2005), Koch et al., (2002);
- b) conectores e tipos de textos: Arruda-Fernandes (1996), Fabri (2001);
- c) conectores de contrajunção (Guimarães (1987);
- d) advérbios como conectores de contrajunção: Alves (1990), Monnerat (2005), Souza (2009), Câmara (2006), Risso (1997 e 2002), Schiffrin (1987);
- e) a gramaticalização: Travaglia, (2002a); Castilho (1997), Traugott (1995), dentre outros.
- f) Para cotejar com esses estudos, usamos as gramáticas tradicionais: Cunha e Cintra (1986), Almeida (1962), Bueno (1968), Bechara (2000) e, ainda os dicionários de: Houaiss (2009) e Ferreira (2009).

À luz dos princípios da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa, desenvolvemos esta tese, que é composta de 4 capítulos, sendo:

CAPÍTULO 1: a **fundamentação teórica**, com uma visão geral acerca das teorias e estudos, que sustentam as análises do funcionamento textual-discursivo dos itens: **já** e **agora**, buscando na Linguística Textual conceitos de texto e discurso, propostas de tipologia textual e elementos que desencadeiam a coesão e a coerência textuais. Ainda nos interessa, neste estudo, questões relacionadas à oralidade da língua. A outra fonte teórica arrolada é a

Semântica Argumentativa. Nela, nos apoiamos nos conceitos de conector, de argumentação, de escala argumentativa. Também cotejamos os estudos do advérbio em diferentes gramáticas e dicionários, assim como mobilizamos diferentes trabalhos voltados para o emprego de conectores de contração, especificamente do “mas” e outras pesquisas sobre o **já** e o **agora**. Finalmente, trouxemos a gramaticalização, como um suporte para explicar as mudanças de funções dos itens estudados nesta tese. Esclarecemos que não é nosso foco tratar da gramaticalização desses itens, visto que a nossa questão central está voltada para a argumentação. Entretanto, como observamos que esses itens podem estar em processo de mudança, resolvemos trazê-la para este estudo.

CAPÍTULO 2: a **metodologia**, que é de natureza quantitativa e também descritivo-analítica, cujas análises serão ancoradas, sobretudo, na Linguística Textual e na Semântica Argumentativa. Ainda neste capítulo, apresentamos o *corpus* da tese. Para a análise dos itens **já** e **agora**, empregamos os seguintes critérios: semântico-argumentativo, sintático e fonológico.

CAPÍTULO 3: a **análise quantitativa**: que faz um levantamento das ocorrências do **já** e do **agora**, apresentado por meio de onze tabelas em que esses itens aparecem com as funções de advérbio, conector de contração, operador discursivo modificador de tópico e marcador conversacional. As tabelas ainda contemplam as variáveis de escolaridade (usada para definir o falante como culto ou não culto); gênero (homem ou mulher); idade (jovem ou adulto); tipos de texto (descritivo, dissertativo, injuntivo ou narrativo); as modalidades da língua (oral ou escrita).

CAPÍTULO 4: **as análises do funcionamento textual-discursivo dos conectores já e agora**, a partir de exemplos retirados da transcrição do *corpus* oral e do escrito e amparados pelas teorias já mencionadas.

Finalmente, apresentamos as nossas considerações finais.

Esperamos que essa pesquisa possa ampliar as já existentes, na medida em que faz um estudo textual-discursivo mais sistemático e abrangente dos itens **já** e **agora** em funções ainda pouco enfocadas e verificar as possibilidades e condições de alguns de seus empregos. Esperamos ainda que ela possa também ecoar no ensino aprendizagem desses itens.

CAPITULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este estudo foi realizado à luz das contribuições da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa. Outros estudos também fazem parte da nossa fundamentação como questões sobre a oralidade e a gramaticalização. Neste capítulo apresentamos os elementos teóricos ligados a teorias que foram de algum modo importantes em nosso estudo como instrumentos de análise.

1 Linguística Textual

A Linguística Textual é uma teoria que ancora nossas análises, porque o funcionamento dos itens **já** e **agora**, nosso objeto de estudo, foi observado no texto, considerado, conforme Koch (2008, p. 11), a unidade básica de manifestação da linguagem, já que os homens se comunicam por meio de textos, e que muitos fenômenos linguísticos só podem ser explicados no interior deles.

A autora afirma ainda que o texto não pode ser visto como uma simples soma de frases e palavras que o compõem: a diferença entre frase e texto não fica na ordem quantitativa, mas, sobretudo, na ordem qualitativa.

Para Fávero e Koch (1994, p. 14), a finalidade da Linguística Textual é refletir sobre os fenômenos linguísticos que não são explicáveis por meio de uma gramática do enunciado, e as suas tarefas básicas são: a) determinar os princípios de constituição de um texto, verificando o que faz com que um texto seja um texto; b) levantar critérios para a delimitação de textos, pois a completude é uma das características essenciais do texto; c) diferenciar as várias espécies de textos.

Fávero e Koch (1994, p. 11-12) afirmam que com a Linguística Textual surge a gramática do texto, que se justifica pelas lacunas das gramáticas de frase que não conseguiram explicar fenômenos como: a ordem das palavras no enunciado², a correferência, a concordância dos tempos verbais, dentre outros fenômenos que só podem ser explicados com referência a um contexto situacional.

Sabe-se que a gramática da frase exclui de suas explicações grande parte da morfologia, da fonologia e da lexicologia. Desse modo, a Linguística Textual evoluiu para uma Teoria do Texto dando conta de diversas manifestações: como explicitar o que se deve compreender por significação de um texto, pela semântica do texto; dizer qual é a função de um texto no contexto (extralinguístico), pela pragmática do texto; verificar como vem expresso o que está à sua volta, pela sintaxe do texto; ocupar-se das características e dos sinais fonéticos da configuração sintática textual, na fonética do texto.

Desta forma a Linguística Textual deve ser vista como:

[...] o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e funcionamento em recepção de textos escritos ou orais. Seu tema abrange a coesão superficial ao nível dos constituintes linguísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações ao nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. (MARCUSCHI, 1983, apud KOCH, 2008, p. 10).

Fávero e Koch (1994, p. 25) estabelecem que há duas concepções importantes para a Linguística Textual: **texto** e **discurso**. Texto, em um sentido lato, “é toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (filme, poema, música, pintura) e no sentido estrito é qualquer passagem falada ou escrita, que forma um todo significativo.” (FÁVERO; KOCH, 1994, p. 25).

Já discurso é a atividade comunicativa de um falante, que engloba o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor em uma dada situação de comunicação.

Ainda para as definições de texto e discurso, apresentamos as de Koch e Travaglia que serão adotadas nesta tese, por apontarem para o uso da língua em uma situação de interação, que é regulada por uma exterioridade. Eles propõem que **texto** é a:

unidade linguística concreta (perceptível por um dos sentidos: para a língua, geralmente a audição ou a visão) que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa

² Enunciado é visto como uma sequência linguística inserida em um contexto sócio-histórico-ideológico.

específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independente de sua existência (KOCH; TRAVAGLIA, 1989, p. 8-9).

E discurso:

toda atividade comunicativa de um locutor, numa situação comunicativa determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzido em tal situação - ou os seus e os de seu interlocutor, no caso de diálogo - como também o evento de sua enunciação. (KOCH; TRAVAGLIA, 1989, p. 8).

A Linguística Textual foi desenvolvida por inúmeros autores dentre eles: i) Halliday (1970 apud FÁVERO e KOCH, 1994, p. 37), que postula três macrofunções: a) a ideacional, que é a função cognitiva ou referencial da linguagem; b) a interpessoal, ligada à posição que o locutor assume perante o ouvinte, no processo da enunciação; c) e a textual, que permite a estruturação de textos de modo pertinente ao contexto, pois toda língua tem elementos que justificam e explicam essa adequação e ii) Van Dijk (1971 apud FÁVERO; KOCH, 1994, p. 78), que procurou demonstrar que a análise de um texto não é redutível a uma análise frasal. Os estudos desse autor estão também voltados para as macroestruturas textuais e para as superestruturas ou esquemas textuais, que centram-se na questão da tipologia textual.

A importância da Linguística Textual para esta tese se dá por observar o funcionamento dos recursos linguísticos no texto e não apenas na frase ou a fonética e morfologia do mesmo; por tratar da questão da significação no texto sua função em geral e, especialmente, a argumentativa e, também, por se preocupar com as questões voltadas para a tipologia textual. Todos esses aspectos sustentarão as nossas análises.

Diante disso, trazemos estudos que tratam da coerência e da coesão textuais, já que os itens, que são objetos de nosso estudo, são recursos linguísticos responsáveis pela coesão e pela coerência do texto.

Para Koch (2008, p. 9), a **coerência textual** é o estabelecimento de sentido para o texto. Koch e Travaglia (1996, p. 59-62) salientam que a construção da coerência envolve aspectos linguísticos, discursivos, cognitivos, culturais e interacionais, podendo-se elencar os seguintes fatores que afetam o estabelecimento da coerência: a) os elementos linguísticos, que são as pistas para a ativação de conhecimentos armazenados na memória; b) o conhecimento de mundo, que é arquivado na memória, por meio de blocos, que se denominam modelos cognitivos; c) o conhecimento partilhado, que ocorre diante do equilíbrio entre a informação dada e a informação nova; d) as inferências, operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, o receptor de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos

desse texto; e) os fatores de contextualização, que são aqueles fatores que ancoram o texto em uma situação comunicativa determinada; f) a situacionalidade, que atua da situação para o texto, observando o lugar e o momento da comunicação e que atua do texto para a situação, o produtor do texto recria o mundo de acordo com os seus objetivos, crenças, etc. Conforme os autores a situacionalidade exerce também um papel de relevância; g) a informatividade, que diz respeito ao grau de previsibilidade da informação contida no texto; h) a focalização, que tem a ver com a concentração do produtor e receptor em determinada área do conhecimento; i) a intertextualidade, em que para o processamento cognitivo de um texto (produção/recepção) recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos, sendo a intertextualidade tanto de forma pela repetição de expressões, enunciados, estruturas composicionais como a superestrutura de textos da mesma categoria (tipo ou gênero), etc, quanto de conteúdo, em que os textos de uma mesma área, cultura, época, dialogam uns com os outros; j) a intencionalidade, que refere-se ao modo como os emissores usam os textos para atingir as intenções; l) a aceitabilidade, que é a contraparte da intencionalidade, usando o princípio da cooperação, há um esforço para compreender; m) a consistência pela qual cada enunciado deve ser consistente com os enunciados anteriores, ou seja, todos os enunciados devem ser verdadeiros num mesmo mundo textual e, finalmente; n) a relevância, que exige que o conjunto de enunciados que compõe o texto seja relevante para um mesmo tópico discursivo subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

Evidencia-se que a coerência não é somente uma propriedade do texto em si, mas que ela se constrói na interação entre o texto e seus usuários, em uma situação comunicativa concreta. (KOCH; TRAVAGLIA, 1996, p. 67- 81).

Quanto à **coesão**, Koch (2008, p. 15) diz que há na língua elementos que têm por função estabelecer relações textuais de retomada e sequenciamento e que são os recursos de coesão textual.

Os dois tipos básicos de coesão são o referencial e o sequencial.

A coesão referencial é “aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual” (KOCH, 2008, p. 31). Seus mecanismos básicos são a anáfora, quando a remissão é feita para trás e a catáfora, quando a remissão é feita para frente. Há ainda as referências endofórica e a exofórica. Muitos estudos acerca da coesão referencial partem do pressuposto de que existe identidade de referência entre a forma remissiva e seu referente textual, mas nem sempre isto é real.

Segundo Koch (2008, p. 53-63), a coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem diferentes relações semânticas e/ou pragmáticas entre partes do texto, à medida que ele progride. Pode-se falar em sequenciação frástica (sem procedimentos de recorrência estrita) e sequenciação parafrástica (com procedimentos de recorrência).

Na sequenciação parafrástica há recorrência de termos, de estrutura, de conteúdo, de recursos fonológicos, de tempo e aspecto verbal. Já na sequenciação frástica, há procedimentos de manutenção temática, de progressão temática, de encadeamento e de conexão. Na conexão, temos as relações lógico-semânticas, com os conectores do tipo lógico, em que as relações são de condicionalidade, de casualidade, de disjunção, de temporalidade. Além das relações lógico-semânticas, há as relações discursivas ou argumentativas. Dentre essas relações, temos a conjunção, a disjunção argumentativa e a contração. No grupo da contração, há os conectores como **mas** e outros que se encaixam nas funções localizadas neste estudo.

Dessa forma, observamos em nossa pesquisa que os itens em estudo, **já** e **agora**, são responsáveis tanto pela coesão textual, na medida em que os produtores de texto empregam esses itens na construção do texto, estabelecendo uma conexão de contração, de operador discursivo que modifica o tópico e de marcador conversacional; quanto pela coerência textual, pois, ao usarem esses elementos, eles estabelecem também sentido e, ao estabelecerem sentido, orientam o leitor na sua trajetória de leitura, podendo conduzi-lo argumentativamente.

Outro aspecto fundamental para a nossa pesquisa refere-se à questão da **tipologia textual** da qual falamos a seguir.

1.1 Tipologia Textual

Dentre as tarefas da Linguística Textual, encontra-se o estudo dos diferentes tipos de texto.

Vários autores têm se dedicado às pesquisas acerca dos tipos de texto, como Travaglia (1991, [2003]2007³, 2007a, 2007b, 2009), cujas propostas sobre tipologia serão adotadas em nossa tese.

³ A referência de Travaglia ([2003] 2007) refere-se ao ano em que o texto foi produzido [2003] e ao ano em que foi publicado (2007).

Travaglia (1991, p.39) considera a tipologia como a possibilidade de particularização, de singularização dos discursos e ao mesmo tempo de sistematização e análise. O tipo, nessa perspectiva é, então, uma atividade estruturada sendo as suas regularidades sedimentadas dentro dos tipos.

Travaglia ao tratar de tipologia, propõe dois conceitos: a) o de categoria de texto e b) o de tipelementos.

A **categoria de texto** é uma classe de textos que tem uma dada caracterização, isto é, um conjunto de características comuns em termos de conteúdo, estrutura composicional, estilo (características linguísticas), funções/objetivos, condições de produção, mas distintas das características de outras categorias de texto, o que permite diferenciá-las. Pelo termo **tipelemento** designamos classes de categorias de textos, identificando classes de categorias de textos de **naturezas** distintas. (TRAVAGLIA, 2009, p. 2632-2633).

Esse autor ([2003]/2007, 2009) propõe quatro naturezas diferentes para as categorias de textos, ou seja, quatro tipelementos: tipo, subtipo, gênero e espécie.

Para Travaglia ([2003]/2007, p. 101), o **tipo** de texto é o primeiro tipelemento⁴, caracterizado por instaurar um modo de interação. Esse modo de interação é dado por uma perspectiva assumida pelo produtor do texto. Os tipos que nos interessam nesta pesquisa são aqueles definidos pela perspectiva do produtor em relação ao objeto do dizer quanto ao fazer/acontecer ou ao saber/conhecer e quanto à inserção ou não destes no tempo e/ou espaço e são: *descrição*, *dissertação*, *narração* e *injunção*. São esses tipos que utilizamos como variável na pesquisa, já que hipotetizamos que o tipo de texto pode ter influência no uso do **já** e do **agora** nas funções de conector de contrajunção, instaurando a adversidade ou de operador discursivo modificador de tópico, dando uma nova direção à sequência anterior.

Vejamos um pouco mais sobre esses tipos, conforme definidos e caracterizados por Travaglia. Na **descrição**, tem-se o enunciador que está na perspectiva do espaço em seu conhecer/saber, o que transforma o interlocutor em “voyeur” do espetáculo; na **narração**, o enunciador se coloca na perspectiva do fazer/acontecer, inserido no tempo, e a forma como se instaura o interlocutor é o de assistente; na **dissertação**, o enunciador está na perspectiva do conhecer/saber, abstraindo-se do tempo e do espaço, e o interlocutor é posto como ser pensante, que raciocina; na **injunção**, o enunciador se coloca na perspectiva do fazer/acontecer posterior ao tempo da enunciação, o interlocutor como aquele que realiza

⁴ - Tipelemento tal como proposto por Travaglia ([2003]/2007).

aquilo que se quer, ou se determina que seja feito. (Cf. Travaglia, 1991, p. 4' [2003]/2007, p. 102).

Quanto ao objetivo da enunciação, à atitude do enunciador em relação ao objeto do dizer, Travaglia (1991, p.39-61e [2003]/2007, p. 102) diz que na **descrição**, o que se quer é caracterizar, dizer como é; na **narração**, o que se quer é contar, dizer os fatos, os acontecimentos; na **dissertação**, busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar o conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações; na **injunção**, diz-se a ação requerida, desejada, o que e/ou como fazer, incita-se à realização de uma situação. Portanto a descrição e a dissertação são discursos do saber/conhecer, enquanto a narração e a injunção são discursos do fazer/acontecer.

Ainda, nesta abordagem, o autor, ao falar de sequenciamento e ordenação, apresenta o tempo referencial, que é o tempo de ocorrência no mundo real em sua sucessão cronológica. Em relação a esse tempo, a **descrição** e a **dissertação** se caracterizam pela simultaneidade das situações, a **narração** pela não simultaneidade e a **injunção** pela indiferença à simultaneidade ou não das situações. Apresenta também o tempo da enunciação, que é o momento da produção do texto que pode ou não coincidir com o referencial. Na descrição, dissertação e narração, pode haver ou não coincidência entre o tempo da enunciação e o referencial, podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior; já na injunção não há simultaneidade, sendo o tempo da enunciação sempre anterior. Conforme o tempo da enunciação seja posterior, simultâneo ou anterior, teremos descrições, narrações e dissertações respectivamente passadas, presentes e futuras. Quanto à frequência, na narração é mais comum que o tempo da enunciação seja posterior, na descrição posterior e simultâneo e na dissertação é quase sempre simultâneo, embora haja as três possibilidades para esses últimos tipos de texto.

Essa proposta de Travaglia, como já foi dito, dará suporte para as nossas análises no que diz respeito à relação do uso dos itens **já** e **agora** como conectores de contrajunção, operadores discursivos modificadores de tópico e marcadores conversacionais e o tipo de texto, tanto escrito quanto oral.

Apresentamos, a seguir, um quadro que possibilita visualizar melhor as propriedades dos tipos de texto postuladas por Travaglia e anteriormente referidas.

QUADRO 1 - Quadro das propriedades dos tipos de texto dados pela perspectiva do falante em relação ao objeto do dizer (Travaglia, [2003]/ 2007, p. 103)

	Descrição	Dissertação	Injunção	Narração
Perspectiva do enunciador/ produtor de texto	Enunciador na perspectiva do espaço em seu conhecer.	Enunciador na perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço.	Enunciador na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação	Enunciador na perspectiva do fazer / acontecer inserido no tempo
Objetivo do enunciador	O que se quer é caracterizar, dizer como é.	Busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e síntese de representações.	Diz-se a ação requerida, desejada, diz-se o que e/ou como fazer; incita-se à realização de uma situação.	O que se quer é contar, dizer os fatos, os acontecimentos, entendidos estes como os episódios, a ação em sua ocorrência.
Forma como se instaura o interlocutor	Como o “voyeur” do espetáculo	Como ser pensante, que raciocina.	Como aquele que realiza aquilo que se requer, ou se determina que seja feito, aquilo que se deseja que seja feito ou aconteça.	Como o assistente, o espectador não participante, que apenas toma conhecimento, se inteira do(s) episódio(s) ocorrido(s).
Tempo referencial (o tempo da ocorrência no mundo real em sua sucessão cronológica)	Simultaneidade das situações.	Simultaneidade das situações.	Indiferença à simultaneidade ou não das situações.	Não simultaneidade das situações, portanto sucessão.
Tempo da enunciação (o momento da produção/recepção do texto que pode ou não coincidir com o referencial)	Pode haver ou não coincidência entre o tempo da enunciação e o referencial, podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior. É mais frequente o tempo posterior e simultâneo.	Pode ou não haver coincidência entre o tempo da enunciação e o referencial, podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior. A frequência maior ocorre com o tempo simultâneo.	O tempo referencial é sempre posterior ao da enunciação.	Pode haver ou não coincidência entre o tempo da enunciação e o referencial, podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior. É mais comum o tempo da enunciação ser posterior.

Fonte: (TRAVAGLIA, [2003]/ 2007, p. 102).

Travaglia ([2003]/2007, p. 102) tem outras propostas de tipos de textos como:

Argumentativo “*stricto sensu*” que tem sempre por objetivo convencer e mais ainda persuadir o alocutário a fazer algo, ou a participar de certo modo de ver os fatos, os elementos do mundo. Busca-se a adesão do alocutário a algo. Já os textos preditivos buscam antecipar a ocorrência de situações por alguma razão. (TRAVAGLIA, [2003]/2007, p. 102).

Além desses, outros tipos de textos são elencados por Travaglia (2009, p. 2633), como:

- a) argumentativo *stricto sensu* e argumentativo não-*stricto sensu*;
- b) texto preditivo e não preditivo;
- c) texto do mundo comentado e do mundo narrado;
- d) texto lírico, épico/narrativo e dramático;
- e) texto humorístico e não humorístico;
- f) texto literário e não literário;
- g) texto factual e ficcional.

Entretanto, em nosso estudo, utilizamos apenas a primeira tipologia, ou seja, aquela que determina os tipos **descritivo**, **dissertativo**, **narrativo** e **injuntivo**. Optamos por essa proposta tipológica por considerarmos que ela nos permite ver com mais clareza a relação estreita que há entre o modo de enunciação, o tipo de texto e os recursos linguísticos, e isso justifica a nossa opção.

O segundo tipelemento proposto por Travaglia ([2003]/2007, p. 104, 105) é o **gênero** do texto, “caracterizado por ter uma função sócio-comunicativa específica. Os gêneros representam um pré-acordo sobre como agir na sociedade, portanto, são as categorias de texto que circulam na sociedade”. (TRAVAGLIA, [2003]/2007, p. 104) O autor apresenta alguns exemplos como: romance, novela, conto, fábula, apólogo, parábola, mito, lenda, caso, biografia, piada, notícia, certidão, atestado, mandado, procuração, artigo, tese, dissertação, resenha, tragédia, comédia, drama, farsa, auto, esquete, edital, convite, prece, oratório (sermão, discurso, etc.), didático, contrato, correspondência, entre outros. Ele especifica em seu trabalho funções básicas de alguns grupos de gêneros como, por exemplo, alvará, autorização, liberação que têm como função comum dar permissão. Não trabalhamos a relação entre os itens lexicais **já** e **agora** nas funções focalizadas neste estudo e os gêneros, mas notamos alguns fatos ligados a esta relação que registramos no momento oportuno.

A **espécie** é o terceiro tipelemento e se caracteriza por aspectos formais de estrutura e da superfície linguística e/ou por aspectos de conteúdo. Por exemplo, o mesmo tipo narrativo

pode ser apresentado em duas espécies formais: a narrativa em prosa e em verso. Ou pode-se distinguir mais de uma espécie do gênero romance: de capa e espada, regionalista, erótico, policial, de ficção científica, etc. (TRAVAGLIA, [2003]/ 2007, p. 106).

E o quarto tipelemento, conforme Travaglia (2009, p. 2633, 2634), é o **subtipo** que

se caracterizaria e poderia ser identificado por ser uma categoria de texto que na verdade é um tipo, mas não um tipo independente, e sim um tipo que é variedade de um tipo caracterizado por uma perspectiva única em que os subtipos se encaixam, mas estes se distinguem por alguns fatores que não serão sempre os mesmos (TRAVAGLIA, 2009, p. 2634).

Para o subtipo, Travaglia (2009, p. 2634-2635) diz que o tipo injuntivo apresenta os seguintes subtipos: ordem, pedido, súplica, conselho, prescrição e opção e para o texto dissertativo, propõe dois subtipos: o expositivo, que trabalha sem a contraposição e a problematização, e o explicativo, que se apresenta como uma manifestação textual do discurso teórico, apresentando um ponto incontestável do saber/conhecer que, entretanto, é problematizado.

Outro estudo de Travaglia ([2003]/2007, p. 67) que nos interessa é o que apresenta o uso de conectores e de tipos de relações entre cláusulas e a ligação desse uso ao tipo de texto, já que nossa pesquisa trabalha com o emprego de conectores de contrajunção e operadores discursivos em diferentes tipos de textos das modalidades oral e escrita da língua. Conforme Travaglia ([2003]/2007, p. 67), nos textos descritivos predominam os conectores de conjunção, somando características e também os conectores de contrajunção, que possibilitam a oposição de características. Para os textos dissertativos, há o emprego de conectores de diferentes tipos de relações: conjunção, contrajunção, disjunção, alternância, causa, consequência, etc. Já nos textos narrativos, os conectores mais usados são os que marcam as relações temporais e, nos injuntivos, aqueles que apontam o sequenciamento de ações e fazem introdução de justificativa.

Como já observado, em nossa pesquisa, vamos trabalhar com os tipos descritivo, dissertativo, injuntivo e narrativo, verificando se os conectores **já** e **agora** e/ou certos valores dos mesmos ocorrem preferencialmente em algum tipo e, neste caso, o que justifica este uso preferencial.

Na sequência, desenvolvemos alguns pontos da teoria da Semântica Argumentativa que também ancoram nossas análises sobre o funcionamento textual-discursivo dos itens **já** e **agora**.

1.2 Semântica Argumentativa

Desde a antiguidade, há considerações sobre a significação na linguagem, feitas no interior da filosofia. Também os gramáticos latinos, os gramáticos hindus e depois a gramática de Port-Royal tiveram preocupações acerca das questões da linguagem e seus sentidos. Entretanto, foi somente no século XIX que a Semântica constituiu-se como disciplina linguística.

Bréal (1883, apud GUIMARÃES, 1995, p. 13) usou inicialmente o termo semântica e, em seus estudos, apontou para dois pontos fundamentais: a) as questões de significação não podem ser tratadas pela via etimológica, mas pela consideração de seu emprego; b) é preciso considerar a palavra nas suas relações com outras palavras, no conjunto do léxico, nas frases em que aparecem.

Em um certo período, sobretudo com a Semântica Estrutural, excluiu-se do estudo da Semântica as relações entre língua, referente, mundo, sujeito, história, relações essas que afetam o sentido. Hoje, correntes da Semântica têm procurado repor esses aspectos excluídos.

Segundo Orlandi (1981, p. 13), a Semântica Linguística Formal é a teoria do funcionamento material da língua na sua relação com ela mesma, já a Semântica Discursiva, e nela há a Semântica Argumentativa, analisa cientificamente os processos de uma formação discursiva, dando conta do laço que une esses processos às condições de produção do discurso.

Segundo Benveniste (1995, p. 286), o homem se constitui como sujeito na linguagem e pela linguagem. Cada locutor apropria-se da língua e designa-se como eu, instaurando a subjetividade da linguagem. A possibilidade dessa subjetividade ocorre por causa das formas linguísticas apropriadas à sua expressão. A partir desse pensamento, desenvolveu-se no interior da Semântica Linguística uma tendência visando à introdução, no campo de estudo da Linguística, de fenômenos ligados à enunciação⁵.

Diante disso, Guimarães (1995, p. 49) diz que na linha da Semântica da Enunciação, há a Semântica Argumentativa, que tem filiação direta com os estudos de Benveniste. Nessa semântica, a argumentação recebe um tratamento linguístico, uma vez que ela é vista como uma relação de sentidos da linguagem, que orienta para uma determinada conclusão, em uma enunciação particular. Outro ponto da Semântica Argumentativa é que a argumentatividade

⁵ Para Guimarães (1987, p. 12), a enunciação é um evento histórico do aparecimento do enunciado.

faz pensar a textualidade como um conjunto de características que faz com que um texto não seja apenas um sequência de frases.

Koch e Travaglia (1996, p. 43-44) afirmam que a Semântica Argumentativa mostra que a interação pela linguagem é dotada de intencionalidade, e que a argumentação seleciona e estrutura os conhecimentos em um texto. Dentre os recursos da língua selecionados, há os conectores, que em nossa pesquisa são especificamente os itens linguísticos **já e agora**.

Nessa perspectiva, os conectores são definidos como os elementos da gramática de uma língua que têm como uma de suas funções importantes indicar a força argumentativa dos enunciados, a direção, o sentido para que apontam. São, portanto, responsáveis pela orientação argumentativa do discurso, no sentido de levarem o interlocutor a um determinado tipo de conclusão em detrimento de outras conclusões. (KOCH, 1992a, p. 84-89). Adotamos para o nosso estudo essa definição de conector.

Nos estudos acerca da análise linguística da argumentação, destaca-se Ducrot. Sapata (2005, 18) diz que Ducrot postula que o ato linguístico fundamental é o ato de argumentar, o de orientar outrem, por meio de marcas lexicais, a determinada conclusão. “O locutor para Ducrot não tem realidade psicológica, mas puramente semântica, realidade determinada pelo sentido do enunciado, portanto linguisticamente constituída. Compreender a enunciação é apreender as marcas deixadas na língua” (SAPATA, 2005, p. 18). Mais adiante apresentamos algumas postulações de Ducrot que adotamos em nosso estudo.

Outro autor importante nos estudos da Semântica Argumentativa é Vogt (1977, p. 32), que diz que é no intervalo entre enunciado e enunciação que a linguagem é atividade e é nesse intervalo que o homem a possui e é possuído. Ele diz ainda que “a estrutura do sentido deve ser concebida como um conjunto das relações, que se institui na atividade da língua entre os indivíduos que a utilizam.” (VOGT, 1977, p. 33).

Esse aspecto muito interessa ao nosso estudo, já que ao empregar determinados itens da língua o produtor do texto pode conduzir a trajetória de leitura de seu leitor. Isso confirma o que Vogt diz em seu estudo — que engloba questões, dentre outras, sobre o comparativo e os operadores argumentativos: **mesmo, ainda e também**, que no sistema linguístico há espaços de subjetividade.

Em seguida, apresentamos fundamentos acerca da argumentação, que norteiam a nossa pesquisa.

1.2.1 Argumentação

Não se pode negar que o poder de argumentar é aspecto distintivo do ser humano e, desde a antiguidade grega, a argumentação é motivo de estudo, sendo tratada, nessa época, pela Retórica, como estudo das propriedades do discurso.

Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 18), para que argumentação se estabeleça é essencial que haja uma comunidade e o apreço pela adesão a essa comunidade.

Não basta falar ou escrever, cumpre ainda ser ouvido, ser lido. Não é pouco ter a atenção de alguém, ter larga audiência, ser admitido a tomar a palavra em certas circunstâncias, em certas assembleias, em certos meios. Não esqueçamos que ouvir alguém é mostrar-se disposto a aceitar-lhe eventualmente o ponto de vista. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.18).

O desenvolvimento de uma argumentação necessita da atenção daqueles a quem ela se destina, caso contrário, ela não se efetiva.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 7) dizem que os elementos fundamentais do processo argumentativo são: a) o orador⁶, que apresenta o discurso; b) o auditório, que é quem o orador quer persuadir e c) o discurso. O discurso argumentativo deve refletir o modo de pensar da comunidade da qual seu auditório faz parte, suas convicções, e, principalmente, a função social dos participantes da comunidade. Diante disso, é necessário que o locutor elabore o seu texto de acordo com a imagem que tem de seu auditório e, ao elaborar o texto, ele deve mobilizar elementos da língua que possam orientar a leitura desse interlocutor. Os autores dizem, ainda, que, independente do auditório, “o fundo e a forma de certos argumentos, apropriados a certas circunstâncias, podem parecer ridículos noutras” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 28).

O contato entre o produtor do texto e o auditório é condição fundamental para o desenvolvimento da argumentação. Dessa forma, o produtor, diante de seu objetivo maior, que é convencer, persuadir, deve se aproximar o máximo possível de seu auditório. Essa aproximação vai ocorrer pela linguagem, que possui recursos que serão escolhidos na elaboração do discurso. Essa escolha exige, portanto, do produtor do texto, o conhecimento daqueles que se pretende conquistar; sendo essa, condição prévia de qualquer argumentação.

Reforçando o objetivo da argumentação, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 24) afirmam, também, que diante de um auditório heterogêneo deve-se utilizar argumentos

⁶ Compreendemos orador como o locutor, o falante, o autor ou produtor do texto e o auditório (o ouvinte, o leitor) como o(s) interlocutor(es).

múltiplos que o conquistem. O grande produtor de texto é caracterizado pela arte de levar em conta a heterogeneidade do auditório.

A argumentação eficaz é a que consegue conquistar ou aumentar a adesão do auditório. Este, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 33, 34) pode ser um auditório particular, formado no diálogo, unicamente pelo interlocutor ou um grupo a quem se dirige, ou um auditório universal, constituído pela humanidade inteira, ou pelo menos por todos os homens adultos e normais. Essa adesão pode desencadear uma ação (positiva ou a abstenção) ou criar uma vontade para agir.

Os autores citados asseveram que a argumentação é um exercício intelectual, vinculado a uma preocupação de ordem prática: “argumentação é a ação que tende a modificar um estado de coisas preexistente” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 61).

Para eles a realidade de fatos de uma obra científica ou de um romance histórico não deve ser provada da mesma forma, ou seja, há objetivos e intenções diferentes, tanto de quem produz quanto de quem lê.

Dialogando com o proposto pelos autores, retiramos de nosso corpus escrito, dois excertos, sendo o primeiro de um texto acadêmico e o segundo de uma reportagem de jornal. Ambos evidenciam a importância do auditório na estruturação de um discurso.

Vejamos:

(1)

[...]o pressuposto é uma informação estabelecida como indiscutível ou evidente tanto para o falante quanto para o ouvinte, pois a estrutura linguística oferece os elementos necessários para depreender o sentido do enunciado. **Já** o subentendido, por possibilitar dizer alguma coisa, aparentando não a dizer ou não a dizendo, passa a ser de responsabilidade do ouvinte/leitor. (T E 16).⁷

Nesse primeiro excerto, observamos que o auditório é formado, principalmente, por estudiosos de questões voltadas para a leitura, ou seja, temos um auditório particular, que aguarda de um texto científico sobre a leitura e seus sentidos, concepções que podem se diferenciar. Esse fato ocorre no exemplo apresentado e é estabelecido a partir do item **já**. O produtor do texto apresenta dois conceitos: um cujo significado é marcado na estrutura

⁷ Doravante, os exemplos retirados das transcrições do corpus oral serão assim identificados: PEUL/INQUÉRITO/NÚMERO: (P I 2), NURC/INQUÉRITO/NÚMERO (N I 2) e MINEIRÊS/INQUÉRITO/NÚMERO (M I 2) e do corpus escrito TEXTO/ ESCRITO/ NÚMERO DO TEXTO, por exemplo (T E 2). Nos exemplos retirados do *corpus* oral o E indica entrevistador e F indica falante/entrevistado.

linguística (o de pressuposto) e o outro em que o significado é de responsabilidade do ouvinte/leitor (o de subentendido).

Verificamos, então, que um texto científico, como (1) não é lido e compreendido da mesma forma que uma reportagem de jornal que, ao narrar um acontecimento, tem também um auditório particular, isto é, leitores preocupados com fatos do cotidiano. Vejamos o exemplo:

(2)

Equipes de mergulhadores da Marinha italiana encontraram neste sábado o corpo de uma mulher, a 12ª vítima do acidente com o navio Costa Concordia, que naufragou na última sexta-feira (20). **Já** a Guarda Costeira confirmou pela primeira vez um vazamento de óleo diesel no local, aumentando temores de um desastre ambiental. (T E 12).

Em (2), temos a narração de dois fatos. O primeiro trata da localização do corpo de uma mulher, o segundo confirma o vazamento de óleo. São acontecimentos diferentes, sendo que o **já** é responsável pelo encaminhamento da diferença entre um e outro fato.

Observamos que o contato com textos que têm objetivos diferentes exige do interlocutor uma experiência de leitura e propósitos também diferentes. Nos dois exemplos, há a presença de um mesmo item da língua, o **já**, com as funções de conector de contrajunção, no exemplo (1), e de operador discursivo modificador de tópico, no exemplo (2), entretanto os dois textos têm o foco dirigido para auditórios diferentes. Evidenciamos, então, que o produtor do texto deve conhecer o seu auditório, estando atento à sua heterogeneidade. Se por um lado o **já** do exemplo (1) é empregado para opor conceitos, o **já** de (2) é usado para apontar acontecimentos que não se opõem, mas se diferenciam.

Perelman e Olbrechts Tyteca (2005, p. 169), ao tratar dos elementos da língua, dizem que as suas escolhas sempre têm um alcance argumentativo. Não há escolha neutra como, por exemplo, as palavras “*boche*” e “*alemão*”, no período da ocupação alemã na Bélgica, eram usadas, em determinadas comunidades, de forma diferente. Para designar alemão usava-se o termo “*boche*” que poderia indicar ou uma atenuação da atitude hostil para com o inimigo, ou uma estima particular.

Outro exemplo citado pelos autores (2005, p. 177) é: “*Encontrei teu amigo ontem, ele não me falou de ti*”. Na primeira e na segunda oração, há fatos incontestáveis. São orações coordenadas. Em outra situação, poderia ocorrer a interpretação: “*Teu amigo não me falou de ti, conquanto tenha tido oportunidade*”. A estrutura subordinada modifica consideravelmente a impressão que a afirmação desses dois fatos coordenados provocaria. Há uma interpretação implícita a e até um julgamento, que conferem todo o significado, ou seja, no primeiro

exemplo, há apenas uma informação, sem apreciação, já, no segundo exemplo, pode-se depreender uma certa ironia, pois o amigo teve oportunidade de falar, entretanto não o fez, ou por indiferença ou por cuidado, já que o comentário poderia desencadear uma “fofoca” ou um mal-entendido.

Tal fato pode ocorrer se usarmos as conjunções **mas** e **embora**, uma coordenada a outra subordinada, como em: “*Estudou(a) mas foi reprovado(b)*” e “*Embora tenha estudado(a), foi reprovado(b)*”. Na primeira frase, ocorre uma quebra de expectativa, na sequência introduzida pelo **mas**. Há uma surpresa, já que de acordo com nossas crenças, é esperado que quem estuda não seja reprovado. Pode-se pensar que o locutor quis instaurar o inesperado dizendo que X não estudou o suficiente ou que o curso é difícil. Na outra frase, iniciada pela conjunção **embora**, há um adiantamento da informação em (a), como se o locutor estivesse preparando o interlocutor para uma má notícia. Isso corrobora o que os autores afirmam, ou seja, entre as duas estruturas há interpretações implícitas que modificam os sentidos das frases. E, ainda, que o locutor deve estar atento às expectativas de seu auditório.

Assim, a argumentação é um procedimento da linguagem e os argumentos são representados por fatos, acontecimentos, dados, ações, exemplos, resultados, para que o interlocutor aceite a proposta do locutor.

Uma outra teoria fundamental para nossa pesquisa é a de Ducrot que cunhou a expressão “operador argumentativo” para designar certos elementos da gramática de uma língua que têm por função indicar, mostrar a força argumentativa dos enunciados, a direção de sentido para o qual aponta.

Diante disso, Ducrot (1989, p. 16-17) se contrapõe a uma concepção tradicional, que diz que a língua, como um conjunto de frases semanticamente descrito, não desempenha na argumentação um papel essencial. Ao se opor a essa concepção, ele exemplifica com duplas de frases, afirmando que mesmo em situação semelhante no discurso, essas duplas não autorizam uma única argumentação, como em:

- (3)
 a. Pedro trabalha pouco. (P).
 b. Pedro trabalha um pouco.(P’).

Mesmo que *a* e *b* tenham conteúdo factual parecido, a escolha entre elas corresponde a intenções argumentativas diferentes.

A hipótese central do autor é a de que determinadas frases possuem uma força argumentativa, contida nela própria. É a proposição da argumentação na língua.

A partir dessa visão, Ducrot (1989, p. 18-19) define certos morfemas da língua como operadores argumentativos, se três condições são preenchidas:

- 1) Pode-se construir a partir de P uma frase P' pela introdução de x em P. O que descrevo, "P' = P + x". Mas deve-se entender que a introdução de x pode fazer-se não somente por adição, mas também por uma substituição acompanhada, eventualmente, de certas modificações sintáticas. Visto seu caráter impreciso, a formulação desta primeira condição corre o risco de parecer perigosamente permissiva. Mas não me parece grave na medida em que as condições de (2) e (3) não são satisfeitas, na verdade, senão no caso em que a introdução de x em P é relativamente simples.
- 2) Em uma situação de discurso determinada, um enunciado de P e um enunciado de P' têm valores argumentativos nitidamente diferentes: não se pode argumentar da mesma maneira a partir de um e a partir de outro.
- 3) Esta diferença argumentativa não pode ser derivada de uma diferença factual entre as informações fornecidas, na situação de discurso considerada, pelos enunciados de P e de P' (DUCROT, 1989, p. 18-19).

Ducrot (1989, p. 18) explica que no exemplo (3a), a palavra pouco é um operador argumentativo em relação ao exemplo (3b). Essa afirmação é comprovada por meio de outras três: a) pode-se substituir um pouco, enunciado em P' por pouco, enunciado em P; b) não são as mesmas argumentações que tornam possíveis, numa situação dada, um enunciado de P e um de P' e c) a diferença argumentativa não pode ser derivada de uma diferença informativa.

Portanto, se P e P' permitem conclusões diferentes, pode-se chamar pouco de operador discursivo.

Nos enunciados com pouco e um pouco, mobilizam-se também crenças diferentes. A situação do discurso que está em jogo não é exterior ao enunciado e ao discurso. "Trata-se de uma situação que o enunciado e o discurso argumentativo constroem por si mesmos. Ela, a situação, lhes é, por conseguinte, interna e faz parte de seu sentido". (DUCROT, 1989, p. 22).

Ao apresentar essa teoria, Ducrot afirma que há um problema geral ligado às possibilidades de argumentação. Essa argumentação não pode "depender somente dos enunciados tomados por argumentos e conclusões, mas também dos princípios dos quais se serve para colocá-los em relação". (DUCROT, 1989, p. 21).

Ducrot (1989, p. 22) diz ainda:

Se continuamos definindo a argumentatividade como o conjunto das conclusões possíveis, não se tem mais uma única solução: alargar o conceito de "situação de discurso" de modo a incluir nela os princípios da argumentatividade utilizados. Pode-se dizer, então, concluindo de A (Pedro

trabalhou um pouco) e de A' (Pedro trabalhou pouco) o fracasso de Pedro, colocamo-nos em situações de discursos diferentes: uma comportaria, como pano de fundo ideológico, a crença de que o trabalho leva ao êxito, a outra, a crença de que ele leva ao fracasso. (DUCROT, 1989, p. 22).

O autor afirma, também, que a dificuldade vem da crença de que um mesmo falante pode ter como ponto de vista que o trabalho possa ser fator de fracasso (cansaço) ou de êxito (sucesso).

Portanto, a situação de discurso, em jogo, não é exterior ao enunciado e ao discurso, mas depende de uma construção em que eles, enunciado e discurso argumentativo, são veiculados.

Assim, “o enunciado (E) contém um elemento semântico (e) que possui um valor argumentativo” (DUCROT, 1989, p. 23). Para isso há três condições:

- 1) e é um conteúdo semântico de E;
- 2) e é considerado, na enunciação de E, como justificativa para uma conclusão poder ser explícita ou implícita, por exemplo:

(4)
O tempo está bom. (E) Vamos à praia (C).

o elemento e representa o bom tempo, afirmado em E. A conclusão r, explicitada em C, é levada em conta.

- 3) a orientação de e para r, para possuir o valor argumentativo, deve estar amparada no princípio argumentativo do “*topos*”.

No exemplo (4), podemos chegar à seguinte conclusão: se o tempo está bom: *portanto vamos à praia*.

Ducrot (1989, p. 24-25) diz que não seria possível apresentar o calor para justificar a ida à praia caso não supusesse que “a pessoa a quem se fala admite, também ele, uma regra que permite passar de uma a outra, talvez, na ocorrência, a ideia de que o calor faz a praia agradável: se não o argumento não pode conduzir a nada.” (DUCROT, 1989, p. 24-25).

O autor mostra também que todo ato de argumentação, que toda orientação argumentativa de um elemento semântico, comunica “*topoi*” graduais e que cada *topos* tem duas recíprocas equivalentes: “quanto mais e quanto menos”.

Ducrot (1989, p. 38) concluiu que a mesma língua, utilizada por uma coletividade, pode admitir “*topoi*” contrários. O que é necessário, afirma o autor, é a existência de “*topoi*”

reconhecidos pela coletividade. Caso contrário seria impossível empregar expressões como: “*Pedro estudou pouco/um pouco portanto não passou*”.

Segundo Campos (2007, p. 144-145), em um estudo sobre ao percurso de Ducrot na teoria da argumentação, diz que os *topoi* procuram identificar o caráter argumentativo dos diferentes pontos de vista que se apresentam no enunciado.

Para que os pontos de vista possam ser considerados, são necessárias duas condições. A primeira é que ela serve para justificar uma determinada conclusão, que está no enunciado implícita ou explicitamente e que seja assumida ou não pelo locutor. A segunda postula a noção de *topos*. O valor argumentativo deve ser compreendido como constitutivo do enunciado, sendo que o princípio argumentativo, que é o *topos*, é responsável pela orientação do enunciado em direção à conclusão, como em: “Pedro estudou pouco portanto não passou” (não estudou o suficiente, o que pode significar fracasso) ou “Pedro estudou um pouco portanto passou” (estudou o suficiente, o que pode significar sucesso). Entre os pontos de vista de fracasso e sucesso há diferenças, pois o sucesso pode indicar muito esforço, o que pode resultar em problemas. E o fracasso pode apontar solução como não adoecer.

Reiterando o que foi apresentado, outro estudo de Ducrot (1981, p. 178-179; 245) expõe que muitos atos de enunciação têm uma função argumentativa que objetiva levar o destinatário a determinadas conclusões ou delas desviá-lo. Essa função possui marcas próprias na estrutura do enunciado, ou seja, o valor da argumentação de uma frase não é somente uma consequência das informações que essa frase traz, mas ela pode comportar diversos morfemas, expressões ou termos que, além do seu conteúdo informativo, também, servem para dar uma orientação argumentativa ao enunciado, conduzir o destinatário a uma determinada direção.

Entre os morfemas, há os que funcionam como conectores como os de contrajunção, especificamente, o **mas**, considerado por Ducrot como o conector de contrajunção por excelência. O autor afirma que seu papel não se restringe apenas a assinalar uma oposição entre duas proposições que une, há no emprego deles todo um jogo enunciativo que envolve não só as intenções do locutor, mas também a forma como o interlocutor coloca em funcionamento esse jogo. Esse autor assevera ainda que a argumentatividade está inscrita na língua, e que constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso. Diante disso os conectores também são responsáveis pela organização e, conseqüentemente, pelo caminho argumentativo do texto, o que é muito importante para o nosso presente estudo.

O emprego argumentativo dos enunciados não se deduz de inferências, mas se firma nas estruturas linguísticas manifestadas nos enunciados.

Vogt (1989, p.103 - 105), em colaboração com Ducrot, propuseram uma explicação semântica para o “mas”. Para explicitar a relação existente entre o sentido do conector **mas** e o sentido do advérbio **magis**, os autores fizeram uma relação com a origem da derivação histórica, dizendo que o **mas** possui duas funções diferentes:

a) uma de “**MasSN**” (equivalente ao alemão “sondern” e ao espanhol “sino”) que serve para retificar a sequência anterior e que vem sempre após uma proposição negativa.

b) outra função de “**MasPA**” (equivalente ao alemão “aber” e ao espanhol “pero”), que introduz uma proposição que orienta para uma conclusão não esperada.

Vejamos os exemplos (5) **MasSN** e (6) **MasPA**, a seguir:

(5)
Ele não é inteligente (p), **mas** apenas esperto (q).

(6)
Ele é inteligente (p), **mas** estuda pouco (q).

Em (5), a sequência q, introduzida pela adversativa **mas**, tem a função apenas de retificar o que foi dito em p: esperto corrige inteligente, na estrutura não p mas q. Temos o **mas** com a função de **MasSN**.

Em (6), a sequência q, introduzida por **mas**, assume a função de contrastar com p: apesar de inteligente, não é dedicado, não estuda o suficiente, e, implicitamente, podemos inferir que ele pode ser reprovado. Tem-se um **MasPA**.

Em A mas B (do tipo MasPA), os autores dizem que deve-se compreender que nessa estrutura há uma tendência a concluir de A, r, mas não se deve fazê-lo, pois B, tão verdadeiro quanto A, sugere a conclusão não r. Assim no enunciado A mas B supõe-se que os interlocutores compreendam que exista ao menos uma proposição r, para a qual A é um argumento e B vem contrariar esse argumento.

Dessa forma, o próprio enunciado contém uma referência a uma caracterização argumentativa das proposições que o constituem. Essa caracterização pode variar de acordo com o locutor e a situação do discurso.

Em nossa pesquisa, dos dois tipos de **mas**, propostos por Vogt e Ducrot, vamos considerar somente o MasPA, com valor argumentativo.

Em outro estudo, Vogt (1977, p. 41-43) diz que a estrutura p mas q não pode simplesmente ser decomposta em três elementos:

- P
- q
- oposição entre p e q

Ele justifica essa afirmação pelo exemplo: “*Maria foi ao baile (p) mas estava com a mãe (q)*”, observando que não se pode dizer que haja oposição entre essas duas proposições ligadas pelo **mas**, porque nesse enunciado:

Subjaz um elemento cujo valor específico depende de uma série de fatores ligados à situação do discurso, ou, em outras palavras, ao ato de enunciação de que o enunciado não é senão um dos elementos, fundamental, é verdade, mas não é o único (VOGT, 1977, p. 42).

Esse enunciado, que tem dois interlocutores D e L, é descrito assim:

- a) dado p (*Maria foi ao baile*) dito pelo locutor L
- b) D é levado a tirar a conclusão r (*you conseguiu, foi bom, etc.*).
- c) L acrescenta: *não o faça, porque q (Maria estava com a mãe)*.

Essa proposição, introduzida pelo **mas**, funciona não como oposição, mas como um elemento que dissuade o interlocutor de tirar a conclusão r a que ele é levado pela proposição q .

Concordando com essa proposta para o **mas** de Vogt, apresentamos um exemplo retirado da nossa transcrição do *corpus* oral, com o item **agora**, que se apresenta com o valor de conector de contrajunção, destituído da noção de tempo. Vejamos o emprego do último **agora**:

- (7)
- E- Hum-hum. Certo. E... você acha que... a vida de jogador é fácil?... Como é que você imagina que seja a vida de um jogador de futebol?
- F- Eu não vou dizer que é fácil porque eu não sou jogador de futebol mas, pelo que eu sei, jogador tá... tem sempre que comparecer aos treinos todos os dias, não pode atrasar senão paga multa... eh... tem sempre que tá na concentração, tem sempre que tá treinando, tem sempre (hes) (inint) em boa forma física... **Agora**... é tudo mui- é bem recompensado, né? porque o salário deles é um dos mais altos do Brasil.(P I 4).

Observamos, por meio desse exemplo, que o **agora** mobiliza significados que estão fora da estrutura como a possível conclusão de que, tendo em vista todo o dito, ser jogador de futebol não é fácil. Assim, estão no discurso não só uma informação, mas também uma

orientação argumentativa: se por um lado ser jogador não é fácil, pois tem que estar em boa forma física, participar de todos os treinos, por outro lado o salário compensa.

Para reforçar a afirmação que argumentatividade está inscrita na língua, Ducrot (1981, p. 183) apresenta outros exemplos, que consideramos importantes, pois corroboram os comentários que vamos propor em nossas análises. Dentre eles, há o exemplo da palavra quase.

Ele propõe que ‘p’ é mais forte que quase p.

No exemplo (8), o locutor referindo-se a um discurso fútil, diz:

(8)

Ele é quase digno de um discurso acadêmico.

Nesse enunciado, os discursos de academia funcionam como um modelo de valor literário. Observa-se que é o quase que determina essa orientação argumentativa.

Ducrot diz:

Um primeiro tipo de enunciados entre os quais existe, a nosso ver, uma relação argumentativa, pode ser construído a partir do advérbio *quase*. Seja *p* um enunciado. Convencionemos chamar *quase p* o enunciado obtido ao modificar com o auxílio de *quase* o predicado de *p*. Cremos poder propor como uma lei que *p* é mais forte que *quase p* (isto é, que todo locutor que utiliza *quase p* como argumento a favor de uma certa conclusão, consideraria *p* como um argumento ainda mais forte para essa mesma conclusão). Se, para mostrar a futilidade de um discurso, eu o declaro “quase digno de um acadêmico”, certamente, eu consideraria como um argumento ainda melhor o fato de que ele é digno: um índice linguístico disso seria que posso dizer: *Ele é quase digno de um acadêmico, ele é mesmo totalmente digno*. E uma ordem idêntica seria encontrada – é esse o ponto importante – se considerasse os discursos de academia como um modelo de valor literário. (DUCROT, 1981, p. 183).

Ducrot (1972, p. 12) admite que as relações intersubjetivas não se reduzem à comunicação (sentido estrito), ou seja, à troca de conhecimentos, mas introduz-se entre elas diversas relações inter-humanas, para as quais a língua oferece não apenas a ocasião e o meio, mas também o quadro institucional.

Ao estabelecer as relações intersubjetivas, Ducrot (1981, p. 180-181) afirma que o locutor elabora sequências que tomam determinados argumentos mais fortes que outros, ou seja, na relação *p e p*, determinada por uma conclusão *r*, pode-se dizer que *p* é um argumento superior a *p* ou mais forte. Para essa relação, Ducrot dá o nome de escala argumentativa:

enunciar uma frase do tipo *p e/ou mesmo p* é sempre pressupor que existe um certo *r*, que determina uma escala argumentativa em que *p* é superior a . No exemplo: ‘ele tem doutorado do 3º ciclo (*p*) e mesmo doutorado de

Estado (p')', pressupõe-se que uma certa conclusão (talvez a competência da pessoa ou o seu conformismo) pode ser autorizada simultaneamente por esses dois títulos, e mais pelo 2º do que pelo 1º. Assim o emprego de tal enunciado não supõe que os dois diplomas tenham nos enunciados propostos uma mesma orientação argumentativa comum. Há uma relação de sentido mais forte ou mais fraca dos conteúdos (DUCROT, 1981, p. 181).

Ainda para esse autor, na escala argumentativa, a segunda parte da frase *p mas q*, como no exemplo a seguir, não apaga o caráter negativo da apreciação, mas lhe justapõe uma apreciação positiva, fazendo com que a coordenação por **mas** indique que o segundo argumento, orientado no sentido inverso do primeiro, deva ser considerado como mais determinante.

(9)

Ele não foi bem sucedido no bacharelado (p), **mas** é um dos rapazes mais inteligentes que eu conheço (q).

Ducrot (1981, p. 189) afirma que esse enunciado pode ter dois efeitos. Ou ele será empregado por uma pessoa cética, sobre o critério do bacharelado. Ou o locutor admite que ter êxito no bacharelado é um índice favorável, sendo o fracasso um índice desfavorável. Assim, a segunda parte da frase não apaga o caráter negativo da apreciação, mas justapõe uma apreciação positiva. O **mas** unindo os dois segmentos indica que o segundo argumento, orientado no sentido inverso do primeiro, deve ser considerado como mais forte.

Ilari e Geraldini (1995, p. 77-81) apresentam um estudo que corrobora a perspectiva de Ducrot, ao afirmarem que certas palavras da língua são consideradas pelas gramáticas tradicionais como palavras que apenas estabelecem ligações, como a preposição **até**. Entretanto, essa concepção das gramáticas tradicionais não se confirma, pois na frase: “*Até o governador compareceu ao enterro do bombeiro que morreu em serviço*”, não se pode atribuir ao **até** somente o papel de ligação. A explicação para isso pode ser: i) frases como essas são, normalmente, ditas dentro de um discurso em que o locutor tenta convencer seu interlocutor de uma tese qualquer como: “as autoridades prestigiam o heroísmo dos humildes”; ii) o uso do **até** nessa frase pode significar a presença de várias pessoas, no enterro: amigos, profissionais, vereadores, prefeito, etc.; iii) o argumento expresso pelo **até** dá à tese defendida pelo locutor um apoio mais forte. Há uma organização que segue uma hierarquia, ou seja, uma escala argumentativa, que pode ser assim demonstrada:

- I) O governador esteve presente ao enterro.
- II) O prefeito esteve presente ao enterro.
- III) Os vereadores estiveram presentes ao enterro.

O papel específico do até em “**Até** o governador compareceu ao enterro do bombeiro que morreu em serviço” é apontar que o resto da oração verbaliza um argumento que, numa hierarquia admitida pelo locutor e em relação à conclusão visada, tem posição elevada (ILARI; GERALDI, 1995, p. 180).

Nessa perspectiva, apresentamos um exemplo, retirado do nosso *corpus*, que vem ratificar o que foi colocado acerca da escala argumentativa:

(10)

A praia de Garapuá fica a 20 minutos de carro da quinta praia - ou uma caminhada de seis quilômetros pelo meio do manguezal. A praia abriga apenas um vilarejo de pescadores. Sua extensão de dois quilômetros é quase deserta, com apenas dois pequenos quiosques montados pelos moradores. Ao chegar, o dono do local sugere que você já peça o almoço, que será preparado lentamente. Aqueles que tiverem fome imediata podem pedir lambretas fresquinhas (iscas de peixe e camarões. (a) **Já** o prato principal costuma ser um peixe pescado mais cedo, que é cozido lentamente e desmancha na boca. Outra opção oferecida são as lagostas - também fresquíssimas. Arroz e farofa podem acompanhar. (b) (T E 27).

O autor de (10) confere à sequência (b) iniciada por **já**, item responsável pela mudança da direção do tópico, um sentido mais forte em relação a (a), ou seja, o pescado é imperdível.

Nossa revisão teórica aponta para uma argumentatividade que está inscrita na língua.

Se está na língua, está, certamente, inserida em um contexto sócio-histórico, que significa. Nessa perspectiva, apresentamos outro teórico importante para a nossa pesquisa, que é Guimarães.

Para Guimarães (1995, p. 65- 66), ao levar em consideração a história, o sentido deve ser tratado como uma questão enunciativa em que a enunciação deve ser vista historicamente. A significação é histórica não só no sentido temporal, historiográfico, mas também é determinada pelas condições sociais de sua existência. Diante dessa concepção, o sentido só poderá ser considerado como discursivo e definido a partir do acontecimento enunciativo.

Observa também Guimarães (1981, p. 98) que o locutor especifica pela estrutura argumentativa condições de relevância pelas quais uma frase se encadeia com a outra, produzindo um texto. Um argumento de onde se tira uma conclusão surge a partir de uma estratégia de relação, isto é, a indicação do locutor de como o destinatário deve ler o seu texto.

O elemento linguístico é, então, estabelecido de tal forma que as sentenças são articuladas para tentar conduzir o leitor a uma determinada leitura, com um determinado sentido.

A escolha entre A, embora B (embora B, A) ou A mas B, diz Guimarães, é uma escolha entre duas formas de relações diferentes com o interlocutor, ou seja: usar A embora B, (embora B, A) é especificar que a frase que lhe seguir considera o que foi dito em A e não em

B, isto é, deve considerar a conclusão **r** e não a conclusão **~r (não r)**. Já a construção A mas B especifica que a frase que lhe seguir deve considerar o que foi dito em B e não o que foi dito em A, deve considerar a conclusão **~r** e não a conclusão **r**. Há com o embora uma antecipação e com o mas uma surpresa. Assim, como há uma diferença argumentativa entre A mas B e Embora B, A. Observamos haver diferenças entre estes e as sequências A agora B e A já B:

(11)

Pedro estudou (a), **mas** foi reprovado no vestibular (b).

Espera-se que a sequência de (b) dê continuidade a (a), informando algo esperado, de acordo com um conhecimento partilhado: estudar = aprovação. No entanto essa expectativa é quebrada a partir do **mas**. Ou com o embora adianta-se o fato em (a) para depois fazer valer o que se especifica em (b): “Embora Pedro tenha estudado, foi reprovado”.

Já em (12),

(12)

*Pedro estudou (a), **já/agora** foi reprovado no vestibular (b).

a sequência não é linguisticamente aceita, pois o **já** e o **agora** não estabelecem em (12) o sentido de adversidade entre os fatos e, também, para que o **já** e o **agora** possam funcionar como conectores de contração é necessário que a estrutura da frase seja modificada, modificando também os seus valores. Vejamos:

(13)

Pedro estudou para o vestibular (a), **já** seu irmão não estudou e foi reprovado (b).

Nessa estrutura, o **já** assume o sentido de conector de contração, entretanto, sem mobilizar o sentido de quebra de expectativa, apenas com o valor de oposição, agregada à ideia de comparação entre o comportamento de Pedro e seu irmão, em relação aos estudos e aos resultados desses. Além disso, o item **já**, em (b), é acompanhado de um sujeito (seu irmão). Esse tipo de aspecto do funcionamento dos conectores em estudo é, como se pode ver, um dos focos de nossa observação na pesquisa. Isso significa que estão surgindo novos conectores com especificidades diferentes, como, por exemplo, o **já** e o **agora** que podem funcionar com o valor de oposição, de contraste e de modificador de tópico e, ao mesmo tempo mobilizar uma comparação.

Assim como Guimarães, também, Koch (1992b, p. 29,30) afirma que, ao interagir pela linguagem, o locutor se propõe a jogar com objetivos e fins a serem atingidos, ou seja, pretende atuar sobre o interlocutor de determinada forma e conseguir dele determinada reação. Por isso, diz a autora, usar a linguagem é essencialmente argumentar. Orientamos os enunciados produzidos no sentido de determinadas conclusões e, conseqüentemente, excluimos outras. Os mecanismos que utilizamos para conseguir adesão são as marcas linguísticas da enunciação ou da argumentação e, dentre essas marcas, há os operadores argumentativos.

Em nosso estudo, apresentamos dois itens da língua, tradicionalmente considerados somente como advérbios de tempo, que são o **já** e o **agora**, com funcionamento argumentativo, semelhante ao do **mas**. Por esse motivo, todos esses teóricos já apresentados vêm contribuir para os esclarecimentos que pretendemos fazer na parte das análises.

Outro estudo que estabelece identificação com os já apresentados é o de Geraldi (1981, p. 65). Ele diz que a argumentatividade é um modo corrente de interação, pois aquele que argumenta pretende interferir sobre as representações ou convicções do outro com o objetivo de modificá-las (ou aumentar a adesão para tais convicções). Quando um locutor procura intervir nos julgamentos, opiniões, preferências de seu interlocutor, ele o faz pela argumentação, que é estabelecida no seu discurso. Dessa forma, a argumentação é uma atividade de estruturação linguística de fatos e de dados.

Essa afirmação coaduna com a nossa proposta de que o uso de determinado conector pode estabelecer determinada trajetória de leitura. Assim, a escolha que o locutor faz, ao construir o texto oral ou escrito, entre um **já** como operador que marca oposição e um **embora**, como concessivo, vai depender da imagem que o locutor tem de seu interlocutor e dos propósitos pretendidos, pois com o **embora**, como veremos no exemplo (14), há um adiantamento da conclusão a que se vai chegar e o que vale no enunciado é a seqüência que não possui o conector. Com o **já**, no exemplo (15), isso não ocorre, ou seja, esse item inicia a conclusão a que se deve chegar fazendo valer essa seqüência que se propõe à primeira informação. Façamos o cotejo, por meio dos exemplos:

(14)

Embora tenha estudado, Maria foi reprovada.

(15)

Maria é estudiosa, **já** sua irmã não é.

Além dos sentidos desencadeados pelo uso de **embora** e **já**, o autor constrói o texto conforme as suas intenções e as imagens que ele tem de seu interlocutor e, de acordo com

Perelman e Olbretchs-Tyteca (2005, p. 29), busca estabelecer um contato com seu auditório para realmente efetivar a argumentação.

Ainda nessa perspectiva, Fabri (2001, p. 94), verificou que as instruções utilizadas pelo locutor têm a intenção de determinar o percurso de leitura do leitor, como no exemplo a seguir:

(16)

Maria foi levada para o hospital (p), **mas** morreu antes de ser medicada (q).

Nessa sequência (16), estruturada como **p mas q**, tende-se a tirar de **p** uma conclusão “se foi levada para o hospital seria medicada e salva”, entretanto não é isto que ocorre, pois a partir do **mas**, introduzindo a sequência **q**, chega-se a uma outra conclusão: “a morte de Maria antes de ser medicada”. Há então na própria sequência um elemento que corrobora para a orientação argumentativa que contraria o esperado. Esse elemento é o conector de oposição **mas**. Ao estruturar a sequência dessa forma, o locutor conduz a leitura do leitor. Se a frase fosse construída da seguinte forma: “Embora Maria tivesse sido levada para o hospital (p), ela morreu antes de ser medicada (q).”, estaríamos considerando o que foi dito em **q** e não em **p**, e essa sequência **p** já apresenta ao leitor, desde o seu início, a conclusão que será tirada em seguida: o julgamento é antecipado, assim como a informação, o que não ocorre em (16), com o **mas**, cuja função no exemplo é de quebrar a expectativa.

Em nossa pesquisa observamos qual a direção de leitura estabelecida pelos conectores em estudo **já** e **agora**, qual sua semelhança e diferença em relação aos outros conectores de contrajunção. Essas observações serão explicitadas no Capítulo 4.

Assegurando as informações já registradas, trazemos novamente Geraldi (1981, p. 65-66) que, ao tratar da estruturação da argumentação, apresenta três aspectos importantes, que confirmam a afirmação de que a argumentação é um modo corrente de interação humana, pois aquele que argumenta pretende interferir sobre as crenças do outro: i) a argumentação é uma atividade; ii) a argumentação se dirige a um sujeito e iii) a argumentação procura modificar as motivações que o locutor imagina responsáveis pelas ações. Assim, a interlocução está presente no discurso e se ela é importante, também são importantes as imagens que o locutor faz a respeito das crenças do seu interlocutor.

Essas imagens podem determinar a escolha dos argumentos presentes nesse discurso. Assim, descobrir o argumento que desencadeia a adesão é o desejo de quem está argumentando.

Geraldi (1981, p. 72), em um estudo acerca da relação tópico/comentário e orientação argumentativa, busca comprovar como se estrutura a argumentação, já que, para ele, a argumentação é uma atividade estruturante do discurso. Para isso, ele trabalha com as seguintes sequências:

(17)

Esta chovendo. Não sairemos.

(18)

Está chovendo (a), portanto não sairemos (b).

Para esses exemplos, Geraldi diz que

Não só o conteúdo posto pelo primeiro enunciado é retomado pelo segundo. Também as conclusões que tais enunciados podem permitir são possíveis de serem retomadas. A orientação argumentativa resultante do emprego de operadores argumentativos presentes no primeiro enunciado pode ser o tema (ou tópico) a que o enunciado seguinte se articula (ou coordena), estabelecendo-se, desta forma, a continuidade do discurso (GERALDI, 1981, p. 74).

Há, então, segundo Geraldi (1981), uma previsibilidade de sequência e somente determinados itens da língua preenchem espaços, resignificando o já-dito e transformando essa sequência em argumento.

Ainda sobre o que se deseja instaurar e de que forma, Travaglia (1997, p. 180) mostra-nos que a argumentatividade tem a ver com a relação dos recursos linguísticos e com a intenção comunicativa em uma situação de interação e apresenta exemplos entre os quais selecionamos os seguintes:

(19)

Eu não fiz os exercícios **porque** estava doente.

(20)

Eu não fiz os exercícios **mas** estava doente.

Temos duas orações de tipos diferentes, expressando a causa de o falante não ter feito os exercícios. Em (19), uma causal: o falante não tem nenhum pressuposto sobre o fato de o interlocutor ter alguma opinião sobre a razão pela qual ele não fez os exercícios e pretende tão somente informar a razão por um motivo qualquer (gentileza, para não ser punido já que a causa é justa). Em (20), uma adversativa: o falante pressupõe ou sabe, por qualquer motivo (ele sabe o conceito em que o professor o tem ou alguém lhe relatou um comentário do professor) que o interlocutor julga que ele não fez o exercício por alguma razão que não será

aceita como explicação, por exemplo, preguiça. Nesse caso, a razão é apresentada por meio de uma adversativa a fim de criar uma oposição argumentativa, rebatendo aquela pressuposta ou considerada pelo interlocutor.

O que observamos é que entre as duas maneiras de apresentar uma causa, há uma diferença argumentativa calcada na visão que o falante tem de seu interlocutor. O emprego do **mas**, altamente argumentativo, significa a oposição a uma imagem implícita que o locutor faz do seu interlocutor.

Dessa forma, quando interagimos pela linguagem, procuramos atuar sobre nosso interlocutor na espera de determinadas reações. Esse processo ocorre, porque, segundo Koch (1992b, p. 104-105), no uso da linguagem, orientamos nossos enunciados para certas conclusões, ou seja, dotamos esses enunciados com força argumentativa. Para a autora, a língua possui, em sua gramática, mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados, morfemas responsáveis por relações de interação. Ela salienta que esses morfemas funcionam como operadores discursivos, registrando que eles são considerados, em muitos casos, pela gramática tradicional, como elementos meramente relacionais. Em nossa pesquisa, concordamos com a posição de Koch (1992b) e apresentamos uma perspectiva diferente da registrada nas gramáticas, ou seja, os itens que estamos investigando, **já** e **agora**, podem apontar a orientação argumentativa que deve ser levada em consideração pelo interlocutor, ratificando o que foi colocado por Koch.

Ainda, nos domínios da argumentação, Aquino (1997, p.145-146) afirma que o uso de operadores argumentativos é um recurso para qualquer tipo de discurso e que corresponde a todos os mecanismos utilizados em uma situação discursiva que faz o ouvinte acreditar em uma ideia, em uma ação: “ação com tal carga de eficácia que provoca, incita, predispõe o interlocutor também a agir, mas numa direção determinada” (AQUINO, 1997, p.145). Leva-se em consideração a reação que o outro pode ter. Nessa reação, que pode ser conflituosa, o autor pode estabelecer uma relação de poder, escolhendo determinadas estruturas que levam para diferentes trajetórias.

Neste estudo, observamos que o item **agora**, funcionando como operador discursivo responsável pela mudança de tópico, tem um uso distinto, quando, por exemplo, ocorre uma alteração no diálogo provocada pelo entrevistador/locutor, ou seja, quando há uma mudança de tópico proposta por ele. Nesse caso, apresentamos um exemplo retirado do nosso *corpus*.

(21)

E _ Tem piscina lá?

F _ Tem.

- E – Que que tem lá.
 F – É tipo uma floresta enorme, uma área muito grande.
 E – Hm... que bonito.
 F – Maneiro, tem até cachoeirinha, mini cachoeira e tudo.
 E – Legal, é: **agora** cê tem parentes em outras cidades, assim?
 F – Eu tenho, eu tenho. Eu tenho em Santa Catarina, eh: eu tinha um tio, mas só que morreu, ficou minha tia, esposa dele.
 [...]
 F – Ah, é, nesse período que ele tava doente eu fui lá vê ele também, só num fui enterro, mas eu tive lá, com ele lá (est), mas ele tava legal ainda, mas quando eu voltei, passou uns meses ele faleceu.
 E – Poxa, que chato, né?
 F – Ah, é.
 E – E: **agora** assim, você viu os fogos de Copacabana, que que você achou?
 F – Eu vi pela televisão, foi bonito né, mas pra mim saí daqui pra i lá vê eu num tenho coragem não, desanima.
 E – Desanima por quê? será que...
 [...]
 E – Você já pixou alguma vez?
 F – Eu não, num sou disso não.
 E – Não?
 F – Não, num curto isso não.
 E – Legal. E: **agora** antes vamo falá da sua escola?, né como é que é a sua escola?, os professores de lá, o que que você acha? É uma escola boa? Os professores são bons, seus colegas, fala um pouquinho de lá (P I 1).

Nesse exemplo, o entrevistador é responsável pela mudança de tópico dando dinamicidade à entrevista. Mesmo com resquícios de tempo no emprego do **agora**, a função dele é, principalmente, a de alterar o rumo da conversa, e isso ocorre a partir do emprego desse item. Observamos então que o entrevistador vai delineando os diferentes graus de contato, alterando os caminhos do diálogo e ficando no comando da interação.

Em toda a transcrição do *corpus* oral, que é composto em sua grande parte de entrevistas, a responsabilidade pela mudança do tópico geralmente é do entrevistador, que é, normalmente, responsável pelos deslocamentos do diálogo. Entretanto, há ocorrências em que o entrevistado propõe uma nova trajetória para o diálogo a partir do item **agora**. Como veremos nas análises, exemplo (218).

Esse fato já tinha sido vislumbrado por Aquino (1997, p. 86), que diz que “o discurso é visto como lugar onde as relações de poder são realmente exercidas e aprovadas”. (AQUINO, 1997, p. 86) e ela exemplifica por meio do discurso falado face a face.

Conforme Aquino (1997), dar atenção para os textos que são construídos sob a forma de entrevista significa defrontar-se com inúmeras possibilidades que vão do menor ao maior grau de dialogicidade. Esse grau de dialogicidade vai depender de como o entrevistador deixa seu texto fluir.

Lavandera (1990, p. 146, apud AQUINO, 1997, p. 88) destaca que normalmente uma entrevista pode ser considerada espontânea, já que suas normas costumam ser conhecidas e compartilhadas. Ela destaca que a naturalidade da entrevista pode ocorrer mesmo que o entrevistador tenha um plano, quando os participantes se envolvem na atividade conversacional. Nessa perspectiva, o papel das perguntas nas entrevistas é fundamental.

Aquino (1997, p. 89-90) diz que as perguntas, feitas pelo entrevistador, normalmente, tornam a interação verbal mais dinâmica, ajustando a participação do entrevistado.

A autora afirma que:

Apontando para o fato de que os participantes, através do que formulam, constituem e sombreiam a atividade discursiva em andamento, verifica-se que a primeira parte do par P/R (pergunta-resposta), cria, muitas vezes, um campo de relevância que pode focalizar não só o que ocorre, por exemplo, com o tópico discursivo, mas ainda com o processamento do texto como um todo (AQUINO, 1997, p. 90-91).

Assim, as perguntas podem ser estratégias de efeitos cumulativos, ou seja, podem desencadear pedido de informação, esclarecimento, reforçando a face positiva ou negativa do entrevistado/falante. Elas possibilitam a organização do texto, modificando as relações entre os interlocutores e “imprimindo um caráter vivo às entrevistas” (AQUINO, 1997, p. 90).

Outro tema de Aquino (1997, p. 91), em seu estudo, diz respeito à questão do controle. A autora apresenta algumas possibilidades de ocorrência, como: a) interrupção, no controle do discurso do outro, em relações desiguais de participação; b) forma gramatical das questões, com negação: “ninguém fez isso?”; c) uso de ironia; d) inversão de papéis; e) entonação, dentre outras possibilidades.

Observa-se que ocorre uma força intencional do entrevistador que com vários recursos vai moldando o rumo de sua entrevista e colocando o falante/entrevistado encaixado em seu molde. Instaura-se, dessa forma, o poder no discurso, em que as manobras para se chegar ao que se pretende ocorrem pelas formas linguísticas específicas para cada tipo de discurso. O assunto vai se desenvolvendo de acordo com a posição assumida pelos participantes. O entrevistador, ao dominar a interação, desvia ou retorna ao tópico a ser explorado, seguindo o seu fluxo de intenções. É esse fenômeno que ocorre no exemplo (21) apresentado, em que o entrevistador desloca o que o falante/entrevistado estava colocando e parte para outros assuntos.

Como nosso *corpus* é composto de textos orais e escritos, na sequência apontamos a perspectiva assumida, nesta pesquisa, em relação à modalidade oral da língua.

1.3 Algumas observações sobre a língua oral e o emprego de conectores

De acordo com a proposta deste estudo, outra abordagem diz respeito aos estudos da modalidade oral da língua, já que o nosso *corpus* é composto de textos orais e escritos. Iniciamos, citando Georgakopoulou e Goutsos (1988, 887-907) que observaram, em um estudo sobre os conectores gregos, que *alá* (mas) e *ómos* (contudo/porém/entretanto), quando operam, na língua falada grega, como marcadores de discurso, com a função de articularem sequências no discurso, tendem a aparecer em posição inicial na frase. Para os autores, os marcadores de discurso contribuem para o desenvolvimento do discurso em um nível global e com função sequencial e são característicos das situações de interação na língua falada, como em:

(22)

Eu passei uma semana (em Atenas) e só consegui uma cadeira no trem uma vez (p). **Mas** eu olho para todas aquelas pessoas e digo o que elas estão fazendo, como podem pegar isso todos os dias (q).

No exemplo acima, retirado de um diálogo, o **mas** funciona, conforme Georgakopoulou e Goutsos (1988) como um **marcador de discurso**, sinalizando o tópico discursivo global da conversação, isto é, que a vida em grandes cidades, e especialmente em Atenas, é insuportável. Esse **mas** assinala a posição sequencial de retorno a um tópico previamente introduzido e desse modo realça o que está por vir na frase. Percebemos que a análise de (22) propõe um outro olhar para o conector **mas**, diferenciando-se das propostas das gramáticas tradicionais.

Outro estudo, que corrobora o apresentado sobre os elementos da língua em textos orais, é o de Galembeck e Blanco (2005, p. 52). Os autores dizem que a língua falada possui três características básicas: a) ausência de uma etapa nítida de planejamento; b) existência de um espaço comum compartilhado entre os interlocutores e c) o envolvimento dos interlocutores entre si e com o assunto da conversação. Eles ainda introduzem a ideia dos marcadores conversacionais, dizendo:

A presença de certos elementos que têm por função: assinalar as relações interpessoais e o envolvimento entre os interlocutores; situar o tópico ou assunto da conversação no contexto partilhado pelos interlocutores e no contexto pessoal de cada um deles; articular e estruturar as unidades da cadeia linguística. Esses elementos são chamados de marcadores conversacionais (GALEMBECK; BLANCO, 2005, p. 52-63).

Urbano (1993, p. 85, apud GALEMBECK; BLANCO, 201, p. 53) define os **marcadores conversacionais** como “unidades típicas da fala, dotadas de grande frequência, recorrência, convencionalidade e significação discursivo-interacional, mas que geralmente não integram o conteúdo cognitivo do texto” (URBANO, 1993, p. 85, apud GALEMBECK; BLANCO, 2005, p. 52-63).

Nessa perspectiva, os marcadores, com valor discursivo interacional, marcam interesse, chamam a atenção, estabelecem a interação e possibilitam, ao locutor, retomar a ideia anterior.

Adotamos esse conceito para os itens que localizamos na transcrição do *corpus* oral e que possuem essas características. Observamos que esses itens contribuem para a construção do texto no que diz respeito à coesão e coerência dos mesmos.

Em nosso *corpus* oral localizamos, especificamente, o item **agora** como marcador conversacional, que é responsável por articular porções textuais e pela interação entre os interlocutores.

Trazemos como exemplo uma ocorrência, retirada do Projeto PEUL, Inquérito 4:

(23)

Sou contra o uso das drogas não. Quem quiser usar usa, quem não quiser usar, não usa... **Agora...** (inint) idéia, mas agora ser contra eu não sou. (ruídos) Nunca usei drogas, nunca fumei, nunca botei cigarro na minha boca, não bebo (pausa pequena) entendeu?(P I 4).

Observamos que o **agora** funciona, mantendo a interação e dando um tempo para o falante organizar o seu pensamento, portanto, como marcador conversacional. Notamos, também, que esse item como marcador está esvaziado da noção de tempo, ou seja, não funciona como advérbio de tempo, como preconizam as gramáticas tradicionais e estudos linguísticos.

Dentre as diferentes posições acerca dos estudos da oralidade, apresentamos a de Marcuschi (1997), que aponta para a visão que assumimos nesta pesquisa.

Marcuschi (1997, p. 120) adota uma posição multifatorial entre as duas práticas (língua oral e escrita) dentro de um contínuo de usos e gêneros textuais. Para ele, as relações língua e fala, não podem estar centradas no código, pois elas são práticas sociais. Essas determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e da escrita numa sociedade, e justifica que a questão da relação entre ambas seja posta no eixo de um contínuo tanto social-histórico como tipológico.

Marcuschi (1997, p. 133) apresenta também um modelo que trata das relações fala e escrita em uma perspectiva interacional, cujos fundamentos centrais baseiam-se na relação dialógica no uso da língua, estratégias linguísticas, funções interacionais, envolvimento e situacionalidade.

Essa perspectiva interacional trata das relações entre fala e escrita dentro do *continuum* textual. Nesse modelo, a língua é concebida como um fenômeno dinâmico e ao mesmo tempo estereotipado, voltado para as atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala. Orienta-se em uma linha discursiva e interpretativa, voltada para as estratégias de organização textual-discursiva que trata das modalidades enquanto relações entre fatos linguísticos (fala x escrita) e enquanto relações entre práticas sociais (oralidade x letramento).

O autor afirma também que as relações entre as modalidades não são lineares e que não há supremacia entre uma e outra; elas são sim duas práticas sociais e não duas propriedades de sociedades diversas. Como a fala e a escrita apresentam um *continuum* de variação, a comparação deve ser tomada como fundada no *continuum* dos gêneros textuais.

Para isso, diz o autor, é fundamental que a concepção de língua esteja ligada às condições de produção desta, às atividades dos produtores/receptores situados em contextos reais. A língua se realiza essencialmente como heterogeneidade e variação e não como sistema único e abstrato. Ela se manifesta em situações concretas de uso como texto e discurso.

Desta forma, as distinções entre fala e escrita como: contextualização x descontextualização, implicitude x explicitude ficam eliminadas.

Assim, neste nosso estudo, a abordagem, no que se refere à oralidade, estará voltada, principalmente, para os estudos centrados na linha discursiva interpretativa, como a de Marcuschi (1997, p. 119). Como estamos examinando um *corpus* formado por textos orais e escritos, compreender que essas modalidades não pertencem a campos dicotômicos dos estudos da linguagem, mas apenas apresentam-se como formas diferentes de uso, é bastante importante.

Uma outra pesquisa, que envolve questões ligadas à oralidade e à escrita e que é importante para o nosso estudo, pois trata das relações língua falada e escrita e o emprego de conectores, é a de Arruda-Fernandes (1996, p. 23-24), em um trabalho sobre tipologia textual e o emprego de conectivos em textos orais e escritos. A pesquisa demonstra que:

As diferenças existentes entre as duas modalidades são atribuídas ora à própria natureza do processo de falar ou escrever, ora a fatores interacionais, contextuais ou culturais que interagem de modo mais ou menos efetivo para determinar a estrutura do discurso e, conseqüentemente, favorecer o emprego de certas formas linguísticas em cada uma das modalidades. Entre as características formais específicas, o uso mais ou menos extensivo de conectivos tem sido apontado como uma característica de modalidade. (ARRUDA-FERNANDES, 1996, p. 23).

Nesta investigação, Arruda-Fernandes (1996, p. 43) chegou à conclusão de que o uso dos conectores não é apenas uma característica específica de modalidade: escrita ou falada, mas que o emprego também tem a ver com o tipo de texto. Esse fato levou-a a inferir que alguns conectores são mais utilizados na língua oral, em uma conversação espontânea, porque há tipos de textos mais usados nessas conversações, como, por exemplo, os textos narrativos e descritivos.

Arruda-Fernandes (1996, p. 35-41) apresenta um quadro que indica os conectores encontrados, nos textos escritos e nos textos orais. Citamos apenas três exemplos de relação, dentre as várias apresentados pela autora: a) **condicionalidade** em textos escritos: descritivo: **se**; narrativo: **se, caso, mesmo que**; dissertativo: **se**; injuntivo: **se**; b) **condicionalidade** em textos orais: narrativo: **se, a não ser**; dissertativo: **se, mesmo que, desde que** e c) **contrajunção** em textos orais dissertativos: **mas, apesar de, não só**.

Para a autora, no texto escrito narrativo há a presença de locuções adverbiais de tempo, ou seja, expressões como: em 1944, na década de 50, que delimitam os episódios narrativos. Para o uso dos conectores, a autora observa que há um predomínio dos operadores **que**, nas relações lógico-semânticas; **quando**, nas relações de temporalidade e **para**, nas relações de mediação. Há também o uso das relações de conjunção com o **e** e o **também** e de contrajunção com o **mas**.

Observamos, então, concordando com Arruda-Fernandes, que há usos de conectores diferentes para textos orais e escritos, já que esses textos possuem diferentes objetivos.

Ainda em relação à língua falada, abordamos o aspecto que diz respeito ao processamento do fluxo de informação. Koch et al. (2002, p. 122-124) analisaram um *corpus* constituído por um diálogo entre dois informantes, retirado do Projeto NURC-SP. Na análise, concluiu-se que no interior das unidades discursivas, o fluxo de informação desenvolve-se natural e continuamente e de modo rápido. Entretanto, pode ser obstaculizado, originando descontinuidades e provocando uma ruptura do tema em desenvolvimento. Essa ruptura pode constituir um dos processos de demarcação de unidades discursivas na sequência informativa.

Essas demarcações têm funções pragmático-interativas. Nesse aspecto, deve-se levar em consideração a intenção do falante, a estratégia de comunicação e o envolvimento dos interlocutores.

O desenrolar da conversação fixa à oralidade a característica de fragmentação, que provém de simultaneidade entre a manifestação oral e a construção do discurso. A rapidez com que o locutor elabora sua fala traz consequências para o fluxo de informação.

Tanto as interrupções definitivas, como as suspensões momentâneas do tema acusam forte tendência da língua falada para explicitar os processos de sua própria criação, diferentemente da língua escrita, que geralmente os esconde, mostrando apenas o resultado lapidado. (KOCH et al., 2002, p. 124).

Observamos esse fato no exemplo a seguir, retirado de nosso *corpus*, em que o entrevistador suspende o tópico abordando um outro assunto. Essa mudança ocorre pela introdução do item **agora** que faz a manobra de alteração de foco da conversa:

(24)

E: É, é difícil até pensá em ficá doente, cê já fica cum medo... [Ah] já fica doente de pensá em ficá doente.

F: É verdade mesmo. É verdade. Num pode nem se falá em doença (riso F), se falá em doença aí piora as coisa.

E: **Agora**, o Sr. Já viveu alguma experiência de risco, assim, um acidente, assalto?

F: Olha, não.

E: Nunca foi assaltado?

F: Nunca, nunca, graças a Deus. [(inint)] Nunca. Já entraram no ônibus, assaltaram o pessoal, mas comigo nunca... nunca mexeram (est), graças a Deus.(P I 3).

Outra questão que vamos abordar refere-se ao planejamento da conversa face a face. Conforme Ochs (1979, apud KOCH et al., 2002, p. 123-124) há graus de planejamento do discurso, indo do discurso não-planejado ao discurso planejado.

Considera não-planejado o discurso que prescinde de reflexões prévias e preparação organizacional anterior à sua expressão. Por outro lado, o discurso planejado é aquele pensado e projetado antes de sua manifestação. Aponta uma tendência de escrita para o planejamento e da oralidade para o não-planejamento, em função da própria diferença na situação que um e outro se desenvolve. (OCHS, 1979, apud KOCH et al., 2002, p. 123- 124).

Dessa forma, a conversação espontânea não é planejada. Ela ocorre no passo a passo do desenrolar do discurso, sendo, segundo Koch et al., (2002, p. 124), difícil de dizer a forma e a direção do assunto para a sequência completa. Como a transcrição do nosso *corpus* oral envolve entrevistas gravadas com um entrevistado/locutor e um entrevistador ou um diálogo

entre duas pessoas, e que essa gravação seja de conhecimento dos participantes, pois fazem parte de projetos da língua falada de universidades brasileiras como a UFRJ e a UFMG, esse *corpus* assume características de um discurso não-planejado. O desenrolar da conversa ocorre de forma espontânea e fragmentada. Assim “o movimento rápido com que o locutor constrói sua fala tem consequências diretas no gerenciamento do fluxo de informação” (KOCH et al., 2002, p. 124).

Risso (2002, p. 38, 39) fez um estudo sobre o **agora**, com ocorrências retiradas do projeto NURC, como articulador da estrutura tópica. A autora diz que o **agora** como operador da coesão no âmbito textual “particulariza-se por sua condição de elemento não integrante da estrutura sentencial. Ainda que mantenha posição de contiguidade em relação à sentença, antecipando-se geralmente a ela, assume absoluta independência sintática relativamente aos seus componentes” (RISSO, 2002, p. 38).

Entretanto, a presença desse item, afirma a autora, é fundamental para a orientação que o falante promove ao seu discurso, administrando o tópico ou controlando a informação.

Esse estudo de Risso (2002), de acordo com as suas ocorrências, aponta que o **agora**, como marcador conversacional, promove a abertura de tópico ou promove o seu encaminhamento.

No primeiro caso, “o **agora** demarca concretamente a mudança de centração que dá origem a um tópico novo” (RISSO, 2002, p. 39). Essa abertura de tópico, conduzida pelo **agora**, é considerada pela autora, como uma articulação intertópica, ou seja, entre tópicos, dentro de um tópico maior, o supertópico.

Esse aspecto nos interessa, pois revela a natureza prospectiva do **agora**, como um articulador textual que faz avançar o discurso para uma orientação nova.

No entanto, Risso, em seu estudo não faz referência ao **já**, como um articulador intertópico, o que diferencia do nosso estudo que também aponta o **já** como um conector que faz avançar o discurso, promovendo a abertura de um novo tópico. Além disso, tanto o **já** quanto o **agora** são responsáveis pela relação coesiva entre as proposições.

Apresentamos a seguir um exemplo de Risso (2002, p. 40, 41), que justifica o que foi colocado anteriormente.

(25)

Abertura do tópico I

“...mas (a gente não pode lembrar/se::que esta curva é obtida através::...de tes::tes né?...em que PAR::tem do princípio de que a inteligência é contínua...”

Abertura do tópico II.

“...**agora** se eu partir do princípio por exemplo de um outro modelo...de que a inteligência não é algo CONTínuo...”

Abertura do tópico 3

“...**agora** se nós tivéssemos...é::por exemplo no modelo::lo::behaviorista...nós confeccionaríamos os instrumentos de outra FORma..”

Abertura do tópico 4

“**agora** no modelo psicogenético...”

A autora comenta que a sinalização explícita de cada etapa de desenvolvimento do assunto, iniciada pelo **agora**, tem finalidade didática, direcionada à compreensão dos ouvintes.

Nas nossas análises, no capítulo 4, apresentamos o exemplo (179), que está de acordo com o que foi apresentado por Riso e, especificamente, com o item **já**.

Nesta investigação, trabalhamos com elementos da língua que, na perspectiva das gramáticas tradicionais e de outros estudos, pertencem à classe de palavras dos advérbios, por isso, justifica-se uma passagem acerca desse conteúdo.

1.4 Classes gramaticais

O interesse na categorização das palavras na língua é antiga. Os hindus, por questões religiosas, foram os pioneiros nos estudos da língua. No século IV a. C. seus gramáticos preocupavam-se em descrever a língua usando os cânticos sagrados. O mais importante gramático hindu foi Pānini, que descreveu o sânscrito (Leroy, 1977, apud Maciel, 2001, p. 15-17), língua indo-europeia.

Os filósofos gregos Platão e Aristóteles, também, se preocuparam em desenvolver estudos acerca da linguagem na perspectiva de constituição de uma gramática, sendo a língua vista sob a ótica da lógica. Eles estabeleciam distinções de classes das palavras, trabalhando com os critérios semânticos, sintáticos e morfológicos.

Entretanto, foi no século II a. C., que Dionísio da Trácia, gramático grego, elaborou um estudo, classificando as palavras da língua em classes gramaticais.

Desse gramático grego, Dionísio da Trácia, herdamos, principalmente, a classificação das palavras da língua em dez classes gramaticais, presentes, até os dias atuais, com força nas gramáticas tradicionais⁸ e nos manuais didáticos. São elas: substantivo, verbo, adjetivo,

⁸ Como estamos mais interessados na pesquisa descritiva, usaremos a expressão gramática tradicional. Embora muitas dessas gramáticas recebam o nome de gramática normativa, o nosso foco está na descrição da língua, que é feita pelas gramáticas tradicionais. Não pretendemos, portanto, destacar o viés normativo da língua.

advérbio, pronome, preposição, conjunção, interjeição, numeral e artigo. Dentre essas focalizaremos o advérbio.

1.4.1 Classes gramaticais: um estudo dos advérbios nas gramáticas tradicionais

A gramática tradicional, ao caracterizar o advérbio, dentre uma das dez classes gramaticais, conceitua-o, em geral, compartilhando noções entre seus autores, como uma classe de palavra que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, denotando circunstâncias de tempo, lugar, modo, intensidade, negação, afirmação, sendo que os advérbios que modificam adjetivos e os próprios advérbios são apenas os intensificadores. (ALMEIDA, 1962, p. 276; BUENO, 1968, p. 147; SAID ALI, 1971, p.183; CUNHA; CINTRA, 1986, p. 529; BECHARA, 2000, p. 287; LIMA, 2000, p. 174).

Por outro lado, Bechara (2000, p. 288) chama a atenção para o fato de que há palavras classificadas como advérbios que modificam também o predicado, como no exemplo (26); a frase inteira, no exemplo (27) e até o substantivo, no exemplo (28), e, ainda, que funcionam como predicativo/adjetivo, no exemplo (29).

(26)

José comprou um terno **ontem**.

(27)

Felizmente, José chegou.

(28)

Gonçalves Dias é **verdadeiramente** poeta

(29)

A vida é **assim**.

Bechara (2000, p. 290) e Cunha e Cintra (1986, p. 529, 530) observam que, sob a denominação de advérbios, reúnem-se, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Diante disso, nota-se entre os linguistas uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio.

Perini (1995, p. 339), concordando com Bechara e Cunha e Cintra, questiona a categoria tradicional dos advérbios, admitindo que essa categoria encobre uma série de classes, com comportamento sintático muito diferente. O autor mostra que a palavra **completamente** pode desempenhar duas funções: a) a de intensificador, no exemplo: *Almeida estava **completamente** bêbado*; b) a de atributo: *Decorou o apartamento **completamente***.

Em outro estudo, Perini (2010, p. 317-320) prefere usar o termo adverbial para se referir aos advérbios. Ele justifica a escolha do termo, afirmando que o advérbio não é uma classe de palavras, mas várias classes bem diferenciadas.

Assim, ele admite que não exista uma classe que compreenda as palavras chamadas advérbios, pois as diferenças sintáticas são muito profundas, em parte comuns a palavras de outras classes tradicionais, e não autorizam a postulação de uma classe única.

Por essas abordagens, observamos que a classe dos advérbios já é questionada por alguns gramáticos, como Bechara, Cunha e Cintra, etc. e linguistas como Perini. Entretanto, eles não apresentam outras possibilidades de uso além dos já preconizados. Esses questionamentos podem confirmar que a heterogeneidade mencionada venha ser responsável por outros usos dos advérbios tanto na língua escrita, quanto na oral, como apontamos em nossa pesquisa, para os itens **já** e **agora**.

Após essa introdução acerca do advérbio, passaremos a especificar como as gramáticas tradicionais tratam os itens linguísticos, **já** e **agora**, objetos de nossa análise.

Cunha e Cintra (1986, p. 531), Bechara (2000, p. 441) e Bueno (1968, p.147) classificam o **já** e o **agora** como advérbios de tempo.

Quanto ao **já**, identificamos sua origem: *ia* no século XII e *ya* no século XIV. Do latim *jam*, com os sentidos de neste momento, sem demora, agora, então. E quanto ao **agora**: advérbio que significa nesta hora, neste momento, século XIII. Do latim, *hãc hora*. (CUNHA, 1982, p.291)

Almeida (1962, p. 276, 277) diz que o **já** substitui o “mais” em orações temporais como nos exemplos:

(30)

O doente **já** não respirava quando o médico chegou. (e não; não respirava mais).

(31)

Já não há lei que os refreie. (e não; “Não há mais lei que os refreie”).

Almeida (1962, p. 277) diz que o **agora** é forma derivada da locução latina *hac hora e* pode funcionar como conjunção, quando há repetição, exemplo:

(32)

Agora lhe pergunta pelas gentes. De toda a Hispéria última onde mora: **Agora** pelos povos seus vizinhos: **Agora** pelos úmidos caminhos.

Perini (2010, p. 317-320) apresenta o **agora** como um adverbial de escopo fixo, sendo que o seu deslocamento para várias posições na sentença não acarreta diferenças de sentido. Vejamos:

(33)

Agora a professora passou a palavra ao visitante.

(34)

A professora **agora** passou a palavra ao visitante

Discordamos de Perini, pois em determinados exemplos em nosso *corpus*, o deslocamento do item **agora**, desencadeia uma outra função, assim como um outro valor, como no exemplo a seguir:

(35)

L: É uma família de três filhos que vivem em casa, e minha mãe que é viúva como eu também moramos juntas, né? E temos uma empregada. (a) **Agora** os meninos, os rapazes, que são dois, um é P. C. e o outro é M. A., estão estudando engenharia no Fundão. Um está estudando engenharia eletrônica e o outro engenharia química. E a menina, a S., está estudando, está se preparando para o, o vestibular no, no início do ano que vem, né? (b) (N I 3).

Nesse exemplo, o **agora**, introduzindo a sequência (b), assume a função de operador discursivo modificador de tópico. Se colocarmos o **agora** após a locução verbal estão estudando: “os meninos, os rapazes, que são dois, um é P. C. e o outro é M. A., estão estudando **agora** engenharia no Fundão”, o **agora** assume a função de adjunto adverbial com valor temporal. Assim a posição que esse item ocupa no enunciado pode determinar o seu valor, contrariando o que afirma Perini (2010, p. 317).

Observamos também, em nossa pesquisa, que uma das características do item **agora** relaciona-se ao fenômeno fonético da pausa. Sempre que ele aparece nas funções de conector de contrajunção e operador discursivo há uma pausa, observada na audição dos inquiridos e marcada na escrita pelos sinais de pontuação: a vírgula, ponto final ou reticências.

Diante do apresentado acerca dos itens, em estudo, e do que as gramáticas tradicionais dizem a respeito deles, podemos concluir, inicialmente, que a nossa pesquisa apresenta a possibilidade de ampliar as observações feitas pelas gramáticas examinadas e muitos estudos, já que encontramos em nosso *corpus* de língua falada e escrita ocorrências que constatarem o emprego do **já** e do **agora** como conectores de contrajunção, operadores discursivos modificadores de tópico, introduzindo sequências que encaminham a leitura para direção diferente da anteriormente proposta ou para uma direção contrária e, também, como marcadores conversacionais na modalidade de língua oral. A ocorrência desses valores e funções está a seguir exemplificada.

Como **conector de contrajunção**:

(36)

E - E as crianças colaboram ou são bagunceiras?

F - Isso depende muito da sala. A minha sala, ela tem mais alunos quietos do que bagunceiros. **Agora** tem um grupo que pegô uma das piores salas do colégio em que os alunos são muito bagunceiros, não ficam dentro de sala, ficam correndo na escola... (M I 3).

Em (36), a sequência iniciada pelo item **agora** contempla a ideia de oposição, com a função de conectar os dois enunciados que se opõem: sala com alunos quietos e sala com alunos bagunceiros.

Na modalidade de língua oral, assinalamos o **agora** como **marcador conversacional**, em (37):

(37)

E- Certo. (ruído) Que que você acha da... violência?

F- (hes) Olha, eu acho que a violência, ela nasce (pausa) com cada um e que ela (hes) todo mundo tem um pouco (hes) tem... é violento. (hes) por menos que seja todo mundo é violento. **Agora** assim você vê (“todo”) mundo reprimido, no mundo... que não te dá muita oportuniDAde, que você se Fecha Nele... certamente quando cê for sair pa sociedade, você vai sair escandalizAdo, vai sair... (latidos de cachorro) fazendo tudo o que você queria <fa-> tudo o que você quer fazer, você vai e faz, não tá dentro da sociedade... eh... e eu acho que violência depende muito da criação (P I 4).

Como afirmam Galembeck e Blanco (2005), observamos que o **agora** aparece servindo de amarração, dando um tempo para que o falante dê continuidade ao seu diálogo. Sua função é sequencial, com intenção de situar a conversação, estruturando as unidades da cadeia linguística,

Em (38), encontramos o **já** como **operador discursivo modificador de tópico**, ou seja, como um elemento da língua responsável pela mudança de direção do enunciado anterior. Vejamos:

(38)

Na Espanha houve um surto de construção civil, financiado por capitais externos nos últimos anos. A inflação de preços e salários foi maior que no resto da comunidade e o país perdeu competitividade. O crescimento do desemprego após a crise - para nível próximo a 20%-decorre em parte destes desequilíbrios (a).

Por fim, a recessão jogou o orçamento público no vermelho, onde antes havia superavit (a).

Já a Grécia é o caso mais dramático. Padece de problemas similares aos da Espanha, mas agravados pela frouxidão no orçamento nos anos que antecederam a crise. A relação dívida/PIB atingirá 120% em 2010. De todos, é o país mais perto da insolvência. (b) (T E 1).

Observamos nesse exemplo que, em (a), o produtor do texto apresenta a situação econômica problemática da Espanha, um país europeu. Em (b), a partir do **já**, não se instaura a adversidade de ideias, mas um novo direcionamento, salientando para a gravidade da situação de um outro país europeu, que é a Grécia. Há a comparação entre a situação dos países, além de uma orientação diferente da estabelecida em (a).

Pode-se verificar que, nesse texto escrito de nosso *corpus*, o emprego do **já** funciona, como um elemento da língua responsável por uma nova direção do discurso. Esse uso aponta para a mudança de valor e função desse item, até então contemplando apenas a ideia de tempo, com a função de modificador do verbo, advérbio e adjetivo, como postulam muitos estudos e as gramáticas tradicionais.

Outros exemplos serão apresentados no capítulo 4.

Consideramos importante também verificar em dicionários da língua portuguesa, o significado por eles propostos para os itens em análise.

1.5 Levantamento dos significados dos itens **já** e **agora** nos dicionários

Apresentamos um levantamento de significado dos itens **já** e **agora** a partir dos dicionários de Ferreira (2009) e de Houaiss (2009).

Ferreira (2009) registra o seguinte sobre o **agora**:

agora. [Do lat. *hac hora*, 'nesta hora.] **Adv.** **1.** Neste instante, neste momento, nesta hora: Chegou agora; Agora não posso sair. **2.** Presentemente, atualmente: A moda agora são as roupas *unisex*. **3.** Nesse ou naquele instante, nesse ou naquele momento, nessa ou naquela hora; então: Lutara muito e agora queria descansar. **4.** Nesse ou naquele tempo; então: “o Dr. Mendonça inventou um elixir contra a doença; e tão excelente era o elixir, que o autor ganhou um bom par de contos de réis. Agora exercia a medicina como amador.” (Machado de Assis, *Contos Fluminenses*, p.6). **5.** Depois disto, diante disto: “E agora, José?/ A festa acabou, / a luz apagou, / o povo sumiu, / a noite esfriou, / e agora, José?” (Carlos Drummond de Andrade, *Reunião*, p. 70.) **6.** De agora em diante; doravante: “Estava livre! Passara o perigo! Agora era esquecer o passado, ser dele, de Macambira, só dele!” (COELHO NETO).

□□□□• **Conj.** **7. Mas, porém, contudo, todavia** (Grifo nosso): **Ir é fácil**; *agora voltar é que são elas*. **8.** Umás vezes... outras vezes; ora... ora: “Língua minha dulcíssima e canora, / Em que mel com aroma se mistura, / Agora leda, lastimosa agora, / Mas não isenta nunca de brandura” (José Albano, *Rimas*, p. 75). □□□□• **Interj.** **9. Lus.** Ora essa; ora: “__ Mas os outros são mais do que nós, mãe? / __ Agora! Tu és melhor que os filhos dos outros. “(Raul Brandão, *A Farsa*, p. 64.) (Cf. *ágora* e *agorá*.) .□ **Agora** agora. *Bras. V. agorinha. Agora mesmo. V. agorinha:* A carta chegou agora mesmo. **Agora moderno. Cabo-verde.** Nos últimos tempos; ultimamente: “Mas agora moderno tinha vindo outra ordem” (Luís Romano, *Negrume (Lzimparin)*, p. 64). **Agora por ora.** *Bras. MG* Na região são-franciscana,

por enquanto. **De agora.** Do presente; atual: *As crianças de agora são bem mais precoces que as de antes.* **Por agora.** Por enquanto: Obrigado, por agora não necessito de nada.

Sobre o **já**, Ferreira (2009) registra o seguinte:

já [Do lat. *jam.*] **Adv. 1.** Neste momento; agora: *Já chegam os convivas, já principia a festa;* “Anoiteceu. O passarinho já não canta.” (Carlos Lacerda, *A Casa do Meu Avô*, p 13). **2.** Sem demora, sem sentença; agora mesmo; logo, imediatamente: “Aqui vos trago provisões: tomai-as, / As vossas forças restaurai perdidas, / E a caminho, e já!” (Gonçalves Dias, *Obras Poéticas*, II, p. 27.) **3.** Nesse tempo; então. **4.** Em algum ou qualquer tempo passado: “Já viste, minha Marília, / avezinhas que não façam / os seus ninhos no verão?” (Tomas Antônio Gonzaga, *Marília de Dirceu*, p. 19.) **5.** Antecipadamente; de antemão: *Espero que, ao chegar, já me aches pronto.* **6.** Em todo caso; até mesmo. Até: *Não creio que isto seja verdade, porém já admito que seja.* □□□□• **Conj. 7.** Ora: “Já raivosa, já em mavioso soluçar, contou Teodora o que ouvira ao mestre-escola.” (Camilo Castelo Branco, *A Queda dum Anjo*, p. 230.) [Us. em orações alternativas.] □□□♦ **Já, já.** Logo, logo: *Quero que você vá já, já. Já que.* Visto que; uma vez que; dado que: “As três graças atenienses têm nomes amáveis, já que, na Grécia; tudo é jovem e jucundo” (Martins Fontes, *A Dança*, p. 12) “já que aqui está, / Não nos recuse a honra que dará a nossa mesa...” (Domingos Carvalho da Silva, *Liberdade embora tarde*, p. 22). **De já hoje.** Desde muito. **Desde já.** Desde este momento; a partir de agora: *Desde já lhe agradecemos tudo o que fizer por nós.*

Em Houaiss (2009), o **agora** está registrado da seguinte forma:

agora adv. (sXIII) **1** neste momento, neste instante [*está entrando a. pelo portão*][*a. não pensa mais em estudar*] **2** na época em que estamos, atualmente [*estamos a. diante da relativização dos valores*] **3** daí em diante; doravante [*a aposta fora feita, a. reserva esperar*] **4** nesse (ou naquele) instante, momento, tempo etc. [*esgotara suas energias, a. só queria descansar*] **5** depois [*se antes tudo fazia para agradar, a. não é capaz da menor gentileza*] **conj. 6 conj. coord.** liga palavras ou orações com a mesma função sintática: **6.1 conj. altv.**(grifo nosso) frm. emprega-se, repetido no início de duas sequentes, com valor alternativo; algumas vezes... outras vezes; ora... ora [*a. chora, a. ri, não se contendo de emoção*] **6.2 conj. advrs.**(grifo nosso) introduz oração ou período que faz oposição ou restrição ao que foi dito anteriormente; mas, porém, contudo [*falar é fácil, a. fazer é difícil*] **a. mesmo infrm.** neste mesmo instante; agorinha [*fez o café a. mesmo*] **de a.** presente, atual [*é uma expressão de a.*] **por a.** provisoriamente, por enquanto, por ora [*por a., os exames deram negativos*] ETIM lat. *hac hora* ‘esta hora’, abl. PAR *ágora* (s.f) e *agorá* (s.f.) e *agorá* (s.f.)

agorá s.f. moeda divisória de israel que equivale à centésima parte do siclo israelense ETIM heb. *agora*, pl. *agorot* 'id.`. PAR *agora* (adv.) e *ágora* (s.f.).

Para o **já**, Houaiss (2009) apresenta o seguinte:

já adv (sXIII) **1** de imediato, prontamente, incontinentemente [*saia já daqui*] **2** desde logo, então [*se chover, já ficam desculpados por não vir*] **3** neste instante, agora [*já consigo vê-la ao longe*] **4** logo, em pouco tempo, num instante [*saiu dizendo que voltava já*] **5** antes, anteriormente, antecipadamente [*uma cena já vista*] **6** no passado, outrora, noutros tempos [*São Paulo já foi uma cidade tranquila*] **7** indica um grau relativo; em todo caso; em parte; até [*se conseguirmos vencer alguns obstáculos, já estamos fazendo muito*] **8** a esta altura, neste momento [*já não se importava de ser demitido*] conj. **9 conj. altv.** (grifo nosso) Emprega-se, repetido no início de duas frases sequentes, com valor alternativo; ora...ora [*não para:j. sobe nas árvores, j. brinca com o cão*] **já, já** logo, imediatamente [*já, já vou sair daqui*] • **já que** dado que, visto que, uma vez que [*já que todos foram embora, não há razão para permanecermos aqui*]. **desde já**, desde este momento; doravante [*desde já, desisto de pedir-lhe ajuda*] ETIM adv. Lat. *jam* “já, agora; imediatamente”.

Tanto em Ferreira quanto em Houaiss o **agora** aparece como conjunção adversativa. O nosso estudo corrobora o estabelecido pelos dicionaristas, com exemplos do nosso *corpus* escrito e oral.

Observamos pela apresentação dos significados das palavras, em estudo, em dois importantes dicionários da língua portuguesa, Ferreira (2009) e Houaiss (2009), que para o item **já** não há apontamento para a possibilidade de uso como conector de contrajunção e operador discursivo e nem para o item **agora** como operador discursivo modificador de tópico e marcador conversacional. Somente para o **agora** os dois autores dizem que esse item pode ser usado como conjunção que opõe sequências marcando a adversidade, como o **mas**, o **no entanto**, o **porém...** Entretanto, de acordo com o nosso *corpus*, o **já** também está sendo empregado pelos usuários, nas modalidades oral e escrita da língua, com o sentido de contrajunção, instaurando a adversidade entre sequências e de operador discursivo modificador de tópico que dá uma orientação diferente à sequência anteposta, assim como o **agora**. Esse fato pode significar uma mudança da língua, provando a sua dinamicidade, pois os usuários vão ao longo do tempo, adaptando as palavras às suas necessidades.

Outro aspecto que nos chama atenção nos registros de Ferreira (2009) e Houaiss (2009) e que posteriormente vamos abordar diz respeito ao emprego tanto do **agora** quanto do **já** como conjunções alternativas: agora... agora e já...já.

O **agora** não aparece, nos dicionários, como marcador conversacional, valor encontrado em nossa pesquisa e em outros estudos.

1.6 Conectores de contrajunção: estudos linguísticos.

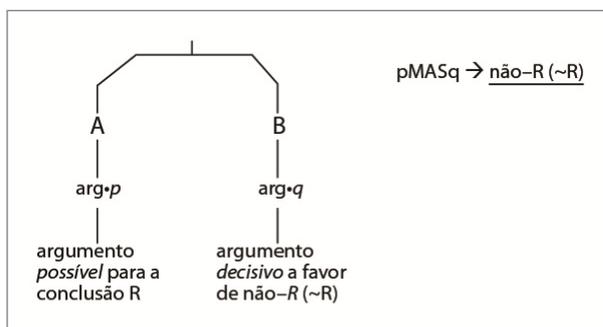
Koch (1984, p. 104-105) diz que existe na gramática de cada língua uma série de morfemas que funcionam como operadores argumentativos ou discursivos como, por exemplo, as conjunções de contrajunção.

Na gramática estrutural, diz a autora, as conjunções são descritas como morfemas gramaticais (gramemas) do tipo relacional, em oposição aos morfemas lexicais (semantemas, lexemas), sendo colocados, na descrição linguística, em segundo plano. No entanto, a Semântica Argumentativa recupera o valor desses elementos, por considerar que eles são responsáveis pela determinação do valor argumentativo dos enunciados, constituindo, portanto, marcas linguísticas importantes da enunciação.

Em um estudo específico sobre os operadores argumentativos, Koch (1992b, p. 35-36) diz que há operadores que introduzem argumentos alternativos; argumentos que somam a favor de uma mesma conclusão; que estabelecem relações de comparação e, também, operadores que contrapõem argumentos para conclusões contrárias como: **mas** (porém, contudo, todavia, no entanto, etc.) e **embora** (ainda que, posto que, apesar de que, etc.).

Ainda neste estudo, a autora diz que o **mas** e seus similares operam da seguinte forma: o locutor introduz em seu discurso um argumento possível para uma conclusão R; logo em seguida, opõe-lhe um argumento decisivo para a conclusão contrária não-R (~R).

Para esclarecer melhor, ela usa a metáfora da balança de Ducrot, ilustrando o esquema R não R (~R). O locutor coloca no prato A, a um determinado interlocutor, um argumento com o qual não se engaja; a seguir coloca no prato B um argumento contrário, ao qual adere, fazendo a balança inclinar-se nessa direção. Há então um choque de vozes que falam de pontos de vista diferentes, que é o fenômeno da polifonia. Vejamos a imagem que exemplifica a metáfora:



Assim, no exemplo a seguir, a autora explicita a teoria:

(39)

A equipe da casa não jogou mal, **mas** o adversário foi melhor e mereceu ganhar o jogo.

A equipe da casa não jogou mal $\rightarrow R$ a equipe da casa merecia ganhar **mas** o adversário foi melhor $\rightarrow \sim R$ a equipe da casa não mereceu ganhar.

Koch (2000, p. 55), tratando da polifonia⁹, explica que a:

contrajunção consiste na introdução da perspectiva de um outro enunciador E1, genérico ou representante de um grupo ou de um *topos*, ao qual se opõe o segundo enunciador, com o qual o locutor se identifica E2=L. Tem-se aqui, segundo Ducrot (1987), o mecanismo da concessão: acolhe-se no próprio discurso o ponto de vista do Outro (E1), dá-se-lhe uma certa legitimidade, admitindo-o como argumento possível para determinada conclusão, para depois apresentar, como argumento decisivo, a perspectiva contrária. É este o caso de todos os enunciados introduzidos por conectores de tipo adversativo e concessivo (KOCH, 2000, p. 55).

Um outro estudo que trata das conjunções nessa perspectiva é o de Rudolph (1989, p. 183). A autora afirma que o **mas** pode introduzir uma antítese, indicando um contra argumento – ao invés de trazer um pró argumento, como em:

(40)

Como espectadores fora da praia nós podemos ter dúvidas sobre a falta de preocupação do partido republicano pelos menos afortunados, e sua infiltração por uma turbulência militante de fundamentalistas religiosos. **Mas** essas são questões essencialmente para eleitores americanos decidirem.

Ao escolher a estrutura com **mas**, o produtor demonstra ser livre para elaborar o que pensa de uma forma mais apropriada para convencer o leitor. No exemplo (40), a autora usou um contra-argumento introduzido pelo **mas**: “mesmo que o partido republicano não se preocupe com os menos afortunados, somente os americanos podem decidir sobre isso”.

Neves (1984, p.21-24), investigando acerca do coordenador interfrasal **mas**, faz uma proposta de definição semântica básica para o **mas** quando essa conjunção ocorre após pausa de final de frase. Para a autora, a noção de desigualdade é semanticamente a definição básica de **mas**. Em nosso estudo, observamos também que os segmentos iniciados pelo **já** e pelo **agora** podem estabelecer uma ideia de desigualdade que instaura: i) o contraste, a oposição, nesse caso, os itens funcionam como conectores de contrajunção ou ii) a mudança de tópico,

⁹ Brandão (1995) apresenta o conceito de polifonia, elaborado inicialmente por Bakhtin e retomado por Ducrot, que lhe deu um tratamento linguístico. A polifonia refere-se à qualidade de todo discurso estar tecido pelo discurso do outro, de toda fala estar atravessada pela fala do outro. (BRANDÃO, 1995, p. 91).

apontando para outra direção de sentido, nesse caso, os itens em estudo funcionam como operadores discursivos modificadores de tópico. E, ainda, o **agora**, como elemento de interação, que é o marcador conversacional.

Neves (1984, p.21-24) diz também, que no exame das implicações semânticas existentes entre os segmentos coordenados por **mas**, se passa de uma desigualdade para o contraste, a contrariedade e se chega à oposição, à negação, à anulação, à rejeição. Assim, temos em todo enunciado com esse elemento algo de oposição que passa pela simples condição de desigualdade, até uma oposição máxima que é a anulação. A ideia de desigualdade será fundamental na contrajunção estabelecida por **já e agora**.

Nesse estudo, Neves (1984, p. 21-24) propõe uma bipartição de enunciados do tipo: p. Mas q., sendo que p nem sempre é uma frase localizável no texto anterior, podendo ser um elemento da situação. Dentro dessa bipartição que forma dois grupos maiores, poderá haver subagrupamentos.

Assim a autora apresenta o primeiro grupo como o da **contraposição**, considerando que se p e q são desiguais, q não elimina p, mas caminha em direção oposta. Todos os exemplos a seguir são retirados de Neves (1984, p. 21-24).

(41)

Vou bem (p). **Mas** você vai mal (q).

O fato de "você" estar mal não elimina o fato do "eu" estar bem, somente opõe um fato ao outro. Dentro dessa perspectiva, a autora apresenta outras possibilidades como:

1) contraste entre p e q:

(42)

Creusa, certamente, não se dera ao trabalho de aparecer (p). **Mas** lá estavam Gumercindo e os outros empregados (q).

O estabelecimento do contraste nesse exemplo se faz com base em um eixo de identidade "comparecimento". Creusa não estava, mas os outros empregados compareceram, e a reunião ou o serviço (elemento implícito) pode ter acontecido.

2) Compensação entre p e q

(43)

Tinha de resignar-se a tolerar, durante algumas horas, a presença de Suzana, seu olhar sardônico, as vingativas perguntas que não deixaria de fazer (p). **Mas** havia o menino, conversaria com ele (q).

A direção dos argumentos tem rumos diferentes, enquanto p é uma situação desagradável (presença de Suzana), q compensa essa situação com a presença do menino.

3) Com restrição a p, formulada em q

(44)

- Já vai para duzentos cruzeiros a sua história (p).
- **Mas** vale mais (q).

Nesse diálogo, há um subentendido: uma história que vale muito e contrastando a esse subentendido há uma restrição: o valor é pequeno, pois a história vale mais.

Ainda dentro desse grupo de contraposição, Neves (1984, p.30-31) considera que p e q, sendo desiguais e q não eliminando p, podem caminhar na mesma direção:

(45)

Não reconheceu aquela voz; se tivesse reconhecido seria fácil saber (p). **Mas** o pior mesmo fora ele quase dando de cara com Geraldo...(q)

Q constitui um argumento iniciado por **mas** “o pior fora dar de cara com Geraldo”, que acrescido a p, “não reconheceu a voz”, na mesma direção argumentativa, se apresenta como superior.

(46)

(...) o senhor quer dizer que a morte para minha mãe seria muito melhor do que a vida (p). **Mas**... e se ela sarar (q) ?

Q é um acréscimo, uma hipótese ainda não considerada (a cura da mãe pode ocorrer), já que q embora admitido é insuficiente (a morte da mãe seria melhor do que a vida).

Corroborando a proposta de Neves, neste grupo de exemplos com o uso do **mas** como elemento de contraposição, encontramos, em nossa transcrição do *corpus* oral, o emprego do item **agora**, em uma estrutura bipartida, funcionando de forma semelhante ao funcionamento do **mas**, após o ponto final:

(47)

Mas eu como todo carioca que eu sou, né, da gema do ovo, eu prefiro mais a linguagem do mineiro do que o carioca. (est) Eu num gosto da malandragem do carioca. Entendeu? Eu prefiro mais o lado silencioso (est), o mais quietinho, o lado mineiro eu gosto. Eu num gosto de chegá, né... gingando o meu corpo pra um lado pro outro, falá “amalandrado”. **Agora**, é óbvio que se eu caí – se eu fô na favela eu vou tê que falá o mesmo idioma deles. Se eu fô na Barra, eu tenho que falá no mesmo idioma deles (P I 5)

Em (47), o falante caracteriza a sua linguagem, dizendo que opta pelo jeito mineiro (mais silencioso), mesmo que ele seja carioca. Entretanto, após o ponto final, iniciando uma nova sequência, ele emprega o **agora**, estabelecendo contraste, ao definir que o seu jeito de falar pode ser modificado, caso esteja em uma outra comunidade. No seu dia a dia, ele é mais quieto, mas em uma favela ou na Barra, há necessidade de se adaptar ao idioma, modificando palavras e sotaque.

Assim, é a partir do **agora**, que funciona como o **mas**, proposto por Neves(1984), que a ideia de contraposição é instaurada. Há ainda nesse exemplo um eixo de identidade: modo de falar que estabelece a comparação.

Outro grupo exposto por Neves (1984, p.33-37) é o da **eliminação**, ou seja, um enunciado p Mas q pode indicar que q elimina p. Esse enunciado pode trazer explícita a eliminação, como em:

(48)

Posso fumar? __ pergunta Augusto (p). **Mas** logo anulou o gesto (q).

A eliminação aparece através da expressão léxica “anulou”. Ou, q pode também trazer implícita essa eliminação como:

(49)

...o poço estava seco e era bonito o reflexo do espelhinho correndo como uma lanterna pelas paredes escuras, sabe como é, não (p)? **Mas** de repente o espelho caiu e se espatifou lá no fundo (q).

O que vem expresso é a causa da qual resultou a anulação da subsequência de p ou o obstáculo causador da não sequência de p, ou seja, o espelho caiu e se espatifou. Essas eliminações ocorreram diante de uma subsequência temporal em (48) com **logo**, e em (49) com **de repente**. A autora também apresenta a eliminação sem relação temporal pertinente entre p e q (q invalida p) como em:

(50)

Ia recolher-se aos seus aposentos, quando o telefone tocou (p). **Mas** não era Antonieta (q).

Nesse exemplo, q enuncia negativamente um subentendido de p “esperava-se um telefonema de Antonieta”.

Também, em nossa transcrição, localizamos uma ocorrência do **agora**, após o ponto final, realizando a função de eliminação, função essa explicitada pelo advérbio “não”: durante o dia o falante come besteira, mas no jantar, a alimentação é correta,

considerando alimentação correta como aquela que inclui alimentos saudáveis, e não *fast food*. Vejamos o exemplo:

(51)

Foi lindo, a música foi bonita mas eu só num gostei porque a música era canta... (carro passando) a (hes) conversa era cantada. Por isso que eu num gostei muito (a). **Agora**, Titanic não, Titanic foi dez. (est) Assisti duas vezes no cinema. (b) (P I 5)

Observamos que nesse estudo de Neves, os itens **já** e **agora** comportam de forma semelhante ao emprego do **mas** em estrutura bipartida e com definição básica de diferença, desde que a sequência introduzida pelo conector tenha um sujeito sintático diferente, como verificamos em nosso estudo e vamos detalhar na metodologia.

Outro estudo linguístico acerca dos conectores de contrajunção é o de Fabri (2001, p.79-84.), que investiga as variações de significados das conjunções adversativas *mas*, *porém*, *todavia*, *entretanto*, *contudo* e *no entanto*, instituindo quatro variações básicas. Os exemplos apresentados são retirados de Fabri (2001, p. 78,84).

1) negação: há o reconhecimento de uma entidade em *p* e em seguida sua negação, refutação, como no exemplo (52).

(52)

É um país sórdido que escamoteia até as palavras. [Quem deveria pagar IR (p)], **mas** não o faz (q), não pratica sonegação, no vocabulário desse Brasil indecente (FABRI, 2001, p. 79).

P reconhece que há pessoas que deveriam pagar imposto de renda (IR), entretanto *q*, enunciado introduzido pela adversativa **mas**, nega a ação que deveria ser praticada, afirmando que essas mesmas pessoas não pagam IR.

2) retificação: há a correção de uma ideia após o uso da conjunção adversativa.

(53)

Na boiada já fui boi
mas [um dia me montei
não por um motivo meu
ou de quem comigo houvesse
que qualquer querer tivesse(p)
porém por necessidade
de o dono de uma boiada
cujo vaqueiro morreu(q).

No exemplo acima, a adversativa, *porém* estabelece uma correção, uma retificação em relação à estrutura precedente (p), isto é, o personagem que um dia

montou o fez não por motivo próprio ou de outros, o fez pela necessidade da situação, causada pela morte de um vaqueiro. Temos então a construção não p porém q que retifica o “querer, a vontade” pela “necessidade”.

3) contraste: na estrutura p **mas/ porém/ contudo/ todavia/ entretanto/ no entanto** q, estamos considerando que q não elimina p apenas distingue-se, há entre p e q um eixo de comparação do mesmo elemento ou de elementos diversos que pode apresentar-se em termos de semelhança ou de não semelhança.

(54)

[Durante uma conversa ou uma reunião, quanto mais você discordar, mais iminente será a briga.. Posicione-se (p)], **mas** refreie seus impulsos de levar a coisa para o lado pessoal (q).

O exemplo (54) constata um eixo de identidade entre p e q: a atitude. O contraste é estabelecido pela não semelhança existente entre p atitude de discordar, posicionando-se e q atitude de refrear os impulsos.

4) Quebra de expectativa: na estrutura p **mas/ contudo/ todavia/ entretanto/ no entanto/ porém** q, a sequência q quebra a expectativa criada pela sequência p. Há um conhecimento de mundo partilhado que é pressuposto e quebrado a partir da frase iniciada pela conjunção adversativa.

(55)

[...] o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes, o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua.

Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses... (p)]

E, no **entanto**, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos (q).

A sequência p de (55) aponta para uma rejeição ao estrangeiro já que ele nos provoca medo, desconfiança e é tão diferente de nós. Entretanto a sequência q quebra essa expectativa de rejeição na medida em que considera a partir do **no entanto** ser verdade que sonhamos com essa mesma terra rejeitada e que ela pode realizar nosso desejo.

(56)

Há também quem se anime com as fontes sulfurosas a 70° C. Dizem que são terapêuticas (p), **mas** queimam a pele e fedem a ovo podre, a enxofre (q).

Em (56), consideramos em (p) as fontes terapêuticas, como boas, portanto fazem bem à saúde. Entretanto a partir do **mas** quebra-se o esperado e introduz-se um contra-argumento que leva o leitor a não querer ir às fontes sulfurosas.

Como se verá mais detalhadamente no capítulo 4, os itens **já** e **agora** às vezes permitem construções com os valores acima, às vezes não. A seguir, dialogamos com o estudo de Fabri, simulando exemplos.

1) **Negação**

A negação é possível com **já** e **agora**, sob certas condições como, por exemplo, se (b) tiver um sujeito diferente de (a).

(57)

João é estudioso (a), **já/agora** seu primo não é (b).

Entretanto não é possível em um exemplo como (58).

(58)

*João não é estudioso (o), **já/agora** é esforçado (b).

A sequência (b) fica linguisticamente inaceitável, porque os itens **já** e **agora** necessitam de um sujeito sintático diferente, como ocorre em (57).

2) **Retificação**

A retificação não é possível com **já** e **agora**.

(59)

*João não é estudioso (a), **já/agora** seu primo é preguiçoso(b).

Ao negar (a), não é possível retificar (b), assim como ao afirmar (a), não é possível negar (b), pois as palavras estudioso e preguiçoso pertencem a campos semânticos diferentes, que não possibilitam essa estrutura. Se tivéssemos: “João não é estudioso, **já/agora** seu primo é”, teríamos uma construção possível.

3) **Contraste**

O contraste é possível com **já** e **agora** como no exemplo (60).

(60)

João é estudioso (a), **já/agora** seu primo é preguiçoso (b).

Como Fabri afirma, no contraste há um eixo de identidade entre as duas sequências, que possibilitam a comparação entre as atitudes dos dois primos.

4) **Quebra de expectativa**

A quebra de expectativa não é possível com **já** e **agora**.

(61)

*João é estudioso, **já/agora** foi reprovado.

Observa-se que com o sentido de quebra de expectativa não é possível o emprego do **já** e **agora** como conector argumentativo. A frase não é semanticamente reconhecida como boa.

Mesmo que formulássemos a frase com sujeitos diferentes não seria possível:

(62)

*João é estudioso, **já/agora** seu primo foi reprovado.

Neste estudo, Fabri (2001) faz também a comparação do uso do **mas** com as outras conjunções adversativas **porém**, **contudo**, **todavia**, **entretanto** e **no entanto**. O estudo aponta que estes conectores se diferenciam do **mas**, pois têm mobilidade dentro da frase, podem aparecer no início, meio ou fim da sequência que estabelece a adversidade. Em nossa pesquisa, concluímos que não é possível empregar o **já** e o **agora** como conectores argumentativos em diferentes posições na frase, já que eles só podem ser usados no início da sequência que marca a contração ou a introdução de uma nova ideia, modificando a anterior. Comparemos:

(63)

João é estudioso (a), seu irmão, **porém/ entretanto, no entanto...** não é (b).

(64)

*João é estudioso (a), seu irmão, **agora**, não é (b).

Em (64), o **agora** assume o valor de tempo e não de oposição. Portanto **já** e **agora**, como conectores argumentativos, com o valor de contração e de operador discursivo modificador de tópico, têm lugar fixo na frase, ou seja, estão sempre introduzindo a sequência que vai estabelecer a argumentação.

Outro estudo que nos interessa acerca dos conectores de contração é o de Guimarães (1987, p. 61-65), pois trata do emprego da contração em segmentos, especificamente, com a presença do **mas**. O autor observa o modo como os segmentos articulados se organizam em relação à enunciação, por meio da conjunção adversativa **mas**. Para isso, ele considera a diferença entre o *masSN* e o *masPA*, propostos por Anscombe, Ducrot e também Vogt (1977). Em nosso estudo, interessa-nos apenas o *masPA*, por estudarmos os itens **já** e **agora**, não como elementos retificadores, que é o que ocorre com os *masSN*, mas como conectores argumentativos.

Vejamos os aspectos e fatos apresentados por Guimarães (1987, p. 61-65), a partir da frase: *Paulo era mais adequado para o cargo **mas** não foi o escolhido.*

a) **possibilidade de inversão das orações**

Não é possível:

(65)

*Mas não foi o escolhido, Paulo era o mais adequado para o cargo.

b) **possibilidade de articulação por sobre os limites da frase.**

É possível:

(66)

Paulo era o mais adequado para o cargo. Mas não foi o escolhido.

c) **alcance da negação**

Afeta somente a primeira parte da oração:

(67)

Paulo não era o mais adequado para o cargo, mas foi o escolhido.

d) **alcance da pergunta**

Não é possível, pois a interrogação não pode incidir sobre a frase como um todo:

(68)

* Paulo era o mais adequado para o cargo, mas não foi o escolhido?

e) **modo de encadeamento no texto, com o “creio que”**

O encadeamento com o **creio que** ocorre somente na primeira parte:

(69)

Creio que Paulo era o mais adequado para o cargo, mas não foi o escolhido.

f) **divisão para dois locutores numa conversa**

Observa-se que é possível dividir o enunciado para dois locutores, com em (70):

(70)

L1 – Paulo era o mais indicado para o cargo.

L2 – Mas não foi escolhido.

g) **divisão entonacional no interior da frase**

A divisão entonacional pode ocorrer no interior da frase como:

(71)

Paulo era o mais adequado para o cargo/ mas não foi o escolhido.

Entretanto não sendo possível a divisão depois do **mas**:

(72)

Paulo era o mais adequado para o cargo mas/ não foi o escolhido.

h) **correlação dos modos verbais**

A correlação dos modos verbais pode ocorrer com o emprego do **mas**, como em (73) e (74) em que em (a) temos o modo indicativo e em (b) temos o subjuntivo.

(73)

Paulo era o mais adequado para o cargo(a) mas não o considere o escolhido (b).

É possível:

(74)

Paulo seria o mais adequado para o cargo, mas não o escolha.

Há algo implícito que impede a escolha de Paulo.

Ao cotejar o estudo de Guimarães (1987, p. 65-66) com o nosso, apresentamos algumas identidades e diferenças entre o uso do **mas** e dos itens **já** e **agora**.

Partimos do seguinte modelo: Pedro gosta de matemática (a), **já/agora** sua irmã gosta de português (b).

a) Observamos que não é possível, como em Guimarães, a **possibilidade de inversão das orações**:

(75)

***Já/ agora** sua irmã gosta de português (b), Pedro gosta de matemática (a).

b) A **possibilidade de articulação por sobre os limites da frase** pode ocorrer com o emprego dos itens **já** e **agora**, como em Guimarães:

(76)

Pedro gosta de matemática (a). **Já/agora** sua irmã gosta de português (b).

c) Quanto ao **alcance da negação**, observamos que não é possível, pois para ter sentido a negação deveria aparecer também na sequência de (b), portanto é diferente de **mas**:

(77)

Pedro não gosta de matemática (a), **já/agora** sua irmã gosta de português (b).

d) com relação ao **alcance da pergunta** nota-se também que não é possível, como em Guimarães, pois a pergunta não incide sobre toda a sequência:

(78)

*Pedro gosta de matemática (a), **já/agora** sua irmã gosta de português? (b).

e) **modo de encadeamento no texto, com o “creio que”**

O encadeamento com o **creio que** ocorre tanto em (a) quanto em (b) tomando as duas sequências, portanto é diferente de **mas**, que com o **creio que** ocorre somente na primeira parte do enunciado:

(79)

Creio que Pedro gosta de matemática (a), **já/agora** sua irmã gosta de português(b).

f) É possível a **divisão para dois locutores numa conversa**, como ocorre com o **mas**

(80)

L1 – Pedro gosta de matemática.

L2 – **Já/agora** sua irmã gosta de português.

g) Também a **divisão entonacional no interior da frase** pode ocorrer com o **já** e o **agora**, apontando para uma identidade com o **mas**:

(81)

Pedro gosta de matemática (a), **já/agora** sua irmã gosta de português (b).

h) Quanto à **correlação dos modos verbais**, observamos que não é possível, como em (82):

(82)

*Pedro gosta de matemática (a), **já/agora** que sua irmã gostasse de português (b).

Observamos que, de acordo com a proposta de Guimarães, não é possível a permuta de **já** e **agora** por **mas** tanto no alcance da negação e da pergunta, quanto no encadeamento com **creio que** e com a correlação de modos verbais.

Isso permite-nos afirmar que **já** e **agora** podem funcionar como conectores argumentativos, mas com especificidades diferentes das do conector **mas**.

Essa afirmação vem confirmar nossa hipótese de que no emprego de **já** e **agora**, como conectores, há aspectos fonéticos, semânticos e sintáticos específicos, que os diferenciam do conector **mas**.

1.7 Advérbios como conectores argumentativos: estudos linguísticos

Alves (1990, p. 14), ao tratar da classe dos advérbios, aponta para a necessidade de se investigar certos fenômenos linguísticos, ultrapassando o nível da frase. Conforme a autora, as conceituações propostas pelas gramáticas tradicionais apresentam-se insatisfatórias para dar conta do que muitos linguistas chamam de “advérbios do discurso”. Diante disso, ela parte do princípio de que os “advérbios do discurso” atuam como elementos coesivos do texto, contribuindo para a textualidade.

Alves fundamenta-se em Quirk (1972) para fazer suas considerações. Quirk (1972 apud ALVES, 1990, p. 21) trata da classe dos adverbiais segundo uma classificação partida que diz respeito à integração ou não de tais elementos na estrutura da oração. Ele rotula os advérbios de adjuntos com função modificadora e de advérbio de conjuntos com função agregadora.

Alves, baseando-se em Quirk, alinhava suas considerações, partindo dos estudos dos advérbios com função agregadora, como advérbios do discurso. Esses advérbios ligam blocos textuais, funcionando como elementos conectivos, auxiliando na composição do texto.

Há então um “re-batismo”, promovido por Quirk, que abriga não somente os advérbios tradicionais, mas também uma série heterogênea de outros elementos formalmente diferentes.

Ele apresenta as propriedades dos advérbios conjuntos, preservando sua função agregadora e figurando no texto de diferentes maneiras:

- i) na forma de advérbio simples: também, agora, então, etc., como em: *Então, Ana, podemos conversar bastante, se te faz bem. Agora, só quem pode decidir sobre isso é você com a ajuda de seu médico;*
- ii) como sintagmas preposicionais: pelo contrário, por exemplo, por outro lado, como em: *A assinatura da Veja tem seus pós e contras. Por um lado põe a gente por dentro dos acontecimentos semanais, mas, **por outro lado**, vem distorcendo muitíssimo os fatos;*
- iii) como sintagmas nominais: o primeiro, o segundo, o a, o b, como em: *Os mandamentos foram apresentados por Moisés como sendo dez: O **primeiro** e principal, amar a Deus sobre todas as coisas, o **segundo**, não tomar seu santo nome em vão, o terceiro...ah, esqueci! e*
- iv) na forma de oração: mudando de conversa, trocando em miúdos, etc. *Vou te deixar a medida do Bonfim, não me valeu. Mas fico com o disco do Pixinguinha, sim,*

o resto é seu. Trocando em miúdos pode guardar as sobras de tudo que chama lar (...).

Quirk (1972 apud ALVES, 1990, p. 29-30) também apresenta a posição dos conjuntos. Para ele, a posição inicial dos advérbios conjuntos é privilegiada. Na fala, frequentemente, uma unidade tonal separa-os do que figura a seguir e, na escrita, são separados por vírgula.

Enfim, os advérbios conjuntos encadeiam enunciados, estruturando-os em textos, contribuindo para a construção do discurso e, ainda, a maior parte dos advérbios conjuntos é composta por advérbios simples, de sintagmas preposicionais e sintagmas nominais, sendo a posição inicial a mais privilegiada (antes do sujeito).

Em nosso estudo, os elementos da língua, **já** e **agora**, investigados são tradicionalmente advérbios, entretanto, não funcionam apenas como indicadores de circunstâncias, mas também como elementos capazes de instaurar a oposição, a mudança de foco ou de funcionar como marcador conversacional. Nesse caso, vamos considerar, como Quirk, que o **já** e o **agora** são elementos agregadores de porções textuais que estabelecem a conexão, contribuindo para a construção da textualidade, como no exemplo, retirado da transcrição do *corpus* deste estudo. Se em (a), Catherine não come, em (b), diferente dela, João Pedro mama muito:

(83)

F: A “Catherine”, ela é muito magrinha. Olha as (inint)...

E: É mesmo?

F: É, muito magrinha. E a pediatra disse que tá bom. Nasceu com dois quilo, quarenta e cinco centímetros a criança, mas é uma coisa muito chata pra comê. **Agora**, o João Pedro já mama peito e mama mamadeira, tem três meses tá óh. Isso aqui dele já não vê [o pescoço], não vê nem o pescoço dele. Enquanto “Catherine” não come nada. (P I 9).

Outra investigação que nos interessa é a de Ilari et al., (2002, p. 53) que trata da posição dos advérbios em uma transcrição do *corpus* oral. Os autores afirmam que o estudo acerca desse assunto implica tomar consciência de equívocos, constatando a diversidade de emprego do advérbio e do terreno arenoso que os pesquisadores têm que enfrentar.

Eles questionam a tradição gramatical em relação à ordem direta do advérbio na frase e de sua mobilidade no interior da oração e em relação ao critério nocional no que diz respeito às classes gramaticais como para o substantivo: designação dos seres; adjetivos: expressão de qualidade e para os advérbios: noção de modificação. Assim, “normalmente se define o advérbio como modificando a ideia expressa pelo verbo ou denotando as circunstâncias em que se dá o processo a que ele faz referência.” (ILARI et al., 2002, p. 53).

Contrapondo a essa definição da tradição gramatical, os autores (2002, p. 56) apresentam o seguinte exemplo:

(84)

Os dois estão na escola de manhã (porque eu trabalho de manhã)... Então, eu os levo para a escola... e vou trabalhar...**Depois**, saio na hora de buscá-los... **ai depois** tem natação segunda, quarta e sexta...[...] **Depois**, terça e quinta a menina faz fonoaudiologia...

Os autores afirmam que as duas primeiras ocorrências de **depois** são temporais, entretanto o item **ai** e a terceira ocorrência de **depois** não se referem a circunstâncias da ação, mas à organização do fluxo de informação.

Assim, Ilari et al. (2002, p.57) ratificam que tratar o “advérbio é, antes de mais nada, tomar consciência de equívocos, constatando a diversidade de emprego dessas expressões.” (ILARI et al., 2002, p. 57).

Dentre as várias análises do advérbio, feitas pelos autores, está o questionamento acerca do **já** como advérbio de tempo. No exemplo (85), os autores dizem que o **já** mobiliza a ideia de “ao contrário de” e não a ideia de tempo como a tradição gramatical preconiza.

Vejamos:

(85)

A menina mais velha é boa desenhista, (a) **já** a mais nova tem mais facilidade para a música (b).

Entretanto, de acordo com as funções que levantamos para o item **já**, discordamos dos autores, ao afirmarem que esse item mobiliza a ideia de “ao contrário de”. Observamos que as duas irmãs têm habilidades artísticas, só que uma, em (a), tem habilidade para desenho e a outra em (b), tem habilidade para música, portanto não há oposição de ideias, mas um outro direcionamento do tópico anterior, neste estudo vamos considerar o **já**, nestes casos, como operador discursivo modificador de tópico.

Ilari et al. (2002, p.57) dizem também que o **já** não perde o caráter de dêitico, mas assume um papel discursivo particular, que pode ser assim descrito:

Já

[= muito pelo contrário]

[1] Sintaxe: Tópico A

Comentário referente a A

[.....]

[.....]

Já tópico B

Comentário referente a B

[2] A e B são habitualmente evocados no mesmo contexto e são passíveis de comparação sob vários aspectos.

[3] Os comentários sobre A e sobre B contrastam fortemente.

Como já apontamos anteriormente, discordamos de Ilari et al., (2002), em relação ao contraste forte que eles dizem ocorrer no exemplo (85), mas concordamos que o **já** pode desempenhar não só a função de advérbio, para nós, nesse caso, ele exerce a função de operador discursivo modificador de tópico.

Outro advérbio investigado por Ilari et al. (2002, p. 70) é o **agora**. Eles dizem que esse item, além de indicar que a ação se realiza no momento da enunciação, como em:

(86)

Por enquanto não [têm esses problemas da juventude] porque... as mais velhas estão entrando **agora** na adolescência.

Pode também abarcar uma sequência discursiva mais ampla, definindo um novo momento na organização do discurso, como ocorre com o segundo uso do **agora** no exemplo apresentado pelos autores:

(87)

F - Agora que estão todos maiores, quer dizer, cada um fica mais ou menos responsável por si.

E - Já se cuidam.

F - De higiene, de trocar de roupa, todo esse negócio. Quer dizer, já é alguma coisa que eles fazem porque...

E- Ajuda demais, né?

F- Já ajuda bem.

F- **Agora**, tem sempre [...] numa família grande um com tarefa de supervisor... por instinto, não é por obrigação.

Observamos, com o emprego do último **agora**, a introdução de um dado diferente no discurso que se distingue do anterior por uma mudança de tópico e de orientação discursiva, que pode ser assim descrita: na sequência que antecede ao **agora**, a iniciativa da criança é vista de maneira positiva. No entanto, no trecho, introduzido pelo **agora**, modifica-se o assunto do diálogo que passa a referir-se à tarefa de supervisor, que normalmente há em uma família grande. Esse emprego do **agora** coaduna com o que definimos em nosso estudo como operador discursivo modificador de tópico. Vejamos um exemplo retirado da transcrição do nossa transcrição do *corpus* oral:

(88)

E: Então, vocês vão ter que providenciá uma casa de tijolo, né? Que é mais resistente”

L: Então, depois daí já tem uns dois anos, vai fazê três anos que eu tô morando ali, então já era, já tinha que tá providenciando, né?

E: Já era pra providenciá a casa de tijolo?

F: Mas ele com a moleza dele (a).

E: Entendi, então, **agora** vamo passá um pouco pra suas filhas. Por exemplo, você falô da Rarissa, é a Rarissa, né?

F: A Rarissa, a Suelen e a Cynthia. A Cynthia, a Cynthia é a que mora sozinha, já tem a casinha dela com o marido dela (b) (P I 9).

Observamos que há em (b), como registram Ilari et al. (2002, p. 56), a introdução de um novo assunto, como sugestão do entrevistador, que conduz a uma outra orientação discursiva. Se em (a), trata-se da reforma da casa, a partir do item **agora**, em (b), propõe-se um novo tema para o diálogo, ou seja, comentários sobre as filhas.

Monnerat (2005, p. 2), em uma pesquisa linguística sobre a categoria do advérbio, afirma que o estudo dessa classe se apresenta com limites imprecisos, e isso se justifica porque os critérios tradicionais de análise se reduzem a defini-la como elemento modificador de verbos, adjetivos e do próprio advérbio. Assim, a autora observa que:

Alguns advérbios, sobretudo os dêiticos, podem aplicar-se a unidades cujas dimensões ultrapassam não só os limites dos constituintes, como também os da sentença. Esses advérbios dêiticos-anafóricos são o que denominam-se de advérbios do discurso. Caracterizam-se por introduzir um novo momento na organização discursiva, que se distingue do anterior por uma mudança de tópico e de orientação discursiva (ex. o advérbio **agora** com valor de contra-expectativa) (MONNERAT, 2005, p. 5).

Ao afirmar que o advérbio **agora** pode funcionar com o valor de contrajunção e não como advérbio de tempo, Monnerat (2010, p. 5) apresenta o seguinte exemplo:

(89)

Você vai ficar charmoso e elegante. **Agora**, bonito é por sua conta.

Nesse exemplo, o **agora** é chamado de advérbio do discurso, pois “abarca uma sequência discursiva mais ampla, definindo um novo momento na organização do discurso, que se distingue do anterior por uma mudança de tópico e de orientação discursiva, em relação ao trecho que o precede” (MONNERAT, 2005, p. 5).

Exemplo com semelhante emprego foi encontrado em nossa pesquisa, no Projeto Mineirês, como podemos observar em (90).

(90)

Isso depende muito da sala. A minha sala, ela tem mais alunos quietos do que bagunceiros (a) **Agora** tem um grupo que pegô uma das piores salas do colégio e em que os alunos são muito bagunceiros (b) (M I 2).

O **agora** é responsável pela introdução de uma sequência que se opõe à anterior, funcionando como contrajunção e apontando para uma nova orientação argumentativa, como diz Monerrat, é um novo momento na organização do discurso.

Monerrat (2005, p. 5), neste mesmo estudo, analisa o emprego do **já** também como advérbio do discurso. Esse advérbio funciona como um mecanismo sintático de contra-expectativa, que pode ser parafraseado por “mas”, como em:

(91)

Para você, a tecnologia Hp photoret é uma nova era. **Já** para a concorrência é o apocalipse.

Tal fato também foi encontrado em nosso estudo, como no exemplo (92), em que o **já** introduz uma sequência adversativa em relação à sequência anterior.

(92)

Os dedos da mão esquerda de um violinista fazem todo tipo de movimentos. **Já** os da mão direita fazem só um: segurar o arco, algo importante, mas simples. Todas essas ações são coordenadas pelo córtex motor, uma fatia acima da orelha que possui um mapa de todo o corpo: um pedaço coordena o pé, outro, a perna, e assim vai até a cabeça. (T E 32).

Souza (2009, p.116), em um estudo sobre o **já**, diz que “esse item linguístico atua também como operador argumentativo, estabelecendo uma relação de contraste entre duas proposições”. (SOUZA, 2009, p.116). Assim, afirma ele, a noção de tempo fica diluída no contexto, como ocorre no seguinte exemplo de língua falada:

(93)

...mas assim a minha opinião sobre ele em relação à música eu acho que ele deve estudar muito ainda em relação a isso (riso) pra mim ele toca mal... **já** o pai dele toca... também lá NE?... o pai dele até que: toca bem mas ele não toca bem não...

Observa-se que a partir de **já** há uma orientação diferente, que contrapõe à opinião do locutor sobre como pai e filho tocam. Souza afirma que esse é um dos usos do **já** que mais caracterizam a gramaticalização desse elemento linguístico, ou seja, há uma passagem de gramatical (advérbio) para mais gramatical (conjunção/conector de contrajunção).

Koch (1984, p.105), examinando os morfemas da língua portuguesa, que funcionam como operadores argumentativos, apresenta o **já** como forma adverbial portadora de pressuposto, ou seja, funcionando como um indicador de mudança de estado. Para confirmar esse fato, ela apresenta o seguinte exemplo:

(94)

O Brasil **já** não tem esperanças de campeão.

Há neste enunciado uma alteração de estado, isto é, havia uma situação x; o Brasil tinha esperança, que passou para uma situação y: o Brasil não tem esperança mais (algum fato ocorreu para que a esperança findasse). Como afirma Koch, pelo discurso, o locutor tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que esse outro compartilhe de determinadas opiniões, como no exemplo acima, o locutor aponta para o interlocutor, por meio do advérbio **já**, uma posição diante de um fato: ter ou não ter esperanças. Isso justifica que o ato de argumentar constitui o ato linguístico fundamental, pois em todo discurso há ideologia e se há ideologia não há neutralidade. Observamos também a pressuposição, pois se **já** não tem mais esperanças é porque um dia teve. Assim está presente no **já** outras possibilidades de leitura.

Este uso parece ocorrer com o **já**, quando substitui o “mais”, apontado por Almeida (1962, p. 276): “O doente **já** não respirava quando o médico chegou.” Ao usar o **já**, o locutor informa também que anteriormente o doente respirava. Assim, temos a ideia de tempo e também a pressuposição de um estado que deixou de ocorrer.

O exame de Koch pode nos ajudar a pensar o **já** como um conector, que, como o **mas**, nos sugere, a partir dele (posto), o pressuposto, ou seja, nos sugere um encaminhamento para uma situação, que se opõe à anterior ou que nos leva a uma trajetória diferente.

Como já dito, Koch (1992b, p.29-31) afirma que ao interagirmos pela linguagem procuramos atuar sobre nosso interlocutor na espera de determinadas reações. Esse processo ocorre, porque, no uso da linguagem, orientamos os nossos enunciados para certas conclusões, ou seja, dotamos esses enunciados com força argumentativa. A língua, diz a autora:

possui, em sua gramática, mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados: a argumentatividade, diz Ducrot, está inscrita na própria língua. É a esses mecanismos que se costuma denominar marcas linguísticas da enunciação ou da argumentação (KOCH, 1992b, p.29).

Sobre essas marcas, que são responsáveis pela estruturação do texto, pela orientação discursiva, temos um outro trabalho de Koch (1992a, p.85-94) que examina os principais conectores interfrásticos e distingue dois tipos básicos de elementos de conexão interfrástica: os do tipo lógico e os do tipo discursivo. Os primeiros têm a função de apontar o tipo de relação lógica que o locutor estabelece entre o conteúdo de duas proposições em um único enunciado, um ato de fala único como, por exemplo:

(95)

Se devolver o dinheiro no dia determinado, (então) não pagará multa.

Observamos duas proposições: uma introduzida pelo conector **se** (antecedente) e outra por **então** (consequente), estabelecendo uma relação em que se afirma: sendo o antecedente verdadeiro, o consequente também o será: “devolvendo o dinheiro em tal dia (não se questiona, não há outra voz), conseqüentemente a multa será liberada”.

Já os encadeadores do tipo discursivo, conforme Koch (1992a, p. 85-94) estruturam os enunciados dos textos por meio de encadeamentos sucessivos, resultantes de atos de fala diferentes. Esse encadeamento pode ocorrer entre orações de um mesmo período, entre dois ou mais períodos e, também, entre parágrafos de um texto. Isso justifica a denominação dada aos conectores desse tipo de operadores ou encadeadores de discurso.

Esses conectores denominados encadeadores de discurso são responsáveis pela estruturação do texto e sua orientação discursiva e se dividem em operadores argumentativos e operadores de sequencialização. Os operadores de sequencialização têm as funções: a) de exprimir a ordenação relativa dos estados de coisas a que se referem, segundo o locutor teve a percepção ou o conhecimento de um dado estado de coisa no mundo relatado, que é a sequencialidade temporal expressa por operadores como antes, depois, primeiro, por fim, etc.; e b) de assinalar a ordem segundo a qual os assuntos abordados no texto são apresentados e desenvolvidos, que é a sequencialidade textual. Quanto aos operadores argumentativos pode-se dizer que eles são responsáveis pela orientação discursiva global dos enunciados que encadeiam, com valor essencialmente argumentativo (Cf. Koch, 1992a, p. 90-92). Eles orientam o sentido do texto em uma dada direção. São marcas linguísticas fundamentais na enunciação. Para Koch, segundo a relação que estabelecem, dividem-se em:

1) Operadores de conjunção como: **e, não só... mas também, tanto, além disso, além de, ainda, nem** (igual a “e não”), que adicionam enunciados cujos conteúdos constituem argumentos a favor de uma mesma conclusão, como apresentamos nos exemplos retirados do estudo de Koch (1992a, p.89-92):

(96)

O candidato apresentou propostas concretas de governo, **além disso**, revela pleno conhecimento dos problemas da população. É sem dúvida o melhor candidato.

A favor da conclusão de quem é o melhor candidato, há a soma de dois argumentos conectados pelo operador de conjunção **além disso**: apresentação de propostas concretas e pleno conhecimento dos problemas da população.

2) Operadores de disjunção argumentativa com orientações discursivas diferentes resultantes de dois atos de fala distintos. A orientação é estabelecida pelos operadores **ou, ou então**:

(97)

Faça o que foi combinado. **Ou** você se esqueceu de sua promessa?

Há nesse enunciado duas falas distintas: uma que ordena e outra que cobra uma promessa. A conexão entre elas ocorre através do operador de disjunção **ou** que, além de argumentativo, tem também um caráter pragmático: a cobrança.

3) Operadores de contração que pertencem à área semântica de oposição, tais como: **mas, porém, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, embora, apesar de**, etc., que se opõem a algo explícito ou implícito em enunciados anteriores.

(98)

Todos participaram das comemorações, **mas** muitos discordaram delas.

A primeira parte do enunciado conduz o leitor a concluir que as comemorações foram satisfatórias, já que todos participaram, entretanto a sequência aponta para uma conclusão diferente, instaurada pelo operador de contração **mas**: a discordância das comemorações.

Observamos que Koch não cita, neste estudo, o **já** e o **agora** como operadores argumentativos com a função de contração, como encontramos em nosso estudo.

4) Operadores de justificativa ou explicação: **pois, que, porque**, através dos quais se introduz um ato de justificativa ou de explicação do conteúdo ou do ato de fala de um enunciado anterior.

(99)

Deve ter faltado energia, **pois** a geladeira está descongelada.

Observamos aqui que não se trata de uma relação de causa e consequência entre os conteúdos de duas proposições, expressos por meio de um único ato de fala, mas tem-se um segundo enunciado resultante de um novo ato de fala, que visa a justificar o anterior: descongelamento explica porque se afirma a falta de energia, funcionando como evidência para se afirmar.

5) Operadores de conclusão: **portanto, logo, então, por conseguinte**, que introduzem um enunciado de valor conclusivo em relação a dois atos de fala anteriores, um dos quais geralmente fica implícito.

(100)

José é indiscutivelmente honesto, **portanto** é a pessoa indicada para assumir o cargo de tesoureiro.

O enunciado incorpora dois atos de fala explícitos: um que afirma sobre a honestidade de José e um outro que argumenta conclusivamente ser o José o indicado para assumir o cargo de tesoureiro e ainda um outro implícito, de consenso em uma sociedade, de que as pessoas honestas são indicadas para o cargo de tesoureiro.

6) Operadores de comparação que estabelecem entre dois termos uma relação de comparação, são eles: **(tanto tal)... como, mais... (do) que, menos... do que**, e possuem um caráter por excelência argumentativo. Koch (1992a, p.93) mostra que, segundo Vogt, a estrutura argumentativa analisa-se sempre em termos de tema e comentário, apresentando-se este como argumento em relação àquele. Assim, no enunciado:

(101)

João é mais alto que Pedro.

Se Pedro for o tema, por exemplo, em resposta a uma pergunta como: Pedro é capaz de alcançar aquele galho? A argumentação será desfavorável a Pedro, podendo ser parafraseada assim: Não Pedro, mas João é capaz de alcançar aquele galho.

Em um outro estudo, Koch (1992b, p.31-38) examina outros tipos de operadores:

7) Operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão: **até, mesmo, até mesmo, inclusive**, como no exemplo:

(102)

A apresentação foi coroada de sucesso: estiveram presentes personalidades do mundo artístico, pessoas influentes nos meios políticos e até **(até mesmo, inclusive)** o Presidente da República.

O sucesso da apresentação foi realmente enorme, pois contou **até** com a presença do Presidente - o **até** assinala um argumento mais forte que orienta para uma conclusão.

8) Operadores que têm por função introduzir no enunciado conteúdos pressupostos: **já, ainda, agora**, etc.:

(103)

Paulo **ainda** mora no Rio.

Há o pressuposto com o operador **ainda** de que Paulo morava lá antes.

9) Operadores que se distribuem em escalas opostas: afirmação total, ou negação total:

um pouco e pouco:

(104)

Ela estudou **um pouco** para o vestibular.

Se estudou **um pouco** tem a possibilidade de passar no vestibular.

(105)

Ela estudou **pouco** para o vestibular.

Em (105), o operador **pouco** aponta para as poucas chances que a estudante tem de passar no vestibular, podendo provavelmente ser reprovada.

Dessa forma, esses operadores discursivos têm por função estruturar, através de encadeamentos, os enunciados em textos, orientando o seu sentido em uma determinada direção argumentativa.

Esses estudos de Koch (1992a e 1992b) nos interessam, pois apontam para os diferentes usos de elementos da língua que são responsáveis pela orientação argumentativa, dentre eles estão os operadores de contrajunção. Entretanto a autora não faz referência aos elementos **já** e **agora**, de que tratamos nesta pesquisa. Dessa forma, consideramos que a nossa pesquisa vem ampliar os estudos do funcionamento dessas unidades linguísticas, na medida em que aponta para novas funções que elas podem exercer como operadores argumentativos e busca verificar como o fazem.

Em nosso estudo, os itens **já** e **agora** serão tratados como conectores argumentativos do discurso, funcionando como: conectores de contrajunção, operadores discursivos modificadores de tópico e marcadores conversacionais. No exemplo a seguir, apresentamos o **já** como um conector argumentativo que introduz o contra-argumento, funcionando de forma semelhante ao “mas”, um **conector de contrajunção**:

(106)

Na Câmara, por exemplo, não há nenhum tipo de votação desde 7 de julho. Duas tentativas de reunir deputados em Brasília durante esse período fracassaram. (a) **Já** no Senado, houve apenas uma semana de esforço bem sucedido, em que foram realizadas votações (b) (T E 13).

Há no excerto, retirado do texto escrito, um encaminhamento inicial, em (a) que focaliza a inoperância da Câmara, não apresentando votação. Na sequência (b), o **já** inicia um

enunciado, colocando o Senado em um cenário diferente, positivo, contrapondo as duas instâncias do legislativo brasileiro, ou seja, enquanto uma instância não mostra resultados a outra, pelo contrário, esforça-se para realizar votações. Essa estrutura pode dirigir o leitor à conclusão de que o Senado é mais sério e eficiente quando comparado à Câmara. Há uma comparação entre as duas instâncias. Podemos afirmar, então, que o **já**, ao deixar de funcionar como advérbio que aponta para a circunstância temporal e passar a pertencer à área semântica da oposição, está em processo de mudança.

Esses itens, em estudo, também, serão tratados como **operadores discursivos modificadores de tópico**, que marcam a introdução de uma nova ideia, ao instituírem uma nova direção para o enunciado anterior, sem contra-argumentar, mas apenas diferenciando uma sequência da outra, como no exemplo a seguir, com o item **agora**, retirado de uma transcrição. Ao descrever a iluminação da casa, o locutor inicia mostrando como a luz vem de fora da casa, a partir dos dois “**agoras**”. Eles modificam a sequência (a), descrevendo a iluminação de dentro de casa:

(107)

DOC. - E o problema da iluminação na sua casa? Como ficou resolvido?

LOC. - Como ficou resolvido? Do meu quarto, por exemplo, é luz direta e luz indireta. A luz direta é feita através de duas janelas: a luz direta vinda da rua de uma janela que é frontal que dá para a praia e outra janela lateral que dá para o morro, como eu havia falado antes. **Agora**, em cima da minha escrivaninha, eu coloquei uma luz, ah, bem em cima que me dá iluminação para escrever à noite, tudo isso. (a) **Agora** há também a iluminação do aquário mas em tonalidade verde por causa das lâmpadas e coisa apropriada (b) (N I 1).

Em ambos os casos (106) e (107), esses elementos funcionam como conectores e operadores discursivos/ argumentativos, já que, como diz Koch (1992a, p. 85), pela estruturação do texto, pela orientação discursiva, por atos de falas diferentes assinala-se uma trajetória que conduz o leitor a uma determinada conclusão.

Assim, observar a argumentatividade no nosso *corpus* será observar o conjunto de instruções utilizadas pelo locutor que vai permitir um percurso do leitor por caminhos diversos e por possíveis leituras.

Câmara (2006, p. 97), em um estudo sobre a multifuncionalidade e a gramaticalização do **já**, aponta diferentes usos para esse item linguístico: de advérbio de tempo e aspecto, de conjunção correlativa e de marcador discursivo.

Interessa-nos, principalmente, o uso como marcador discursivo, pois esse emprego assemelha-se ao encontrado por nós tanto em textos orais quanto escritos.

Vejamos o exemplo de Câmara (2006, p. 100):

(108)

Então o provérbio é japonês é o seguinte; que se disserem que a vida de uma operária japonesa é humana, nasceriam flores nos poste telegráficos ta? saíam um minuto do Pierre Jorge quer dizer pra dizer como realmente não é compatível...como na economia americana é, tá, claro? Quer dizer é uma relação capitalista em desenvolvimento... GLOBAL, **já** no Japão são duas realidades dentro de uma mesma situação.

Câmara diz que o **já** como marcador discursivo “retoma o subtópico ‘economia japonesa’ que vinha sendo desenvolvido pelo professor, até introduzir outro subtópico, ‘economia americana’, com o objetivo de fazer uma comparação, para mostrar que a segunda se desenvolveu de forma global e a primeira não.”

Câmara (2006, p. 107) traz outro exemplo, apontando que o **já** como marcador discursivo exerce a função de estabelecer uma relação contrastiva:

(109)

o Instituto Normal foi uma das melhores bibliotecas que eu já vi até hoje... não talvez e:: matéria de livro... porque a gente sempre levava o livro da gente prá estudar lá... mas... em ambiente... gostoso confortável uma senhora biblioteca muito boa biblioteca silenciosa... **já** a biblioteca do hospital das clínicas eu não acho uma biblioteca muito boa.

A autora, neste estudo, diz que o **já** passa por um processo de gramaticalização que obedece à seguinte ordem: item lexical → conjunção correlativa → marcador discursivo. Ela afirma também que esse percurso pode estar associado a um processo de desativação de traços “em que significados de domínios lexicais, ou menos gramaticais, como do advérbio temporal, são estendidos a domínios mais gramaticais, como do marcador discursivo” (CÂMARA, 2006, p. 7).

Faz-se, dessa forma, uma possível previsão de que haja um *cline*, um percurso que determine a passagem de **já** advérbio, que tem uma maior mobilidade no enunciado, enquanto que o **já** como conjunção possui uma condição de fixidez. Há uma passagem do significado temporal para um valor, uma função de marcador discursivo relacionando porções textuais. (CÂMARA, 2006, p.125).

Esse estudo de Câmara (2006, p. 125) é importante, pois ratifica os fatos encontrados em nosso *corpus* acerca do **agora** e do **já**. Observamos que esses itens passam por um processo de modificação de função e sentido, como estamos apontando durante a apresentação da fundamentação teórica e que será melhor detalhado na parte das análises.

Outra investigação importante é a de Risso (1997, p. 44) que examina a unidade linguística **agora** como marcador discursivo, de forma diferenciada do estatuto de advérbio temporal.

Vejam os exemplos a seguir da autora (1997, p. 44):

(110)

L2 o menino detesta escola... então::...ele acorda... e te pergunta do quarto dele se tem aula... se TEM Aula (ele diz) “Droga estou com sono quero dormir eu tenho dor disso dor daquilo” ... **agora**

dias que não tem aula ele pergunta e a resposta é negativa aí então ele diz para a irmã... “levanta que hoje não tem aula podemos brincar” (risos) ailevan::tam.

L1 (ótimo).

L2 é tudo sem problema.

L1 ahn

L2 isso com cinco anos hein calcula o que que me espera mais tarde ((risos))... (quer dizer o que espera por ele)...

que a alternativa que a gente dá para ele é se não quiser ir à escola então vai trabalhar... mas trabalhar o dia inteiro... que é como o pai

L1 coitado cinco anos

L2 é

L1 e já... colocado assim nessa alternativa não?

L2 porque: já pensou que que eu vou dizer para ele se ele não for eu não sei realmente eu chego na eu fico:: indecisa... porque acho muito cedo para impor mas também se ele aprender a que di-zendo que não quer ir não vai... eu estou criando um prece-dente muito sério...(a)

L1 **agora** talvez ele goste de ficar na cama até mais tarde...

não seria conveniente mudá-lo de período escolar?(b)

Nessa passagem, a autora mostra que o uso do **agora** está relacionado à qualidade da orientação argumentativa com que a palavra/marcador aparece fazendo intermediação do desdobramento de aspectos informacionais novos em uma sequência.

O **agora** comporta a ideia de contra-argumento e com ela a ideia de prospecção. Fazendo avançar o discurso para uma situação nova, direcionando o foco sobre aquilo que o falante quer falar.

Em um outro estudo de Risso (2002, p. 44), cujo exemplo acima foi novamente analisado pela autora, ela diz que:

A porção do fragmento, compreendida até o final da sequência (a), configura o tópico “resistência do filho de L2 à escola...”. A partir daí, tem início o tópico “questão do período escolar dos filhos de L2” [...] A transição para outro tópico, encabeçada pelo marcador, corresponde à manifestação de um ponto de vista diferente a respeito das atitudes do menino. O tom insinuativo (“talvez ele goste de ficar na cama até mais tarde”), preparatório da pergunta lançada logo a seguir (“não seria conveniente mudá-lo de período escolar?”) constitui um modo discursivo contrastante com o que vinha em curso e associa o comportamento do menino não com a malandragem, mas com uma possível inadequação da escolha do período escolar (RISSO, 2002, p. 44).

Em nossa pesquisa encontramos ocorrências que corroboram o observado por Risso (2002) a respeito do **agora**, dentre elas selecionamos a seguinte:

(111)

F: Ah. Acho que foi merecido, né, porque a pessoa fala: “ah, os filmes brasileiro nunca vão chegar aos pés dos filmes americanos.” Mas um filme americano gasta muito, e no Brasil não tem dinheiro pra fazer pra, pro filme. Pra terminar, desde o início do filme até terminar, ele é muito sufoco que eles passam (est). Eu vejo, sabe, eles pedem vários empréstimos, pedem vários empresários, [vejo]... É uma luta muito grande pra conseguir, às vezes, muito pouquinho dinheiro.

E: Mas, é caro?

F: É caro. [é caro fazer filme] Ó, um filme brasileiro assim, dos mais caros, é dez milhões que eles gastam(a). **Agora** em comparação com um filme americano, que não sei quantos quinhentos milhões, diferença é muito alta, entendeu? Tecnologia, é de tudo (b) (P I 6).

Há a partir do **agora**, em (b), um contraste em relação ao que se faz em termos de cinema no Brasil e nos Estados Unidos. Além desse contraste, há um questionamento que desencadeia uma posição crítica de como é difícil fazer cinema no Brasil com poucos recursos e tecnologia. Não é que o cinema brasileiro seja ruim, a questão é ancorada na ordem econômica e política do país, que não tem como primazia a cultura.

Finalmente, apresentamos Schifffrin (1987, p. 241) que diz que o **agora** tem um foco catafórico, direcionando a atenção para o que vai ser dito pelo falante, mesmo que seu dito tenha referência com a informação já dada. A autora diz também que mudança de orientação pode levar a uma mudança de modos discursivos que oscila de tópicos declarativos a interrogativos e a avaliativos, como observamos em uma ocorrência retirada do nosso *corpus*, em que o emprego do **agora** ocorre em uma frase interrogativa:

(112)

F: Tá bom. Antigamente antigamente... o Zico... o Zico jogava o jogo no... no Flamengo... o... (ruído de estalo de boca) como é que diz o... o Júnior (“também”) jogou no Flamengo... Então (hes) era aquele tipo- O Sócrates também jogava... aquele tipo de pessoa que era sempre querido, certo? que é a pessoa que sempre foi... s- s- sempre respeitava a a concentração, n- (hes) sempre não faltava no- no dia de treino, então isso que é um jogador correto. Então pra ele isso foi errado, ele ter saído aquele dia. Aquele- aquilo foi uma concentração que... que valia alguma coisa po- po Flamengo e ele fez errado; então ele recebe! por isso, então ele nunca pode fazer isso o que ele fez. Então o técnico então achou... achou que ele tinha que dar (hes) tinha- eh... tinha que dá uma punição pra ele. Então foi e... então achou essa- o certo foi essa... (pausa)

E: **Agora**, o que... vocês pretendem fazer pro Natal? Tá chegando (“no”) final do ano... vai virar o ano... do milênio!... vamos chegar (“ao”) ano dois mil, Brasil vai fazer quinhentos anos... Como é que está sua expectativa pra isso [tudo]? (P I 2).

Observamos, assim, pelos exemplos retirados do nosso *corpus* e apresentados anteriormente, como o emprego dos itens em estudo, **já** e **agora**, tem mostrado o surgimento de novas funções como as de conectores argumentativos, com o valor de contrajunção, de operadores discursivos modificadores de tópico, tanto na língua falada como na língua escrita e de marcadores conversacionais, somente na transcrição do *corpus* oral. Esses empregos

apontam para novos usos da língua que configuram formas diferentes de argumentação. Também consideramos que essas mudanças podem tratar de um fenômeno que aponta para um possível processo de gramaticalização.

Por esse motivo apresentamos, no próximo item, algumas informações acerca da gramaticalização, trazendo alguns exemplos do nosso *corpus* que salientam esse fenômeno. Entretanto, não pretendemos analisar e estudar o processo de gramaticalização de **já** e **agora**, como ocorreu e está ocorrendo de forma aprofundada, mas apenas deixar registrado que esses novos valores são resultados de um processo de gramaticalização já concretizado, uma vez que os novos valores e funções aí estão e que poderão ou não ter um incremento na sua frequência atual de uso.

1.8 Gramaticalização

Observamos rotineiramente que o sistema linguístico passa por constantes modificações. Surgem novas funções para formas já existentes e novas formas para funções que também já existiam e às vezes também formas novas para uma função nova. Um dos processos de mudança linguística é a gramaticalização, considerada um dos processos mais comuns, dentre outros, nas línguas em geral.

Abordamos essa questão da gramaticalização em nosso estudo, mesmo que ela não seja foco desta tese, o que nos interessa realmente é a argumentação, porque ela foi identificada, e por isso mesmo, achamos que ela deva ser levada em consideração. Vejamos um excerto retirado de nossa transcrição do *corpus* oral, que pode justificar a nossa opção por inserir neste estudo a possibilidade de gramaticalização para os itens **já** e **agora**.

(113)

F: Olha, eu acho que tem sim que muita das vezes, quando num tem ninguém aí na secretaria, que você vai atendê um telefone, você precisa, assim... a pessoa um pouquinho instruída, assim, e pensá... prestá bem atenção como vai atendê o telefone e como vai se dirigí pelo telefone cum a pessoa (est), respondê as perguntas (est). Qué dizê, eu acho que tem que... que tem que tê (est).

E: (“Cuidados também cá cum os professores”)...

F: Ah, tem, tem, tem... comunicá cum os professores, cum a diretora (crianças gritando), tem...

E: Cum as crinças, afinal de contas elas [Ah.] tão aprendendo, né? Aprendendo, é, justamente (a) **Agora**, seu Paulo, seu bairro lá, no Morro da Chacrinha tem alguma festa, assim, especial durante o ano?

F: Tem, tem a festa de São João. (b) (P I 3).

Esse exemplo foi retirado do Inquérito 3, do Projeto PEUL, e nos chamou a atenção, pois nele encontramos 36 ocorrências do item **agora**, sendo 4 como advérbio de tempo, 3 como conector de contração e 24 como operador discursivo modificador de tópico. Em (a), o assunto aborda questões sobre instrução, principalmente ao atender o telefone, a partir do **agora** orienta-se a conversa para um outro aspecto: festa no bairro. Observamos também que ocorre nessa estrutura um fenômeno fonético, marcado na escrita pela vírgula, após o item. Essa pausa é muito importante para definir o **agora** como conector de contração ou operador discursivo modificador de tópico, como observamos em muitos outros exemplos. Essa estrutura, com essa função do **agora**, é empregada diversas vezes, como apontamos anteriormente.

Dessa forma, consideramos importante salientar o que é abordado por Bybee (2003, p. 22). A autora diz que a repetição, além de ser universal ao processo de gramaticalização, suas consequências para a representação cognitiva são fatores importantes na criação da gramática. É certo que não apenas a repetição consegue dar conta do universo da gramaticalização, mas o que é repetido pode determinar os caminhos universais. A explicação para aquilo que se repete requer referências sobre o que os seres humanos conversam e a maneira como eles escolhem estruturar sua comunicação.

Esse critério citado por Bybee pode ajudar a apontar o processo de gramaticalização. Em todas as ocorrências desse inquérito, do exemplo (113), o **agora** é empregado pelo entrevistador, com a intenção de alterar o rumo da entrevista. Observamos também que esse item comporta resquícios de tempo, e esse fato trata de mais um critério da gramaticalização que é o gradualismo, ou seja, alguns sentidos surgem, sem eliminar outras. Os valores coexistem (TRAVAGLIA, 2002a, p.8).

A gramaticalização compreende “as alterações de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de uma unidade linguística que promovem a alteração de seu estatuto categorial” (GONÇALVES et al., 2007, p.15-17).

Para Hopper (1996, p. 217), a gramaticalização é “a transformação de itens e sintagmas lexicais em formas gramaticais”. Ainda reforçando o que foi dito, Hopper e Traugott (2003, p. 23) afirmam que a gramaticalização refere-se à parte dos estudos de mudanças da língua que dizem respeito às questões como: certos itens lexicais e certas construções têm em determinados contextos linguísticos funções gramaticais ou, então, certos elementos linguísticos desenvolvem novas funções gramaticais. Ainda para esses autores (2003, p. 231), a gramaticalização é vista como uma mudança que afeta palavras individuais, mas que também tem um significado que pode ser estendido para a frase.

Para Castilho (1997, p. 26), a gramaticalização tem sido compreendida como o processo de migração de forma de uma categoria lexical ou gramatical para uma categoria gramatical ou para outra categoria mais gramatical.

Exemplificamos o que foi abordado por meio de ocorrências encontradas em nosso *corpus*.

(114)

Como **já** ressaltado, na análise de textos, o aluno deverá perceber que há textos em que o que não foi escrito também deve ser levado em consideração no ato de ler. (T E 16).

Encontramos, no exemplo acima, o advérbio **já** com valor de tempo, função que lhe é própria, de acordo com as gramáticas tradicionais (Cunha e Cintra, 1986; Lima, 2000; Bechara, 2010) e dicionários (Houaiss, 2009 e Ferreira, 2009) e outros estudos. Entretanto em (115) esse mesmo item gramatical é empregado em um artigo científico com outro valor e função. Vejamos:

(115)

O que se pode afirmar sem problema é que o verbo acabar com o valor 4 só não ocorre com o texto injuntivo. A gramaticalização de acabar com valor 4 ocorre de forma aproximadamente equivalente na língua oral (52,94%) e escrita (47,06%). **Já** a ocorrência desse valor é predominante na língua culta com 71,76% das ocorrências, enquanto na não-culta temos 28,24%.(T E 36)

Observamos em (115) que a gramaticalização do verbo acabar com valor 4 ocorre de forma equivalente na oralidade e na escrita, entretanto em (b), aponta-se para uma ocorrência significativamente superior desse verbo com valor 4 na língua culta.

Dessa forma, pode-se dizer que (b) comporta um sentido adverso a (a), e essa adversidade é proposta a partir do item **já**, que deixa sua função gramatical de advérbio, com sentido de tempo, assumindo uma mais gramatical de conector, que comporta a contrajunção.

Isso vem corroborar o que tem sido observado acerca da gramaticalização, a partir dos estudiosos citados, como Traugott (1997, p.1) que diz que a “gramaticalização é o processo pelo qual o material lexical em limitados contextos pragmáticos e morfossintáticos, torna-se gramatical”¹⁰.

A autora afirma que uma hipótese relevante nesta teoria é a da unidirecionalidade, ou seja, um item lexical pode tornar-se um item gramatical, sendo que o inverso, ou seja, a desgramatização não poderá ocorrer.

¹⁰.. “grammaticalization is the process whereby lexical material in highly constrained-pragmatic and morphosyntactic contexts become grammatical” (TRAUGOTT, 1997).

Em Travaglia (2002a, p.3, 4), encontramos que os estudos acerca da gramaticalização devem ser feitos a partir dos fatos em seu contexto textual-discursivo. Ele afirma também que o processo de gramaticalização ocorre em consequência do emprego que se faz dos itens da língua no discurso para a produção de textos que sirvam à interação comunicativa. Ainda, diz que muitos estudiosos concordam com o fato de que a gramaticalização é um processo gradual e sem fim, devido à renovação constante das possibilidades de expressão dos elementos gramaticais e, por isso, ela tem uma dimensão sincrônica, responsável pela variação e uma dimensão diacrônica, responsável pela mudança.

Também, em Travaglia (2002a, p. 8-12), encontramos os princípios mais importantes da gramaticalização, conforme Bybee (2003), Hopper (1996), Castilho (1997), dentre outros.

Os princípios que basicamente regem a gramaticalização são:

- a) Perda ou diminuição do conteúdo lexical e ganho de sentidos funcionais e/ou gramaticais e perda de significância pragmática; ganho de significância sintática e perda ou diminuição de massa fônica.
- b) Continuidade: não é um processo que tenha um fim. A segmentação em fases ou em unidades discretas é sempre de certa forma arbitrária.
- c) Linha da gramaticalização: sempre do mais concreto para o mais abstrato: concreto/específico > abstrato/geral.
- d) Frequência: tendência ao aumento de frequência durante o processo de gramaticalização. A repetição cria a rotina dos itens e usos.
- e) Unidirecionalidade: processo irreversível. Não há desgramaticalização. As linhas da gramaticalização têm uma única direção: discurso¹¹ > sintaxe > morfologia > morfofonologia > zero.
- f) Gradualismo: a gramaticalização não ocorre repentinamente. As camadas surgem gradualmente sem eliminarem as outras, o que faz com que diferentes valores coexistam e se tenha mesmo elementos híbridos, com mais de um valor.
- g) Obrigatoriedade: quanto mais gramaticalizado um item, mais ele é obrigatório em certos contextos e agramatical em outros.
- h) Condensação: menos complexidade dos constituintes na combinação.

¹¹ Travaglia (2002a, p. 16) diz que a fase da discursivização é aquela em que dado item da língua começa a aparecer nos textos, que funcionam discursivamente, com determinados valores ou funções gramaticais ou que progressivamente se tornam gramaticais, por indicarem categoria da língua ou noções de natureza interna da língua ganhando gradualmente foro de regularidades: discursivização> sintatização> desmorfemização.

- i) Coalescência: a gramaticalização faz com que o item gramaticalizado fique preso ao termo com o qual se combina.
- j) Fixação: ocupação de uma posição fixa nas sequências.
- k) Estratificação: há a convivência de soluções gramaticais distintas em um dado momento. Novas camadas não eliminam outras.
- l) Divergência: há uma origem comum, mas que possui funções diferentes.
- m) Especialização: o avanço da gramaticalização das palavras diminui a variedade de escolhas, e formas selecionadas assumem significados mais gerais.
- n) Persistência: há a aderência à nova forma gramatical de traços antigos dos itens.
- o) Recategorização: há um *continuum*: categoria maior (nome, pronome, verbo)> categoria mediana (adjetivo, advérbio)> categoria menor (preposição, conjunção).

Travaglia (2002a) cita ainda parâmetros para detectar o grau de gramaticalização: menor massa fonética; posição mais fixa na cadeia sintagmática; uso mais especializado, para menos valores ou para um só; uso mais obrigatório em certos contextos e agramatical em outros; menor número de opções no paradigma; mais coalescente semântica, morfológica e foneticamente com outras unidades; significado/sentido mais geral e/ou mais abstrato; frequência de uso e diminuição da variedade de formas gramaticais do item.

Travaglia (2002a, p. 12) diz também: “quanto mais um item atende esses parâmetros em comparação consigo mesmo em outros pontos focais identificados na linha do processo de gramaticalização, mais gramaticalizado se pode dizer que ele está” (TRAVAGLIA, 2002a, p. 12).

Nesses exemplos e em alguns outros que apresentamos nesta parte, encontramos os princípios citados por Travaglia, como no exemplo (115), em que o **já** perde um conteúdo gramatical de advérbio de tempo e passa para um mais gramatical de conjunção, assim como há uma unidirecionalidade e uma gradação de advérbio de tempo para conector de contrajunção. Observamos também que há coalescência, pois o item **já**, como conector, está preso ao sujeito do enunciado, assim como está fixado no início desse enunciado. Na troca de posição, ou seja, carregando o **já** para outra posição, retomando o exemplo (115) “a ocorrência desse valor **já** é predominante...”, ele deixa de funcionar como conector de contrajunção e passa a funcionar como advérbio de tempo. Assim, podemos dizer que novas camadas não eliminam outras, há uma origem comum, entretanto com funções diferentes.

Souza (2009, p. 217) fez uma pesquisa que aponta para os usos de **já** em textos do século XVIII, mostrando que os usos desse item como advérbio de tempo são escassos, no

século citado e nos demais séculos. Entretanto, ele encontrou esse item empregado como conjunção argumentativa, estabelecendo um contraste entre duas informações em um texto do século XVIII, como no exemplo a seguir:

(116)

...respondi que tinha muita razão adivinhado, pois que os pés da princesa de Valáquia não podiam ser feitos em Viena tendo ela sido formada em Moscóvia. – Viu V. M. nascer esta deidade? – me perguntou a princesa Pórcia. **Já** os judeus não estavam todos na Rua Nova quando eu conheci o vidonho da investida. Foi esta a ocasião em que desejei pôr-me em polvorosa (SOUZA, 2009, p. 217).

Esse emprego confirma que as mudanças linguísticas podem ocorrer ao longo do tempo, (no século XVIII havia o emprego do **já** com os dois valores: tempo e contraste), e essa renovação contempla a dimensão diacrônica responsável pela mudança e a dimensão sincrônica que institui a variação.

Nesta nossa pesquisa, compreendemos, segundo Travaglia (2002a, p. 3), um item / elemento / unidade da língua como **lexical** “quando seu significado for caracterizado por um conteúdo semântico ligado à indicação de algo do mundo biopsicofisicossocial” e um item / elemento / unidade da língua como **gramatical** “quando o mesmo tiver um significado caracterizado por um conteúdo de natureza funcional, gramatical, relacional, dentro dos limites da organização e funcionamento da língua sem referência a elementos do mundo biopsicofisicossocial.” (TRAVAGLIA, 2002a, p. 3).

Para as categorias lexicais, Souza (2009, p.72) observa que são mais concretas, incluindo objetos, processos e localizações. Possuem um conteúdo semântico isolado, são autônomas, permitem modificadores de diferentes classes, são codificadas por lexemas, compõem uma classe aberta. Para as categorias gramaticais, Souza aponta que são mais abstratas, incluindo conceitos derivacionais. Não possuem conteúdo semântico, isoladamente. São palavras presas (ligadas ao contexto) e não permitem modificadores. Também são codificadas por auxiliares, partículas, clíticos, afixos. Estabelecem relações linguísticas e contextuais de cunho gramatical. Compõem uma classe fechada.

Lehman, citado por Gonçalves et al. (2007, p. 31), identifica estágios de mudanças do item lexical para o item gramatical, que são: a) sintatização, quando um item no discurso adquire propriedades que o deslocam de sua classe de origem; b) morfologização, quando surgem na língua formas presas: afixos flexionais ou derivacionais e c) desmorfemização, quando há o desaparecimento de um morfema e sua função passa a ser assumida por outros itens com os quais ele co-ocorre.

Gonçalves et al (2007, p.66) confirmam o que muitos estudiosos preconizam: “todo fenômeno de gramaticalização pressupõe mudança, mas nem toda mudança pressupõe gramaticalização” (GONÇALVES et al., 2007, p. 66). Assim, reconhecem que a gramaticalização é um processo de criatividade linguística, fundado no dinamismo natural das línguas. Hopper (1996) afirma que “o processo de gramaticalização ocorre em consequência do uso que se faz de itens da língua no discurso para a produção de textos que sirvam à interação comunicativa” (HOPPER, 1996, p. 232).

Em nosso estudo, ao apresentarmos o emprego do **agora**, funcionando como advérbio de tempo, com o sentido de neste momento como em (117), constatamos que ele continua sendo bastante empregado nessa função.

(117)

O Banco Central revisou suas previsões e avalia **agora** que os bancos públicos vão puxar novamente o aumento do crédito em 2010 (T E 2).

Entretanto esse item também é empregado como um conector de contrajunção, responsável pela introdução de uma sequência linguística que opõe-se a outra. É o uso da língua no discurso, adequando-se à situação e produzindo efeitos que permitem a interação comunicativa. Vejamos o exemplo (118), retirado do texto oral do inquérito 3 do PEUL.

(118)

E: É, eu gosto muito do Wanderley Luxemburgo, não que eu “(entenda)” muito de futebol, mas gosto dele.

F: Ele é bom, bom técnico. Aquele menino tá de bola cheia, o Ronaldinho Gaúcho, né? (riso E), tá de bola cheia ele.

E: De uma hora prá outra eles ficam assim, né?

F: É, cresceu, cresceu... tá bem ele. A seleção tem um bom time, **agora** depende do conjunto, entendeu? se esforçá mais ainda, se dedicá mais ainda pro lado profissional deles (est), aí eles chegam lá.(P I 3).

Observamos que o **agora** mobiliza a ideia de contradição, podendo ser substituído por “mas” entretanto, observamos, também, que há resquícios da ideia de tempo, ou seja, neste momento a seleção tem um bom time, mas o sucesso depende da equipe. Há, assim, uma atuação do **agora** com traços temporais, mas prevalecendo como categoria mais gramatical, como um conector de contrajunção.

Acreditamos, portanto, que o processo de mudança evidencia um *continuum* de gramaticalização, e as fronteiras entre os valores e funções não são precisas.

Outro estudo importante sobre gramaticalização é de Martelotta e Rêgo (1996, p. 132-133). Os autores, ao estudarem o **lá**, dizem que o valor dêitico/espacial de **lá** é o ponto de

partida de uma gramaticalização: espaço > (tempo) → texto. Essa teoria baseia-se em Heine et al. (1991), que caracterizam o surgimento de operadores argumentativos a partir de circunstanciadores. Dessa forma, o item **lá**, gradativamente perde o sentido espacial, assumindo novas funções de cunho gramatical.

Esse tipo de mudança presume que um determinado item com valor espacial passa a assumir valores temporais e ao mesmo tempo valores textuais. “O elemento linguístico passa a organizar argumentos e assumir funções interativas referentes a estratégias comunicativas” (MARTELOTTA; RÊGO, 1996, p. 134).

Os autores apresentam o seguinte exemplo:

(119)

Ele trabalhou na casa Sendas de 1993 a 1997, de **lá** pra cá ele vive de biscates.

A expressão ‘de lá pra cá’, dizem os autores, refere-se a um determinado ponto no tempo já mencionado: 1993/1997, e que esse uso temporal surge por um processo de mudança que Traugott e König (1991, apud MARTELOTTA; RÊGO, 1996, p. 134) chamam de pressão de informatividade: um termo assume um novo sentido motivado pelo contexto em que aparece. Nesse caso o **lá** se torna temporal em consequência do fato de que faz alusão a elementos que apresentam valor temporal.

Observamos que em nossa investigação, ocorre a gramaticalização, seguindo essa trajetória: tempo > tempo/conjunção → conector de contração. Vejamos:

(120)

É. Bom. Melhora, melhora. O Rio está melhor do que no tempo do Saturnino Braga. Tá melhor, não tá? Antigamente as luzes ficavam apagadas, né, as ruas (ficavam) todas esburacadas. **Agora** as ruas... Eles passam um negócio lá que arr... arranha a rua assim e depois fica só uma tinturazinha de asfalto e daqui a dois anos está tudo quebrado, mas que melhora, melhora (N I 9).

Nesse exemplo, notamos que o **agora**, como advérbio, passa a funcionar como conector de contração, mas ainda mantendo o valor de tempo, que aponta para o princípio de persistência: antes o Rio era pior, hoje (**agora**) está melhor. Entretanto, o sentido de adversidade é o que aparece forte, pois há uma comparação entre o antes e o agora e nessa comparação uma oposição de ideias: pior e melhor. Um novo sentido surge, a partir de uma motivação do contexto. Esta oposição entre antes e agora parece ter sido o ponto de partida para o item **agora** passar a indicar oposições em outros campos que não o tempo de acordo com contextos que pressionavam no discurso a uma interpretação que não era a de contraste no tempo.

Um outro princípio que observamos é o da coalescência, ou seja, o item gramaticalizado deve aparecer sempre junto ao sujeito da sequência que ele inicia, como no exemplo, a seguir.

(121)

Horas na estrada e praias lotadas vão passar longe do feriado da bancária Josivânia Aparecida Gomes Pereira, 33. Com planejamento e antecedência, ela trocou Ubatuba, no litoral norte de São Paulo, por Porto Seguro, na Bahia, sem pagar mais por isso.

Ela faz parte de um número cada vez maior de moradores da Grande SP que evitam problemas comuns nos feriados. "Já fiquei oito horas na estrada indo pra Ubatuba."

Convencida pela sogra e pela cunhada que embarcam hoje com ela-, o planejamento da viagem começou a ser feito ainda em julho.

A passagem de ida e volta saiu por R\$ 480. (a) **Já a hospedagem** ficou em R\$ 320 (b) (T E 10).

Esse exemplo comprova o que encontramos em outros já apresentados, ou seja, o item **já** deve ser seguido por um sujeito gramatical diferente daquele da sequência anterior: passagem/hospedagem.

Assim, o que apresentamos neste item sobre gramaticalização vem apontar que os itens **já** e **agora**, conforme as ocorrências encontradas em nosso *corpus*, estão passando por um processo de mudança de função, de gramatical, como advérbio, para mais gramatical como conjunção ou operador discursivo de mudança de tópico, e essa mudança configura o processo de grau de gramaticalidade que os exemplos apresentados evidenciam não ser tão recente como se poderia pensar, o que é ratificado inclusive pelo aparecimento desses novos valores na língua escrita, que geralmente demora mais a incorporar novos usos. No entanto, neste estudo, nos limitamos a registrar a existência do processo de gramaticalização e sua realidade, sem pretensões de nos aprofundarmos no estudo desse processo de gramaticalização dos itens **já** e **agora** e de como ele aconteceu e vem acontecendo, até porque o nosso foco é a questão de três usos não adverbiais de **já** e **agora** e de sua contribuição na constituição da argumentação em um viés sincrônico. Todavia não podíamos falar desses novos valores de **já** e **agora** sem registrar que são resultado de um processo de gramaticalização.

CAPITULO 2

METODOLOGIA

O objeto desta pesquisa é o estudo do uso semântico-argumentativo dos itens **já** e **agora**, em diferentes tipos de texto, de acordo com a tipologia proposta por Travaglia (1991, [2003] 2007), nas modalidades oral e escrita da Língua Portuguesa.

Para isso, partimos dos seguintes **objetivos**:

Geral:

Investigar o uso semântico-argumentativo dos itens **já** e **agora**, em diferentes tipos de textos e modalidades oral e escrita da Língua Portuguesa.

Específicos:

- 1) Investigar quais são os valores e condições de uso dos itens **já** e **agora**, em funções não adverbiais, como conectores ou outras funções, em diferentes tipos de textos e nas modalidades oral e escrita da língua;
- 2) Verificar se há preferência no emprego desses itens nessas funções (conectores de contrajunção, operadores discursivos modificadores de tópico e marcadores conversacionais) em estudo, nas diferentes modalidades de língua (oral e escrita) ou em algum tipo de texto (descrição, dissertação, injunção, narração);
- 3) Caso haja preferência por determinado conector em uma ou outra modalidade da língua ou em algum tipo de texto, buscar justificativa para essa preferência;
- 4) Descrever as orientações semântico-argumentativas estabelecidas pelo emprego dos conectores em estudo;
- 5) Verificar ainda a existência de aspectos fonéticos, sintáticos ou outros específicos dos itens **já** e **agora** como conectores ou outras funções não adverbiais e que os caracterizam nestas funções;

6) Verificar se há alguma correlação entre os diversos empregos e funções em foco e sua implementação por alguma faixa etária, gênero, ou pela variedade culta e não-culta da língua.

A partir dos objetivos, elaboramos as **perguntas** de pesquisa:

- 1) Os itens **já** e **agora** têm empregos semântico-argumentativos e discursivos diferentes de acordo com o tipo de texto e as modalidades de língua: escrita e oral?
- 2) Quais as funções e condições de uso desses itens, em diferentes tipos de textos escritos e orais?
- 3) Há preferência no emprego deles nos diferentes tipos de textos e nas modalidades da língua?
- 4) Se há preferência, o que a justifica?
- 5) Os itens **já** e **agora** desencadeiam orientações argumentativas diferentes entre si e em relação a outros conectores de contração?
- 6) Quais os aspectos fonéticos e sintáticos ou outros que envolvem o uso do **já** e do **agora** como conectores e em outras funções não adverbiais e que ajudam a caracterizá-los nestas funções?
- 7) As diferentes funções dos itens **já** e **agora** são preferencialmente usadas por alguma faixa etária, um determinado gênero, uma determinada variedade da língua (cultu ou não culta) e em determinado tipo de texto e modalidade de língua?

Com relação às nossas **hipóteses**, *a priori*, era nossa crença de que os itens **já** e **agora** poderiam funcionar como elementos da língua capazes de estabelecer somente a contração, podendo ser, inclusive, substituídos pelo **mas**, entretanto, no decorrer da pesquisa outras **hipóteses** foram ocorrendo, como:

- 1) Os itens **já** e **agora** são capazes de mobilizar orientações adversas, não só como conector de contração, mas também como modificadores dos tópicos que precedem à sequência introduzida por esses itens e, ainda, como marcadores conversacionais;
- 2) Ao modificar o tópico anterior os itens **já** e **agora** passam a funcionar como operadores discursivos, com função argumentativa;

- 3) Como os tipos de textos e as modalidades da língua oral e escrita possuem modos diferentes de interação, também os itens **já** e **agora** serão empregados conforme esses modos;
- 4) Os itens **já** e **agora**, mesmo funcionando como conectores, podem guardar resquícios de tempo;
- 5) No emprego de **já** e **agora**, como conectores de contração e operadores discursivos há aspectos fonéticos e sintáticos específicos e mesmo outros, que os diferenciam.

Diante disso, desenvolvemos uma investigação, por um lado de **natureza quantitativa**, o que resultou na constituição de 11 tabelas, que apresentam as ocorrências dos itens em estudo, retiradas de um *corpus* constituído por textos escritos e orais. Nas tabelas, são observadas as funções dos itens em estudo como **advérbio**, **conector de contração**, **operador discursivo modificador de tópico** e **marcador conversacional**. Também haverá tabelas, apresentando os itens **já** e **agora** em suas diferentes funções, correlacionados com os tipos de textos (dissertativo, narrativo, descritivo e injuntivo), com as modalidades da língua e com outros parâmetros, específicos da transcrição do *corpus* oral, tais como: culto x não-culto; homem x mulher; jovem x adulto. Por outro lado esta pesquisa é de **natureza qualitativa**, no nível descritivo-analítico, que procura estabelecer as regularidades observadas e, a partir delas, apresentar as análises do funcionamento textual-discursivo dos itens **já** e **agora**.

Neste estudo, constatamos que o **já** e o **agora** apresentam valores que nem sempre estão registrados nos estudos mais tradicionais e nos dicionários. Estes valores são os já citados: conector de contração, operador discursivo modificador de tópico e marcador conversacional. Diante disso, pretendemos observar se determinados fatores favorecem ou não o surgimento e o uso desses itens. Para essa observação, consideramos as seguintes variáveis:

A) NÍVEL DE LÍNGUA:

- a) culta: participantes dos inquéritos com ensino superior completo ou cursando;
- b) não-culta: participantes dos inquéritos com formação escolar até o 3º ano do Ensino Médio;

B) IDADE

- a) jovem: com até 20 anos;
- b) adulto: com 21 anos ou mais;
- C) GÊNERO
 - a) homem;
 - b) mulher.

Esses parâmetros são pertinentes em nossa pesquisa, pois podem indicar o favorecimento do emprego dos itens **já** e **agora**, dependendo da idade, do gênero ou da escolaridade. Eles são levados em consideração apenas nos textos orais, pois muitos textos escritos não são assinados, principalmente, as reportagens e, portanto não há como determinar o gênero e a idade na totalidade do *corpus*. Todos os textos escritos foram considerados de norma culta.

2 *Corpus* da pesquisa

Para a análise do funcionamento textual-discursivo dos itens **já** e **agora**, foram levados em consideração os trechos, nos textos escritos e nas transcrições dos inquiridos, que compõem o nosso *corpus*, em que os itens foram empregados, observando a relação deles com os enunciados que os precedem e os seguem.

O nosso *corpus* é composto de 364.644 palavras, tanto de textos escritos quanto de transcrições dos inquiridos, com 1875/364.644 (0,50%) ocorrências de **já** e **agora**, em todas as funções, incluindo a de advérbio e 336/1875 (0,10%) de **já** e **agora**, nas novas funções analisadas nesta tese: **conector de contrajunção**, **operador discursivo modificador de tópico** e **marcador conversacional**, distribuídas da seguinte forma: **já**:23/336 (6,80%) ocorrências em textos orais e 79/336 (23,50%) ocorrências em textos escritos; **agora**: 223/336 (66,40%) ocorrências em textos orais e 11/336 (3,30%) ocorrências em textos escritos. Essas porcentagens são relativas às novas funções, apontadas nesta tese, excluindo o advérbio.

Salientamos que não computamos duas ocorrências, na transcrição do *corpus* oral, do item **agora**, por estarem em final de frase, deslocados e sem funções.

O *corpus* escrito (ANEXO A: listagem dos textos constitutivos do *corpus* escrito com ocorrências e ANEXO B: listagem dos textos constitutivos do *corpus* escrito sem ocorrências) é composto de 66 textos tanto impressos, quanto retirados da internet, de diferentes fontes

como: jornais, revistas, trabalhos científico-acadêmicos (dissertações, artigos), blogs, sites, jornais e revistas.

O levantamento das ocorrências dos itens **já** e **agora** nos textos escritos, retirados da internet, ocorreu pela ferramenta “localizar” do navegador *Internet Explorer*. Após a localização dos itens, os textos foram copiados, colados e arquivados em pastas no programa *Microsoft Office Word*. Já com os textos escritos, retirados de material impresso, a contagem foi feita manualmente¹².

A transcrição do *corpus* oral (ANEXO C: listagem das transcrições dos inquéritos constitutivos da transcrição do *corpus* oral) é formado das transcrições de 30 inquéritos, sendo 10 do Projeto NURC, 10 do Projeto PEUL e 10 do Projeto Mineirês. O levantamento dos itens **já** e **agora** ocorreu pela ferramenta “localizar” do navegador *Internet Explorer*, já que alguns desses inquéritos estão disponíveis nos sites das universidades em que foram coletados e outros estão em CDs. Esses inquéritos também foram copiados, colados e arquivados em pastas no programa *Microsoft Office Word*.

Para dar equilíbrio entre o nosso *corpus* oral e o escrito, optamos por contar as palavras, sendo que o *corpus* oral tem 197.557 palavras e o *corpus* escrito 167.087 palavras. Com uma diferença de 30.470 entre um *corpus* e outro, o que consideramos que não traria problemas de algum viés para esta tese. Essa contagem foi feita por meio do recurso do programa do *Word*, de contar palavras. Se optássemos pelo número de textos, teríamos um problema, pois as transcrições do *corpus* oral possuem muitas páginas. Por outro lado, esse fato não ocorre com os textos escritos, que têm um número variável de páginas. Temos em nosso *corpus* escrito textos de uma página e de mais de cem páginas.

Dessa forma, observando as pesquisas na área da linguística de *corpus* e da construção de dicionários, que trabalham com número de palavras, consideramos que esse é um bom critério para dar equilíbrio aos dois *corpus*: escrito e falado.

Outra justificativa para essa opção é que com um número aproximado de palavras entre o escrito e o oral, as ocorrências dos itens em estudo podem ter também probabilidade aproximada entre os dois *corpus*.

Registramos ainda que neste estudo, há a predominância de textos escritos do jornal Folha de São Paulo, por opção, já que esse é um dos jornais de maior circulação no país e também porque usa a língua culta, com revisão apurada. Entretanto, como já foi assinalado, recorreremos a outras fontes para compor o nosso *corpus* escrito.

¹² O levantamento e a contagem dos itens **já** e **agora** passaram por duas revisões, permitindo maior confiabilidade dos dados.

Projetos do *corpus* oral

1) **NURC** – Norma Urbana Culta da cidade do Rio de Janeiro.

O Projeto NURC, que teve início em 1970 com o objetivo de caracterizar a modalidade culta da língua falada em centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Porto Alegre e Salvador, visa ao estudo da fala culta, média, habitual, através de uma documentação sonora capaz de fornecer dados precisos sobre a nossa língua, respeitadas as diferenças culturais de cada região. Desde o início, o projeto pretendia estudar uma pluralidade de normas objetivamente comprovadas no uso oral – entendendo-se norma como o que se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada, admitindo variações externas, sociais ou regionais e internas, combinatórias e distribucionais.

Em nosso estudo fizemos a opção pelo projeto NURC do Rio de Janeiro. Esse projeto dividiu-se em três subprojetos: Fonética/Fonologia, Morfossintaxe e Léxico. O material desses subprojetos representa o desempenho linguístico de falantes de ambos os gêneros, nascidos nesta cidade, com escolaridade universitária, distribuídos em três faixas etárias - de 25 a 35 anos, de 36 a 55 e 56 anos em diante - gravados em três situações distintas:

- 1) aulas e conferência: Elocução formal/EF;
- 2) diálogos informais: Diálogo entre dois locutores/D2;
- 3) entrevistas: Diálogo entre locutor e documentador/DID.

O Arquivo Sonoro da fala do Rio de Janeiro abrange um total de 394 entrevistas com 493 informantes, sendo 238 (60,4%) do tipo Diálogo entre informante e documentador (DID), 99 (29,1%) do tipo Diálogo entre dois informantes (D2) e 57 (14,4%) de Elocuções formais (EF).

O final da década de 80 e começo da década de 90 marcam o início da implementação do Projeto Gramática do Português falado, que tem por objetivo a preparação de uma gramática referencial da variante culta do português falado no Brasil, com base no *corpus* do projeto NURC, nas cinco capitais onde o projeto foi desenvolvido: Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Salvador e Porto Alegre.

Complementarmente, com o intuito de analisar a mudança linguística, tornou-se necessário estabelecer um confronto com as gravações dos anos 70. Iniciou-se, assim, em 1992, no Rio, uma ampliação do *corpus*, com a inclusão de 08 entrevistas do tipo DID - recontato de quatro homens e quatro mulheres - que, na década de 70, pertenciam à primeira e segunda faixas etárias e passam a representar a segunda e terceira faixas etárias, na década de 90, respectivamente, e mais 04 novos locutores, pertencentes à primeira faixa etária, 12

informantes, no cômputo geral, portanto. A partir de 1995, foram realizadas outras três outras entrevistas de recontato, pertencentes à terceira faixa etária, na década de 70, e que correspondem, na década de 90, a uma quarta faixa etária (informantes acima de 74 anos).¹³

O material do NURC, analisado em nosso estudo, é composto por 10 transcrições dos inquéritos, considerados suficientes para compor o nosso *corpus*, sendo, 9 DID e 1 D2. Essas escolhas se justificam, porque na busca pelos itens em estudo **já** e **agora**, como conectores argumentativos, eles só foram localizados em uma transcrição na situação de diálogo entre dois locutores (D2) e em nove transcrições de diálogo entre locutor e documentador (DID). Essas situações podem permitir a explicação do uso argumentativo do **já** e do **agora**, já que em ambas a interação entre os interlocutores é privilegiada.

Outro projeto cujo material faz parte de nosso *corpus* é o PEUL.

2) **PEUL**– Projeto de Estudos dos Usos Linguísticos: Amostra Tendência e Amostra Recontato, do Rio de Janeiro.

O grupo PEUL iniciou suas atividades no final da década de 70, mais precisamente no ano de 1979, com um Projeto intitulado **Censo da Variação Linguística do Rio de Janeiro**, coordenado pelo prof. Anthony Naro. Esse Projeto, de caráter interinstitucional, reuniu seus orientandos e ex-orientandos em torno de um ideal comum: o de descrever a sistematicidade da variação observada no português brasileiro, depreender mudanças em tempo aparente e identificar os correlatos estruturais, sociais e funcionais desses processos.

A Amostra Censo serviu de base para a constituição, no período de 1999 a 2000, de duas novas amostras que propiciam a realização de estudos da mudança em tempo real de curta duração¹⁴, tanto no indivíduo: **estudo do tipo painel**, quanto na comunidade: **estudo tendência**.

O PEUL utiliza, para estudar a mudança linguística em tempo real de curta duração, duas abordagens: a) estudo tipo painel, em que o mesmo falante é entrevistado com um

¹³ As informações foram retiradas do site <http://www.letas.ufrj.br/nurc-rj/>. O projeto está sob **Coordenação Geral de Dinah Maria Isensee Callou**.

¹⁴ O estudo da mudança em tempo real (de curta ou longa duração) permite recobrir aspectos que não podem ser detectados pelo estudo em tempo aparente, distinguindo mudanças que se produzem de forma gradual em toda a comunidade linguística daquelas que podem caracterizar a trajetória de comportamento linguístico do indivíduo ao longo da sua vida. Em tempo real de curta duração, essa distinção pode ser apreendida através do que Labov (1994) denominou « estudo de painel » (panel study) e « estudo de tendência » (trend study), que, se inter-complementando, podem fornecer evidências mais seguras acerca do estatuto dos padrões de variação em um dado momento de uma língua. O estudo painel, através da comparação de amostras de fala dos mesmos falantes em diferentes pontos do tempo, permite captar mudanças ou estabilidade no comportamento linguístico do indivíduo e pode fornecer os elementos necessários para distinguir entre mudança geracional e mudança na comunidade como um todo. O estudo do tipo tendência, por sua vez, compara amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, estratificadas com base nos mesmos parâmetros sociais, em dois momentos do tempo. (DUARTE; PAIVA, 2003, p.6-7).

intervalo de tempo, no caso, em torno de 17 anos e b) estudo tipo tendência, com a existência de um *corpus* prévio, que constitui uma nova amostra com falantes diversos daqueles que integram a primeira amostra, que é a amostra recontato.

Para a nossa análise, utilizamos 6 transcrições dos inquéritos da Amostra Tendência e 4 transcrições dos inquéritos da Amostra Recontato. A escolha dessas amostras ocorreu, pois nelas localizamos os itens **já** e **agora**, com funções diferentes das normalmente preconizadas por muitos estudos e gramáticas, e esse fato atende os nossos objetivos.¹⁵

Esse Projeto, com o interesse de desvendar o universo variável presente na língua escrita, verificar a sistematicidade dos princípios que atuam sobre a variação e a mudança linguística e identificar a trajetória de processos de mudança, acrescentou, no período de 2002 a 2004, uma amostra de língua escrita, representada por textos jornalísticos de diversos gêneros. Entretanto não utilizamos esse *corpus* em nosso estudo.

3) **MINEIRÊS**: Construção de um Dialeto: o Mineirês Belo-Horizontino, do Núcleo de Pesquisa em Variação Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, entre 2006 e 2008.

Esse projeto visa ao estudo do dialeto falado em Belo Horizonte, contrapondo a outros núcleos do estado: Ouro Preto e Mariana, dentre outros. Ele objetiva também identificar e descrever as especificidades do dialeto falado belo-horizontino contemporâneo e explicá-los com base em dados sócio-históricos. Os informantes são pessoas de diferentes níveis de escolaridade (ensino fundamental, médio e superior) e de faixas etárias também diferentes (de 15 a 25 anos, de 30 a 45 anos e acima de 45 anos)¹⁶.

A justificativa pela escolha de dois *corpus* da cidade do Rio de Janeiro é que o Rio é a capital que tem o material oral tanto da língua culta (NURC), quanto da não-culta (PEUL). A escolha pelo Mineirês é que esse projeto contempla as duas variedades da língua (culto e não-culto) e também é de Minas Gerais, estado em que a tese se desenvolve.

Outro aspecto importante, que salientamos, é que as transcrições dos inquéritos que compõem o *corpus* da língua oral fazem parte da década de 1970 até a década de 2000. Esse tempo abarcado, um período de cerca de 30 anos, não representa, pela prática de estudos da língua, que tenha havido uma mudança significativa dos itens em estudo. Isso justifica o fato de essa pesquisa não controlar nas tabelas o parâmetro época, porque o nosso objetivo não é

¹⁵ As informações acerca do Projeto PEUL foram retiradas do site: <http://www.lettras.ufrj.br/peul/historia>.

¹⁶ RAMOS, Jânia M. (Coordenadora do Projeto) Corpus do Dialeto Mineiro: textos orais; textos escritos dos séculos XVIII, XIX e XX. Belo Horizonte, UFMG/FAPEMIG/CNPq/ Núcleo de Pesquisa em Variação Linguística, 2007 (versão eletrônica). <http://www.lettras.ufmg.br/mineires/> acessado em outubro de 2010.

desenvolver um estudo diacrônico, mas como é o comportamento dos itens **já** e **agora** no Português contemporâneo (2ª metade do século XX e início do século XXI).

Após o levantamento dos itens, eles foram quantificados e colocados em tabelas, usando o programa *Microsoft Office Excel 2007*.

Agradecemos aos três projetos (NURC, PEUL e Mineirês) na pessoa de seus coordenadores e responsáveis, a cessão do material para que pudéssemos realizar este estudo.

2.1 Critérios para a descrição analítica

Neste estudo, a descrição analítica do **já** e do **agora** se deu a partir de critérios semântico-argumentativo, sintático e fonético de que falamos a seguir.

2.1.1 Semântico-argumentativo

a) se o **já** e o **agora** assinalam circunstância temporal, eles funcionam como **advérbio de tempo**:

(122)
Maria **já** leu o livro.

O **já** é usado, nesse exemplo, com o sentido de uma ação transcorrida anteriormente¹⁷, que argumentativamente pode levar o interlocutor a questionar, a querer saber de Maria sobre o livro ou, por exemplo, pode ser uma defesa de Maria frente ao interlocutor, pelo locutor.

(123)
João chegou para a reunião **agora**.

O **agora**, empregado com o significado de neste momento, pode apontar para um comportamento inadequado ou não de João: chegou no horário ou está atrasado.

b) se (a) traz uma informação com função X e (b) traz outra informação com função Y, que opõe a (a), dando um encaminhamento contrário, os itens que ligam as duas sequências (a) e (b) são identificados como **conectores de contrajunção**, como no exemplo (124).

(124)
Maria dirige bem (a), **já/agora**, sua irmã dirige mal (b).

¹⁷ Outros sentidos do **já** e do **agora**, como advérbios de tempo, são encontrados em dicionários e foram registrados no referencial teórico.

Em (a), há uma informação a respeito de Maria e sua habilidade ao conduzir um carro, em (b), além da informação contrária, em relação à mesma habilidade, sobre a irmã de Maria, há também uma orientação argumentativa que sugere, por exemplo, não pegar carona com ela, pois corre-se risco.

c) se (a) traz uma informação com função X e (b) traz outra informação com função Y, mudando o tópico de (a) e, conseqüentemente, a sua orientação argumentativa, os itens que ligam as duas seqüências (a) e (b) (**já** ou **agora**) são identificados como **operadores discursivos modificadores de tópico** como no exemplo (125).

(125)

Ao se aposentarem, João resolveu fazer trabalho voluntário, **já/agora** sua esposa optou por viajar.

Em (a), há a informação do que João decidiu fazer após a aposentadoria, trabalho voluntário, em (b), essa informação é modificada, já que sua esposa fez outra escolha, viajar. Essa informação é estabelecida a partir do emprego dos itens **já/agora**. Há, não uma oposição de ideias como no exemplo anterior (124), mas uma informação que difere a respeito das opções do casal.

d) outra função, a partir do critério semântico-argumentativo, encontrada nesta pesquisa, especificamente com o item **agora**, e presente somente na oralidade, é a de manter o turno da conversação, estruturando-a. Nesse caso, temos o **agora** como **marcador conversacional**, que argumentativamente chama a atenção do interlocutor para manter o diálogo em funcionamento, como em (126).

(126)

(a)- Você tem visto Marta?

(b)- Não, bem... **agora**... sabe, vi Marta a semana passada, e adivinha com quem ela estava?

O falante (b) emprega o **agora** com a função de manter a conversação, sem integrar o conteúdo cognitivo do texto, contribuindo apenas para a continuidade do assunto, tanto que outros elementos da língua aparecem com o **agora**, como o bem, e o sabe, com a mesma função. Argumentativamente, o **agora** tem a força de manter o discurso, segurando a atenção do outro falante.

2.1.2 Sintático

Outro critério utilizado nesta pesquisa, para observar o funcionamento textual-discursivo dos itens **já** e **agora**, como conector de contrajunção ou operador discursivo é o sintático, cujos aspectos observados foram:

a) o **já** e o **agora** iniciam sempre a oração que eles modificam, ou como conector de contrajunção ou como operador discursivo modificador de tópico.

(127)

Ele trabalha na escola do estado (a), **já/agora**, sua esposa trabalha na escola da prefeitura (b).

Iniciando a sequência que estabelece a mudança de tópico, como operadores discursivos o **já** e o **agora** não podem se deslocar dessa posição, pois se isso ocorre eles passam a mobilizar, não mais a ideia de operador modificador de tópico, mas a ideia de tempo, como advérbio. Vejamos: “Ele trabalha na escola do estado (a), sua esposa, **agora**, trabalha na escola da prefeitura” (atualmente) ou “Ele trabalha na escola do estado, sua esposa, **já**, trabalha na escola da prefeitura” (há algum tempo).

b) coocorrência com um termo da oração, que é o sujeito.

(128)

João joga tênis (a), **já/agora** sua irmã não gosta de esportes (b).

Observa-se que como conectores de contrajunção ou operadores discursivos modificadores de tópico **já** e **agora** só podem ocupar a posição inicial da oração em que se inserem, antecedendo o sujeito sintático dessa oração. Quanto à posição do marcador conversacional, observamos que o **agora** é empregado, marcando um espaço entre uma ideia que deverá ter sequência ou não.

2.1.3 Fonológico

O critério fonológico foi observado, principalmente, na transcrição do *corpus* oral, pois ao ouvir as entrevistas, que estão disponíveis nos sites das universidades, observa-se que, quando **já** e **agora** funcionam como conector de contrajunção ou operador discursivo que modifica o tópico anterior, há uma pausa antes e depois de **já/agora**. Na transcrição do *corpus* oral, essa pausa pode ser marcada pelos sinais de pontuação, a vírgula, ponto final ou reticências, principalmente, com o **agora**. Como no exemplo:

(129)

Pedro faz medicina (a), **agora**, seu irmão faz engenharia (b).

Para dar um encaminhamento diferente à sequência (b), empregou-se o **agora**, que funciona como operador discursivo, mudando o tópico de (a). Nesse emprego, fez-se uma pausa antes e após o **agora**, marcada pela vírgula. Sem a vírgula (pausa) a sequência mantém o sentido, mas causa um certo estranhamento, porque a ausência da pausa se liga ao sentido temporal como em (130).

(130)

João viajou na semana passada, **agora** deve estar em casa.

Para a análise do funcionamento dos itens **já** e **agora**, foi levado em consideração o excerto, nos textos que compõem o *corpus*, onde os itens foram empregados, observando a relação deles com os enunciados que os precedem e os seguem.

Assim, as ocorrências dos itens em estudo são analisadas como: a) **conector de contrajunção**; b) **operador discursivo modificador de tópico** e c) **como marcador conversacional**. Os itens como **advérbio de tempo** são usados como elemento de comparação para as novas funções, já que o número de ocorrências do **já** e do **agora** como advérbio é muito significativo.

Reiteramos que quando falarmos de conector de contrajunção, de operador discursivo e de marcador conversacional, estamos falando dessas funções apresentadas.

Vamos observar, também, a relação entre as funções relacionadas anteriormente e o tipo de texto. Para isso, optamos pela tipologia textual de Travaglia (1991, [2003] 2007), que estabelece quatro tipos de textos dentro de uma determinada perspectiva do locutor que já explicitamos: **descritivos, narrativos, dissertativos e injuntivos**.

As ocorrências retiradas dos textos para exemplificação são identificadas, como já foi colocado, ao final do excerto, da seguinte forma: a) para os exemplos retirados das transcrições dos inquéritos do PEUL colocamos entre parênteses a letra inicial do nome do projeto, o I de inquérito e o seu número: (P I número do inquérito); b) para os exemplos das transcrições dos inquéritos do NURC colocamos entre parênteses a letra inicial do nome do projeto, o I de inquérito e o seu número: (N I número do inquérito); c) para os exemplos das transcrições dos inquéritos do Projeto Mineirês colocamos entre parênteses a letra inicial do nome do projeto, o I de inquérito e o seu número: (M I número do inquérito) e d) para os textos escritos a identificação será: entre parênteses o T de texto, E de escrito e o seu

respectivo número: (T E número do texto). Estes números referem-se à ordem em que os textos aparecem nos anexos.

Todos os textos do Projeto NURC e aqueles textos com participantes do Projeto Mineirês, com Ensino Superior completo ou cursando, são considerados cultos.

Já todos os textos do Projeto PEUL e os textos do Projeto Mineirês, cujos participantes cursaram até o 3º ano do Ensino Médio, são considerados não-cultos.

Para jovens e adultos, observamos que no Projeto NURC há somente adultos, nos outros projetos há tanto jovens, em número menor, quanto adultos. Em relação a homens e mulheres, observamos que essa variável está presente em todos os textos da modalidade oral.

Assim, para a montagem das tabelas da transcrição do *corpus* oral, essas variáveis são consideradas, já que queremos observar se alguma delas favorece o emprego dessas novas funções.

Não trabalhamos com essas variáveis na modalidade escrita, pois não temos dados suficientes para compor as tabelas, uma vez que nem todo texto é assinado como já explicamos.

Outro aspecto, que é importante salientar, diz respeito à perspectiva sincrônica, assumida nesta pesquisa. Não fazemos um estudo histórico do surgimento das funções de **já** e **agora**, mas apenas o estudo de quanto elas ocorrem e de como elas acontecem na constituição dos textos. Nos próximos capítulos expomos o resultado da análise quantitativa e apresentamos análises do uso de **já** e **agora** nas funções não adverbiais enfocadas.

CAPÍTULO 3

FUNÇÕES DE JÁ E AGORA: ASPECTOS QUANTITATIVOS DE SUA OCORRÊNCIA

Apresentamos as tabelas para os itens **já**¹⁸ e **agora**, com os resultados levantados a partir do *corpus* tanto oral quanto escrito, com as respectivas funções e variáveis.

Relembramos que as funções em estudo são:

- a) marcando a oposição entre enunciados, o **conector de contrajunção**;
- b) instaurando um novo tópico, uma nova direção para o enunciado anterior, o **operador discursivo modificador de tópico**;
- c) assinalando relações interpessoais, envolvendo os interlocutores, o **marcador conversacional**.

Levantamos também as ocorrências de **já** e **agora** como **advérbios**, para observar o favorecimento das variáveis no emprego das novas funções.

As variáveis quantificadas são as apresentadas na metodologia, a saber:

- a) culta x não-culta;
- b) homem x mulher;
- c) jovem x adulto;
- d) oral x escrito;
- e) tipos de texto: descritivo, dissertativo, injuntivo e narrativo.

¹⁸ Não contemplamos em nossa pesquisa, por não ser de interesse, a análise da locução “já que” como conjunção causal e de “já... já” como conjunção alternativa.

TABELA 1Ocorrências no *corpus* da modalidade oral do item **já**: inquéritos e funções.

INQUÉRITOS / FUNÇÕES	PEUL		NURC		MINEIRÊS		TOTAL	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Advérbio	604/608	99,35%	222/232	96,00%	291/300	97,00%	1117/1140	98,00%
Conector de contrajunção	3/608	0,49%	10/232	4,00%	2/300	1,00%	15/1140	1,30%
Operador discursivo ¹⁹	1/608	0,16%	0/232	0,00%	7/300	2,00%	8/1140	0,70%
Marcador conversacional	0/608	0,00%	0/232	0,00%	0/300	0,00%	0/1140	0,00%
TOTAL	608	100,00%	232	100,00%	300	100,00%	1140	100,00%

¹⁹ A função operador discursivo, que aparece nas tabelas, equivale a operador discursivo modificador de tópico que está nas descrições das tabelas.

A tabela 1, que apresenta as ocorrências da modalidade da língua oral, do item **já**, nas transcrições dos inquéritos dos Projetos PEUL, NURC e MINEIRÊS, com as funções de advérbio, conector de contrajunção, operador discursivo modificador de tópico e marcador conversacional, aponta que o uso do **já** como advérbio, 98,00% é o mais relevante em termos quantitativos em relação às outras funções, apresentadas neste estudo. Entretanto, mesmo que a diferença entre os usos de advérbio e as demais funções seja quantitativamente muito significativa, as porcentagens revelam que alguns usuários da língua oral estão empregando o **já** não só como advérbio 98,00%, mas também como conector de contrajunção 1,30% e como operador discursivo 0,70%. Observamos que com o **já** não houve ocorrências como marcador conversacional. Quando cotejamos a Tabela 1 com a Tabela 2 notamos que há diferenças entre o **já** e o **agora** em relação ao emprego não só como marcador conversacional, pois o **agora** aparece (Cf. Tabela 2) com 1,50% de uso nesta função, apontando para um outro modo de uso do **agora**, na transcrição do *corpus* oral, como marcador conversacional, que não ocorre com o **já**. Observa-se, também, que o **agora** aparece nas funções de conector de contrajunção (19,00%) e operador discursivo modificador de tópico (21,50%), com porcentagens bem superiores àquelas encontradas para o **já**.

Outro aspecto que podemos perceber é a porcentagem de ocorrências do **já**, como conector de contrajunção nos inquéritos do Projeto NURC (4,00%), que toma como material de investigação a língua culta. O fato de aparecer o **já** como conector de contrajunção, nesse projeto, coaduna, como se pode observar na Tabela 4, com o uso desse item no *corpus* escrito, que comporta somente a língua culta. Como conector de contrajunção, o **já**, em textos escritos, teve um emprego expressivo de (24,60%) (Cf. Tabela 4), ou seja, esse item tem um uso significativo, tanto no oral (culto) como no escrito (culto), com o valor de adversidade.

Enfim, o que realmente observamos, nesta tabela, é que o **já** tem um emprego prevalente como advérbio temporal, mantendo o uso preconizado pela gramática e vários estudos linguísticos, entretanto há um início de emprego desse item, em outras funções como conector de contrajunção e operador discursivo modificador de tópico, assinalando o uso do **já** como uma outra forma de orientar o interlocutor argumentativamente.

Para possibilitar uma compreensão clara do que apresentamos na Tabela 1, a seguir, retiramos da transcrição do nosso *corpus* oral, exemplos do **já**, com as respectivas funções de:

advérbio

(131)

Eu achu qui isso divide im psicólogos i psicólogos eu achu qui tem psicólogos qui si importam sim im levar esse conhecimeto qui a genti tem é esse poder entre aspas qui a genti podi tê di ajudar as pessoas pras pessoas qui não tem acesso a psicologia mais tem outros psicólogos qui **já** vêem di uma forma diferenti qui acham qui qui é uma forma di ver certo. (M I 1).

conector de contração

(132)

Hum-hum. E, quando você e os seus amigos saem, vão à discoteca ou a algum... (hes) vão fazer algum programa, como é que cês vão vestidos (“sempre”)?

F- Ah, eu vou de calça jeans ou então bermuda... eh... calça larga assim, vou de camisa Polo, camisa social, depende do evento, depende da situação...saindo com short prefiro ir de bermuda e tênis...**já** indo pruma danceteria prefiro ir de sapato e calça... Depende da situação. (P I 4).

operador discursivo modificador de tópico

(133)

...no primero dia, a gente fez uma reunião com o professor lá,ele explico como que seria desenvolvido o projeto, o que que a gente faria e na prática mesmonós não fizemos nada,só escutamos mesmo. **Já** no segundo dia, na segunda quarta, que é uma vez por semana que nós vamos lá e... toda quarta-feira e na segunda quarta nós já fomos pra área de recolhimento de material... (M I 2).

Como marcador conversacional, de acordo com o que foi registrado na Tabela 1, o **já** não foi empregado.

TABELA 2Ocorrências no *corpus* da modalidade oral do item **agora**: inquéritos e funções

INQUÉRITOS / FUNÇÕES	PEUL		NURC		MINEIRÊS		TOTAL	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Advérbio	195/329	59,20%	73/140	52,10%	38/60	63,30%	306/529	58,00%
Conector de contrajunção	55/329	16,80%	29/140	20,70%	17/60	28,30%	101/529	19,00%
Operador discursivo	73/329	22,00%	36/140	25,80%	5/60	8,40%	114//529	21,50%
Marcador conversacional	6/329	2,00%	2/140	1,40%	0/60	0,00%	8/529	1,50%
TOTAL	329	100,00%	140	100,00%	60	100,00%	529	100,00%

Na Tabela 2, que apresenta as ocorrências do **agora**, nos inquéritos dos Projetos PEUL, NURC e Mineirês, da transcrição do *corpus* oral, observamos que esse item tem um uso diferente, quando cotejado com o uso do **já** na Tabela 1, ou seja, enquanto o **já** tem 98,00% de ocorrências como advérbio, o **agora**, nessa mesma função, apresenta 58,00% de uso. Isso significa que o **agora** tem um emprego significativo, além da função de advérbio, em outras funções como: conector de contrajunção com 19,00%, operador discursivo modificador de tópico, com 21,50% e como marcador conversacional com 1,50%.

Outro dado é que o **agora** ocorreu em todos os inquéritos dos Projetos do *corpus* oral e em todas as funções, exceto como marcador conversacional, no Projeto Mineirês. Essa situação é diferente do **já** que não foi empregado como marcador conversacional em nenhum inquérito, e, também, não foi empregado como operador discursivo modificador de tópico, no Projeto NURC (Cf. Tabela 1).

Assim, as porcentagens da Tabela 2 apontam para um uso significativo das três funções não adverbiais do **agora**, a saber: conector de contrajunção, operador discursivo modificador de tópico e marcador conversacional. Esse fato configura novos usos desse item pelos usuários da Língua Portuguesa, com diferentes orientações argumentativas, na modalidade oral da língua.

Observamos também, na tabela 2, que a diferença entre o emprego do **agora** como conector de contrajunção: 19,00% e operador discursivo modificador de tópico: 21,50% não é tão significativa. Há então uma equivalência de uso, entre apontar para uma relação de adversidade, entre as sequências, como conector de contrajunção, ou direcionar a sequência, iniciada pelo **agora**, para outro foco, como operador discursivo.

Comparando as ocorrências do **agora** na transcrição do *corpus* oral, Tabela 2, com as ocorrências no *corpus* escrito, Tabela 4, notamos que esse item tem um emprego maior, na língua escrita, como advérbio (72,00%), quando comparado com a língua oral (58,00%). Outro dado observado é que o **agora** teve um uso maior como conector de contrajunção no Projeto Mineirês, com 28,30%, do que no NURC: 20,70% e no PEUL: 16,80%. Já como operador discursivo modificador de tópico ele tem um emprego menor no Projeto Mineirês, com 8,40%.

Além das funções de advérbio, conector de contrajunção e operador discursivo modificador de tópico, encontramos em nossa transcrição do *corpus* oral, como vemos nesta Tabela 2, ocorrências do **agora** como marcador conversacional: 1,50%. Nessa função, o **agora** é empregado como um elemento da língua, normalmente, desprovido de conteúdo cognitivo e papel sintático, mas que colabora com a construção e interação textuais.

A seguir, exemplificamos os empregos com o item **agora**, da Tabela 2:

Advérbio:

(134)

E- Hum-hum... (ruídos) mas hoje você solta pipa com seus amigos, não?

F- Solto, pipa com (“o meu”) amigos, mas eh... tudo aqui, dentro de meu condomínio, tem época (“entende?”) (est) e acho que pipa... todo lugar tem época... (est) Aí assim em época das férias é onde o pessoal que mais solta pipa.

E- Hum-hum.

F- É por isso **agora** que o pessoal tá em época de bolinha de gude. (est) Tá cheio de bolinha de gude aqui (falando rindo) em casa.

E- Hum-hum. E, na época na época da pipa, os seus amigos, eles soltam pipa BEM ou eles não são de nada? (P I 4)

Conector de contração:

(135)

Bom, nós temos aqui um código de obras. Eles só, só admitem aqui que nós E... que nós respeitemos o gabarito. **Agora**, o feitiço do prédio não precisa ser idêntico ao do vizinho. Pode, pode ter, eh, pilotis, pode ter um jardim por bai... por baixo, como agora é normal nós termos, E, nós temos aqui, quer dizer, nós temos pilotis então ali debaixo tem jardim. Então isso varia muito. Lá não pode fazer isso não, então o negócio lá é completamente diferente do que aqui na Guanabara e outras regiões (N I 10).

Operador discursivo modificador de tópico:

(136)

F: Ah, nós somos, assim, bem assim, sabe? uma família, sabe?, aí quando muita das vezes a gente tá precisando de um vizinho aí tem outro logo prá socorrê, entendeu?, qualquer parte, (“entendeu?”), tanto faz na parte da doença ou na parte da necessidade, assim, que precisá de uma coisa, qualquer, assim, vamos supô, às vezes precisa de uma enxada, às vezes precisa dum açúcar, dum arroz ou dum feijão, a pessoa tá sempre ali prá... prá...

E: (inint) o seu relacionamento cum seus vizinhos é...

F: É ótimo, é ótimo. É ótimo.

E: **Agora**... [É ótimo.] o Sr. tem muitos amigos no bairro? Tem os vizinhos, pode se considerá, né?

F: Ah, tem, tem muitos, tem muitos mesmo.

E: Aqueles desde infância.... (P I 3).

Marcador conversacional:

(137)

Não. Isso aconteceu a semana passada mesmo. **Agora**. Eh... Eu assim, primeiro eu conheci ela, já tem um tempinho que eu... Que eu que eu a conheci. Já tem... Deve tê um mês mais ou menos (M I 9).

TABELA 3Ocorrências dos itens **já** e **agora** na transcrição do *corpus oral*: itens e funções

ITENS / FUNÇÕES	JÁ		AGORA		TOTAL	
	Número	%	Número	%	Número	%
Advérbio	1117/1140	98,00%	306/529	58,00%	1423/1669	85,20%
Conector de contrajunção	15/1140	1,30%	101/529	19,00%	116//1669	7,00%
Operador discursivo	8/1140	0,70%	114/529	21,50%	121/1669	7,20%
Marcador conversacional	0/1140	0,00%	8/529	1,50%	9/1669	0,60%
TOTAL	1140	100,00%	529	100,00%	1669	100,00%

Na tabela 3, objetivamos fazer um cotejo entre o uso dos itens **já** e **agora** e suas funções, investigadas neste estudo, na transcrição do *corpus* oral.

Observamos, de forma geral, que o **já**, como advérbio tem uma porcentagem maior de ocorrências: 98,00%, que o **agora**: 58,00%. Esse fato aponta para a manutenção de emprego, do item **já**, na função de indicador de circunstância temporal, de acordo com estudos já feitos e de acordo com o que preconizam as gramáticas tradicionais. Já o **agora** apresenta um uso consideravelmente diversificado, revelado pelas seguintes porcentagens: como advérbio: 58,00%; como conector de contrajunção: 19,00%; como operador discursivo modificador de tópico: 21,50% e, com uma porcentagem mais baixa, como marcador conversacional: 1,50%.

Assim, essa Tabela 3 mostra que, na modalidade oral da língua, o **agora** está sendo mais empregado que o **já** nas novas funções, apontadas neste estudo.

Entretanto, o **já**, apesar de baixa ocorrência como conector de contrajunção: 1,30% e operador discursivo modificador de tópico: 0,70% e nenhuma ocorrência como marcador conversacional, ele também apresenta mudanças de emprego, isto é, admite-se, que mesmo sendo empregado expressivamente mais como advérbio, as porcentagens indicam um início do uso que aponta para diferentes funções que, como se verá, apresentam diferentes orientações argumentativas.

Já o **agora** apresenta um emprego significativamente superior das funções não adverbiais em relação ao emprego do **já**, como já assinalamos. Dessa forma, esses dados revelam que os usuários da língua oral estão empregando o **agora** em funções não adverbiais com maior frequência do que empregam o **já**. Como veremos essas funções revelam um emprego argumentativo de maneiras diferentes dos demais conectores de contrajunção e operadores.

TABELA 4

Ocorrências do **já** e do **agora** no *corpus* escrito: itens e funções.

ITENS / FUNÇÕES	JÁ		AGORA		TOTAL	
	Número	%	Número	%	Número	%
Advérbio	88/167	52,70%	28/39	72,00%	116/206	56,00%
Conector de contrajunção	41/167	24,60%	4/39	10,00%	45/206	22,00%
Operador discursivo	38/167	22,70%	7/39	18,00%	45/206	22,00%
Marcador conversacional	0/167	0,00%	0/39	0,00%	0/206	0,00%
TOTAL	167	100,00%	39	100,00%	206	100,00%

Na tabela 4, que apresenta o uso do **já** e do **agora** em textos escritos, observamos que o **já** como advérbio: 52,70% apresenta uma porcentagem inferior em relação às ocorrências do **agora** 72,00% nessa mesma função. Esse fato indica que o **já**, no *corpus* escrito, tem mais ocorrências nas novas funções, propostas por esta pesquisa: conector de contrajunção: 24,60% e operador discursivo modificador de tópico: 22,70%. Ou seja, há um uso argumentativo do **já** que constata formas diferentes de orientar o interlocutor.

Nesta tabela, podemos observar também que, se por um lado, o **já** funciona como conector de contrajunção com 24,60% e como operador discursivo modificador de tópico com 22,70%, por outro lado o **agora**, nessas mesmas funções, apresenta porcentagens inferiores como conector 10,00% e operador 18,00%. Esses dados apontam que nos textos escritos o **já** é empregado nas funções não adverbiais ao contrário do que muitos estudos linguísticos e gramáticas tradicionais preconizam sobre esse item. Já nos textos orais o item linguístico que evidencia novas maneiras de orientar a argumentação é o **agora**, como podemos cotejar com a Tabela 3. Nela, o **agora** foi mais expressivo como conector de contrajunção: 19,00% e como operador discursivo 21,50% do que o uso do **já**, nessas funções, com apenas 1,30% como conector e 0,70% como operador. Essas porcentagens revelam um quadro interessante de uso nas duas modalidades, pois parece que as funções não adverbiais de **já** e **agora** têm frequência maior conforme a modalidade da língua: **já** é mais frequente na língua escrita e **agora** é mais frequente na língua oral. A explicação desse fenômeno, parece-nos, demanda uma pesquisa com elementos que possam justificá-lo. Ou seja, temos uma mudança de função de **já** e **agora** que parece bastante influenciada pela modalidade da língua. Entretanto, mesmo com as diferenças de porcentagens, observamos que há uma mudança de uso desses itens tanto na língua oral quanto na língua escrita.

O resultado geral, das ocorrências nos textos escritos nessa Tabela 4 parece garantir que os itens em estudo estão sendo empregados não só como advérbios 56,00%, mas também como conectores de contrajunção: 22,00% e como operadores discursivos modificadores de tópicos: 22,00%, indicando o emprego de uma estrutura argumentativa diferente daquelas até então investigadas.

Apresentamos, a seguir, exemplos retirados dos textos escritos, identificando os itens e suas funções.

Para o item **já**:

Advérbio:

(138)

[...] Mas nenhuma destas possibilidades está disponível para quem adotou o euro. A ajuda da comunidade é condicional: os países mais frágeis serão compelidos a realizar um draconiano regime de austeridade, visando estabilizar a dívida. O resultado será recessivo, com consequências políticas potencialmente explosivas.

Os mercados sabem disso e **já** aplicam pressão no elo mais fraco. O dilema da UE é complexo (T E 1).

Conector de contração

(139)

Com tudo isso, as diferenças entre os bebezinhos dos dois sexos muitas vezes são claras. Em média as meninas são mais interessadas em interações sociais, enquanto os garotos concentram sua atenção em objetos curiosos e brinquedos, em especial os que se mexem. "Com 6 meses, as meninas olham mais tempo para rostos e buscam interagir mais. **Já** os meninos tendem a desviar o olhar de outras pessoas com muito mais frequência", diz Brizendine. O filho deste repórter, de fato, é fissurado em móveis coloridos e musicais: dá para engambelá-lo por pelo menos meia hora com a ajuda do brinquedinho, uma bênção para um casal que está tentando almoçar em paz (T E 29).

Operador discursivo modificador de tópico

(140)

Ao chegar, o dono do local sugere que você já peça o almoço, que será preparado lentamente. Aqueles que tiverem fome imediata podem pedir lambretas fresquinhas (iscas de peixe e camarões).

Já o prato principal costuma ser um peixe pescado mais cedo, que é cozido lentamente e desmancha na boca. Outra opção oferecida são as lagostas -também fresquíssimas. Arroz e farofa podem acompanhar (T E 27).

Para o **agora**:

Advérbio

(141)

Para um atacante, que vive de gols, Robinho é até **agora** um fracasso em Copas. Entrou em campo em seis jogos da mais importante competição do planeta. Foram, sem contar os acréscimos, 320 minutos (T E 15).

Conector de contração

(142)

Para um atacante, que vive de gols, Robinho é até agora um fracasso em Copas. Entrou em campo em seis jogos da mais importante competição do planeta. Foram, sem contar os acréscimos, 320 minutos.

E Robinho não conseguiu marcar um gol sequer no Mundial. Nas edições com participações do atacante -2006 e 2010-, dez jogadores balançaram as redes pela seleção.

Segundo as estatísticas oficiais da FIFA, Robinho, nessas duas Copas, teve 15 chances de fazer um gol, mas falhou em todas.

Na Alemanha, o atacante do Manchester City (emprestado ao Santos) foi titular só uma vez, nos 4 a 1 sobre o Japão, quando até teve boa atuação, mas falhou nas três finalizações que deu na partida.

Agora, na África do Sul, Robinho teve como melhor momento o passe preciso para o gol de Elano contra a Coreia do Norte (T E 15).

Operador discursivo modificador de tópico

(143)

Na primeira etapa, o atacante Alan Kardec havia aberto o placar para os santistas aos 33min, que neste sábado, foram comandados pelo assistente técnico Tata.

Com o empate, os dois times possuem um ponto na tabela de classificação do certame. O clube litorâneo é o atual bicampeão da competição.

Agora, na próxima rodada, o Santos enfrenta o Ituano, em São Caetano, enquanto o XV de Piracicaba visita o Botafogo.(T E 24).

TABELA 5

Ocorrências gerais dos itens **já** e **agora** e suas funções no *corpus* escrito e na transcrição do *corpus* oral.

ITENS/ MODALIDADES/ FUNÇÕES	ORAL				TOTAL		ESCRITO				TOTAL	
	JÁ		AGORA				JÁ		AGORA			
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Advérbio	1117/1140	98,00	306/529	58,00%	1423/1669	85,00%	88/167	52,70%	28/39	72,00%	116/206	56,00%
Conector de contrajunção	15/1140	1,30%	101/529	19,00%	116/1669	7,00%	41/167	24,60%	4/39	10,00%	45/206	22,00%
Operador discursivo	8/1140	0,70%	114/529	21,50%	121/1669	7,00%	38/167	22,70%	7/39	18,00%	45/206	22,00%
Marcador conversacional	0/1140	0,00%	8/529	1,50%	9/1669	1,00%	0/167	0,00%	0/39	0,00%	0/206	0,00%
TOTAL	1140	100,00%	529	100,00%	1669	100,00%	167	100,00%	39	100,00%	206	100,00%

A tabela 5 apresenta uma visão geral dos itens em estudo: **já** e **agora** e suas funções no *corpus* desta pesquisa tanto oral quanto escrito.

Inicialmente, salientamos que essas porcentagens são resultados da transcrição do *corpus* oral que tem 197.557 palavras e de um *corpus* escrito que tem 167.087 palavras, com um total de 364.644 palavras. Como já foi colocado, optamos por contar palavras para que houvesse um certo equilíbrio entre os dois *corpus*. Mesmo com uma diferença entre o escrito e oral de 30.470 palavras, consideramos esses números suficientes.

Assim, em 364.644 palavras que compõem o *corpus* tanto oral quanto escrito, temos 1875/364.644 (0,50%) ocorrências de **já** e **agora**, em todas as funções, incluindo a de advérbio e 336/1875 (0,10%) de **já** e **agora**, nas novas funções inscritas nestes itens (conector de contrajunção, operador discursivo modificador de tópico e marcador conversacional) e distribuídas da seguinte forma: **já**: 23/336 (6,80%) ocorrências em textos orais e 79/336 (23,50%) em textos escritos. **Agora**: 223/336 (66,40%) ocorrências em textos orais e 11/336 (3,30%) ocorrências em textos escritos

Observamos que nos dois *corpus* o **já** e o **agora** apresentam porcentagens mais significativas como advérbio de tempo, revelando maior frequência de uso nessa função do que nas outras encontradas nesta pesquisa, ou seja, o **já** no oral, com 98,00% como advérbio; 1,30% como conector de contrajunção, 0,70% como operador discursivo. No escrito, com 52,70% como advérbio; 24,60% como conector de contrajunção e 22,70% como operador discursivo modificador de tópico. O **agora**, no oral com 58,00% como advérbio; 19,00% como conector de contrajunção; 21,50% como operador discursivo e 1,50% como marcador conversacional. No escrito, o **agora** aparece com 72,00% como advérbio; 10,00% como conector de contrajunção e 18,00% como operador discursivo.

Dessa forma, se por um lado o **já** está sendo mais empregado nas novas funções apontadas nesta pesquisa (conector de contrajunção e operador discursivo modificador de tópico) na modalidade escrita da língua, por outro lado, o **agora** está sendo mais usado pelos produtores de textos, nestas novas funções, incluindo a função de marcador conversacional, em textos orais. Esse fato evidencia que esses itens, em estudo, vêm passando por mudanças de uso, ou seja, se há uma prevalência no emprego do **já** e do **agora** como advérbio, sendo no oral: 85,00% e no escrito: 57,70%, não podemos deixar de mostrar que há outras porcentagens que assinalam outras formas de usar esses elementos da língua para orientar a argumentação e que também são relevantes. Vejamos, se temos no total do oral, para o **já** e para o **agora**, 7,00% no emprego de conector de contrajunção, 7,00% no emprego de operador discursivo e 1,00% no emprego de marcador conversacional e se temos no total do

escrito 22,00% no emprego de conector e 22,00% no emprego de operador discursivo, isso significa que o usuário tem estruturado sua argumentação com elementos da língua, como o **já** e o **agora**, em novas funções que não têm sido ainda devidamente reconhecidas e por isto mesmo não muito estudadas de modo mais aprofundado em seu modo de funcionamento na argumentação e na construção dos textos em geral e, podemos afirmar, não inseridas nas descrições das gramáticas.

Outro fato que podemos constatar é que o item **já** está sendo empregado nas novas funções com maior frequência pelos usuários da língua escrita e com menor frequência pelos usuários da língua oral. Por outro lado o uso do **agora** nas novas funções é mais frequente no oral do que no escrito, embora no escrito as porcentagens sejam bem significativas. Como observamos, a Tabela 5 mostra que o **agora** está sendo mais empregado, no *corpus* oral, como conector de contrajunção em 19,00% das ocorrências e como operador discursivo em 21,50% das ocorrências, frequências maiores do que no *corpus* escrito, com 10,00% como conector de contrajunção e com 18,00% como operador discursivo.

Ainda encontramos o emprego do **agora** como marcador conversacional, somente na transcrição do *corpus* oral, com 1,50% de uso. Essa função não ocorre com o **agora** no *corpus* escrito e nem com o **já** no oral e no escrito. Parece ser, então, uma especificidade do **agora** como item da língua que tem também como função “assinalar as relações interpessoais e o envolvimento entre os interlocutores, situar o assunto da conversação no contexto partilhado pelos interlocutores e articular e estruturar unidades na cadeia linguística” (GALEMBECK; BLANCO, 2005, p. 52-63).

TABELA 6Ocorrências gerais do *corpus* de modalidade oral, item **já**, funções e variáveis

FUNÇÕES / VARIÁVEIS	ADVÉRBIO		CONECTOR DE CONTRAJUNÇÃO		OPERADOR DISCURSIVO		MARCADOR CONVENCIONAL		TOTAL	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Culta	227/237	95,80%	9/237	3,80%	1/237	0,40	0/237	0,00%	237	100,00%
Não-culta	890/903	98,50%	6/903	0,70%	7/903	0,80%	0/903	0,00%	903	100,00%
Homem	601/614	98,00%	6/614	1,00%	7/614	1,00	0/614	0,00%	614	100,00%
Mulher	516/526	98,00%	9/526	1,80%	1/526	0,20%	0/526	0,00%	526	100,00%
Jovem	225/234	96,20%	3/234	1,20%	6/234	2,60%	0/234	0,00%	234	100,00%
Adulto	892/906	98,50%	12/906	1,30%	2/906	0,20%	0/906	0,00%	906	100,00%

Apresentamos na Tabela 6 as ocorrências do item **já**, nas diversas funções: advérbio, conector de contrajunção, operador discursivo modificador de tópico e marcador conversacional em correlação com as variáveis: culta x não-culta, homem x mulher, jovem x adulto.

O objetivo do levantamento dessas variáveis é observar se há influências de diferentes camadas da sociedade no uso das novas funções, dos itens em estudo: **já** e **agora**.

O que podemos notar é que não há diferenças significativas no emprego do **já** como advérbio, pois as porcentagens se apresentam bastante aproximados ou idênticos nas variáveis: culta 95,80%, não-culta 98,50%, homem 98,00%, mulher 98,00%, jovem 96,20% e adulto 98,50%. Constatamos que há uma manutenção do emprego do **já** na língua oral como advérbio de tempo com uma frequência considerável, uso esse registrado pelas gramáticas tradicionais e por muitos estudos linguísticos.

Podemos cotejar essa Tabela 5 (língua oral) com a Tabela 4 (língua escrita), que apresenta as ocorrências do *corpus* escrito, em que todas as ocorrências são consideradas da variável culta. Assim, o **já** é mais empregado na transcrição do *corpus* oral como advérbio, na variedade culta da língua: 95,80% do que na variedade escrita da língua em que a frequência de **já** advérbio foi de apenas 52,70%, que embora alta é bem menor do que a frequência na língua oral. Isto revela que na língua escrita o item **já** aparece com as demais funções em estudo numa frequência significativamente maior que na língua oral, significando que as novas funções do **já** e suas possibilidades argumentativas têm um emprego maior na língua escrita, o que parece interessante se pensarmos no surgimento desses valores como resultado de um processo de gramaticalização. Isto significaria que a língua escrita favoreceu esses novos empregos do **já**? Se pensamos do ponto de vista da variação linguística o fato hoje é este.

Em relação ao uso do **já**, como conector de contrajunção, observamos que a porcentagem mais expressiva, nessa tabela, aparece na variável culta 3,80%, ou seja, o uso é de aproximadamente 2 vezes maior que nas outras variáveis: homem 1,00%, mulher 1,80%, jovem 1,20% e adulto 1,30%. Esse fenômeno pode significar que um estrato da sociedade, com mais escolaridade, está empregando o **já** com uso semelhante ao da conjunção adversativa “mas”, esvaziando, assim, o sentido de advérbio temporal desse item, fazendo-o funcionar como conector de contrajunção. Esse fato corrobora os dados apresentados pela Tabela 4 do *corpus* escrito, cuja variável é culta e em que se observa que 24,60% das ocorrências de **já** são com o valor de recurso argumentativo, que estabelece a contrajunção.

Como operador discursivo, notamos que houve uma baixa porcentagem de emprego do **já**, em todas as variáveis, salientado apenas a variável jovem com 2,60% o que pode sugerir que na língua oral este uso é favorecido pelos mais jovens e seria uma mudança talvez mais recente.

TABELA 7Ocorrências gerais do *corpus* de modalidade oral, item **agora**, funções e variáveis

FUNÇÕES / VARIÁVEIS	ADVÉRBIO		CONECTOR DE CONTRAJUNÇÃO		OPERADOR DISCURSIVO		MARCADOR CONVENCIONAL		TOTAL	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Culta	73/143	51,00%	34/143	23,80%	35/143	24,50%	1/143	0,70%	143	100,00%
Não-culta	233/386	60,30%	67/386	17,40%	79/386	20,50%	7/386	1,80%	386	100,00%
Homem	122/246	50,00%	55/246	22,00%	62/246	25,00%	7/246	3,00%	246	100,00%
Mulher	184/283	65,00%	46/283	16,00%	52/283	18,50%	1/283	0,50%	283	100,00%
Jovem	34/92	37,00%	21/92	23,00%	36/92	38,00%	1/92	2,00%	92	100,00%
Adulto	272/437	62,00%	80/437	18,00%	78/437	18,00%	7/437	2,00%	437	100,00%

A Tabela 7 apresenta as ocorrências do *corpus* de modalidade oral do item **agora**, correlacionando as suas funções de advérbio, conector de contrajunção, operador discursivo modificador de tópico e marcador conversacional, com as variáveis culta x não-culta, homem x mulher, jovem x adulto.

Nela, observamos que o emprego do **agora** como advérbio tem ocorrência inferior ao do **já** (Cf. Tabela 6), em todas as variáveis: culta 51,00%, não-culta 60,30%, homem 50,00%, mulher 65,00%, jovem 37,06% e adulto 62,00%. Isso significa uma maior distribuição do uso do **agora** entre as diferentes funções e variáveis.

Observamos, ainda, que não há diferenças significativas no emprego do **agora** como conector de contrajunção para as diferentes variáveis como bem se pode perceber pelas porcentagens para as diferentes variáveis: culta: 23,80%, não-culta: 17,40%, homem: 22,00%, mulher: 16,00%, jovem: 23,00% e adulto: 18,00%. O mesmo ocorre com o emprego do **agora** quando comparamos a sua função de operador discursivo modificador de tópico, com suas diferentes funções e variáveis. A diferença maior está entre a variável jovem com 38,00% e a variável adulto 18,00%, com uma diferença de 20% a mais para os jovens, apontando para um maior uso do **agora**, pelos jovens com o valor argumentativo na função de operador discursivo modificador de tópico, podendo esse fato significar um favorecimento de mudança ocorrida mais recentemente.

Finalmente, observamos que na língua oral, o **agora**, como marcador conversacional, foi empregado em todas as variáveis contempladas neste estudo, mas com frequência que se pode considerar baixa: culta: 0,70%, não-culta: 1,80%, homem: 3,00%, mulher: 0,50%, jovem: 2,00% e adulto: 2,00%. Por outro lado, o **já** não teve emprego como marcador conversacional, como já foi observado.

TABELA 8

Ocorrências do **já** e **agora** nas funções não adverbiais, de acordo com os diferentes tipos de texto, no *corpus* escrito

ITENS / TIPOS DE TEXTO ²⁰	JÁ		AGORA		TOTAL	
	Número	%	Número	%	Número	%
Dissertativo	71/79	89,90%	8/11	73,00%	79/90	87,90%
Narrativo	4/79	5,10%	0/11	0,0%	4/90	4,40%
Descritivo	3/79	3,80%	0/11	0,00	3/90	3,30%
Injuntivo	1/79	1,20%	3/11	27,00%	4/90	4,40%
TOTAL	79	100,00%	11	100,00%	90	100,00%

²⁰ A tipologia textual adotada nesta pesquisa é de Travaglia (1991, [2003] 2007).

A Tabela 8 apresenta ocorrências dos itens **já** e **agora**, retiradas do *corpus* escrito, de acordo com o tipo de texto, outra variável usada nesta pesquisa.

As ocorrências do **já** e do **agora** como advérbio, não foram levantadas nesta tabela, já que o nosso interesse está centrado nos novos usos desses itens, ocorridos na língua escrita: conector de contrajunção e operador discursivo modificador de tópico.

Observa-se que o **já** nessas funções foi predominantemente empregado em textos dissertativos: 89,90%, quando comparado com o emprego em outros tipos de textos: narrativo: 5,10%, descritivo: 3,80% e injuntivo: 1,20%.

Situação diferente ocorre com o uso do item **agora**, ou seja, há também predominância de emprego em textos dissertativos 73,00%, mas não há emprego em textos narrativos e descritivos. Já nos textos injuntivos, o **agora** aparece com 27,00%, emprego significativo quando cotejado com o **já** que teve apenas 1,20%. Estas porcentagens parecem nos mostrar que os textos dissertativos favorecem o uso das novas funções de **já** e **agora** na língua escrita e o injuntivo o faz para o **agora**. Todavia é preciso relativizar um pouco tais conclusões, considerando que o número absoluto de ocorrências do item **agora** nas novas funções para o dissertativo é de apenas oito ocorrências e para o injuntivo é de apenas três ocorrências. Assim o que afirmamos aqui é mais uma hipótese a ser verificada em um *corpus* bem mais amplo em que se tenha uma porcentagem maior de ocorrências, embora se possa acreditar que a tendência se manterá.

Esses dados, quando comparados com os apresentados na Tabela 9, apontam para uma coerência entre as características dos textos dissertativos, que colocam o enunciador na perspectiva do conhecer/saber, com o objetivo de fazer refletir, explicar, avaliar, conceituar e o emprego dos itens **já** e **agora** como conectores de contrajunção e de operadores discursivos que se prestam a estes objetivos.

Esses valores indicam que os enunciados manifestam ideias que se contrapõem, em sequências (a) e (b), ou que propõem orientações diferentes também entre (a) e (b).

Se a intenção do enunciador no texto dissertativo é fazer refletir, ao usar o **já** e o **agora**, o locutor pretende desencadear leituras que estabelecem uma nova trajetória em relação ao já-dito. Essa nova trajetória pode comportar uma adversidade ou um outro encaminhamento, sem o propósito de oposição.

Diante disso, os outros dados parecem também coerentes entre a relação tipo de texto e o uso dos itens em análise, isto é, se ao narrar o enunciador pretende contar, dizer os fatos, colocando o interlocutor como um assistente, se ao descrever o enunciador deseja caracterizar, dizer como é, instaurando a situação do interlocutor como um “voyeur” do

espetáculo e se ao propor um texto injuntivo, o enunciador pretende que o interlocutor faça algo, realizando uma ação requerida, esses itens que levam a contrapor sequências ou a direcioná-las para orientações diferentes das anteriores, serão menos empregados nesses tipos de texto e mais usados em textos que estabelecem opiniões, análises, comparações, exposições de ideias, sínteses, como deve ocorrer com os textos dissertativos.

As tabelas, a seguir, têm como objetivo fornecer dados para que seja feita uma observação correlacionando os empregos dos itens em estudo com os tipos de textos e as funções apresentadas nesta pesquisa.

TABELA 9

Ocorrências do **já** e do **agora** no *corpus* escrito, especificando os tipos de textos e suas novas funções.

ITENS/ FUNÇÕES/TIPOS DE TEXTOS	JÁ				AGORA			
	Conector de contração		Operador discursivo		Conector de contração		Operador discursivo	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Dissertativo	40/41	97,50%	31/38	81,50%	4/4	100,00%	4/7	57,00%
Narrativo	0/41	0,0%	4/38	10,50%	0/4	0,00%	0/7	0,00%
Descritivo	1/41	2,50%	2/38	5,00%	0/4	0,00%	0/7	0,00%
Injuntivo	0/41	0,0%	1/38	3,00%	0/4	0,00%	3/7	43,00%
TOTAL	41	100,00%	38	100,00%	4	100,00%	7	100,00%

Na Tabela 9, apresentamos a relação entre os itens **já** e **agora** com os tipos de textos e as funções que esses itens podem desempenhar. Reiteramos que não há a função de advérbio, pois o nosso interesse nesta tabela está focado no conector e no operador discursivo modificador de tópico. Salientamos, também, que o marcador conversacional não está registrado na tabela, porque não há ocorrências dessa função no *corpus* escrito.

Observamos que tanto o **já** como o **agora**, como conectores de contrajunção e como operadores discursivos modificadores de tópico, são empregados bem mais significativamente em textos dissertativos: o **já** como conector com 97,50% das ocorrências e como operador com 81,50%, e o **agora** como conector com 100,0% das ocorrências e como operador com 57,00%. Para o texto narrativo, há ocorrência somente com o **já** na função de operador discursivo: 10,50%. Para o texto descritivo, também, somente o **já** é empregado, tanto como conector de contrajunção: 2,50%, quanto como operador discursivo: 5,00%. Já para o texto injuntivo, há ocorrência tanto com o **já**, funcionando como operador discursivo modificador de tópico: 3,00%, quanto com o **agora**, funcionando nessa mesma função: 43,00%, porcentagem essa bastante expressiva, para o emprego do **agora**, em relação aos outros tipos de texto e funções.

O **já** e o **agora**, em textos narrativos, não apresentam ocorrências como conectores de contrajunção, já que esse tipo de texto, que pretende contar fatos, não têm que necessariamente instaurar ideias que se opõem.

O mesmo ocorreu com item **já** em relação ao texto injuntivo, que ao incitar o interlocutor a fazer algo, não necessita estruturar o seu texto, usando um conector que desencadeia ideias opostas ou que as encaminha para diferentes direções.

O **já**, em textos descritivos, é pouco empregado, tanto como conector 2,50%, quanto como operador discursivo 5,00%. Fato esse também coerente com as funções desse tipo de texto, que pretende apenas dizer como é e para isso não tem que necessariamente empregar elementos da língua que desencadeiam a adversidade. Para o **agora**, a Tabela 9 indica que não há uso desse item em textos dos tipos narrativo e descritivo.

Em relação ao texto injuntivo, a Tabela 9 aponta para o emprego do **já** como operador discursivo modificador de tópico: 3,00%, e, para nossa surpresa, o emprego do **agora** também como operador discursivo com 43,00% de uso.

A seguir, apresentamos exemplos retirados do *corpus escrito*, apontando o tipo de texto e as funções:

- Exemplos retirados dos **textos dissertativos**

Já como conector de contrajunção:

(144)

É de perguntar qual insensibilidade inacreditável acometeu a USP para achar normal firmar um acordo dessa natureza com uma instituição construída em um território ocupado - uma ocupação internacionalmente condenada, inclusive pelo próprio governo brasileiro. Não se trata aqui de fazer coro ao equivocado pedido de boicote às universidades israelenses - equivocado porque boa parte da oposição às políticas do governo vem exatamente dessas universidades.

Já um acordo com uma instituição construída em território ocupado equivale a legitimar e normalizar tal situação, o que vai frontalmente contra as determinações da diplomacia brasileira (T E 43).

Já como operador discursivo modificador de tópico:

(145)

Ninguém sabe exatamente em que partes do cérebro elas se escondem, mas tudo indica que o processo é coordenado pelo hipocampo e pela amígdala. O hipocampo é vital para a formação das memórias. Você já ficou bêbado e esqueceu o que tinha feito? Foi porque o álcool paralisou seu hipocampo - e, por isso, o cérebro parou de gravar as memórias daquela noite.

Já a amígdala está ligada às lembranças mais fortes que existem: as memórias emocionais. Já reparou como você nunca esquece aquele dia em que levou um fora, ou do que estava fazendo na manhã do 11 de Setembro? (T E 30).

Agora como conector de contrajunção:

(146)

E- Hum-hum. Então vou lhe perguntar: você já... você conhece a palavra jerequinho?

F- Jerequinho... eu conheço...

E- Catrão.

F- Jerequinho, eu conheço como uma pipa bem... bem pequena, bem... (“ruim”).

E- Hum-hum.

F- **Agora** catrão, eu não conheço. (P I 4).

Agora como operador discursivo modificador de tópico:

(147)

Na primeira etapa, o atacante Alan Kardec havia aberto o placar para os santistas aos 33min, que neste sábado, foram comandados pelo assistente técnico Tata.

Com o empate, os dois times possuem um ponto na tabela de classificação do certame. O clube litorâneo é o atual bicampeão da competição.

Agora, na próxima rodada, o Santos enfrenta o Ituano, em São Caetano, enquanto o XV de Piracicaba visita o Botafogo (T E 24).

- Exemplos retirados de **texto narrativo**.

Já como operador discursivo modificador de tópico.

(148)

Depois de abandonar os GPs da Itália e de Cingapura, o inglês Lewis Hamilton afirmou que não pode ficar lamentando os erros cometidos e que seu pensamento já está focado nas últimas quatro provas da temporada.

No GP da Itália, realizado em 9 de setembro, o piloto da McLaren abandonou a prova após um choque com o brasileiro Felipe Massa. **Já** em Cingapura, disputado no último domingo, o inglês tentou ultrapassar o australiano Mark Webber e também deixou a corrida (T E 9).

- Exemplos retirados dos **textos descritivos**

Já como conector de contração

(149)

Com tudo isso, as diferenças entre os bebezinhos dos dois sexos muitas vezes são claras. Em média as meninas são mais interessadas em interações sociais, enquanto os garotos concentram sua atenção em objetos curiosos e brincados, em especial os que se mexem. "Com 6 meses, as meninas olham mais tempo para rostos e buscam interagir mais. **Já** os meninos tendem a desviar o olhar de outras pessoas com muito mais frequência", diz Brizendine (T E 29).

Já como operador discursivo

(150)

Ao chegar, o dono do local sugere que você já peça o almoço, que será preparado lentamente. Aqueles que tiverem fome imediata podem pedir lambretas fresquinhas (iscas de peixe e camarões).

Já o prato principal costuma ser um peixe pescado mais cedo, que é cozido lentamente e desmancha na boca. Outra opção oferecida são as lagostas - também fresquíssimas. Arroz e farofa podem acompanhar (T E 27).

- Exemplos retirados de **textos injuntivos**

Já como operador discursivo

(151)

Escolha objetos que deseja expor pensando na harmonia entre eles e busque a simetria, mas sem rigidez. Na hora de arrumar as peças, distribua com equilíbrio os volumes e materiais.

Em estantes com vários nichos, como esta, as peças grandes podem ficar sozinhas. **Já** coleções de um mesmo tipo, como velas e porta-retratos, são reunidos em conjuntos (T E 23).

Agora como operador discursivo

(152)

Quando seus pés estão bem, você está bem. Mas é impossível ficar de bom humor quando aparecem bolhas em nossos pés. Para evitá-las, o primeiro passo é não usar sapatos novos por muitas horas. Melhor ir amaciando aos poucos.

O tamanho do calçado também é importante, nem muito apertado, nem muito folgado, para evitar atrito. (a)

Agora, nos casos em que as bolhas já apareceram, use “Dr. Scholl’s for her. RubRelief, uma tira adesiva que forra as áreas onde o sapato mais incomoda os seus pés (T E 34).

Observamos nessa Tabela 9 que o **agora** foi empregado de forma significativa 43,00%, em texto injuntivo, como operador discursivo modificador de tópico, já que esse tipo de texto tem como objetivo dizer ao interlocutor que faça X para na sequência apresentar uma outra possibilidade, que também deve ser executada. No exemplo (152): propõe-se, em (a), o que fazer quando os pés não estão bem, em (b) modifica-se o direcionamento do tópico, incitando o interlocutor a usar tira adesiva que protege os pé *Dr. School’s for her. RubRelief*. Esse texto injuntivo, que é uma publicidade, mais do que incitar a fazer algo, o produtor quer vender o produto.

TABELA 10

Ocorrências do **já** e do **agora** no *corpus oral*, especificando os tipos de textos.

ITENS / TIPOS DE TEXTO	JÁ		AGORA		TOTAL	
	Número	%	Número	%	Número	%
Dissertativo	10/23	43,50%	159/223	71,30%	169/246	69,00%
Narrativo	7/23	30,40%	9/223	4,00%	16/246	6,50%
Descritivo	6/23	26,10%	38/223	17,00%	44/246	17,70%
Injuntivo	0/23	0,00%	17/223	7,70%	17/246	6,80%
TOTAL	23	100,00%	223	100,00%	246	100,00%

A Tabela 10 correlaciona as ocorrências em textos orais dos itens em estudo, **já** e **agora** nos diferentes tipos de texto, uma das variáveis propostas nesta tese.

O emprego do **já** apresenta porcentagens relativamente equivalentes entre os tipos de texto, a saber: dissertativo: 43,50%; narrativo: 30,40%; descritivo: 26,10%. Não houve ocorrências do **já** em textos injuntivos. Observamos que dentre os dados apresentados na Tabela 10 para o **já** e tipos de texto, na transcrição do *corpus* oral, e os dados apresentados na Tabela 8, do uso do **já**, em *corpus* escrito, há uma proporção significativamente maior do emprego desse item nos textos dissertativos escritos: 89,90% do que nos dissertativos orais: 43,50%. O mesmo ocorre com os outros tipos de texto no cotejo do uso do **já** entre textos escritos e orais e seus tipos. Esse fato pode indicar que, se por um lado o uso do **já** em textos escritos se inscreve na variável culta e formal da língua, por outro lado o **já** é empregado em textos orais de maneira mais informal, estabelecendo uma relação entre os interlocutores, que possibilita mais narrar, contar fatos, descrever situações do que dissertar, analisar.

Quanto ao **agora**, na modalidade oral, ele é expressivamente mais empregado em textos dissertativos: 71,30%, do que nos narrativos: 4,00%, nos descritivos: 17,00 e nos injuntivos: 7,70%. Chama-nos a atenção o uso do **agora** nos textos injuntivos com: 7,70%, visto que não houve o emprego do **já** nesse tipo de texto. Entretanto, mesmo que haja emprego desses itens em outros tipos de textos, a predominância de uso ocorre com os textos dissertativos: 69,00% no total, quando comparados, também, no total com os textos narrativos 6,50%, descritivos 17,50% e injuntivos 6,80%.

TABELA 11

Ocorrências do **já** e do **agora** no *corpus oral*, especificando os tipos de textos e suas novas funções.

I ITENS / FUNÇÕES TIPOS DE TEXTOS	JÁ				AGORA							
	Conector de contrajunção		Operador discursivo		Marcador Conversacional		Conector de contrajunção		Operador discursivo		Marcador Conversacional	
	Número	%	Número	%			Número	%	Número	%	Número	%
Dissertativo	9/15	60,00%	1/8	12,50%	0/0	0,00%	72/101	71,00%	80/114	70,20%	7/8	87,50%
Narrativo	0/15	0,00%	7/8	87,50%	0/0	0,00%	4/101	4,00%	5/114	4,40%	0/8	0,00%
Descritivo	6/15	40,00%	0/8	0,00%	0/0	0,00%	22/101	22,00%	15/114	13,20%	1/8	12,50%
Injuntivo	0/15	0,00%	0/8	0,00%	0/0	0,00%	3/101	3,00%	14/114	12,20%	0/8	0,00%
TOTAL	15	100,00%	8	100,00%	0	0,00%	101	100,00%	114	100,00%	8	100,00%

O objetivo da Tabela 11 é fazer um cotejo do uso do **já** e do **agora**, na transcrição do *corpus* oral, entre as funções empregadas por esses itens e os tipos de texto, contemplados nesta pesquisa.

A tabela mostra que o **já** é mais empregado como conector de contrajunção em textos dissertativos: 60,00% e descritivos: 40,00%. Como operador discursivo modificador de tópico a proporção maior de uso aparece com textos narrativos: 87,50%. Já o **agora**, tem proporção semelhante de uso nos textos dissertativos como conector de contrajunção: 71,00% e operador discursivo: 70,20%. Essas porcentagens são significativamente maiores do que o emprego do **agora** em textos narrativos como conector: 4,00% e como operador: 4,40%; em textos descritivos, como conector: 22,00% e operador: 13,20%. Quanto aos textos injuntivos, as porcentagens revelam que não há emprego do **já** nesse tipo de texto, enquanto o **agora** aparece nos textos injuntivos como conector de contrajunção 3,00% e como operador discursivo 12,20%. Mesmo que essas porcentagens não sejam tão relevantes em relação ao uso do **agora** em textos injuntivos, registramos a ocorrência, observando que esses usos apontam para a possibilidade de orientar a argumentação do interlocutor, incitando-o a fazer algo, ora por meio da contrajunção, ora por meio da mudança de tópico. Um outro dado que esta tabela comparativa nos mostra é o emprego do **agora** como marcador conversacional em dois tipos de textos diferentes: dissertativo: 87,50% e descritivo: 12,50%. Fato que não ocorre com o **já**, que não é empregado como marcador conversacional.

Apresentamos a seguir exemplos da transcrição do *corpus* oral, dos itens **já** e **agora** e suas respectivas funções em diferentes tipos de texto:

- Exemplos retirados de **textos dissertativos**.

Já como conector de contrajunção.

(153)

E: O que é isso? Ala das cabrochas?

F: É uma ala que fornece a roupa de graça. Entendeu?

E: A pessoa não precisa comprar?

F: Não precisa pagá a roupa.

E: **Já** a ala das baianas você paga a roupa (P I 10).

Já como operador discursivo modificador de tópico

(154)

E- Cê dá muito valor. Por que que cê num teve filho, Jorge?

F- Ah... sei lá, é coisa de família, sabe? (est) Porque... eu tenho um tio- um não, né, um, dois, três tios que num tem filho e que também num casou. (est), né? E eu sou o sobrinho. Também, casei mas num tenho filho. O meu irmão casou mas também num tem filho. Só um tio só que

casou e que tem filho. (est) Em compensação, ele disparou, teve nove! [Nossa!] Agora, **já** minhas tias, todas elas casaram, todas elas tiveram filhos, né? (P I 5).

Agora como conector de contrajunção

(155)

F [...] eu tenho uma subrinha di Vila Velha qui ela já ta contanu us dias pra chegá + porque qué pasá férias aqui i:: ela ta fazenu faculdadi tamém, qué passá férias aqui i fica contanu us dias pra chegá, aí vem um, u outro sabi qui um tá aqui, já vem u outro, já marca pur telefoni i pur aí vai cheganu um a um i ai eles fazem a festa, **agora** eu tenho uma subrinha im especial qui::, eles nem podem sabê dissu não, mais eu custumu dizê qui é uma filha qui eu não tivi, essa subrinha é filha da minha irmã caçula i essa minha irmã caçula eu praticamenti a criei pur opção dela. (M I 5).

Agora como operador discursivo modificador de tópico.

(156)

F: Amo o meu irmão de paixão, entendeu? os meus sobrinhos – já tenho um sobrinho – neto –, mas eu vejo que não é uma coisa verdadeira, quer dizê, aí isso me incomoda um pouco sim.
E: **Agora**, você tava falano do cachorrinho, cê teve muito contato com animais? (P I 8).

Agora como marcador conversacional

(157)

F: Que Matheus? – Ah, é o amiguinho dele da escola, [que ele tem mais contato]...
É seu xará, né? – [Do Méier! Do Méier!] **Agora**, esse vi... “vi ele” é ótimo, né? é um caos, né?
(P I 8)

- Exemplos retirados de **textos narrativos**.

Já como operador discursivo modificador de tópico.

(158)

F:fomos com o professor lá e...na prática mesmo tamém não fizemos nada, só conhecemos a escola,onde que ela ficava ,conversamos com a professora e pedimos pra ela pra desenvolver esse trabalho lá. **Já** na segunda vez que voltamos no colégio é...nós ficamos dentro da sala de aula, a diretora apresentou a gente pra nossa professora, o grupo que era de quinze pessoas foi dividido em trios e cada trio fico numa sala. (M I 2)

Agora como conector de contrajunção

(159)

[...] Por exemplo: Friburgo. Tudo bem que é uma cidade pequenininha, entendeu, mas todo mundo ali trabalha. Dificilmente tu escuta alguma coisa de Friburgo. (est) Entendeu? “Ah, num sei quê.” É mais fácil saí alguém aqui da cidade í pra lá assaltá, fazê qualquer coisa. (est) Então aonde todo mundo trabalha, tá ocupado a mente, vai roubá pra quê? Fica difícil, né? (est) **Agora**, a pessoa foi mandada embora, num tem como sustentá a família, que que ele faz? Vai botá uma barraquinha ali – ele pegou o dinheiro [da...da...da] do tempo de trabalho. (carro passando) Aí vem um fiscal, né, do

governo, vai, tira aquele rapaz e ele vai pulá pra outro lugar, vai, tira o rapaz. Ele vai falá assim: “Não, eu vou tê que parti pra outro lado” (P I 5).

Agora como operador discursivo modificador de tópico

(160)

E: Ah, então ela lavava, passava e (“já levava”) pronta...

F: É, e levava já no... prontinha, dobradinha, tinha um lençol que ela amarrava, aí levava...

E: Prás madames...

F: Prás madames, é. A vida da minha mãe foi muito difícil mais meu pai...

E: É, eu imagino. **Agora**, eles já tiveram a oportunidade de voltá, é... visitá a cidade onde nasceram? Num voltou.

F: Quando eles saíram, num voltaram mais. (P I 3).

- Exemplos retirados de **textos descritivos**.

Já como conector de contrajunção.

(161)

E: Você trata todo mundo da mesma forma.

F: Ah, lógico, né? Eu acho que sim.

E: Quando eu digo falar, quero dizer o jeito de falar, por exemplo, quando você está falando com uma colega, você fala de uma forma, fala gíria, mas quando vai falar com o diretor, por exemplo, as pessoas dizem: “ah, é o patrão, [vamos falar direitinho].”

F: Não, não, porque ele chega lá “Oi, Leila”. Eu falo: “Oi, diretor”, “tudo bem”. Acabou. **Já** o patrão, o dono do colégio mesmo, já é meio diferente. Ele chega: “Oi, Leila, tudo bem?” (P I 10)

Agora como conector de contrajunção.

(162)

E: Possibilidade de reunir a família, eh, ou comemoração do, do... (sup.)

L: É, não, assim por exemplo no caso de aniversários. Geralmente a gente gosta de se unir, né? Aniversários e natal, ano-novo, eu acho que só mais assim aniversários, casamentos, né, lógico, casamento, bodas de prata, eu gosto assim, essas festas mais comemo... com... ligada mais a datas comemorativas mesmo da própria família, né? Natal, né? E eu acho que é só, assim de festa mesmo só. **Agora** o, o, o natal da família do meu marido é bem diferente da, no, do natal nosso, né? Porque ele, ele era nórdico, né, então eles lá, eles têm... Por, um exemplo, lá eles, a festa de natal deles era muito mais bonita, porque lá eles cantam os hinos da igreja presbiteriana, né, e da, e da, e também da, da Alemanha, né, que eles são descendentes de alemães, por exemplo a árvore de natal nunca era acesa com lâmpadas e sim com velas. (N I 3).

Agora como operador discursivo modificador de tópico

(163)

F: Olha, o meu pai, ele se adaptou perfeitamente aos costumes brasileiros, mas, em questão de sotaque, (“isso”) ele tem aquele sotaque bem carregado. Embora o pessoal aí do Porto tenha um Português, assim, mais suave que você consegue compreendê. Mamãe não, mamãe tem esse Português atarrancado mesmo, num muda não. **Agora**, o papai sempre trabalhou fora, o

papai é funcionário público, é flamenguista doente, é mangueirense, sabe? o papai tem todas as características de um bom carioca. (P I 8).

Agora como marcador conversacional

(164)

E- Certo. (ruído) Que que você acha da... violência?

F- (hes) Olha, eu acho que a violência, ela nasce (pausa) com cada um e que ela (hes) todo mundo tem um pouco (hes) tem... é violento. (hes) por menos que seja todo mundo é violento. **Agora** assim você vê (“todo”) mundo reprimido, no mundo... que não te dá muita oportunidade, que você se fecha nele... certamente quando cê for sair pa sociedade, você vai sair escandalizado, vai sair... (latidos de cachorro) fazendo tudo o que você queria fa.. tudo o que você quer fazer, você vai e faz, não tá dentro da sociedade... eh... e eu acho que violência depende muito da criação. (P I 4).

- Exemplos retirados de **textos injuntivos**.

Agora como conector de contração.

(165)

F: Aí depois por fim, eu falei: “Meu pai num deve ta mi pressionando tanto assim não né”, aí comecei a matar aula, (risos), aí ele num bom, até hoje ele num descubriu naum, aí quando eu vim, quando eu voltei a trabalh’ele falou assim:” naum, agora você já tem responsabilidade, ce já tem, ce ta voltou a ter ser dinheiro né, di novo, **agora** se acontecer de você engravidar, alguma coisa, ce vai sustenta”. Aí foi quando ele mi liberou do castigo. Mas eu fiquei 3 mesis sem fazer nada, sem sair de casa.(M I 6).

Agora como operador discursivo modificador de tópico

(166)

F: [Aí acaba a] estória. (risos).

E: Certo. Mas... e... (hes).

F: Tá gravando isso?! Ah!... (risos).

E: **Agora** me diz: eh- (hes) Você acredita assim em espírito?

F: Ah eu acredito. Eu não tenho (“nenhuma”) (hes), eu não tenho desconfiança de nada (P I 2).

No próximo capítulo, apresentamos as análises sobre o funcionamento textual-discursivo dos itens **já** e **agora**, em diferentes tipos de textos orais e escritos, à luz das teorias da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa.

CAPÍTULO 4

ANÁLISES DO FUNCIONAMENTO TEXTUAL-DISCURSIVO DOS ITENS JÁ E AGORA

4 Preliminares

As nossas análises acerca do funcionamento textual-discursivo dos itens **já** e **agora**, mobilizam os construtos teóricos da Semântica Argumentativa, visto que essa teoria, segundo Koch e Travaglia (1996, p. 43), considera que a linguagem é dotada de intencionalidade, e a argumentação seleciona e estrutura os conhecimentos de um texto bem como muitos elementos da sua constituição linguística. Dentre os recursos selecionados estão os operadores discursivos com função de conectores de contrajunção e de operadores discursivos de mudança de tópico. Estes além de orientarem a leitura do texto, estabelecem a sua textualidade. Também nos embasamos nos construtos teóricos da Linguística Textual.

Optamos por analisar os dois itens **já** e **agora**, considerados por vários estudos e gramáticas tradicionais apenas como advérbio de tempo, como um desafio para esta pesquisa, visto que tentaremos mobilizar outras perspectivas, para explicar alguns usos, que rompem com o que vem sendo registrado. Alguns estudos podem ter apontado o uso de **já** e **agora** com as funções que estamos apontando, mas não os estudaram nessas funções, observando os fatos que aqui tratamos. Temos ciência de que esses itens com as funções de conector de contrajunção, operador discursivo de mudança de tópico e marcador conversacional movem-se em terreno arenoso, pois ainda falta muito para que seus limites funcionais sejam estabelecidos com clareza e precisão, se é que serão. Primeiramente, por meio de uma análise quantitativa, verificamos sua frequência e a possível ação de certos fatores em seu uso com as funções elencadas. A seguir buscamos tecer uma discussão analítico-descritiva de natureza qualitativa que explicitem fatos que julgamos importantes no funcionamento de **já** e **agora** nas três funções acima que chamamos de não adverbiais.

Iniciando as análises, relembramos que, para nós, o emprego dos itens em estudo corrobora a afirmação de Ilari et al., (2002, p.57) ao tratar do advérbio porque comprovamos que **já** e **agora** não funcionam apenas como advérbios e justamente os autores dizem que investigar “o advérbio é, antes de mais nada, tomar consciência de equívocos, constatando a diversidade de emprego dessas expressões” (ILARI et al., 2002, p. 57).

O exemplo, a seguir, retirado do nosso *corpus* escrito, aponta para essa diversidade de emprego, que contempla uma visão diferente da registrada em gramáticas tradicionais e em muitos estudos linguísticos. Sabemos que vários estudos linguísticos têm examinado o comportamento do **já** e do **agora**, entretanto muito se tem que aprofundar a respeito dessas unidades da língua. Vejamos:

(167)

Ali, meio que perdido entre os bons números que o IBGE divulgou na semana passada, mostrando uma significativa redução do analfabetismo no Brasil, desponta um dado perturbador: 6,52% das crianças com dez anos de idade não sabem ler nem escrever.

Essa cifra é inquietante porque, ao contrário do índice geral de analfabetismo, ela não diz respeito ao passado, mas ao presente e ao futuro.

O Censo 2010 apurou 9,6% de iletrados acima de 15 anos. (a) **Já** entre os com 60 anos ou mais, essa taxa vai a 28%. Não aprenderam por falhas do sistema educacional de 50 anos atrás. É lamentável, mas é passado. Devemos oferecer a essas pessoas a oportunidade de alfabetizar-se, mas a maioria delas não se interessa e é difícil obter bons resultados (b) (T E 33).

Temos em (a) informações referentes à taxa de analfabetismo entre crianças 6,52% e adolescentes 9,60%. Em (b), apresentam-se dados diferentes, ou seja, informações sobre o analfabetismo de adultos com mais de 60 anos, faixa etária em que a taxa de analfabetismo é muito superior à das crianças com até 10 anos e dos iletrados acima de 15 anos. A taxa de 28,00% entre os maiores de 60 anos é preocupante e resultado de falhas do sistema educacional no passado, e hoje a recuperação é mais difícil. Há não só o contraste entre as taxas nas diferentes faixas etárias, mas também o fato de que o analfabetismo dos mais jovens tem consequências no presente e futuro enquanto a dos com de 60 anos com ou mais com déficit é passado e pouca consequência terá. A informação, que sinaliza a diferença entre (a) e b), é introduzida pelo item **já**, que destituído da ideia de tempo, mobiliza a ideia de adversidade, de diferença. Para nós, esse item funciona como um conector de contrajunção: se (a) apresenta um dado perturbador para os iletrados (crianças e adolescentes) em relação à taxa de analfabetismo, e esse problema relaciona-se ao presente e ao futuro do país, em (b), o problema embora grave pela porcentagem e pelo fato de que mesmo oportunizando a

alfabetização para os mais velhos, pode ser que o interesse e os resultados não sejam positivos, é uma questão que diz respeito ao passado.

Observamos, então, que, além da contração, há também entre (a) e (b) uma ideia comparativa entre os dados relativos ao analfabetismo de crianças/ adolescentes e adultos. Notamos que temos dois subtópicos de um mesmo tópico superordenado, que é a questão da alfabetização e a partir do **já** há um subtópico que se opõe ao anterior. A contração parece dirigir a argumentação para o fato de que é preciso se preocupar e agir mais em relação ao problema dos mais jovens. Seria esta a direção pretendida pelo produtor do texto?

Um outro exemplo, retirado de um texto oral, com o emprego do **agora**, apresenta uso semelhante ao do **já**, que conduz a orientação argumentativa, estabelecendo um confronto entre as sequências do enunciado e sendo também passíveis de comparação. Vejamos o exemplo:

(168)

E) Você julga o ensino atual diferente do ensino do seu tempo de escola?

F) A muita mudança na educação, muita mudança nos métodos né... hoje a criança tem muito mais recurso, ela tem muito mais estímulo, muito onde busca.. o que antigamente muitas vezes eram só nos livros né... intão assim, a mudança é muito grande né.. o progresso foi muito grande... (a) **agora**, o compromisso com a escola eu acho que no meu tempo era muito maior... porque a gente levava a escola com muito mais seriedade.. a própria família.. ela.. tinha essa preocupação de colocar a criança numa escola boa, de acompanhar.. a professora.. ela era mais valorizada do que hoje (b) (M I 3).

Em (a), apresenta-se a mudança que tem ocorrido na educação, atualmente, com métodos, estímulo, mais recursos e progresso em geral. Em (b), ocorre a contraposição, a partir do **agora** que traz a ideia de que antigamente não havia os recursos de hoje, entretanto havia o compromisso, a escola era levada com muito mais seriedade. Isso pode significar que o locutor queira dizer que escola boa é escola com compromisso, como a escola de antigamente, mesmo funcionando somente com o recurso do livro.

Para essa análise, buscamos, em Vogt (1977, p. 33), a proposta de que é no intervalo entre o enunciado e a enunciação, que a linguagem é atividade, e nesse intervalo o homem possui e é possuído. Há segundo Vogt, um conjunto de relações, que é instituído na atividade da língua. Nesse exemplo, observamos que o acontecimento, instaurado no enunciado, aponta para duas diferentes realidades da escola, em (b) a escola de antigamente, sem recursos, mas com seriedade, e a de hoje, em (a), com muitos recursos, entretanto sem compromisso.

No espaço enunciado/enunciação, o locutor²¹ se posiciona e busca interferir nas posições de seu interlocutor, procurando a sua adesão para uma possível resposta para a pergunta: qual é a melhor escola?

Essa questão pode ser levantada, porque há em nossa sociedade um *topos* que, segundo Ducrot (1989, p. 38), sempre se estrutura em um padrão de proporcionalidade do tipo “quanto mais e quanto menos”, nesse caso quanto mais compromisso, melhor a escola e quanto menos compromisso, pior. Ao usar esse lugar comum retórico, o locutor pode direcionar o posicionamento do interlocutor.

Outro aspecto que podemos observar refere-se ao que foi abordado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 34), com relação ao auditório. Nesse exemplo, há um auditório particular, ou seja, um diálogo entre o entrevistador e o falante/locutor. O locutor, ao comparar as escolas de hoje com as de antigamente, levanta pontos positivos para as duas épocas. Entretanto, espera-se que o seu interlocutor fique convencido de que, apesar de todo estímulo e recurso, o compromisso e a seriedade ainda são posturas para uma escola melhor. Há uma posição assumida e também almejada pelo locutor que ele quer que seja partilhada pelo interlocutor.

Assim, o que o locutor quer é conseguir a adesão para o seu modo de pensar. Para isso, um dos recursos usados, que marca o contraponto de posições, parte do item **agora**, funcionando, nesse excerto, como conector de contrajunção. Esse conector é também responsável pela coesão e coerência do texto, já que estabelece a textualidade.

Observamos ainda que esse **agora** possui resquícius de tempo, próprio do **agora** como advérbio temporal, isto é, há a escola boa de antes, com seriedade, e há a escola ruim de hoje, com recursos, mas sem compromisso. Esse fato pode significar que há uma mudança de função, mas com características de outra função, que tinha antes, ou seja, a de advérbio.

Em nossas análises, inscreve-se, como já dissemos, o estudo da tipologia textual desenvolvido pela Linguística Textual como uma de suas tarefas. Para nossa pesquisa adotamos a proposta tipológica de Travaglia ([2003] 2007). Apontamos que os dois excertos (167) e (168) analisados são textos dissertativos, pois os enunciadores estão na perspectiva do saber/conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço, e o interlocutor é colocado como ser pensante, que analisa, associa. Como dito, nesse tipo de texto, busca-se o refletir, o avaliar, o expor ideias (TRAVAGLIA, [2003]2007, p.102). No primeiro exemplo (167), o que se deseja é fazer o interlocutor analisar a situação do analfabetismo no Brasil, comparando dados entre

²¹ - Em nossos comentários e análises os termos locutor, falante e entrevistado serão empregados com sentido equivalente, significando aquele que produz o texto e se responsabiliza pelo que diz.

adolescentes/crianças e adultos. No segundo exemplo (168), ocorre também a exposição de ideias, só que a análise diz respeito a modelos de escola, cotejando as de antigamente com as de hoje.

Este nosso estudo revela também que esse tipo de texto, o dissertativo, ocorreram predominantemente, tanto no *corpus* escrito, quanto no oral, os itens **já** e **agora** nas funções não adverbiais, como observamos nas Tabelas 8 e 10. O emprego do **já** e do **agora**, em textos dissertativos, na transcrição do *corpus* oral apresenta 87,90% de uso (Cf. Tabela 8), porcentagem significativamente maior que o uso nos outros tipos de texto, visto que, no total, para os narrativos, o **já** e o **agora** têm 4,40% de emprego, para os descritivos: 3,30% e para os injuntivos: 4,40%.

Na transcrição do *corpus* oral, como nos revela a Tabela 10, temos 69,00% de emprego do **já** e do **agora** com as funções não adverbiais em textos dissertativos, 6,50% em textos narrativos, 6,80% em textos injuntivos. Quanto aos textos descritivos, a Tabela 10 apresenta uma porcentagem diferente do *corpus* escrito. Enquanto no escrito (Tabela 8), a porcentagem é de 3,30%, no oral, a porcentagem é de 17,70%. Esse fato comporta a ideia de que ocorre um uso preferencial desses itens **já** e **agora** em textos dissertativos. Entretanto há um uso também importante para os textos descritivos escritos. Identificamos, então, que não só para analisar, fazer pensar usam-se os itens em estudo, mas também para descrever, colocando o interlocutor como um *voyeur*. Outro fato que merece registro é que os dois tipos de texto estão na perspectiva do saber/conhecer. (Cf. TRAVAGLIA, 1991 e [2003]2007, p. 102).

Os exemplos a seguir, com **já** (169) e com **agora** (170) apresentam funções que se assemelham às colocadas nos estudos de Quirk (1972, apud ALVES, 1990, p. 29, 30), de Monnerat (2005), de Câmara (2006) e de Risso (2002).

(169)

A vida em Ariel é algo à parte. Seu acesso é proibido a carros que não tenham placas israelenses. A cidade é uma espécie de condomínio fechado, etnicamente homogêneo, cuja base demográfica é composta por judeus vindos da Rússia e do Brooklyn nova-iorquino. Em seus supermercados é possível encontrar caviar russo e biscoitos belgas a preços subsidiados pelo governo, o que garante um alto padrão de vida.

Ao redor, encontramos indústrias pesadas, que poluem o riacho que passa pelos vilarejos palestinos da região. No seu interior está a Universidade de Ariel, que tem um acordo de cooperação acadêmica com o Instituto de Matemática da Universidade de São Paulo.

É de perguntar qual insensibilidade inacreditável acometeu a USP para achar normal firmar um acordo dessa natureza com uma instituição construída em um território ocupado - uma ocupação internacionalmente condenada, inclusive pelo próprio governo brasileiro. Não se trata aqui de fazer coro ao equivocado pedido de boicote às universidades israelenses -

equivocado porque boa parte da oposição às políticas do governo vem exatamente dessas universidades (a)

Já um acordo com uma instituição construída em território ocupado equivale a legitimar e normalizar tal situação, o que vai frontalmente contra as determinações da diplomacia brasileira (b) (T E 43).

Esse excerto apresenta o emprego do **já**, cuja função coaduna com a apresentada por Câmara (2006, p. 107), quando investiga a multifuncionalidade do **já**, afirmando que dentre as funções que ele exerce no enunciado, há a de marcador discursivo. A autora justifica que o **já** com essa função retoma o tópico anterior, relacionando porções textuais que se contrapõem. Também Monnerat (2005, p. 5) diz que o **já** não só pode exercer a função de advérbio, como também arrola a função de conector que introduz uma ideia de contra-expectativa, podendo ser parafraseado pelo “mas”. Portanto é a função de conector de contrajunção que estamos propondo.

No exemplo (169), em (a), o autor expressa a situação da vida em Ariel e também uma posição tomada por uma universidade brasileira, a USP. Essa Universidade acha normal firmar um acordo com uma instituição israelense, construída em território ocupado – uma ocupação internacionalmente condenada. O que o autor do texto diz é que não se trata de fazer boicote, mas (sequência (b)) se trata de, ao fazer o acordo, ir contra as determinações da diplomacia brasileira. Assim em (a) USP firma acordo, e (b) o produtor do texto condena o acordo.

Observamos que o **já**, nesse texto escrito, estabelece uma relação de oposição com o tópico anterior e, conseqüentemente, instaura uma relação argumentativa, tentando persuadir o leitor para a sua posição acerca do assunto, que é fazer uma crítica à decisão da universidade brasileira. São porções textuais que se contradizem a partir do item **já**, nomeado por Câmara (2006, p. 125) como marcador discursivo, e coadunando também com Monnerat (2005, p. 5), que considera o **já** nessa função como advérbio do discurso, pois introduz um novo momento na organização discursiva, distinguindo-se da sequência anterior.

Para nosso estudo, esse item **já** é considerado como um conector, visto que liga duas sequências textuais, e de contrajunção, pois estabelece a adversidade entre essas sequências. Ao estabelecer a ideia de contrajunção, aponta para duas posições diferentes, contra e a favor ao acordo. Há, então, um tópico superordenado que diz respeito a um acordo e dois subtópicos: o primeiro que diz da existência do acordo e o segundo que instaura, a partir do **já**, uma avaliação negativa sobre esse acordo. Na verdade, o produtor do texto fez toda uma introdução para que a ideia prospectiva, a partir do **já**, seja assumida também pelo leitor. Isso significa observar que o linguístico e o discursivo se interrelacionam e que a argumentação

está inscrita na língua, como afirma Ducrot (1981, p. 178). Há uma relação de crenças e atitudes que envolve o funcionamento do jogo discursivo.

O exemplo a seguir traz o **agora** como um conector de contrajunção, que dialoga com a proposta de Risso (2002).

(170)

E: Há umas coisas que você podia nos contar logo agora, eh, que que foi reformado na casa, entre o que ela era antes e o que a pessoa que comprou fez...

L: Bom, eu não cheguei a ver quando ela estava à venda a primeira vez.

E: Hum.

L: Mas depois que o, que a pessoa que, que essa primeira pessoa comprou, eu com uma certa dor de cotovelo passei por aqui algumas vezes sempre pra ver o andamento das obras e tal, um olho comprido e vi mais ou menos o que eles fizeram, por exemplo, tinha uma por... Não sei... não sei se você reparou que as outras casas quase todas têm uma porta só. Então ele diminuiu a sala, cortou uma fatia da sala, indo até a cozinha, e dividiu a... Fez uma porta grande, metade dando pra esse corredorzinho que ficou, que é então a porta de serviço, e uma outra porta igual do lado formando conjunto (inint.) da sala. Depois aumentou a sala até o fundo, fez uma sala maior e esse banheiro aqui de cima eu acho que já, já tinha sido feito antes. E, vejamos, bossas de decoração e tal, portas, não sei o que mais. (a) **Agora**, eu ainda encontrei muitos problemas aqui com encanamentos, tive que, logo que cheguei tive que gastar um bocado de dinheiro com isso e agora estou aumentando a cozinha que era pequena, muito desajeitada. E enfim é uma forma da gente gastar dinheiro, né? (b) (N I 2).

Em (a), o locutor, fala dos pontos positivos da casa após a reforma feita pelo último comprador, como porta grande, outra porta formando um conjunto, bossas de decoração. Em (b), a partir do **agora**, introduz-se uma nova ideia que contrapõe à anterior, ou seja, mesmo com os pontos positivos, a casa apresentou problemas que exigiram gastos, o que significa ponto negativo.

Observamos também que os outros itens **agora** que ocorrem no texto não introduzem blocos textuais como o **agora** conector de contrajunção.

Risso (2002, p. 44) diz que o **agora** pode funcionar com a ideia de contra-argumento, dando uma nova direção para o foco anterior e fazendo o discurso avançar. O **agora**, segundo Risso (2002), instaura a ideia de prospecção. Esse fato é observado em todos os exemplos de nosso estudo e não só com **agora**, mas também com o **já**. Ocorre sempre um avanço no discurso, nesse caso, contrapondo-se à ideia anterior.

Outro aspecto que podemos tratar, ainda com esse excerto, diz respeito ao que foi apresentado por Quirk (1972, Apud ALVES, 1990, p. 21). O autor diz que os advérbios podem assumir o papel, não só com a ideia de tempo, mas também com a função de agregar. Alves (1990, p. 29), considerando esse estudo de Quirk, afirma que o **agora** funciona como advérbio do discurso que liga blocos textuais, atuando como conectivo que auxilia na composição do texto.

Observamos, assim, que nesse exemplo (170), o **agora**, além de contrapor ideias, forma um bloco textual, orientando o interlocutor à posição que ele, locutor, quer determinar, ou seja, “era a casa que eu desejei, entretanto ela me causou problemas”. Nesse exemplo, há também o **agora** (sublinhado) que foi empregado com o valor de tempo.

Dizemos isso para confirmar as possibilidades de uso desse item e a manutenção do seu emprego como advérbio de tempo. Essa manutenção pode ser comprovada pela Tabela 2, em que o **agora**, como advérbio, na transcrição *corpus* oral, aparece com 58,00% de uso e no *corpus* escrito, Tabela 4, com 72,00% de uso.

Esses dados respondem a duas perguntas de nosso estudo: se há preferência no emprego do **agora** nas diferentes modalidades da língua e o que a justifica. Pelos números, observamos que o **agora** foi mais empregado como advérbio 72,00%, no *corpus* escrito, conseqüentemente, teve frequência menor no uso das novas funções, propostas por esta pesquisa, como conector de contrajunção 10,00%, operador discursivo modificador de tópico 18,00%.

Já no *corpus* oral, o emprego do **agora** apresenta-se com uso bastante diversificado (Cf Tabela 2): 58,00% como advérbio, 19,00% como conector de contrajunção, 21,50% como operador discursivo e 1,50% como marcador conversacional. Observamos, então, que os usuários da língua oral empregam o **agora** com outras funções que não a função de advérbio de tempo. Esse fato pode ser justificado pela criatividade e informalidade que a língua oral possibilita aos seus falantes. Outro fato que observamos e que pode justificar o emprego do **agora** na oralidade como conector de contrajunção é maior uso entre os entrevistados que fazem parte da língua não-culta, como comprovamos pelos dados da Tabela 2. Essa Tabela 2 mostra que o **agora** apresenta 529 ocorrências entre todas as funções (advérbio, conector de contrajunção, operador discursivo modificador de tópico e marcador conversacional), sendo que o seu emprego mais expressivo está entre os entrevistados dos inquéritos do PEUL, com 329 ocorrências. O PEUL é um projeto que privilegia somente entrevistados da língua não-culta. Já o NURC que privilegia a língua culta teve 140 ocorrências e o Mineirês com inquéritos que mesclam culta e não-culta apresenta 60 ocorrências. Para justificar melhor a diferença entre PEUL, NURC e Mineirês no que respeita a refinar a influência da variável culta x não-culta, caberia investir em uma outra pesquisa, que não é o nosso objetivo.

Além disso, observamos também que, na oralidade, o **agora** é empregado com frequência em uma situação híbrida, ou seja, ocorre, ao mesmo tempo, em seu uso, as funções de conector de contrajunção ou de operador discursivo modificador de tópico, com resquícios de tempo.

Já, no *corpus* escrito, em que a língua é culta, observamos na tabela 4, que houve apenas 39 ocorrências do **agora** entre todas as novas funções. Esse fato corrobora o que foi apontado em relação ao maior emprego do **agora** na oralidade, que pelo *corpus* escolhido privilegia a informalidade, pois apresenta-se por meio de entrevistas face a face.

Quanto a nossa justificativa para o maior uso do **já** com funções não adverbiais no *corpus* escrito, observamos a Tabela 4: o **já** com a função de advérbio apresenta 52,70% de emprego, como conector de contração, 24,60% e como operador discursivo modificador de tópico 22,70%. Essa Tabela mostra que o menor uso como advérbio aponta para um maior emprego nas novas funções inscritas nesse item. Observamos que o *corpus* escrito é predominantemente culto, e, portanto, mais formal. Esse fato pode ter influenciado o produtor dos textos escritos a fazer a opção pelo **já**. Todavia este fato levanta uma questão para a qual não encontramos resposta em nossa pesquisa: por que no caso do **agora** a língua não culta e mais informal favoreceria o aparecimento das funções não adverbiais para o **agora**, enquanto com o **já** aconteceria exatamente o oposto, ou seja, a língua culta e mais formal é que favoreceria o aparecimento dessas funções de conector de contração e operador discursivo de mudança de tópico? Notamos, também, que diferentemente do **agora**, o **já**, no *corpus* escrito, não apresenta resquícios de tempo, portanto não o encontramos em situação híbrida.

Koch (1992b, p.29- 31) diz que ao interagirmos pela linguagem procuramos atuar sobre nosso interlocutor na espera de determinadas reações. Isso significa que nos enunciados está inscrita a força argumentativa, que pode ser mobilizada, dentre outros recursos, por elementos da língua, como os conectores. Vejamos um excerto retirado de um texto escrito:

(171)

A principal meta do presidente Salvador Hugo Palaia para seus contados dias de governo é enxugar ao máximo os gastos do departamento de futebol do Palmeiras.

Mas só gastos operacionais, como as despesas do programa de sócio-torcedor, ações de marketing e assessoria de imprensa, por exemplo, devem sofrer cortes.

As maiores despesas do futebol, no entanto, devem permanecer intactas. Kléber (R\$ 373 mil) e Valdivia (R\$ 299 mil) devem permanecer (a) **Já** o treinador Luiz Felipe Scolari (R\$ 700 mil mensais) e sua comissão técnica são considerados intocáveis no clube (b) (T E 7).

Observamos que na sequência (a), que antecede ao **já**, há uma informação de que o presidente do Palmeiras traçou como objetivo diminuir os gastos do clube (enxugar). Entretanto, o autor do texto dá início ao outro enunciado (b), usando o item **já** que, esvaziado da ideia de tempo, instaura um contra-argumento:

(a): diminuir gastos.

já

(b): manter gastos com o treinador e sua equipe.

Esse outro argumento significa que os cortes ocorrerão em alguns setores, como programa de sócio-treinador, marketing, imprensa, etc., menos com o treinador e sua equipe.

Esse fato pode desencadear os seguintes subentendidos: ou o Scolari e sua comissão técnica são excelentes profissionais, capazes de erguer o clube, pois entende-se que o clube está em dificuldades econômicas, ou há uma relação de amizade e interesses entre a direção e o técnico e seu grupo. Como afirma Guimarães (1981, p. 98), o elemento linguístico é estabelecido de tal forma que as sentenças são articuladas para tentar conduzir o leitor a uma determinada leitura, a um determinado sentido, possibilitando o levantamento de questionamentos e até de dúvidas comprometedoras: o que há por trás dessa atitude?

Reafirmamos que certos elementos da língua não podem ser tratados, como registra a gramática tradicional, apenas como elementos meramente relacionais, visto que eles são capazes de atuar sobre o leitor, desencadeando atitudes, como nesse caso, o levantamento de suspeitas e a possibilidade de um movimento organizado pelos torcedores contra o presidente do clube. Enfim, como diz Geraldi (1981, p. 65), a argumentatividade é um modo corrente de interação. Aquele que argumenta pretende interferir sobre as representações ou convicções do outro com o objetivo de modificá-las ou aumentar a adesão para tais convicções.

Enquanto nas transcrições dos inquéritos do *corpus* oral o **já** apresenta 98,00% de emprego como advérbio e somente 1,30% como conector de contrajunção, 0,70% como operador discursivo modificador de tópico e nenhuma ocorrência como marcador conversacional, no *corpus* escrito os dados são diferentes: há 52,70% de ocorrência do **já** como advérbio; 24,60% como conector de contrajunção e 22,70% como operador discursivo modificador de tópico. Esses dados revelam que o uso do **já** na língua escrita é significativamente maior que na oral e também maior que o emprego do **agora**, como já apontamos na análise quantitativa. Esse fato corrobora a ideia de que o emprego do **já** está mais estabelecido na língua escrita, que, no nosso *corpus*, é predominantemente culta. Dessa forma, o usuário dessa modalidade escrita culta tem empregado com maior frequência o **já** não só como advérbio, mas também em outras funções, que ultrapassam as fronteiras registradas por vários estudos linguísticos e gramáticas tradicionais, que apresentam esse item somente como advérbio de tempo. É mais um recurso da língua empregado pelo seu usuário, que pode configurar uma mudança de função desse item.

Outra função que apresentamos neste estudo é a de marcador conversacional. Essa função ocorre somente na transcrição dos inquéritos do *corpus* oral e com o item **agora**.

Vejamos o exemplo (172).

(172)

F- Eu acho que... se droga fosse bom, não teria esse nome droga. Eh... droga é uma coisa que... (latidos de cachorro) é que nem cigarro, cigarro não deixa de ser droga, (ruídos) você vai lá, fuma maconha por exemplo... você gosta, você vai fumar como se fuma cigarro, isso é consequência é uma coisa, que você não pensa na hora que você vai lá e faz. Você não pensa que você tá se matando, (“tu”) não pensa que você tá acabando com você. É uma coisa que... sabe? eu não fico contra o uso das drogas não!... Sou contra o uso das drogas não. Quem quiser usar usa, quem não quiser usar, não usa... (a) **Agora**... (inint) idéia, mas agora ser contra eu não sou (ruídos). Nunca usei drogas, nunca fumei, nunca botei cigarro na minha boca, não bebo (pausa pequena) entendeu?(b) (P I 4).

Apoiamos o nosso estudo acerca dos marcadores conversacionais em Galembeck e Blanco (2005, p.2), que dizem que o emprego de determinados itens da língua têm por função envolver os interlocutores, segurar as relações interpessoais e situar o assunto, articulando e estruturando as unidades da cadeia linguística. Nesse exemplo, temos em (a), o falante que se posiciona acerca do uso de droga. Há em sua fala interrupções marcadas por pausas, que na transcrição vêm representadas pelas reticências e vírgulas e também pelos elementos da língua que são responsáveis pela interação, articulando as unidades da sua fala, como: “eh, sabe?, **agora**”. Esse item **agora**, não funciona como advérbio de tempo e nem como conector de contrajunção ou operador discursivo modificador de tópico, mas funciona como um marcador conversacional que em (b) estabelece a interação, destituído de conteúdo cognitivo e de valor semântico. Consideramos que o emprego do **agora** nessa situação de marcador conversacional tem como objetivo manter a interação.

Concluimos essa introdução das nossas análises acerca do **já** e **agora**, salientando que as funções desses itens que focalizamos em nosso estudo são: i) de conector de contrajunção, estabelecendo a adversidade, ii) de operador discursivo modificador de tópico, responsável pela mudança da ideia da sequência anterior ao uso dos itens em estudo, iii) de marcador conversacional, que ajuda na interação da conversa face a face. A função de advérbio também é abordada, mas usada apenas para cotejo em relação às funções i), ii) e iii).

Além da discussão semântico-argumentativa, alinhavada com os dados, salientamos que vamos analisar as ocorrências, tendo também como perspectiva os critérios sintático e fonológico.

4.1 Critérios para a análise do **já** e **agora** nas dimensões: semântico-argumentativa, sintática e fonológica

A nossa descrição analítica contempla as dimensões: a) semântico-argumentativa, observando os sentidos e as funções desempenhadas pelos itens, em estudo, na orientação argumentativa; b) sintática, especificando as particularidades do **já** e **agora**, na estrutura do enunciado e c) fonológica, estabelecendo as especificidades desses itens em relação à pausa entonacional, antes e depois deles, tanto na escrita quanto na oralidade. A partir do exemplo a seguir, expomos melhor essas dimensões, apesar de elas já terem sido elencadas na metodologia e referidas anteriormente em algumas análises.

(173)

Para o urbanista Renato Cymbalista, "se tem um lugar que pode receber shopping é a região da Paulista, bem servida de transporte público" (a).

Já Álvaro Puntoni, professor da FAU-USP e da Escola da Cidade, não faz concessões. "O shopping é anticidade. Ele sempre vai tirar as pessoas da rua. E isso é o pior de São Paulo: suas ruas mortas." (b) (T E 26).

Em (a), há a defesa da construção de um shopping na região da Avenida Paulista na cidade de São Paulo, em (b), a partir do **já**, contrapondo a essa posição, há a justificativa para a não construção de um shopping nesta região. Identificamos que o autor, ao escolher o **já**, com o sentido de contrajunção, quis imprimir um valor argumentativo de levar o leitor a se colocar entre duas possibilidades: de ter um shopping na Avenida Paulista ou não. Ao apresentar duas situações adversas, o autor fecha o enunciado com a ideia de Álvaro Puntoni, levando o leitor a crer que essa é a melhor proposta. Essa afirmação corrobora a de Ducrot (1981, p. 180-181) que "admite que as relações intersubjetivas não se reduzem à comunicação, à troca de conhecimentos, mas introduz-se nelas relações inter-humanas para as quais a língua oferece não apenas a ocasião e o meio, mas também o quadro institucional." (DUCROT, 1981, p. 180,181). Dessa forma, o locutor elabora sequências que tomam determinados argumentos mais fortes que outros. Ducrot (1981, p.181), para essa relação, dá o nome de escala argumentativa. Isso significa que (b) não apaga a ideia de (a), mas justapõe uma apreciação mais positiva, fazendo com que o **já** indique que o segundo argumento, contrapondo-se ao primeiro, em (a), deva ser considerado como predominante.

Observamos, ainda, que nesse excerto há, além da contrajunção, a ideia de comparação entre as posições de um urbanista e de um professor da FAU. Existem então duas ideias diante de um único eixo: a construção de um shopping. Há um tópico maior, com um

subtópico que traz um argumento introduzido pelo **já** no sentido de apontar para o leitor a melhor solução para a cidade de São Paulo.

Assim, a partir do item **já**, o autor tenta convencer o leitor de que tirar as pessoas da rua é deixar esses espaços mortos e criar um simulacro, uma representação artificial de cidade, pois a interação com a diversidade, que existe na rua, deixaria de existir. Observamos que o **já**, como conector, contempla o valor de argumentação não somente como consequência de informações da frase, como afirma Ducrot (1981, p. 178-179), mas também o seu uso serve para dar uma orientação argumentativa ao enunciado, conduzindo o destinatário a uma determinada direção. Além disso, o produtor do texto tem também a imagem de seu interlocutor, que é um leitor do jornal Folha de São Paulo, já que este texto escrito foi retirado desse jornal diário, que circula por todo país, tanto on-line quanto impresso. Esse fato coaduna com a afirmação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 16) de que o discurso argumentativo deve refletir o modo de pensar da comunidade à qual o seu auditório pertence, e o contato entre o produtor do texto e o seu auditório é condição fundamental para o desenvolvimento da argumentação. Dessa forma, ao colocar a posição de Álvaro Puntoni, em (b), inclusive, identificando-o como professor da FAU/USP, dá a esse professor mais autoridade, e, conseqüentemente, ao seu argumento mais poder de convencimento, orientando a leitura do interlocutor.

Outra observação que podemos fazer é a de que o **já**, em (b) antecede a um sujeito sintático, Álvaro Puntoni, posição para que este item seja um conector argumentativo de contrajunção. Essa é uma especificidade não só do **já** mas também do **agora**. Para que eles funcionem semântico-argumentativamente como conector de contrajunção e operador discursivo modificador de tópico, é necessário que esses itens estejam acompanhados de um sujeito explícito ou não. O que não ocorre com a função de marcador conversacional;

Para ilustrar, vamos apresentar um *slogan* de publicidade de uma marca de cosmético: “A vida é bonita (a), **mas** pode ser linda (b)”. Observamos que há duas ideias que se diferenciam, uma retificando a outra. Essa diferença é instaurada a partir do **mas**, como conjunção adversativa. Há também os adjetivos bonita e linda que se diferenciam, pois linda carrega uma carga semântica mais forte que bonita. Esse *slogan* tem em (b) o mesmo sujeito sintático de (a), que é o substantivo vida. Se trocarmos o **mas** pelo **já** temos uma frase linguisticamente inaceitável: *“A vida é bonita, **já** pode ser linda”. Se trocarmos pelo **agora** a frase é aceitável, entretanto o **agora** assume a função de advérbio temporal e não de contrajunção como estamos propondo: “A vida é bonita, **agora** (neste momento) pode ser linda”.

No entanto, se reelaborarmos essa frase: “A minha vida pode ser bonita (a), **mas** a sua vida pode ser linda (b)”, com sujeitos sintáticos diferentes: minha vida, em (a) e sua vida, em (b), o **mas** pode ser permutado por **agora** ou **já**, mantendo em (b) a ideia de contração; “A minha vida pode ser bonita(a), **agora/já** a sua vida pode ser linda (b)”

Diante disso, observamos que o **já** e o **agora**, para funcionarem como conectores, devem estar acompanhados de um sujeito sintático, na sequência (b), podendo ser diferente do sujeito sintático da sequência (a).

Nota-se que com o uso de sujeitos diferentes há a possibilidade do estabelecimento entre as duas sequências de uma comparação entre as ideias que se predica dos dois sujeitos: a minha vida versus a sua vida. Esta espécie de comparação é fato comum neste tipo de construção, sendo praticamente característica da mesma.

Outro fato sintático que ocorre é o da imobilidade dos itens em estudo, ou seja, eles só podem ser empregados, introduzindo a sequência em que funcionem tanto como conector de contração quanto como operador discursivo modificador de tópico:

(a), agora (b).

(a), já (b).

A mudança de posição altera o sentido do enunciado, podendo migrar de conector para advérbio de tempo, com o sentido de neste momento, imediatamente, anteriormente, como em:

(174)

Os russos venceram o Zilina da Eslováquia por 3 a 0 só com gols brasileiros. O atacante Ari marcou dois, e Ibson completou o placar. Atual vice-campeão, o Bayern de Munique venceu o Basel por 2 a 1. Os alemães lideram seu grupo. (a) **Já** o Roma ganhou do Cluj, também por 2 a 1, e tomou a segunda posição dos romenos no Grupo E. (b) (T E 8).

Em (a), temos informações sobre o placar de alguns times europeus, em (b), há uma outra informação de resultados de, também, outros times europeus. Entretanto, observamos que não ocorre entre (a) e (b) ideias que se opõem, mas uma ideia, em (b), que modifica o tópico de (a). O item **já**, empregado pelo produtor do texto, funciona como um operador discursivo modificador de tópico, introduzindo essa nova ideia, ou seja, da vitória do Roma sobre o Cluj. Observamos também que o **já** inicia a sequência em que ele é responsável pela mudança do tópico. Ele pode ser trocado pelo **agora**, que o sentido do enunciado se mantém. Vejamos: “Os russos venceram o Zilina da Eslováquia por 3 a 0 só com gols brasileiros. O

atacante Ari marcou dois, e Ibson completou o placar. Atual vice-campeão, o Bayern de Munique venceu o Basel por 2 a 1. Os alemães lideram seu grupo. (a) **Agora** o Roma ganhou do Cluj, também por 2 a 1, e tomou a segunda posição dos romenos no Grupo E. (b)”. Entretanto, não podemos deslocar esses itens para outras posições na frase, já que a mudança do **já** e do **agora** para após o sujeito, como em: “Roma **agora** ganhou do Cluj”, nesse exemplo, o **agora** mobiliza a ideia de tempo (neste momento), portanto passa a funcionar como advérbio. Assim como o **já** em: “O Roma **já** ganhou do Cluj”, nesse exemplo o **já** contempla a ideia, de antecipação, tempo passado, portanto também advérbio de tempo.

Outra dimensão que abordamos nesta tese diz respeito ao fenômeno fonológico, que foi observado, principalmente, na transcrição do *corpus* oral, ao ouvir as entrevistas. Há sempre uma pausa antes e depois do **já** e do **agora** com as funções de conector de contrajunção e operador discursivo de mudança de tópico. No *corpus* escrito a pausa nem sempre vem marcada. A nossa leitura é que deverá favorecer essa marcação. Essa pausa no *corpus* escrito se faz presente pela vírgula, reticências ou ponto final, como vemos no exemplo a seguir:

(175)

Se o Brasil sancionou as manobras privadas de José Sarney no poder público – fazendo do Senado uma extensão de sua casa, em prol dos parentes e amigos –, ficou combinado que entre a pessoa do senador e o Estado brasileiro não há fronteira (nem divisória, nem cortina japonesa). Sarney é público. Por isso, nada lhe aconteceu também quando usou o helicóptero da polícia do Maranhão para ir descansar em sua ilha particular. Se o passageiro era estatal, o descanso também era (a)

Agora, o PPS quer questionar a estatização da Fundação José Sarney, transformada em Fundação Memória Republicana. O que deu no partido de Roberto Freire? Só pode ser inveja. Que mal pode haver em transferir ao contribuinte a conta da ONG umbilical de Sarney, que o ajuda na função social de eternizar a si mesmo em vida? O que o PPS tem contra a socialização das despesas da família Sarney, em prol da memória republicana? (b) (T E 37).

Em (a), o autor apresenta atos indevidos, ligados ao senador Sarney e aprovados pelo governo brasileiro, em (b), a partir do **agora**, seguido de vírgula, critica-se a posição de um partido, o PPS, que diante de atitudes condenáveis de Sarney, mas aceitas anteriormente, quer, agora, questionar a estatização da Fundação do Senador. Observamos que há, em (b), uma mudança do foco que anteriormente estava sendo colocado, portanto esse **agora** funciona como um operador discursivo modificador de tópico, já que não há um contra-argumento, mas apenas um desejo, uma possibilidade de alterar a situação. Além disso, observamos que há nesse **agora** também resquícios de tempo, como se houvesse uma passagem de advérbio para conector, sem perder totalmente as características da ideia temporal. Na verdade é preciso notar que a mudança de tópico (crítica às atitudes de Sarney ao misturar o privado

com o público x apoio às atitudes de Sarney ao misturar o público com o privado) é apenas aparente, pois o apoio em (b) é na verdade uma ironia que reforça ainda mais o argumento contra a postura de Sarney. Assim a mudança de tópico é apenas uma estratégia para reforçar a crítica.

O **agora** vem após um ponto final, iniciando um novo tópico e, após ele, há o emprego de uma vírgula. Essa pausa entonacional revela-nos como uma especificidade do emprego do **agora** como operador discursivo modificador de tópico, conector de contração e marcador conversacional.

Quanto ao emprego do **já**, observamos que, no *corpus* escrito, esse item nem sempre aparece seguido do sinal de pontuação, mas na leitura do texto fazemos naturalmente uma pequena pausa. Há ainda ocorrências com o **já** após um ponto final, comprovando que o fenômeno fonológico pode ocorrer antes e depois do emprego dos itens em estudo.

Na transcrição do *corpus* oral, a percepção da pausa é evidente, assim como em muitas transcrições, há a vírgula, o ponto final ou reticências, principalmente com o **agora**, como observamos no exemplo a seguir:

(176)

E – Todo mundo tem carteira de identidade, título de eleitor.

F – Já documento tudo (a).

E – CPF **agora**... O CPF que é chato porque volta meia eles tão pedindo [pra]... pra renová, né? (b) (P I 1).

Se por um lado, em (a), todo mundo tem todos os documentos, por outro lado, em (b), a dificuldade está com o CPF, pois sempre tem que renovar e com isso, pode ser que nem todos o tenham. Para dar essa informação e ainda, a partir do **agora**, estabelecer uma crítica à renovação (que é chato), o locutor faz uma pausa, no caso, mais longa do que a pausa da vírgula, pois nesse exemplo há as reticências.

A seguir, apresentamos as nossas análises, elencadas conforme as funções de conector de contração, operador discursivo modificador de tópico, marcador conversacional e as variáveis: tipos de textos e modalidades da língua.

4.2 O **já** como conector de contração

Como já foi abordado, compreendemos o conector de contração como um elemento da língua que estabelece a oposição entre dois segmentos e, ainda, no caso do **já**, desencadeando uma comparação, a partir de um eixo comum. Além disso, ele é responsável

pela orientação argumentativa da leitura de seu interlocutor. Se (a) diz X, (b) diz Y, contrariando X e geralmente dando prioridade ou maior força a (b) iniciado pelo **já**.

O exemplo (177), retirado do *corpus* escrito, com o **já** funcionando como conector de contrajunção, diz respeito ao ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e à posição do Ministro da Educação, Fernando Haddad, na época, em relação à aplicação do Exame. É de conhecimento geral que, em 2009, o exame foi cancelado por fraude. Somente depois de 50 dias foi aplicado, mas com problemas, pois o gabarito saiu errado. Vejamos um excerto do texto:

(177)

“O exame avalia a qualidade de alunos e escolas no ensino médio e, a partir deste ano, serve como seleção de calouros para universidades federais.

“Refizemos todos os procedimentos em 50 dias. Às vezes as pessoas se esquecem da dimensão de uma prova para 2,6 milhões de alunos. Tudo funciona de forma satisfatória, com poucos incidentes”. Disse Haddad à Folha, lembrando o vazamento do exame há dois meses.

O gabarito errado entrou no site oficial do Enem na noite de domingo. Retirado, voltou ontem à tarde, corrigido. (a) **Já** a abstenção chegou quase a 40%, a maior nos 11 anos do exame” (b) (T E 5).

Nesse exemplo, em (a), apresenta-se a finalidade do exame, a sua importância e o funcionamento satisfatório de sua realização, mesmo com gabarito errado. Observamos como todo o enunciado indica justificativas para melhorar a imagem do exame, principalmente, a partir da visão do então Ministro da Educação. Em (b), o enunciado que conclui o texto é iniciado pelo conector **já**, que lhe dá uma nova direção, contrariando o que foi dito em (a), ou seja, diante de fatos positivos apresentados pelo Ministro, há um fato que vem se contrapor ao que foi colocado. Esse fato é o alto índice de abstenção 40%, que mobiliza a ideia de oposição à sequência anterior. A partir do **já** temos uma orientação adversa, que pretende levar o leitor a questionar a credibilidade do exame e até a credibilidade da fala do Ministro. Parece-nos também que essa sequência (b) é mais forte, coincidindo com o que diz Ducrot (1981, p. 181), ou seja, que há uma relação de força entre um enunciado e outro, e essa relação instaura uma sequência mais forte, responsável pela orientação do discurso: o ENEM não está tão bem quanto o ministro quer fazer parecer, tanto que 40% dos candidatos não compareceu.

Ao fechar o texto com o **já**, no início da sequência (b), apontando para um problema, o autor quer orientar o leitor dando relevância ao seu argumento.

O produtor do texto, ao dizer que o Ministro considera a aplicação do ENEM como satisfatória, sabendo que o primeiro exame de 2009 não foi realizado, por graves problemas, levanta suspeita em relação ao otimismo dessa aplicação. Segundo Koch (1984, p. 104), as relações discursivas são subjetivas, pois dependem de suas condições de produção. Diante

disso, salientamos que o autor subjetivamente pode encaminhar o seu discurso, concordando com o Ministro ou discordando dele. Nesse caso, o autor, ao empregar o **já**, conclui o seu texto, discordando de todas as colocações anteriores e tentando levar o seu leitor a fazer o mesmo, já que o número de 40% de abstenção é uma porcentagem importante no cômputo geral e pressupõe que não foi tranquila a realização do exame ou não haveria uma abstenção desse porte.

Esse é um mecanismo utilizado que pode fazer com que esse leitor levante dúvidas sobre a eficiência e seriedade do exame e a partir disso, inclusive, desencadear um boicote, com maior número de abstenções, para as outras aplicações. Há, então, uma crítica ao exame e, conseqüentemente, à capacidade do próprio Ministro.

Dessa forma, ao empregar o **já** como conector de contrajunção e não como advérbio de tempo, ele deixa de ser advérbio e passa a funcionar como conjunção adversativa, como conector de contrajunção, com função semelhante à do “mas”, migrando de uma função gramatical (advérbio) para outra ainda mais gramatical (conector).

Apresentamos, em seguida, um exemplo, retirado de um texto oral, do Projeto NURC:

(178)

L: Eu não nasci em casa. Na época, quase que todo mundo nascia dentro de casa, sendo atendido por uma parteira, não era muito comum o atendimento por médico, inclusive (a) **Já**, eu, nascido em trinta e sete, já comecei a pegar uma fase diferente, então, eu nasci dentro de uma maternidade (b) (N I 4).

Nesse exemplo, observamos o emprego do **já** marcando uma sequência que aponta para uma ideia diferente da anterior, isto é, era comum nascer em casa, ser atendido por parteira, entretanto com o locutor esse fato foi diferente, pois ele nasceu em maternidade. Há, então, o estabelecimento, a partir do **já** de uma ideia diferente, que ao contrapor duas situações as compara: em (a), nascer em casa, com parteira, em (b), nascer na maternidade, assistido por médico.

Ao empregar essa estrutura, o produtor do texto aponta a diferença entre o seu parto e o de outras pessoas nascidas naquela época. Ao dizer também que com ele teve início uma fase diferente por ter nascido em maternidade, ele sinaliza para o leitor que essa sua situação (nascer em maternidade) é positiva, pois inclui melhor assistência, menos riscos, mais cuidados.

Essa estrutura corrobora o que diz Ducrot (1981, p. 245) a respeito do uso de determinados morfemas que funcionam como conectores, como o caso do **mas**, considerado pelo autor como o conector de contrajunção por excelência. Ducrot diz que o papel desses

elementos da língua não se restringe a assinalar a oposição entre proposições e a uni-las, mas há no uso desses itens um jogo enunciativo que envolve tanto as intenções do locutor como também a maneira como o interlocutor coloca em funcionamento esse jogo. O locutor / produtor do texto procura determinar, pela estrutura linguística, a que conclusão ele deseja que o interlocutor chegue. Há, assim, no próprio enunciado uma referência à caracterização argumentativa das proposições que o constituem.

Gostaríamos de acrescentar, ainda, mesmo que não seja objeto de nosso estudo, que temos observado ao longo do trabalho a mudança de classe gramatical do **já**, ou seja, ele está deixando de funcionar como advérbio, como é normalmente registrado, passando a funcionar como conector de contrajunção, partindo de uma função gramatical para uma mais gramatical. Souza (2009, p. 116), em um estudo sobre o **já**, com um *corpus* tanto diacrônico quanto sincrônico, diz que esse item linguístico aparece já em textos do século XVIII, estabelecendo a ideia de contraste, com a noção de tempo diluída no contexto e funcionando como um operador argumentativo, apontando para a sua gramaticalização.

4.3 O já como operador discursivo modificador de tópico

Consideramos o operador discursivo modificador de tópico, neste estudo, como aquele item da língua que assinala entre sequências (a) e (b) encaminhamentos diferentes, isto é, não há a oposição de ideias, mas um novo direcionamento entre essas ideias, expressando uma sequência de sentidos, de ações, como podemos verificar no exemplo (179). Nesse exemplo, retirado da transcrição do *corpus* oral, há o emprego do **já** por três vezes, com a mesma função, o que coaduna com o que Riso (2002, p.40) diz sobre o **agora**, quando ele é empregado para sinalizar etapas do desenvolvimento de um assunto com finalidade didática, direcionada à compreensão do ouvinte. Observamos que o **já**, nesse exemplo, mobiliza a mesma função do **agora**, apresentada por Riso, pois o falante, ao comentar sobre o relatório da disciplina de prática de saúde, o faz de forma técnica, apresentando passo a passo o que ocorreu na comunidade. Para separar um evento do outro, o usuário da língua utiliza uma unidade linguística (o **já**), e a emprega com a função de operador discursivo modificador de tópico. Vejamos o exemplo:

(179)

E: Sobre esse projeto que você citou, comente um pouco sobre ele.

L: Bom, como eu disse antes, esse trabalho ele foi desenvolvido pela disciplina de prática de saúde coletiva e vai ser avaliado dentro dessa matéria né e... ele começa com a gente ino pro

posto de saúde da barragem. Primeiro, nosso grupo de quinze pessoas foi pro posto de saúde né e, no primeiro dia, a gente fez uma reunião com o professor lá, ele explicou como que seria desenvolvido o projeto, o que que a gente faria e na prática mesmo nós não fizemos nada, só escutamos mesmo. (a) **Já** no segundo dia, na segunda quarta, que é uma vez por semana que nós vamos lá e.....toda quarta-feira e na segunda quarta nós já fomos pra área de recolhimento de material, como o sangue e depois ficamos um tempo na recepção, observamos como que é a recepção das pessoas no posto. (b) Aí numa outra quarta que nós voltamos lá, nós já fomos direto para o colégio, mas dessa vez nós apenas conversamos com a diretora, explicamos nosso projeto, nossa intenção, fomos com o professor lá e.....na prática mesmo também não fizemos nada, só conhecemos a escola, onde que ela ficava, conversamos com a professora e pedimos pra ela pra desenvolver esse trabalho lá (a) **Já** na segunda vez que voltamos no colégio é...nós ficamos dentro da sala de aula, a diretora apresentou a gente pra nossa professora, o grupo que era de quinze pessoas foi dividido em trios e cada trio ficou numa sala (b).

Aí foi só isso, eles, conhecemos alguns alunos, de vez em quando até ensinamos alguma palavra em português pra eles, que eles tinham errado na redação, mas foi mais isso mesmo, não agimos enquanto na prática da saúde coletiva mesmo (a). **Já** numa segunda visita, nós é...levamos cartazes para os alunos e...com tema de copa do mundo e tal e falamos com é...a professora pra levar revista pra eles recortarem, que nós queríamos que eles fizessem um cartaz pra gente sobre higiene e... (b) (MI 2).

Segundo Koch e Travaglia (1996, p. 44), os conectores são elementos da língua com função de indicar a força argumentativa dos enunciados. Eles são responsáveis pela orientação argumentativa do discurso. Para Koch (1992b, p. 29), usar a linguagem é essencialmente argumentar, orientar os enunciados produzidos no sentido de determinadas conclusões.

Afirma Ducrot (1981, p.178) que, “muitos atos de enunciação têm uma função argumentativa que objetiva levar o destinatário a determinadas conclusões ou delas desviá-lo”. (DUCROT, 1981, p.178)

Confirmamos essas observações, por meio desse exemplo (179), visto que o emprego do **já** como operador discursivo modificador de tópico indica uma outra ideia diferente da apresentada na sequência anterior, ou seja, (b) redireciona (a), sem contrapor-lhe. Além disso, ocorre também a comparação entre as duas sequências, o que é uma característica do **já** nessa função.

Assim, observamos que não há, em (179), uma oposição de ideias, mas somente uma outra orientação, uma mudança de tópico ou subtópico. Podemos considerar essa nova orientação como uma continuidade construída pelo autor, que apresenta novos relatos que se diferenciam dos anteriores. Ordena-se o texto, apontando para diferentes ações realizadas dentro do posto de saúde e da escola.

Outra observação que pode ser feita é que esse item não polemiza, como o “mas”, entretanto ele é responsável pela inserção de novas ideias, que dão continuidade ao texto, ajudando no estabelecimento da coesão e conseqüentemente da coerência.

Guimarães (1981, p. 98) diz que pela estrutura argumentativa o locutor especifica condições de relevância pelas quais uma frase encadeia com a outra, produzindo um texto. Ao elencar os passos do desenvolvimento do projeto: “**Já** na segunda vez que voltamos no colégio é... nós ficamos dentro da sala de aula”, “**Já** numa segunda visita, nós é... levamos cartazes para os alunos e...”, o locutor indica como o interlocutor deve ler o seu texto. O elemento linguístico é, então, estabelecido de tal forma que as frases são articuladas para tentar conduzir o leitor a uma determinada leitura, com um determinado sentido. Assim, o **já** possibilita a organização da sequência, instaurando uma comparação entre as ações desenvolvidas, e, ainda, salientando que essas ações desenvolvidas no projeto podem significar empenho, compromisso, seriedade e envolvimento entre o curso e a comunidade.

Finalmente, observamos em (179) que o locutor para atingir os seus objetivos como, por exemplo, apontar o compromisso com a comunidade, deve conhecer o seu interlocutor e a partir desse conhecimento, escolher, pela linguagem, o caminho mais eficaz, para conquistar a adesão dele.

No próximo exemplo (180), trazemos Arruda-Fernandes (1996, p. 23) que diz que há usos diferentes de conectores para textos orais e escritos, já que esses textos possuem diferentes objetivos. Essa afirmação coaduna com o que encontramos em nosso estudo, pois, de acordo com os dados, o **já** foi mais empregado como operador discursivo em textos escritos, com 22,70% de ocorrências do que em textos orais com 0,70% e o seu uso foi mais recorrente em textos acadêmicos como artigos científicos e dissertações (Cf ex. 180). Embora não tenhamos tomado os gêneros como uma das variáveis a observar, não podemos deixar de registrar o fato que constatamos de que o uso do **já** nas funções de conector de contrajunção e operador discursivo é bem frequente nos gêneros acadêmicos escritos (teses, dissertações, artigos científicos, etc. – Não trabalhamos com gêneros acadêmicos orais). Nossa hipótese é que isto acontece tendo em vista que nesses gêneros é comum a passagem de uma posição de alguém para outra posição sobre um mesmo fato, o que implica tanto uma simples apresentação para comparação das posições (operador discursivo modificador de tópico), quanto em alguns casos uma oposição entre elas (conector de contrajunção). Isto seria sem dúvida consequência de uma harmonização entre o que esses gêneros fazem em seu funcionamento textual discursivo em nossa sociedade, ou seja, suas funções e objetivos e as características funcionais do item em foco: **já**.

(180)

As cidades encontram soluções para os piores desastres,

assim será para os megaproblemas. Em que sentido isto pode ser concretizado?
A construção da resposta a esta questão exige que se faça uma inferência a partir da informação do texto: a mobilização das pessoas é capaz de reverter as piores situações.

O aluno A07 respondeu “na falta de emprego e de dinheiro”. Não ocorreu, nesta resposta, nenhuma ligação entre a pergunta e o que o aluno propõe. (a) **Já** o aluno A08 diz “nas mobilizações que seriam divulgadas pela população”; encontramos a ligação entre a PL mobilização e CM trabalho da população, mas faltou complementar; como fazer a mobilização. (b) **Já** o aluno A22 respondeu: “Isto pode ser concretizado no sentido de todas as pessoas se conscientizarem de que o seu próximo precisa de ajuda para melhorar as condições econômicas”. Nesta resposta, encontramos a construção da inferência, com estabelecimento de paralelos. Aqui, a palavra fundamental é conscientização. PL encontrar soluções, CM – conscientização, In- as pessoas serão ajudadas – melhorarão de vida [...].

A resposta à questão deve estar ligada à PL “boné deste time” e “papéis de embrulho” “pacotes” “embalagens”. CM valorização da matéria, In- as pessoas não se preocupam com o conteúdo, mas com a aparência.

O aluno A16 respondeu que “boné do Lakers dura mais tempo”; ele construiu uma ligação entre PL boné dos Lakers e um CM não explícito, que seria “produto importado é melhor” e construiu a In- dura mais tempo. Embora seja uma resposta ligada à materialidade, não corresponde à direção inferencial que o autor propõe. (a) **Já** o aluno A13 diz que “os períodos estão ligados à idéia do marketing e da propaganda.” Este aluno utiliza-se da PL “pouco importa o que significa Lakers e pacotes e embalagens”, faz a ligação com CM o que ele vê em propagandas é a exterioridade dos objetos e constrói a In- marketing e propaganda infere que há superficialidade, quando fala em marketing e propaganda, mas não amplia o sentido de que propaganda é uma forma de alienação (T E 17).

Esse texto é uma dissertação de mestrado e contém 18 ocorrências do **já** como operador discursivo. Esse uso se justifica primeiro pelo tipo de texto, dissertativo, que tem como objetivo levar o interlocutor a refletir acerca de um tema (TRAVAGLIA, [2003] 2007, p. 103), o que demanda o uso de um item que possibilita a apresentação ou o confronto de novas posições assegurando essa reflexão; segundo porque faz parte desse texto acadêmico, especificamente uma dissertação de mestrado, o jogo de ideias que apontam para diferentes análises, como foi o caso: a autora vai delineando a sua análise apontando para os resultados obtidos, isto é, aluno A07 teve uma determinada resposta que se enquadrou em determinada teoria, **já** o aluno A22 apresentou uma outra resposta que faz parte de um outro suporte teórico e assim por diante.

Observamos, então, que esse excerto possui as características de um texto dissertativo como: o interlocutor posiciona-se como um ser pensante, que raciocina, que faz relações entre as posições dos alunos A07, A22 e A13; que há o uso de verbos no tempo presente: “encontram”, “exige”, “infere”, etc.; que há também simultaneidade das situações (o tempo de ocorrência no mundo real, em sua sucessão cronológica) e ainda a indiferença da coincidência entre o tempo da enunciação e o referencial, podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior, no caso simultâneo (TRAVAGLIA, [2003]2007, p. 103).

Observamos também que o **já** como operador discursivo possui outras subfunções como detalhar o que foi dito anteriormente, retomar o subtópico, particularizando-o. Entretanto, esse refinamento de análise fica como sugestão para uma outra pesquisa.

4.4 O agora como conector de contrajunção

Consideramos o **agora** como conector de contrajunção, quando ele atua argumentativamente, introduzindo uma sequência que contradiz a anterior, como no exemplo a seguir:

(181)

L: Não, por exemplo, se for com menina eu vou,(a) **agora** se for com menino eu não vou.(b) Porque menino, se for dois junto, passa uma PM, passa alguma coisa, pensa que eu tô fazendo besteira; que é em grupo; então por exemplo assim, quando a gente (inint) (hes) é tipo um grupo de extermínio! Tá entendendo? Se andar junto os dois homem junto, o- a polícia chega e pára.(a)

Agora, se eu andar com uma mulher do lado nunca vai parar. Tá entendendo? (b) Porque sabe... de repente pensa que é a namorada... de repente pensa (“alguma”) prima... pensa que tá passeando na rua...(a) **Agora**, com homem não, com homem já é diferente... (b) (P I 2).

Nesse excerto, retirado de um diálogo entre um jovem da comunidade e o entrevistador, o jovem diz como, nos finais de semana, o seu grupo se posiciona em relação à polícia. Ele afirma que o melhor é sair acompanhado de alguém do gênero feminino, já que andar com outro homem provoca suspeita na polícia (fazer besteira, pertencer a grupo de extermínio). Para articular o seu pensamento, argumentando qual a melhor forma de se comportar na comunidade, o jovem emprega o conector **agora**, apontando para uma relação de adversidade, ou seja, estar na comunidade acompanhado de menina não traz problemas, mas estar com alguém do gênero masculino pode levantar suspeitas, que levam a problemas. Além da informação sobre o comportamento que o locutor expõe, há, também, a partir do **agora**, uma manobra discursiva que pode revelar: i) uma atitude esperta desse locutor; ii) a repressão da polícia em relação aos jovens do gênero masculino, ou, iii) o medo constante em que a população vive nessa comunidade. Diante disso, o locutor apresenta ao seu interlocutor que ele sabe como agir em determinadas circunstâncias.

Ocorre, a partir do **agora**, uma orientação diferente, que contrasta, comparando as proposições: estar com alguém do gênero masculino e estar com alguém do gênero feminino. Notamos ainda que o **agora** poder ser substituído por “mas”.

Ducrot (1972, p. 12) admite que nas relações intersubjetivas não há apenas troca de informações, mas, conforme Guimarães (1981, p. 98), há uma especificação pela estrutura

argumentativa, como nesse exemplo (181), apontando para uma atitude perspicaz do locutor que tenta levar o seu interlocutor a ler o texto, observando essa especificação, ou seja, ele (locutor) sabe como agir.

Outra verificação que podemos fazer acerca desse excerto é que o **agora** não tem mobilidade na frase, como teria o advérbio, conforme Perini (2010, p. 320) e isso pode apontar para a semelhança do emprego com a conjunção adversativa “mas”. Se colocarmos o **agora** após o início da subordinada condicional: “*se eu andar agora com uma mulher*”, o emprego desse item aponta apenas para a ideia de tempo e não de contração. Assim, para funcionar como conector de contração ele deve sempre iniciar a sequência que indica oposição.

Finalmente, podemos dizer que, nesse excerto, há três ocorrências do **agora** como conector de contração e, em todas, esse item atua contradizendo a mesma ideia: “se for menino eu não vou, **agora**, se for menina eu vou”. Essa repetição tem o papel de reforçar a força argumentativa em favor da posição que o locutor quer estabelecer, reforçando a sua atitude e a relação da comunidade com a polícia.

Observamos, não só neste exemplo, como em outros, o fenômeno fonético da pausa, marcado na escrita pela vírgula ou reticências. É recorrente, principalmente na transcrição do *corpus* oral, essa pausa após o **agora**, quando esse item funciona como conector de contração ou operador discursivo modificador de tópico.

Ainda nesse exemplo, gostaríamos de comentar como os dicionaristas e gramáticos registram esse emprego. Dentre o material pesquisado, que envolve gramáticas tradicionais e dicionários, excluindo os estudos linguísticos, somente Houaiss (2009) e Ferreira (2009), em seus respectivos dicionários da Língua Portuguesa, apontam para o uso do **agora** como conector de contração, coadunando com o que postulamos. Para as outras funções, como operador discursivo modificador de tópico e marcador conversacional, não há documentação que trate dessas funções. Também observamos que sobre o **já**, os dicionários não mencionam a possibilidade desses empregos com esse item.

Vejamos o que dizem os verbetes do **agora**, nos dicionários: em Houaiss (2009) e em Ferreira (2009), o **agora** pode funcionar como conjunção adversativa, introduzindo oração que instaura o contraste ao que foi dito anteriormente. Ferreira apresenta o **agora** como: “Conj. Mas, porém, contudo, todavia: Ir é fácil; agora voltar é que são elas”. FERREIRA (2009). Houaiss registra o **agora** como: “Conj. advrs. Introduz oração ou período que faz oposição ou restrição ao que foi dito anteriormente; mas, porém, contudo [*falar é fácil, a fazer é difícil*]” (HOUAISS, 2009).

Esse sentido, conferido ao **agora**, diferencia-se do que encontramos nas gramáticas tradicionais, que, consideram, de forma geral, o **agora** como um advérbio de tempo, que liga termos da oração (ALMEIDA, 1962, p. 276; BUENO, 1968, p. 147; SAID ALI, 1971, p.183; CUNHA e CINTRA, 1986, p. 529; BECHARA, 2000, p. 287; LIMA, 2000, p. 174).

Se por um lado, notamos a limitação das gramáticas e dicionários, quando tratam desse tema, por outro lado, há estudos linguísticos como o de Monnerat (2010, p. 2), afirma que o estudo da classe dos advérbios se apresenta com fronteiras imprecisas e diz que os critérios tradicionais de análise se reduzem a defini-los como elemento modificador de verbos, adjetivos e do próprio advérbio. A autora justifica essa afirmação ao dizer que alguns advérbios, ao funcionarem como dêitico-anafóricos devem ser denominados de advérbios do discurso, visto que ultrapassam os limites do enunciado. Ela afirma, inclusive, que uma característica desse advérbio é a de “introduzir um novo momento na organização discursiva, que se distingue do anterior por uma mudança de tópico e de orientação discursiva” (MONNERAT, 2010, p.5). Seu estudo abarca os itens **agora** e **já**, dialogando com a nossa proposta, como veremos a seguir, com o **agora**, também funcionando como conector de contrajunção em um texto escrito.

(182)

Para um atacante, que vive de gols, Robinho é até agora um fracasso em Copas. Entrou em campo em seis jogos da mais importante competição do planeta. Foram, sem contar os acréscimos, 320 minutos. E Robinho não conseguiu marcar um gol sequer no Mundial. Nas edições com participações do atacante -2006 e 2010-, dez jogadores balançaram as redes pela seleção. Segundo as estatísticas oficiais da FIFA, Robinho, nessas duas Copas, teve 15 chances de fazer um gol, mas falhou em todas. Na Alemanha, o atacante do Manchester City (emprestado ao Santos) foi titular só uma vez, nos 4 a 1 sobre o Japão, quando até teve boa atuação, mas falhou nas três finalizações que deu na partida (a). **Agora**, na África do Sul, Robinho teve como melhor momento o passe preciso para o gol de Elano contra a Coreia do Norte (b) (T E 15).

Observamos que a sequência anterior ao **agora** aponta para uma trajetória de fracassos do jogador: não marcou gol, falhou nas finalizações dos jogos. Após o **agora**, o leitor é orientado para uma conclusão diferente daquela até então encaminhada, ou seja, de recuperação do jogador com um passe preciso para o gol, feito para um outro jogador. Assim, esse emprego do **agora** contempla ideia divergente das anteriores, um sentido não esperado: o da recuperação do jogador. Para instaurar essa ideia inesperada há um apontamento para o que foi dito e, ao mesmo tempo, o produtor do texto traz uma nova ideia.

Observamos também que pode haver resquícios da ideia de tempo, própria do advérbio **agora**, pois compara a atuação do jogador em copas anteriores e com a copa atual.

Há, então, um processo de mudança de função que ocorre gradualmente, migrando da classe gramatical de advérbio para a classe das conjunções.

Esse emprego do **agora** também foi investigado por Risso (2002, p. 44). A autora afirma que o **agora** comporta a ideia de contra-argumento e com ela a ideia de prospecção, fazendo avançar o discurso para uma situação nova, direcionando o foco sobre aquilo que o falante quer falar.

Trazemos um exemplo, retirado de um texto do nosso *corpus* escrito, relacionando com o que foi colocado por Risso (2002, p. 44):

(183)

Depois de se formar em artes plásticas pela FAAP, Rodrigo Machado decidiu montar uma empresa de cenografia. Por trás da beleza dos cenários criados e de seus holofotes, incomodavam-no o desperdício e a questão ambiental. "Quase tudo o que usávamos ia direto para o lixo" (a). **Agora**, ao transformar lixo em cenário, ele está invertendo o caminho -ele se prepara para receber sua maior platéia, constituída, num único dia, por centenas de milhares de espectadores (isso se o número não ultrapassar a casa do milhão), a maioria deles sujando as ruas (b) (T E 14).

Em (a), o autor apresenta o que ocorreria com os materiais, utilizados por Rodrigo Machado, após montar as cenografias: desperdício em lixo. Entretanto, Rodrigo conseguiu inverter essa situação e fazer diferente, ou seja, transformar o lixo em cenário. Além da ideia de contrajunção, há também uma relação de sentidos mais forte entre os enunciados (DUCROT, 1981, p. 181), pois (b) comporta um argumento prevalente.

Assim, a partir do **agora**, estabelece-se uma visão diferente da anteriormente proposta. Isso significa que o **agora** desencadeia a interação, interferindo sobre as representações do outro (GERALDI, 1981, p. 65). Pretende-se, então, salientar que Rodrigo Machado tem uma empresa ecologicamente correta, dentro dos moldes hoje preconizados acerca do meio ambiente e sustentabilidade.

Observamos ainda que o **agora**, como conector de contrajunção, que introduz a sequência (b), traz uma informação nova e diferente, comparando situações de antes e depois. Há então nesse **agora** resquício de tempo, apontando para a ideia de que esse item mobiliza não só sequências adversas como conector de contrajunção, mas também há nele circunstâncias temporais como advérbio de tempo.

Registramos ainda nesse exemplo um fato que confirma o que Arruda-Fernandes (1996, p. 34,41) disse acerca da relação do uso de determinado conector e o tipo de texto. Em seu estudo, o conector de contrajunção é um dos mais empregados em textos dissertativos,

que tem como objetivo levar o leitor a analisar, discutir, na perspectiva do saber/conhecer, como ocorre nesse exemplo (183).

Encontramos, ainda em nosso *corpus*, o **agora** funcionando como conector de contrajunção, em uma estrutura negativa, corroborando o estudo de Fabri (2001, p.81), que instituiu, conforme vimos, quatro variações de sentido para as conjunções adversativas, dentre elas a de negação. Vejamos o exemplo (184).

(184)

E também igual eu. Não tenho aula sexta feira, aí já imenda com o sábado e domingo, dá pra descansar bastante, lógico que tem que dar uma estudada também mais descansa bastante pra chegar com tudo aí na segunda-feira. (a) **Agora**, eu não me arrependo em nenhum momento da escolha que eu fiz, de ta ralando bastante, eu sei e eu sei que o curso seria pesado, eu tenho meus irmãos que fizeram e eu sempre vi eles estudano muito (b) (M I 2).

Em (a) o falante diz que no final de semana tem que descansar para “chegar com tudo” na segunda-feira, entretanto, em (b), ele afirma que não se arrepende de estar “ralando”. Há então uma contrajunção: descansa um dia e se esforça no outro, e, também, uma negação, marcada pelo **não**, que diz respeito ao não arrependimento do esforço que faz para estudar.

Há, ainda, nesse exemplo, dois fenômenos que têm sido observados nesta tese. O primeiro é o fenômeno fonológico da pausa, marcada na transcrição, nesse caso, pela vírgula. O outro é o sintático em que o **agora** vem seguido sempre de um sujeito na sequência (b). Nesse exemplo, ele vem seguido do pronome pessoal “eu”, e ainda antecedendo a esse sujeito. O sujeito, nesse caso, devido à desinência verbal poderia ficar elíptico.

Observamos que há sequências em que o sujeito aparece explicitamente ou vem marcado pela desinência verbal. Observamos ainda que, se mudarmos a estrutura da frase, colocando o **agora** depois do sujeito “eu”, nela estará inscrita apenas a ideia de tempo: “eu **agora** não me arrependo”, isto é, “eu neste momento não me arrependo” Esse fenômeno fonético e essa estrutura sintática parecem ser especificidades do uso do **agora**, nessas novas funções.

Um outro exemplo do nosso *corpus*, que concorda com a proposta de Risso (2002, p. 44) é o (185). A autora diz que esse item pode atuar como contra-argumento e com a ideia de prospecção. Dialogamos com essa ideia a partir do seguinte excerto:

(185)

E:- e mas... vocês vão pra lugares fora deste centro... vocês vão pra casa das pessoas...?

L: é... nós vamos pra casa das pessoas... às vezes nós nos reunimos em restaurantes... às vezes em clubes...

E: não se restringe à...

L: a... um lugar não... não... os almoços são sempre no mesmo lugar... até pra poder facilitar as pessoas que venham visitar o clube... de saber onde estamos... então o almoço toda quarta-feira é sempre no mesmo lugar...(a) **agora**... as palestras... as convenções... os fóruns... não... aí a gente elege um local... que esse ano foi em Friburgo... ano que vem já foi determinado que vai ser em Caxambu... a próxima convenção... e cada vez é num lugar... (b) (N I 8).

Nesse exemplo, observamos que o **agora** instaura a ideia de diferença: em (a), temos alguém de uma empresa dizendo que os almoços são sempre no mesmo lugar, entretanto, em (b), para as palestras, convenções e fóruns elege-se um outro local mais agradável (Friburgo, Caxambu, etc.). Nessa afirmação, há uma sequência (b), introduzida pelo **agora**, que aponta para dois aspectos: inicialmente o esvaziamento relativo da ideia de tempo (em um momento e em outro) e o segundo aspecto, de que seu valor é o de apresentar duas situações diferentes, dependendo do evento e levando o leitor a admitir que no dia a dia as refeições ocorrem, normalmente, mas em dias com eventos, com palestras, convenções e fóruns, as refeições ocorrem em outros lugares (Friburgo, Caxambu), constituindo assim um momento diferenciado do cotidiano.

Percebemos também, nesse exemplo, que, ao introduzir a sequência (b) com um item que contém a ideia de adversidade, o autor tenta provocar a adesão do leitor para a tese que ele propõe: empresa que se preocupa em oferecer o melhor para os seus funcionários é empresa de qualidade. Mais do que dizer verdades, ele quer persuadir o interlocutor sobre a atuação da empresa, que busca investimento.

Outro aspecto que podemos observar é o emprego do **agora** como conector de contrajunção, em textos orais e escritos, como revelam as Tabelas 2 e 4. Nota-se que ocorre um emprego maior do **agora**, no *corpus* oral, funcionando como conector de contrajunção, com 19,00%, se correlacionarmos com o seu emprego no *corpus* escrito, com 10,00%.

Há, então, na oralidade um uso mais expressivo desse item do que na escrita. Sabemos que a conversação espontânea não é planejada. Ela ocorre no passo a passo do desenrolar do discurso, sendo, segundo Koch et al., (2002, p. 124), difícil de dizer a forma e a direção do assunto para a sequência completa. O nosso *corpus* oral envolve entrevistas gravadas com um entrevistado/locutor e um entrevistador ou um diálogo informal entre duas pessoas. Essa gravação, mesmo que seja de conhecimento dos participantes, pois fazem parte de projetos de estudo da língua falada de universidades brasileiras, como a UFRJ e a UFMG, assume características de um discurso não-planejado. O desenrolar da conversa acontece de forma espontânea e fragmentada. “O movimento rápido com que o locutor constrói sua fala tem consequências diretas no gerenciamento do fluxo de informação” (KOCH et al., 2002, p. 124). Esse fluxo de informação que ocorre a partir do **agora**, parece ser uma justificativa para

o maior uso desse item na transcrição do *corpus* oral, pois como vimos nos exemplos (184) e (185) o **agora** comporta tanto a ideia de contrajunção e de modificador de tópico, com resquícios de tempo, quanto instaura comparações.

4.5 O agora como operador discursivo modificador de tópico

O **agora** como operador discursivo modificador de tópico funciona como um elemento da língua que aponta para orientações diferentes entre enunciados (a) e (b). Observamos que ele não instaura a adversidade entre esses enunciados, mas sim um outro direcionamento, que dá sequência ao texto. Nessa sequência ocorre o processamento do fluxo de informação. De acordo com Koch et al., (2002, p. 122), o fluxo de informação desenvolve-se, na língua oral, natural e continuamente, podendo ser obstaculizado, desencadeando a descontinuidade. Essa ruptura pode demarcar as unidades discursivas da sequência. Dialogando com Aquino (1997) e Koch et al., (2002), apresentamos outra questão pertinente a esta pesquisa que diz respeito à relação entre fluxo de informação, argumentação e poder.

Aquino (1997, p.86) afirma que as relações de poder podem ser instituídas pelo discurso. A autora trata dessa relação no discurso face a face, especificamente, em entrevistas, e destaca que o papel das perguntas é muito importante. Pelas perguntas, o entrevistador pode desencadear uma interação verbal mais dinâmica e pode, também, organizar o discurso. Nessa organização, uma atitude surge que é a de manter o controle, conduzindo a entrevista à sua maneira.

Assim, observamos no excerto a seguir (186), retirado da transcrição do *corpus* oral, uma sequência em que o poder de encaminhar a interação dialógica é estabelecido pelo entrevistador.

(186)

E: É complicado, né?

F: É, muito complicado, porque, hoje em dia, se você fô dá um cascudo no teu filho, uns vice-versa vai querê sabê porquê você bateu na criança, aí isso aí é complicadíssimo...

E: (inint) (“resposta de um pro lado, né?”)

F: É, complicado.

E: **Agora**, seu Paulo, fala um pouquinho dos seus filhos, seus enteados, com quem que o Sr. tem mais tem “po”... mais convívio...

F: Olha, eu tenho assim... vai fazê cinco anos que eu, seis anos que eu moro cum a Regina e ela tem dois (inint), a mais agarrada comigo é a Jeane.

[...]

E: **Agora**, seu Paulo, aqui, como é que é o dia de trabalho do Sr.?

F: Aqui na escola?

E: É.

F: Ah, maravilhoso. (riso E) [O Sr. gosta?] Eu gosto, porque aí eu... eu brinco com as criança, entendeu?, levo eles, sabe?, trato eles com educação e com... com respeito, muita das vezes jogo bola junto com eles, pulo CORDA (riso F),

[...]

E: **Agora**, seu Paulo, o Sr. cozinha em casa?

E: COZINHO [Cozinha?!], COZI:NHO. É, quando a minha esposa está doente, eu faço arroz, feijão, eu faço uma galinha, uma batata frita, faço um... um... um bife, entendeu? passado num ovo, à milaneza e lavo roupa também [Ah, sem (“defeitos”)]. É, lavo roupa, lá em casa num tem nada disso não [Ah, que bom.]. Lavo roupa também.

E: **Agora**, o quê que o Sr. mais gosta da fazê, assim, no fogão, assim, na cozinha, (“quando tá cozinhando”)?

F: Na cozinha? [É.] Batata frita cum bife [(inint)] e arroz (riso F).

[...]

E: **Agora**, seu Paulo, vamos falá um pouquinho de... de custo de vida. Como é que o Sr. vê essa coisa do desemprego, greve, (“vendo”) o Sr. que trabalha num colégio, né? Tá vendo muito...

F: O custo de vida?

E: É, a sua... qual a idéia que o Sr. tem?

F: A minha idéia é que o custo de devida, cum esse salário que nós ganhamos, olha só, nós temos que sabê muito empregá ele.

[...]

E: **Agora**, o Sr. Já viveu alguma experiência de risco, assim, um acidente, assalto?

F: Olha, não.

E: Nunca foi assaltado? (P I 3).

Verificamos que o entrevistador vai delineando sua entrevista e, ao mesmo tempo, mantendo a sua supremacia em relação ao entrevistado. Para isso, ele usa uma marca linguística, tratada por nós, como operador discursivo modificador de tópico, que é o **agora**. Esse operador funciona como um orientador, que pode direcionar o falante/entrevistado, fazendo-o acompanhar a trajetória construída pelo entrevistador.

O entrevistador solicita que o entrevistado fale dos filhos, do trabalho, dos afazeres domésticos, e assim por diante: “**Agora**, seu Paulo *fala um pouquinho dos seus filhos, seus enteados. Agora, seu Paulo, aqui, como é que é o dia de trabalho do Sr.? Agora, seu Paulo, o Sr. cozinha em casa?*”, etc.

Ele vai definindo o rumo da interação pelo **agora**, que está na face dos encaminhamentos e, ao orientar a conversa, iniciada pelo operador discursivo, ele vai mantendo o controle da situação.

Como assevera Aquino (1997, p. 91), ele usa a estratégia do jogo conversacional que tem uma finalidade específica, no caso, entrar em contato com a intimidade do entrevistado e dar dinamicidade à entrevista.

Além disso, observamos que o uso desse “**agora**” interfere no fluxo da informação, pois há ruptura que demarca as sequências, dando-lhes um novo rumo. Essas demarcações, segundo Koch et al., (2002, p. 124), têm funções pragmático-interativas, já que levam em

consideração a intenção do entrevistador, no caso do exemplo (186), de envolver o entrevistado, mantendo o diálogo dinâmico e obtendo novas informações sobre a vida do entrevistado. Observa-se que o **agora**, operador discursivo de modificação de tópico, tem um papel interessante na organização tópica do texto, delimitando segmentos tópicos.

Encontramos, também, em nosso *corpus* oral, o entrevistado assumindo a posição de direcionador do discurso. Vejamos o exemplo:

(187)

DOC²². Você tem escritório?

LOC. Não.

DOC. - Você chega, quando você chega em, no seu edifício, você entra diretamente na porta pra subir o elevador ou há alguma parte assim de frente no edifício?

LOC. - Não. Há uma... Da calça... da calçada eu subo umas escadinhas, há a porta de vidro, um hallzinho, uma pequena, um pequeno `hall' de entrada e lateral a porta do elevador social, eu aperto o botão, desce o elevador e subo. (a) **Agora**, eu tenho uma casa fora. Não sei se é interessante falar. Eu tenho uma casa em Paquetá, uma casa pequena, simples. São três quartos, sala, cozinha e banheiro. É uma casa antiga, esti... estilo chalé, telha-vã, hum, chão de cerâmica. Essa casa tem três quartos, ah, o quarto do meio, que é o meu quarto, tem uma janela que dá pro quintal lateral, tem uma cama, um armário, uma pequena estante. O meu quarto é o quarto do meio e dá direto pra, dá de frente pra sala de jantar. A sala de jantar é pequena (b) (N I 1).

Diferentemente de outras ocorrências, nessa, o **agora** é empregado pelo locutor/entrevistado, que interrompe a resposta que ele estava dando para o entrevistador, sugerindo um novo assunto e ao mesmo tempo, demarcando a conversa. Essa é uma tendência da língua falada, como afirmam Koch et al., (2002, 124), explicitando os processos de elaboração do discurso, “diferentemente da língua escrita, em que geralmente esses processos são escondidos, mostrando apenas o resultado lapidado” (KOCH et al., 2002, p.124).

Ao encerrar a descrição de como ele, locutor, chega ao seu escritório, ele propõe um novo caminho para a conversa. Essa nova trajetória parte do emprego do **agora**, que destituído da ideia de tempo, funciona como um operador discursivo modificador do tópico precedente. Esse fato pode ter ocorrido por dois motivos: ou porque o locutor não queria falar mais do escritório, considerando suficientes as informações dadas, ou porque ele gostaria de contar para o documentador sobre a casa de praia em Paquetá. Há um conhecimento compartilhado de que ter casa na praia pode indicar poder econômico, conseqüentemente, *status*. Esse entrevistado, a partir do **agora**, passa a informar sobre a casa, fazendo, inicialmente, uma observação se seria interessante falar sobre ela, entretanto, não se importa com a resposta do documentador e já desenvolve o assunto, fazendo a entrevista fluir. Nesse momento é o

²² DOC. neste inquérito é o documentador, equivalente a entrevistador e LOC. locutor.

locutor que assume a entrevista. Há então, segundo Aquino (1997, p. 91), a inversão de papéis. O controle, nesse momento da entrevista, passa a ser do entrevistado, e isso ocorre a partir do item **agora**.

O uso do **agora** como operador discursivo modificador de tópico, em textos escritos, conforme Tabela 4, apresenta um número um pouco mais baixo de ocorrências (18,00%), do que no *corpus* oral (21,50%), conforme Tabela 2. A predominância de emprego, no *corpus* escrito, com o **agora**, ocorre quando ele desempenha a função de advérbio, com (72,00%). Há então na modalidade escrita da língua uma preservação do que é registrado nas gramáticas tradicionais e em muitos estudos sobre esse item. Entretanto, os dados das tabelas 3 e 4 apontam para um uso que rompe os limites apresentados nesses registros. Esse fato reforça a dinamicidade da língua, a criatividade do usuário, a necessidade desse usuário em se comunicar, vislumbrando as suas intenções e, sobretudo, buscando a adesão do seu interlocutor para a sua proposta.

Apontamos ainda nesse exemplo o fenômeno fonológico, da pausa antes, marcada pelo ponto final, e após o **agora**, marcada pela vírgula e também da situação sintática desse item. Ele aparece precedendo um sujeito sintático e sempre iniciando a sequência pela qual ele introduz a mudança de tópico como já foi assinalado. Essa situação é específica desse item para as novas funções que propomos. Podemos cotejar o sentido, se alteramos a estrutura da frase: “*Eu tenho agora uma casa fora*”. Observamos que esse **agora** assume o papel de advérbio de tempo: neste momento, atualmente. É a fixidez a que já referimos e que revela também fatos de gramaticalização de **agora** ao passar de advérbio para operador discursivo.

A seguir apresentamos um exemplo de **agora** como operador discursivo modificador de tópico em um texto escrito.

(188)

Nada torna a vida interessante tanto quanto a descoberta de nossa própria complexidade. Talvez a função mor da cultura seja a de nos dar acesso a partes de nosso âmagô que normalmente escondemos de nós mesmos. Conclusão: se conseguimos viver plenamente, é graças a autores, atores, intérpretes etc. que nos revelam nosso próprio lado B (e C e D) (a).

Agora, será que o artista poderia levar espectadores ou leitores para territórios que ele não tiver primeiro desbravado nele mesmo?

Alguns pensam assim: só quem ousa se aventurar pelo seu próprio lado B consegue revelar aos outros o lado B que eles escondem de si mesmos. Nina, a estrela do "Lago dos Cisnes", não poderia arrebatá-lo seu público sem se entregar corajosa e perigosamente a seu lado obscuro, sem se entregar ao cisne negro nela (b) (T E 28).

Nesse excerto, em (a), o autor trata da descoberta de nossa complexidade e da importância da cultura, que envolve autores, atores, etc., para essa descoberta. Em (b), a partir

do **agora**, há outro direcionamento, que não se opõe ao anterior, mas que o modifica, por meio de um questionamento, pois é preciso que primeiro o artista desbrave o seu âmago, para dar conta de atuar nos territórios subterrâneos do seu interlocutor.

Inicialmente, podemos dizer que o **agora** é um conector que opera discursivamente, porque, além de desencadear a coesão e a coerência do texto, ele permite que o leitor analise, reflita a chegada a conclusões, que podem ser concordantes ou discordantes às do produtor do texto. Isso implica dizer que, conforme Guimarães (1995, p.66), a argumentação inscrita na língua tem um sentido que deve ser tratado como uma questão enunciativa. O locutor especifica pela estrutura argumentativa condições de relevância pelas quais uma frase se encadeia com a outra, produzindo o texto. Ainda segundo Guimarães (1981, p.65), o locutor indica como o seu destinatário deve ler o seu texto, para isso ele usa morfemas da língua, capazes de articular o enunciado, conduzindo a leitura a um determinado sentido. No caso de (188) parece haver um direcionamento para adesão à ideia de que não podemos conduzir alguém à descoberta de si mesmo, sem ter conhecimento de nós mesmos, daquilo que queremos levar o outro a atingir. A mudança de tópico com **agora**, parece sempre conduzir a algo que leve em conta a sequência iniciada por ele.

Nessa mesma perspectiva, temos Geraldi (1981, p. 65) que diz que a argumentatividade é um modo corrente de interação, aquele que argumenta procura interferir sobre as convicções do outro.

Nesse exemplo, observamos que o produtor, ao dissertar acerca de um tema profundo, que é a complexidade do ser humano, ele aponta para uma possível “salvação”, para a descoberta do nosso âmago, que é por meio da arte. No entanto, a partir do **agora** ele propõe um questionamento que pode significar a capacidade do artista em promover a “salvação”, que leva os espectadores ou leitores para outros territórios. É preciso que esse artista já conheça o seu âmago, já consiga penetrar na sua complexidade. Não é qualquer arte, ou que se diz arte, ou qualquer artista capazes de tornar a vida do interlocutor interessante.

Observamos também que o **agora**, como o **já**, funcionando como operadores discursivos, podem particularizar o tópico anterior, detalhando-o, assim como sinalizar uma conclusão do subtópico. No entanto, como já foi dito, esse refinamento pode ser objeto para um outro estudo.

4.6 O agora como marcador conversacional

A nossa pesquisa, no que se refere à oralidade, está embasada em estudos que focam a perspectiva discursiva, ou seja, as modalidades escrita e oral da língua são tratadas enquanto

relações entre fatos linguísticos e práticas sociais. Não há supremacia entre uma modalidade e outra. Língua escrita e língua falada são como um *continuum* de variação (MARCUSCHI, 1997).

Outro aspecto que reiteramos, refere-se ao não planejamento da conversa face a face, mesmo que a entrevista seja combinada. Esse processo acontece, segundo Ochs (1979, apud KOCH et al., 2002, p.123), porque não há um preparo organizacional anterior e no desenrolar da conversa são empregados itens da língua, como o **agora**, com a função de marcador conversacional.

Também Galembeck e Blanco (2005, p.2) dizem que na língua falada, principalmente, no diálogo presencial em que não há a elaboração de um plano, ocorre a existência de um espaço comum partilhado e o envolvimento dos interlocutores entre si com o assunto da conversação. Para o funcionamento dessa interação, os interlocutores usam elementos da língua²³ que exprimem as relações interpessoais, ajudando a articular e estruturar a conversação. Esses elementos são chamados por eles de marcadores conversacionais. Vejamos no exemplo a seguir:

(189)

E- Certo. (ruído) Que que você acha da... violência?

F- (hes) Olha, eu acho que a violência, ela nasce (pausa) com cada um e que ela (hes) todo mundo tem um pouco (hes) tem... é violento. (hes) por menos que seja todo mundo é violento. **Agora** assim você vê (“todo”) mundo reprimido, no mundo... que não te dá muita oportuniDAde, que você se Fecha Nele... certamente quando cê for sair pa sociedade, você vai sair escandalizAado, vai sair... (latidos de cachorro) fazendo tudo o que você queria <fa-> tudo o que você quer fazer, você vai e faz, não tá dentro da sociedade... eh... e eu acho que violência depende muito da criação (P I 4).

No exemplo podemos observar o emprego do **agora** como uma unidade da língua que não integra o conteúdo cognitivo do texto, mas apenas contribui para o desenvolvimento do discurso em um nível global e com função sequencial. É possível a troca por outros itens que funcionam como marcadores conversacionais como: então, aí, assim... que o sentido se mantém. Esse item está em situação inicial de uma sequência, favorecendo o desenvolvimento do turno e pode ter sido empregado também para segurar a atenção do ouvinte, envolvendo-o no diálogo.

Koch et al. (2002, p. 122) afirmam que na oralidade o fluxo de informação desenvolve-se continuamente e de modo rápido. Entretanto pode ser obstaculizado, desencadeando descontinuidades e constituindo demarcações de unidades discursivas, que

²³ Não faz parte desta pesquisa a análise de elementos prosódicos da língua.

têm funções pragmático-interativas, muitas vezes ajudando o falante a elaborar a sua ideia, o que pode ser confirmado no exemplo (189).

Segundo Georgakapoulou e Goutsos (1988), certos elementos da língua costumam aparecer na posição inicial da frase, introduzindo um novo turno, com a função de marcador discursivo e contribuindo para o desenvolvimento do discurso. Eles são característicos de situações de interação da língua falada, como podemos observar a seguir:

(190)

F- (hes) Olha, eu acho que a violência, ela nasce (pausa) com cada um e que ela (hes) todo mundo tem um pouco (hes) tem... é violento. (hes) por menos que seja todo mundo é violento. **Agora** assim você vê (“todo”) mundo reprimido, no mundo... que não te dá muita oportuniDAde, que você se Fecha Nele... certamente quando cê for sair pa sociedade, você vai sair escandalizAado, vai sair... (latidos de cachorro) fazendo tudo o que você queria. (P I 4).

O **agora** é empregado pelo falante, marcando uma pausa, como se ele estivesse buscando elementos, recursos para se expressar e ao mesmo tempo tentando manter a interação.

Na transcrição do *corpus* encontramos apenas o **agora** como marcador conversacional e com uma baixa frequência de ocorrência. A Tabela 2 aponta para o uso do **agora** como marcador conversacional, somente nos inquéritos dos projetos PEUL, com 2,00% de uso e do NURC, com 1,40%. Não houve ocorrência do **agora** como marcador conversacional nos inquéritos do Projeto Mineirês.

Já registramos que nas gramáticas tradicionais pesquisadas e nos dicionários não há referências a esse tipo de uso, entretanto ele aparece com 1,5% de uso mesmo que esse valor represente uma baixa frequência em relação aos demais usos que, como vimos, têm porcentagens de emprego bem mais altas: 58% como advérbio, 19% como conector de contrajunção e 21,50% como operador discursivo modificador de tópico.

Dentre as variáveis que propomos investigar, há o tipo de texto, que apresentamos a seguir.

4.7 O emprego do já e do agora em diferentes tipos de textos

Como dissemos a tipologia textual adotada nesta tese é uma das propostas por Travaglia (1991, [2003] 2007), e é aquela que propõe quatro tipos de textos em função da “perspectiva do produtor do texto em relação ao objeto do dizer quanto ao fazer/acontecer ou

o saber/conhecer, inseridos ou não no tempo e/ou no espaço: **dissertativo, narrativo, descritivo e injuntivo**” (TRAVAGLIA (1991, [2003] 2007).

A partir dessa opção, analisamos as ocorrências do **já** e do **agora**, tanto em textos escritos quanto orais, observando as características do tipo de texto e a relação argumentativa que os itens empregados estabelecem.

Na Tabela 8, referente ao *corpus* escrito, no cômputo geral, os dados revelam que o **já** e o **agora** foram empregados de forma significativamente superior em textos **dissertativos** (87,90%), quando comparados com os outros tipos de texto como: narrativos (4,40%), descritivos (3,30%) e injuntivos 4,40%. As nossas análises partem do seguinte exemplo:

(192)

As gramáticas tradicionais do português (cf. Bechara 1976; Cunha 1976) apresentam somente a preposição **a** como possibilidade para introduzir o sintagma preposicionado, quando este é o objeto indireto de verbos como dar, falar e escrever.(a) **Já** as outras variantes foram mencionadas por Nascentes (1953), que registrou a possibilidade de complementos verbais indiretos sem preposição como "Vou contá papai", "perguntá ele o dia do pagamento", e também se referiu ao uso do complemento do verbo dizer regido da preposição **para**, condenando os abusos desse tipo de construção e prescrevendo seu uso somente naqueles casos em que o falante se refere ao interlocutor presente.(b) (T E 19).

Observamos nesse excerto dissertativo, retirado de um texto acadêmico, um artigo científico, que há duas posições para o emprego da preposição “a”, com os verbos dar, falar e escrever. As gramáticas tradicionais de Bechara e Cunha dizem que a preposição introduz o objeto indireto. Por outro lado, Nascentes, outro gramático, registrou a possibilidade de haver complementos verbais indiretos sem a preposição ou com outra preposição como o ‘para’.

Para estruturar as duas ideias, uma em (a), outra em (b), iniciada pelo **já**, o produtor do texto emprega esse item, marcando diferenças de posições entre os gramáticos acerca de um mesmo assunto e ao mesmo tempo comparando essas posições. Há um tópico maior que se refere ao emprego de preposição e um subtópico após o **já** que aponta uma outra possibilidade de regência verbal para os verbos dar, falar e escrever.

Observamos que os textos acadêmicos e, portanto, dissertativos, se estruturam, na parte teórica, a partir de diferentes autores que podem ter opiniões diversas sobre um assunto. Muitas vezes, esses autores não se contradizem, apenas apontam diferentes olhares para determinado tema. Nesse caso, o registro de posições entre os gramáticos arrola um tipo de regência verbal em (a), e outro tipo em (b), a partir do **já**, que funciona como operador discursivo modificador de tópico.

Esse emprego é coerente, com as características propostas por Travaglia ([2003]2007, p. 103), que estabelece que o texto dissertativo coloque o enunciador na perspectiva do

conhecer/saber abstraído do tempo e do espaço, com o objetivo de fazer refletir, explicar, avaliar, cotejar, e observamos que o **já**, nesse exemplo, se presta a esses objetivos. Observamos também que há simultaneidade das ações, característica, segundo Travaglia (2007), do texto dissertativo.

Assim, o autor do texto, para apresentar esses diferentes olhares, utilizou-se, nesse caso, do **já** que pode assumir o valor de “por outro lado”. Não há, portanto, uma adversidade de ideias, mas pontos de vista diferentes.

No mesmo artigo científico, registramos no exemplo a seguir, o uso do **já**, introduzindo uma sequência de oposição à anterior:

(192)

(3) a-Eu falaria com o João para dar um emprego melhor [] o meu filho (Amostra 80 (C)).

b-eu vendi [] ela dois voto (Amostra 80 (C)).

c-ela levava a gente sempre [] o quadro pra fazer as coisas (Amostra 80 (C))

Nos dados acima observamos que a ausência da preposição ocorre independentemente do fato do SPrep ser ou não um recipiente (exemplo c) ou de haver ou não transferência material entre OD e OI.

(exemplos a. e b.).(a) **Já** no caso de verbos em que não há transferência material mas o SPrep é marcado pelo traço [-animado], registramos a ocorrência categórica da preposição a:

a.eles não dão muita ênfase a isso (Amostra 80 (C)).

b.eles não dão atenção ao caso (Amostra 80 (C)) (b) (T E 19).

No exemplo (191), observamos pontos teóricos diferentes, já no exemplo (192), do mesmo artigo científico, o **já** introduz uma sequência que se opõe à anterior, não mais na parte teórica do artigo, mas na análise do *corpus*. O autor do excerto diz que há a ausência da preposição independente de haver ou não transferência de material entre objeto direto e indireto, entretanto, em (b) para os verbos em que não há a transferência material, mas o SPrep é marcado pelo traço [- animado] deverá ocorrer categoricamente o uso da preposição ‘a’.

Observamos que são duas posições contrárias e para estruturá-las, o autor emprega o **já**, funcionando com o valor de conector de contrajunção.

Esses dois exemplos podem confirmar o efetivo uso do **já** como elemento que introduz a mudança de tópico, como operador discursivo modificador de tópico ou introduz a adversidade, como conector de contrajunção em textos dissertativos. Nesses dois exemplos, o **já** estabelece, então, ideias que instauram a análise, a reflexão, a informação, que são objetivos do enunciador dos textos dissertativos, Observamos também que esse **já** não contempla a ideia de circunstância temporal.

Um outro exemplo retirado de um texto dissertativo, do gênero acadêmico, reforça o uso do **já** como conector de contração. Vejamos:

(193)

a gramaticalização de acabar com valor 4 ocorre de forma aproximadamente equivalente na língua oral (52,94%) e escrita (47,06%).(a) **Já** a ocorrência desse valor é predominante na língua culta com 71,76% das ocorrências, enquanto na não-culta temos 28,24% (b) (T E 36).

Se por um lado (a) admite a gramaticalização do verbo acabar, com o valor 4, de forma aproximadamente equivalente na língua oral (52,94%) e escrita (47,06%), por outro lado, a ocorrência desse valor é predominante na língua culta (71,76%) em relação a não-culta (28,24%).

Em (a) a predominância está na língua oral (não-culta), em (b), a sequência introduzida pelo **já**, que marca a contração entre as duas sequências, a predominância é na língua culta. Assim, o autor, ao construir o enunciado com o **já**, que está esvaziado da noção de tempo, prevê um outro encaminhamento para a sequência (a). Há, então, como afirma Geraldi (1981), na continuidade, o desenvolvimento de um movimento de duplo retorno e avanço, pois toma-se o já-dito e avança-se e, ao retomá-lo, dá-se uma outra significação. Esse avanço vai construir um novo tópico, que abre para novas possibilidades e/ou conclusões.

Outra questão que podemos abordar a partir desse exemplo diz respeito ao uso do conector e o tipo de texto. Observamos que o excerto do exemplo é dissertativo, portanto tem como objetivo desencadear a reflexão, a explicação, a avaliação, expondo ideias, tratando o interlocutor como ser que reflete acerca de um determinado aspecto, no caso, acerca da gramaticalização do verbo acabar. Para isso, o autor emprega um conector que estabelece não só a possibilidade de reflexão sobre uma teoria, como também a comparação entre as informações e a partir daí a ampliação dos aspectos discutidos e as possíveis conclusões. Esse emprego coaduna com o estudo de Travaglia (2007, p. 67) sobre conectores e tipo de texto. O autor diz que para os textos dissertativos há o emprego de conectores diferentes inclusive o de contração.

Observamos também que o emprego desses itens é responsável pelo estabelecimento de sentido, de coerência textual, evidenciando que a coerência não é somente uma propriedade do texto em si, mas que é construída na interação entre o texto e seus usuários, em uma situação comunicativa concreta (KOCH; TRAVAGLIA, 1996, p. 67- 81).

Com relação ao **agora**, observamos que ele também teve emprego significativamente maior em textos dissertativos escritos com 73,00%, como aponta a Tabela 8. Ele não foi

empregado em textos narrativos e descritivos. Já em textos injuntivos, houve 27,00% de ocorrências.

Em textos orais, os dados mostram, pela Tabela 10, que o **agora** também teve um uso expressivo em textos dissertativos, 71,30%. Vejamos um exemplo retirado do *corpus* oral:

(194)

E- Você já participou de algum movimento político como os cara-pintada?

F- Não, nunca participei de nada, não me envolvo com a política porque eu acho que... Eu só ando muito na minha, eu sou muito- no meu canto, e eu acho que... tá ruim! vê se melhora!... entendeu? (a) **Agora**, me envolver, eu não me envolvo não.

E- Mas você tem esperança no homem, não tem?...

F- Tenho. Tenho esperança no homem, tenho esperança... (latidos de cachorro) eh... tenho esperança no que... vem pela frente, porque do jeito que dá, do jeitinho que tá não dá pra ficar, tem que melhorar... pra frente, sempre pra frente, sempre melhor (b) (P I 4).

Em (a), o falante, ao responder uma pergunta do entrevistador, se posiciona em relação a movimentos políticos. Inicia dizendo que nunca participou de atos políticos, entretanto, considera a situação ruim. Em (b), a partir do **agora**, ele contra-argumenta pela sua posição de desejo de melhora, ao dizer que não se envolve com política, isso significa dizer que não se envolve em ações que possam promover a melhoria da conjuntura em que ele vive. Apesar de sua imobilização, ele tem esperanças de que vai melhorar.

Esse **agora**, como conector de contrajunção, instaura um julgamento que o leitor do excerto pode fazer desse falante, ou seja, como cidadão ele tem apenas desejos e não ação, visto que tem consciência de que a situação não está adequada, no entanto, não toma atitudes, envolvendo-se em movimentos políticos, que buscam mudanças.

Esse texto nos coloca como leitor pensante, que faz um juízo do falante, dependendo da crença do interlocutor, pode-se julgá-lo como um cidadão alienado.

Dialogando com Ducrot (1989, p. 21), assinalamos que a argumentação “não pode depender somente dos enunciados tomados por argumentos e conclusões, mas também dos princípios dos quais se servem para colocá-los em relação.” (DUCROT, 1989, p. 21). Isso quer dizer que antes de tudo é preciso alargar o conceito de situação do discurso, que deve comportar como pano de fundo ideológico, as crenças do locutor e do interlocutor, ou seja, nesse caso, considerando a posição do falante correta, pois ele/interlocutor também não se envolveria, ou incorreta, pois não é possível melhorias sem ação, sem envolvimento.

Na Tabela 8, observamos que o **já** teve um número baixo de ocorrências em textos **narrativos**, do *corpus* escrito, 5,10%. Acreditamos que esse fato possa ser justificado, visto que, segundo Travaglia ([2003]2007, p. 103), o texto narrativo coloca o enunciador na perspectiva do acontecer, sendo seu objetivo dizer os fatos, os acontecimentos, e o uso desse

item, de acordo com a nossa proposta, no que se refere, principalmente, às funções de conector de contrajunção e de operador discursivo modificador de tópico, não coaduna com esse objetivo, pois ao narrar o produtor do texto não precisa necessariamente contrapor ideias.

Na transcrição do *corpus* oral, em textos narrativos (Cf Tabela 10), o **já** foi bem mais empregado, com 30,40% de uso, número não muito distante ao emprego do **já** em textos dissertativos, 43, 50%. Acreditamos que o texto oral, face a face, por não ser planejado, possibilita o uso de diferentes conectores, pois no desenrolar da conversação, como diz Koch et al., (2002, p. 124), há a fragmentação, que advém da simultaneidade entre a manifestação oral e a construção do discurso. Acreditamos também que muitos discursos orais vêm acompanhados de narrativas. Os dados revelam que o emprego desse item na transcrição do *corpus* oral ocorreu somente com a função de operador discursivo modificador de tópico, conforme Tabela 11, com 87,50% de uso. Apresentamos a seguir um exemplo do *corpus* oral com o **já** funcionando como operador discursivo;

(195)

F: ...conquistei a confiança dos mecânicos com quatro meses de di di firma eu já quasi num parava na lavagem de peça já saía com os mecânicos pra trabalhar fiz muita amizade inclusive com um dos supervisores da oficina que era mecânico que eu me dava muito bem com ele que sempre trabalhava com ele e ele:: assim que pintei essa oportunidade infelizmente com a saída de dois colaboradores eu ocupei a vaga dele. E essa vaga que eu ocupei cheguei lá num sabia nada fiquei lá de experiência uns uns três meses daí já [fu] (a) **já** o outro amigo que trabalhava junto já saiu já pintei outra oportunidade pra ele e eu já tiven que assumir praticamente sozinho. Pra mim foi um pouco difícil mas nada que num desse pra releva (b) (M I 10).

Nesse excerto, em (a), o falante conta a oportunidade que teve no emprego, com pouco tempo de contrato. Em (b), o falante muda a direção de sua fala, narrando o que ocorreu com um amigo. Para isso, ele inicia com o **já**, destituído da ideia de tempo, mas fortalecido na função de operador discursivo modificador de tópico, na narração do acontecimento com uma sequência de ações explicitadas pelos verbos: juntar, sair e pintar. Observamos que esse excerto coaduna com o que diz Travaglia ([2003]2007, p. 103) sobre o texto narrativo, isto é, que não há simultaneidade de ações, mas sim uma sucessão de eventos.

Quanto ao uso do **agora** em textos narrativos 4,40%, na transcrição do *corpus* oral, observamos, pela Tabela 11, que seu emprego foi baixo, em relação ao texto dissertativo 70,20%. No entanto, em textos descritivos, como operador discursivo modificador de tópico, notamos um emprego maior, com 13,20% de ocorrências do que em textos narrativos, como já assinalamos.

Constatamos o uso do **agora** em texto **descritivo**, como no exemplo a seguir:

(196)

E: ... vamos mudá um pouquinho pros falares. Que que cê acha do jeito, do modo de falá dos seus pais que vieram de PORTUGAL?

F: Olha, o meu pai, ele se adaptou PERFEITAMENTE aos costumes brasileiros, mas, em questão de SOTAQUE, (“isso”) ele tem aquele sotaque bem carregado. Embora o pessoal aí do Porto tenha um Português, assim, mais suave que você consegue compreendê. Mamãe não, mamãe tem esse Português atarrancado mesmo, num muda não. (a) **Agora**, o papai sempre trabalhou fora, o papai é funcionário público, é flamenguista doente, é mangueirense, sabe? o papai tem todas as características de um bom carioca e eles – inclusive eu falei até na outra entrevista – eles fizeram questão de se naturalizar brasileiros. (b) (P I 8).

Em (a), o falante inicia a descrição do pai, no que se refere a sotaque, em (b), ele continua descrevendo-o, mas apontando, a partir do **agora**, para características em outro campo que não o do modo de falar, mas do comportamento e preferências, como o tipo de trabalho, o time e a escola de samba para os quais o pai torce. Há, portanto uma mudança de direção, uma mudança de tópico.

Esse trecho é coerente com as especificidades do texto descritivo, em que o enunciador está na perspectiva do espaço em seu conhecer e tem como objetivo dizer como é, fazendo com que o “interlocutor se instaure como um *voyeur* do espetáculo” (TRAVAGLIA, [2003]2007, p. 103).

O item **já**, nos textos orais descritivos, teve um número expressivo de ocorrências, com 40,00%, como conector de contração e nenhuma ocorrência como operador discursivo modificador de tópico.

Vejamos um exemplo do **já** como conector de contração em um texto descritivo.

(197)

F:... Então não havia a rua Barão de Lucena. Aquilo era uma grande propriedade da rua São Clemente e que ia de fundos até possivelmente o morro, onde agora tem uma edificação enorme ali no final, um conjunto de edifícios modernos etc. Então foi aberta essa rua, num dado momento né, e é uma rua ainda hoje, na maioria de casas, e a casa da rua das Palmeiras que você me pediu pra falar, era uma casa, então, possivelmente, de, eu não sei a data precisa, tinha até muita vontade de saber, mas acredito, era um grande sobrado, sem porão habitável, que é uma característica dela, com, um terceiro andar muito grande, sob forma de chalé, que foi conservado na parte dos fundos da casa, porque a parte da frente teve uma reforma nos anos 20 (a) **já**, pelo meu, bisavô, em que eu chamo estilo neo-antigo fez uma coisa pouco [?] colonial assim um frontão, e uma varanda embaixo, na frente da casa, que alterou, essas duas coisas alteraram naturalmente aquela fachada que seria de um grande chalé, um chalé muito alto, muito amplo, com um terreno, também, muito grande, com árvores frutíferas, mangueiras, sapotis, etc. (b) (N I 7).

O falante, em (a), descreve para o entrevistado, a casa da rua das Palmeiras, cuja edificação tinha a forma de um chalé. Em (b), a contração, iniciada pelo **já**, instaura-se, porque o falante revela que a casa mudou, na parte da frente, passando para o estilo neo-antigo, colonial.

Há um conhecimento partilhado pelos envolvidos neste excerto de que *chale* e *colonial* são estilos diferentes, sendo o primeiro em uma linha europeia e o segundo uma arquitetura brasileira. Ao comparar o estilo de antes e depois da reforma, tendo como eixo comum a casa da rua das Palmeiras, o falante caracteriza o imóvel e coloca o interlocutor como um observador da edificação. O tempo referencial ocorre, apontando para a simultaneidade das situações.

Observamos nesse exemplo a pausa marcada pela vírgula, um fenômeno fonológico, que pode estabelecer a especificidade desses itens, nesta pesquisa.

Quanto aos textos **injuntivos**, podemos afirmar, em relação ao *corpus* escrito que, se por um lado o **já** apresenta 1,20% de uso, por outro lado o **agora** apresenta bem mais ocorrências, 27,00%, nesse tipo de texto e na função de operador discursivo modificador de tópico, como podemos observar no exemplo (198), retirado do *corpus* escrito.

(198)

Depois de um dia inteiro usando sapatos, seus pés precisam de descanso. Uma boa ideia é fazer um escalda pés que proporciona alívio imediato e ajuda na circulação sanguínea. Para ficar melhor ainda, coloque bolinhas de gude numa bacia, saís de banho com ervas medicinais e água morna. Quinze minutos depois, você sente a diferença. (a) **Agora**, no dia seguinte, não se esqueça de usar palmilhas “Dr. Scholl’s for her” Comfort, com tecnologia exclusiva e ondas de gel que proporcionam conforto e massageiam seus pés o dia todo, dando uma sensação de pés descansados (b).

No exemplo acima, o emprego do item **agora** incita o leitor a adotar uma atitude, conforme a intenção do autor. Nesse caso, esse item funciona como um operador discursivo modificador de tópico, pois não há a intenção de contrapor as ideias.

Esse **agora** foi empregado em um texto publicitário, que tem como objetivo vender algo, portanto coadunando com o que Travaglia ([2003]2007, p. 102) postula sobre este tipo de texto, ou seja, o objetivo do produtor do texto é incitar o interlocutor à realização de uma situação.

Outro aspecto que podemos salientar é o uso de verbos no imperativo como: em (a) coloque e em (b) não se esqueça de usar.

Dialogamos com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 28), quando esses autores assinalam que os elementos fundamentais do processo argumentativo são o orador, o auditório e o discurso. O texto produzido deve ser o reflexo da maneira de pensar da comunidade da qual o seu auditório faz parte. O locutor, diante disso, deve elaborá-lo de acordo com a imagem que ele tem desse auditório, mobilizando não só elementos da língua que possam orientar a leitura, mas também o tipo textual, que o envolva, assegurando o seu

convencimento, no caso do exemplo, incitando o interlocutor a comprar as palmilhas “Dr. Scholl’s for her Comfort”.

Com relação ao *corpus* oral, observamos pela Tabela 11 que não houve ocorrências com o **já** em textos do tipo injuntivo, nem como conector de contrajunção nem como operador discursivo modificador de tópico. Entretanto, não é o mesmo que ocorre com o **agora**. Esse item apresenta-se, de acordo com essa Tabela, como conector de contrajunção (3,00%) e como operador discursivo modificador de tópico (12,20%). Para ilustrar trazemos mais um exemplo da transcrição do *corpus* oral, do **agora** funcionando como operador discursivo modificador de tópico.

(199)

E: E como é que você fazia? Cê lembra assim como é que fazia o cinzeiro?

F: Ah! o cinzeiro a gente fazia com lima... mas (hes) com aquelas pedra que- que amola serrote, aquelas pedra que corta, que faz- que faz dente! (“no”) ceroto. Então aquilo ali a gente usava (“pa podê”) fazer a formatura do... onde bota o cigarro. Fazia o desenho por fora... fazia flores... fazia um montão de coisa.

E: Pintava ...!?

F: Pintava também, dava o verniz, lixava e depois pintava.

E: E daí veio (“o”) seu gosto por pintura?

F: Isso. Aí- foi aí que eu comecei a gostar de pintura.(b)

E: **Agora** antes de você falar sobre... pintura, me fala sobre o passeio... pro museu. Foi pra onde- pra que museu?

F: Foi Arte Moderna (b) (P I 2).

No caso do exemplo acima, observamos que o entrevistador busca a interação em (a) por meio de perguntas, a partir do **agora**, ele estimula o falante a mudar de assunto e sugere outro. Ao sugerir outro rumo para o diálogo, o entrevistador usa um texto injuntivo, que vai incitar o falante a contar sobre o passeio para o museu.

Quanto à relação entre marcador conversacional e tipo de texto, reiteramos que, de acordo com os dados, somente o **agora** foi empregado nessa função e corroborando a afirmação de Urbano (1993, p. 85, apud, GALEMBECK; BLANCO, 2005, p.52) de que o marcador conversacional é uma unidade típica da fala, que geralmente não integra o conteúdo cognitivo do texto, mas marca a chamada de atenção, o interesse e, sobretudo, busca a interação com o interlocutor. A Tabela 2 revela que houve, em nosso *corpus*, um número baixo de emprego dessa função, em relação às outras funções. Com relação ao emprego dessa função e o tipo de texto, a Tabela 11 mostra que o maior uso desse item está em textos dissertativos, com 87,50% e em textos descritivos com 12,50%. Essa função do **agora** como marcador conversacional não aparece em textos narrativos e injuntivos.

Gostaríamos de assinalar também que o **agora** como marcador conversacional teve maior incidência nos inquiridos do Projeto PEUL, com 6 ocorrências do total de 8. Esse projeto tem como característica a variável não-culta da língua. Essa pode ser uma justificativa para o seu emprego nesse projeto.

(200)

I: [Ah, mãe, e o Matheus?] (“eles esperando”) na porta... (falando com o filho)

F: Que Matheus? –

I: O Matheus lá da escola.

F: Ah, é o amiguinho dele da escola, [que ele tem mais contato]...

I: [Eu vi ele, ele é meu xará.] (falando com o filho)

F: É seu xará, né? – [Do Méier! Do Méier!] **Agora**, esse vi... “vi ele” é ótimo, né? é um caos, né? [Melhora.] (riso F). é muito legal esse contato, assim, de... família – escola, escola – família (est)...

I: Família também é escola (P I 8).

Observamos nesse exemplo que o **agora** como marcador conversacional, funciona como uma unidade típica da fala, na tentativa de segurar a interação. Há também nesse exemplo características da oralidade, de um discurso não planejado, obstaculizado, como diz Koch et al., (2002, p. 124), originando descontinuidades, e provocando a ruptura do tema em desenvolvimento. O falante parece buscar recursos próprios para se comunicar.

Consideramos relevante concluir esta parte, chamando a atenção para o emprego do **já** em textos escritos dissertativos acadêmicos. Para exemplificar citamos uma dissertação de mestrado que apresenta 30 ocorrências do **já** (T E 17), sendo 12 como conector de contração e 18 como operador discursivo modificador de tópico. Isso pode significar que esse item, registrado até então, por estudos, gramáticas e dicionários como advérbio de tempo, esteja assumindo outras funções no texto, especificamente, em textos acadêmicos.

Observamos outro exemplo (201), retirado de um texto acadêmico, com o objetivo de fazer uma crítica literária. Em (a) o produtor do texto faz referências à nota da primeira edição de uma coletânea, em (b) ele diz que na nota à segunda edição da coletânea, escrita quatorze anos depois, os objetivos da obra parecem outros. Para estabelecer essa diferença de notas entre a primeira e segunda edição, o produtor do texto o faz por meio do item **já**, como conector de contração. Vejamos.

(201)

Compare-se, a esse propósito, a nota à primeira e a nota à segunda edição de sua coletânea de ensaios *Nas malhas da letra* (cf. Santiago, 2002b)³. Na primeira, o autor apresenta o livro como uma coletânea de ensaios que dramatizam preocupações de sua trajetória como crítico, entre as quais os modernistas de 22 e a literatura comparada. As únicas referências que aparecem são Umberto Eco e André Gide, e mesmo elas não vêm a propósito de filiações a escolas críticas. Seus objetivos, no que diz respeito aos modernistas, são os de sugerir

conclusões que escapem à visão mais afinada com o ideário de 22 e, do ponto de vista teórico, questionar a metodologia que se encontra em sua produção recente. **Já** na nota à segunda edição, escrita quatorze anos depois, a terminologia e o propósito parecem outros. O livro é apresentado no que teria em comum com *Uma literatura nos trópicos* e *Vale quanto pesa*, suas duas obras ensaísticas anteriores. E as três são postas ao lado de sua obra ficcional (T E 42).

A seguir, apresentamos algumas análises acerca dos usos do **já** e do **agora**, relacionando-os com os usos do **mas**, a partir dos estudos de Fabri (2001) e Guimarães (1987).

4.8 Identidades e diferenças entre o emprego do **já** e do **agora** e o emprego do “**mas**”

4.8.1 Identidades

Observamos em nosso estudo que em muitas ocorrências a troca do **já** e do **agora** pelo **mas** é possível desde que o critério sintático ocorra, ou seja, na relação entre (a) e (b) haja a presença, em (b), de um sujeito sintático diferente de (a). Notamos que com o **mas** não há a necessidade de haver um sujeito sintático diferente, como no exemplo já apresentado: “João estudou, **mas** não foi aprovado”.

Constatamos essa diferença entre o emprego do **já** e do **agora** e o emprego do **mas** por meio do exemplo (202), retirado do nosso *corpus*.

(202)

Os dedos da mão esquerda de um violinista fazem todo tipo de movimentos (a). **Já** os da mão direita fazem só um: segurar o arco, algo importante, mas simples (b) (T E 32).

O **já** nesse exemplo funciona como conector de contrajunção introduzindo (b). Se em (a) os dedos da mão esquerda fazem todo tipo de movimento, a partir do **já** em (b), há outra ideia, que é referente ao único movimento que os dedos da mão direita fazem. Há em (b) um sujeito sintático: dedos da mão direita diferente do sujeito de (a): dedos da mão esquerda. Quando realizamos a troca pelo **mas**, observamos que a ideia de contrajunção se mantém. Vejamos: “Os dedos da mão esquerda de um violinista fazem todo tipo de movimentos.(a) **Mas** os da mão direita fazem só um: segurar o arco, algo importante, mas simples.(b)”. Entretanto, observamos que com o emprego do **já**, ocorre a comparação entre os dedos da mão direita e os da mão esquerda, ideia essa que se impõe com mais força do que a ideia de adversidade. Por outro lado, com o **mas** a ideia fica centrada fortemente na contrajunção. Esse fato corrobora o que Ducrot (1981) disse acerca de o **mas** ser um conector de contrajunção por excelência.

O mesmo fenômeno pode ocorrer com o **agora**.

(203)

F: Então eu acho que todo mundo que souber falá um pouquinho de inglês, francês, espanhol tá indo no caminho certo. Eu gostaria [de]... que ela fizesse vários idiomas, **agora** se ela não gostar, ela que vai decidir a área que ela quisé (P I 6).

Observamos também que nesse exemplo a troca pelo **mas** é possível. Se em (a) o locutor acha que se deve falar línguas, em (b), um outro sujeito “ela” vai decidir a área que quiser se não gostar. Entretanto, com o **mas** instaura-se a ideia de contração, já com o **agora** além da contração, há a ideia forte de tempo, presente nesse item, que funciona como uma forma híbrida.

Com o **mas**, também ocorre o fenômeno fonológico, como ocorre com o **já** e o **agora**, ou seja, a pausa entonacional na língua falada antes dos itens e, na língua escrita, a pausa marcada pela vírgula, pelo ponto final ou reticências.

Neste aspecto o estudo de Neves (1984, p. 21, 24), a respeito da estrutura bipartida no emprego do **mas** nos serviu de cotejo para observar identidade entre o emprego do **já** e **agora** e do **mas**. Iniciamos este cotejo, observando um exemplo retirado do nosso *corpus*.

(204)

F: Então a gente tem um astral muito bom ali, né? Tem outros que não, tem outros que sim. Diante dos pacientes, a gente trata muito bem os paciente, entendeu, num tem como os paciente reclamá.(a) **Agora**, só que a hora ali é muito rígida, entendeu? É a hora é a hora, depois da hora num é hora. (est) Né, tanto pros paciente como com o funcionário (est). Ele chega ali sete hora da manhã (est), entendeu, e sete hora é atendido (est), entendeu? A gente atende os paciente é das sete a meio-dia, a gente pára pra almoçá, retorna uma hora, vai de uma às quatro (b) (P I 5).

Ao investigar o **mas**, Neves faz uma proposta semântica básica para essa conjunção adversativa, dizendo que entre os segmentos coordenados pelo **mas** há sempre uma ideia de desigualdade. Nesse exemplo, o **agora** mobiliza o sentido de contraste, em uma estrutura bipartida, concordando com a proposta de Neves (1984). Em (a), o locutor apresenta a forma positiva como os pacientes são atendidos no ambulatório de fisioterapia, já em (b) há uma ideia que contraria a primeira, apontando para a exigência do horário. Justificamos a contração nesse exemplo conversando com Ducrot (1989, p. 38) sobre a ideia de *topos*. Ele diz que a orientação de (a) para (b), para possuir o valor argumentativo, deve estar amparado no princípio argumentativo de *topos*. É preciso que haja a noção do lugar comum retórico.

Assim, para o **agora** funcionar, não como advérbio de tempo, já que nesse trecho ele aparece esvaziado dessa noção, mas como conector de contração ele vai contemplar um

sentido comum entre o locutor e seus interlocutores, que é: exigir horário rígido em nossa sociedade pode gerar reclamações, descontentamento. Há uma certa cultura entre os brasileiros da não pontualidade, cultura essa condenada por muitas comunidades.

A contrajunção se impõe, porque em (a) afirma-se que o serviço é tão bom que não pode haver reclamações. Entretanto, em (b), ocorre para os clientes uma dificuldade, que é chegar exatamente na hora marcada.

Com o item **já** temos a mesma situação colocada por Neves (1984) acerca da estrutura bipartida. Vejamos:

(205)

Dino Buzzati é um daqueles escritores que se tornaram reféns de um livro só[...]

Mas, aos poucos, a criatura começa a se libertar de sua criação, com o lançamento, aqui, de duas novas obras suas - "Poema em Quadrinhos", que sai na semana que vem, e "Barnabo das Montanhas", previsto para janeiro. Este, que foi seu primeiro romance (1933), traz o mesmo tom de fábula de sua obra-prima e o mesmo clima de expectativa-a de uma "grande ocasião" que possa atribuir sentido a toda uma existência (a).

Já sua HQ é algo bem diferente. Ela aclimata o mito grego de Orfeu e Eurídice para a Milão contemporânea ao narrar a vida de Orfi-jovem que desagrada sua família de aristocratas decadentes por se tornar cantor e guitarrista famoso (b) (T E 11).

Esse exemplo acima confirma a proposta de Neves, de que em estrutura em que aparece o **mas** após ponto final, haverá sempre uma condição de desigualdade entre os segmentos (a) e (b), que pode passar do contraste à anulação das ideias. Observamos em (a), do exemplo (205), informações sobre a obra de Dino Buzzati, relacionada a romances. Em (b), há uma mudança de orientação, a partir do **já**, em uma estrutura bipartida, como é denominada por Neves, que conduz o leitor a uma outra visão do escritor Buzzati, ou seja, se por um lado ele é romancista, por outro ele também é capaz de produzir textos bem diferentes como histórias em quadrinhos. Não há contra-argumentos, mas mudança de foco em relação à obra de Dino Buzzati, estabelecendo uma desigualdade entre (a) e (b). Observamos também nesse exemplo que há uma comparação entre a produção literária de Dino Buzzati, ou seja, a produção de romance e de HQ.

Ainda apontamos a partir de (205) que mesmo sendo possível a troca pelo **mas**, notamos que o efeito de sentido passa a ser outro. Consideramos que com o **mas** a intenção do autor centra-se na contrajunção, enquanto com o **já**, além da contrajunção, há um foco maior na comparação entre as produções do autor Buzzati.

Outro estudo importante para o cotejo entre o **já** e o **agora** e o **mas** e seus correlatos (entretanto, todavia, porém, contudo, no entanto) é o de Fabri (2001, p. 79-80). Ela apresenta

quatro dimensões semânticas, dentre as quatro, apresentamos duas em que o emprego se identifica com os encontrados em nosso *corpus*.

Inicialmente, observamos o valor de negação.

(206)

L: Ali antigamente se chamava Derby Clube. Aquele lugar onde é o Maracanã se chamava Derby Clube, eu acho que é porque tinha corrida de cavalo lá, devia ser, mas eu não, não tenho a menor idéia disso não, só pode ser, né? E, e eu me lembro que era perto do Maracanã.

E: (pausa).

L: Do colégio Militar, nos dias de parada de Sete de Setembro era um acontecimento. Engraçado que lá eu morava numa vila também, (a) **agora** não era uma vila bonitinha quanto essa não (b) (N I 2).

Em (a), o locutor fala da vila onde ele morava, em (b), ele contraria (a), dizendo que essa vila não é tão bonita quanto a que ele mora agora. Essa contradição se confirma pela negação explicitada pelo advérbio “não” em (b). Podemos fazer a permuta e o sentido se mantém semelhante: “mas/entretanto, porém... não era uma vila bonitinha quanto essa não.” Entretanto com o **agora** notamos que também há por parte do produtor do texto uma forte ideia de comparação entre os dois lugares.

Outro valor estudado por Fabri (2001, p. 82) foi o de contraste.

(207)

Neste ano, em Salvador, a música eletrônica ganhará mais espaço na folia, avançando sobre o axé nos blocos e nos camarotes (a) **Já** em Recife e Olinda, o frevo e o maracatu mantêm o domínio no Carnaval de rua das cidades pernambucanas (b) (T E 4).

A primeira sequência (a) trata de uma inovação da música no carnaval de Salvador, isto é, o reforço da música eletrônica. Na segunda sequência (b), iniciada pelo **já**, temos uma orientação discursiva diferente. Há uma comparação entre as duas: carnaval com recursos eletrônicos, inovadores ou carnaval com músicas tradicionais. Observamos o **já** responsável por introduzir uma nova orientação argumentativa, apontando para o leitor as possibilidades de escolha, de acordo com as preferências. Assim, a sequência (b), além de introduzir uma nova informação, carrega o movimento da argumentatividade, ou seja, impulsiona o leitor a decidir entre os dois tipos de carnaval. A partir dessa trajetória argumentativa, o autor pode desencadear uma ação no leitor/folião, fazendo-o decidir se vai para Salvador ou para Recife e Olinda. Essa manobra ocorre porque o **já** funciona como um elemento da língua capaz de instaurar o contraste, orientando o interlocutor argumentativamente, com função semelhante à do **mas** e seus correlatos. Vejamos: “Neste ano, em Salvador, a música eletrônica ganhará mais espaço na folia, avançando sobre o axé nos blocos e nos camarotes (a). **Mas/porém** em

Recife e Olinda, o frevo e o maracatu mantêm o domínio no Carnaval de rua das cidades pernambucanas (b)”.

Reiteramos nesse exemplo a importância do efeito de sentido que o produtor do texto pretende causar ao empregar o **já** e não o **mas**, ou seja, há uma forte tendência em comparar os dois tipos de carnaval, e essa comparação é uma especificidade do item **já**, que encontramos em nosso trabalho.

Ainda, em nosso *corpus*, localizamos um outro exemplo, cuja ocorrência dos itens em análise, aparece com o valor de **contraste**, corroborando também a pesquisa de Fabri (2001, p. 82). Vejamos:

(208)

F: A segunda diferença é que eu acho lá em Bonsucesso o local melhor para efeito de, de doméstico. Compra, tudo é mais perto. E Cacha... e Cachambi não, tudo é longe. É um, um bairro essencialmente residencial não é comercial em Cachambi. (a) **Já** em Bonsucesso é um bairro também residencial, mas muito mais comercial do que Cachambi, o local onde eu moro (b) (N I 10).

Há um contraste estabelecido a partir do **já**, que pode ser descrito da seguinte forma: em (a) aponta-se que Cachambi é um bairro essencialmente residencial, longe de tudo. A sequência (b) afirma que Bonsucesso, além de ser um bairro residencial é muito mais comercial, portanto um local melhor para morar. Há comparação entre os bairros, direcionando, inclusive, para o lado positivo de Bonsucesso. O contraste mobiliza também a comparação.

Podemos, assim, assinalar que nesse exemplo há identidade entre o emprego do **já** e do **mas**, na função de conector de contrajunção, desta tese, e no estudo de Fabri (2001) em que o **mas** funciona com o valor de contraste. Entretanto, ao usar o **já** observamos que o foco está mais na ideia de comparação do que na função de contraste.

Outro cotejo que fazemos relaciona-se ao estudo de Guimarães (1987, p. 61, 65), sobre o emprego da contrajunção, especificamente do **mas**, em segmentos da língua. Observamos também identidades entre a proposta do autor e o nosso estudo.

Quando há divisão para dois locutores em uma conversa, localizamos em nosso estudo o emprego do **agora** como no exemplo a seguir:

(209)

L1²⁴: ficamos de DEZ e meia à meia-noite e dez em PÉ... em fila de cinema pra ver um Frankstein muito do mixuruca...

L2: aqueles que já era né...

²⁴ O exemplo (208) foi retirado do projeto NURC, inquérito 6, em que há um diálogo entre dois locutores (D2).

L1: não... o primeiro clássico... o primeiro Frankstein () bacana... eu gostei de ver o primeiro filme de terror...

L2: você via aque/... toda a máscara dele...(a)

L1: **agora**... eu fiquei na fila... então estava lá os dois namorando e eu né... não ia ficar conversando abundantemente com eles né... (b) (N I 6).

Achamos possível também que quando o modo de encadeamento no texto ocorre com o “creio que”, seja possível o uso dos itens em estudo, com o uso semelhante ao do **mas**. Apesar de não termos encontrado nenhum exemplo em nosso *corpus* com o “creio que”, mas ao simularmos um, observamos que a troca pelo **mas** pode ocorrer, como em: “Creio que Maria tem habilidades para música, **já/agora** sua irmã tem habilidades para pintura” ou “Creio que Maria tem habilidades para música, **mas** sua irmã tem habilidades para pintura”.

Na divisão entonacional no interior da frase, também há ocorrências em nosso *corpus*, neste caso, marcado pela vírgula, antecedendo ao item.

(210)

F: Continuamos namorando. Namorando, namorando, dentro de casa sem fazer nada.

Sem dá um beijo.

Naum podia. Meu pai entrava pra dentru do quarto e deixava a genti na sala, normmal, ninguém ficava lá perto, ninguém atrapalhava nada. Mais num tinha jeito. Eu num podia ir na padaria, num podia ir na sorveteria, na farmácia, tudu qui eu precisava qui comprasse alguém qui tinha qui compra pra mim. Eu num podia ir. Aí depois por fim, eu falei: “Meu pai num deve ta mi pressionando tanto assim não né”, aí comecei a matar aula, (risos), aí ele num bom, até hoje ele num descubriu naum, aí quando eu vim, quando eu voltei a trabalh´ele falou assim:” naum, agora você já tem responsabilidade, ce já tem, ce ta voltou a ter ser dinheiro né, di novo,(a) **agora** se acontecer de você engravidar, alguma coisa, cevai sustenta”. Aí foi quando ele mi liberou do castigo. Mas eu fiquei 3 mesis sem fazer nada, sem sair de casa. Continuei namoranu, namoranu, até....,fevereiro, final de fevereiro desse anu, dia, no carnaval a gente tava junto, e uma semana depois do carnaval a genti terminou (b) (M I 6).

Quanto à possibilidade de inversão de orações, consideramos que, como em Guimarães, também em nosso estudo esse fato não pode ocorrer com **já** e **agora**:

(211)

A comicidade do enunciado possui as mesmas características dos fenômenos cômicos (a).

Já a comicidade da enunciação é o resultado de uma organização particular dos recursos expressivos pelo autor (b) (T E 20).

Observamos que não seria possível iniciarmos esse trecho com a sequência (b), introduzida pelo **já**. Esse fato concorda com o que Guimarães apontou como regularidade para o emprego do **mas** argumentativo. Essa nossa observação não significa que com a troca os sentidos se mantêm iguais. Consideramos que o autor ao mobilizar o item **já** e não o **mas** instaura uma comparação entre os dois segmentos. Assim com o **mas** o efeito de sentido fica centrado na contração e com o **já** o efeito de sentido foca a comparação.

A seguir apresentamos diferenças observadas em nossas análises entre os itens em estudo e o **mas**.

4.8.2 Diferenças

Como identificamos identidades entre o emprego do itens em estudo e o **mas**, também encontramos diferenças entre essas unidades da língua.

Conforme estudo de Fabri (2001, p. 25-26), em relação aos valores de retificação, na estrutura não (a), mas (b) e quebra de expectativa, na estrutura (a), mas (b), observamos que esses valores não foram localizados em nossa pesquisa, ou seja, os itens **já** e **agora**, ao serem empregados com as funções de conector de contrajunção e de operador discursivo modificador de tópico não estabelecem dois dos quatro valores propostos por Fabri (2001), que são importantes no emprego do **mas** e seus correlatos (porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto), o de quebra de expectativa e o de retificação. Recorremos a um exemplo elaborado por nós, apenas com a finalidade de deixar clara esta questão. Vejamos “João trabalhou (a), **mas** não recebeu o salário (b)”. Há um consenso de que quem trabalha, receba seu salário, mas não é isso que se afirma em (b), portanto há uma quebra de expectativa na sequência iniciada pelo **mas**. Se colocarmos o **já** ou o **agora** substituindo o **mas**, a frase perde sentido de adversidade: “*Ele trabalhou, **já/agora** não recebeu o salário”.

Outra situação que identificamos não ser possível a troca entre os itens **mas** e **já/agora** parte do exemplo “O quadro não é barato, **mas** é bonito”. Observamos que o sentido estabelecido é o de retificação, como foi apontado por Fabri (2001). No entanto não é possível empregar o **já** e o **agora** nesta situação: *O quadro não é barato, **agora/já** é bonito.

Cotejando com o estudo de Guimarães (1987, p. 63-64), também observamos a inviabilidade de usar o **já** ou o **agora** na correlação de modos verbais nas orações, como em:

(212)

Depois de abandonar os GPs da Itália e de Cingapura, o inglês Lewis Hamilton afirmou que não pode ficar lamentando os erros cometidos e que seu pensamento já está focado nas últimas quatro provas da temporada.

No GP da Itália, realizado em 9 de setembro, o piloto da McLaren abandonou a prova após um choque com o brasileiro Felipe Massa. **Já** em Cingapura, disputado no último domingo, o inglês tentou ultrapassar o australiano Mark Webber e também deixou a corrida (T E 9).

A alteração dos modos verbais desencadeia uma frase linguisticamente incorreta: “*No GP da Itália, realizado em 9 de setembro, o piloto da McLaren abandonou a prova após

um choque com o brasileiro Felipe Massa. **Já** em Cingapura, disputado no último domingo, o inglês ‘tentasse’ ultrapassar o australiano Mark Webber e também ‘deixasse’ a corrida.”

Notamos, também, em alguns exemplos o **já** e o **agora**, quando funcionam como operadores discursivos modificadores de tópico, inviabilizam a troca pelo **mas**, como no exemplo a seguir:

(213)

Equipes de mergulhadores da Marinha italiana encontraram neste sábado o corpo de uma mulher, a 12ª vítima do acidente com o navio Costa Concordia, que naufragou na última sexta-feira (20) (a). **Já** a Guarda Costeira confirmou pela primeira vez um vazamento de óleo diesel no local, aumentando temores de um desastre ambiental (b) (T E 12).

Em (a), há a informação de que foi encontrado o corpo de uma mulher, vítima do acidente, em (b), a partir do **já**, a sequência muda a orientação precedente, não a contradizendo, mas modificando-a, ou seja, um outro problema grave está ocorrendo, que é o vazamento de óleo. Direciona-se a leitura para outra questão, em uma manobra discursiva que reforça a gravidade do acidente. Parece-nos que o **mas** não se encaixa neste enunciado. Vejamos: “*Equipes de mergulhadores da Marinha italiana encontraram neste sábado o corpo de uma mulher, a 12ª vítima do acidente com o navio Costa Concórdia, que naufragou na última sexta-feira (20).(a) **Mas** a Guarda Costeira confirmou pela primeira vez um vazamento de óleo diesel no local, aumentando temores de um desastre ambiental. (b)”. Percebemos que, como não há a ideia de adversidade, mas apenas uma outra orientação o **mas** não pode ser usado.

Outra situação, identificada por nós, de que o **agora** possui uma especificidade que não possibilita a troca pelo **mas** adversativo, ocorre quando esse item introduz um novo tópico, que não tem relação com o tópico anterior, como no exemplo:

(214)

Aquele- aquilo foi uma concentração que... que valia alguma coisa po- po Flamengo e ele fez errado; então ele recebe! por isso, então ele nunca pode fazer isso o que ele fez. Então o técnico então achou... achou que ele tinha que da- (hes) tinh- eh... tinha que dá uma punição pra ele. Então foi e... então achou essa- o certo foi essa... (pausa) (a)

E: **Agora**, o que... vocês pretendem fazer pro Natal? Tá chegando (“no”) final do ano... vai virar o ano... do milênio!... vamos chegar (“ao”) ano dois mil, Brasil vai fazer quinhentos anos... Como é que está sua expectativa pra isso [tudo]?(b) (P I 2).

Observamos que, em (a), o locutor aborda o assunto do Flamengo, em (b), o entrevistador, muda a orientação do tema, com uma sequência introduzida pelo **agora**, não sendo possível a troca pelo **mas** que instaura a contrajunção.

Confirmamos a nossa hipótese de que há especificidades, não só sintáticas, mas também semânticas no emprego do **já** e do **agora**, que impossibilitam muitas vezes a troca pelo **mas**, como foi colocado.

Esse fato pode comportar a ideia de que os itens, em análise, não assumiram completamente o valor de contração, de adversidade como ocorre com as conjunções adversativas. Nesse aspecto, as nossas tabelas revelam essa posição, pois os dados apontam que o **já** e o **agora** apresentam um emprego expressivo como advérbio, na transcrição do *corpus* oral, com 85,20% de ocorrências (Cf. Tabela 3) e no *corpus* escrito com 56,00% (Cf. Tabela 4). Dessa forma, observamos que os itens em estudo não migraram, totalmente, as suas funções de uma classe gramatical, como advérbio, para outra classe, como conjunção. Percebemos que eles estão em processo de mudança.

Outra diferença que reafirmamos diz respeito à ideia de comparação que o **já** e o **agora** instauram:

(215)

Segundo as estatísticas oficiais da Fifa, Robinho, nessas duas Copas, teve 15 chances de fazer um gol, mas falhou em todas.

Na Alemanha, o atacante do Manchester City (emprestado ao Santos) foi titular só uma vez, nos 4 a 1 sobre o Japão, quando até teve boa atuação, mas falhou nas três finalizações que deu na partida.

Agora, na África do Sul, Robinho teve como melhor momento o passe preciso para o gol de Elano contra a Coreia do Norte (T E 15).

Esse exemplo, a partir do **agora**, contempla a ideia de comparação, tendo como eixo comum o desempenho do jogador. Além disso, observamos que há resquícios de tempo, revelando que o **agora** funciona como um item híbrido que também desempenha o papel de advérbio. Verificamos que se trocarmos o **agora** pelo **mas**, mesmo que possível, há alteração do efeito de sentido pretendido pelo autor.

No exemplo a seguir trazemos um trecho com o emprego do **já** como conector de contração. Observamos que esse item poderia ser trocado pelo **mas**, entretanto essa troca modifica o efeito de sentido. Enquanto que com o **mas** o foco está na contração, com o **já** além da ideia de adversidade também há a ideia de comparação entre os bancos estatais e as instituições privadas, e essa ideia parece-nos ser a intenção do autor.

(216)

Desde novembro, os bancos estatais passaram a deter a maior fatia no estoque de financiamentos concedidos pelo sistema financeiro, depois de registrar um crescimento de 31% ao longo do ano passado, dentro da política do governo federal de evitar uma paralisação

no crédito. **Já** as instituições privadas nacionais reduziram a liberação de empréstimos durante o momento mais grave da crise e cresceram apenas 9%, enquanto os estrangeiros ficaram praticamente estagnados (T E 2).

Assim, observamos que os itens em estudo não migraram, totalmente, as suas funções de uma classe gramatical, como advérbio, para outra classe, como conjunção. Percebemos que eles estão em processo de mudança e essa mudança parece estar criando conectores que atuam de forma diferente dos já existentes.

Concluindo esta parte, apontamos as funções que podem ser desempenhadas pelo **já** e pelo **agora**, de acordo com o nosso estudo:

- 1) propor um novo rumo ao tópico anterior, com ou sem a ideia de comparação;
- 2) opor as sequências, comparando-as, com um eixo de identidade entre elas;
- 3) estabelecer a ideia de contraste;
- 4) opor sequências, sem a ideia de comparação;
- 5) opor sequências (a) e (b), com a negação em (b);
- 6) marcar a conversação oral, apenas articulando e estruturando a interação (somente o **agora**), como marcador conversacional.

4.9 O já e o agora são correlatos?

Observamos que se por um lado o **já** e o **agora** podem ser empregados com funções semelhantes, por outro lado, mesmo atuando como conectores de contrajunção ou operadores discursivos modificadores de tópico, a troca nem sempre é possível.

Vejamos o exemplo:

(217)

E: [...] Qué dizê que o Sr. gosta de planta?

F: Gosto.

E: Eu acho muito bonito, mas eu num tenho o menor jeito (riso E)

F: Eu gosto, gosto de mexê muito cum terra. (telefone tocando)(a)

E: (crianças brincando) **Agora**, seu Paulo, o Sr. disse que costuma vê... assistí as peças de teatro que passam aqui na... na escola, né?

F: É, é. Sempre no finalzinho do ano eles fazem, eu gosto (b) (P I 3).

Assinalamos que a troca do **agora** pelo **já** neste exemplo (217) não é possível: “F: Eu gosto, gosto de mexê muito cum terra. (telefone tocando). E: (crianças brincando). E: ***Já**, seu

Paulo, o Sr. disse que costuma vê... assistí as peças de teatro que passam aqui na... na escola, né?”

Acreditamos que a justificativa para esse fato diz respeito ao emprego do **agora** como operador discursivo que instaura a suspensão do assunto anterior, orientando a conversa para um outro tópico. Se em (a) o tema contemplava mexer com terra, em (b), o entrevistador, interrompe-o, desencadeando uma nova orientação para a conversa, aceita pelo falante. Observamos também que nesse **agora** há ainda resquícios de tempo. Essa pode ser outra justificativa para a não possibilidade de emprego do **já** nesse trecho, pois o **já** nessa função de operador discursivo modificador de tópico não tem resquício temporal.

Além disso, o **agora** é um modificador de tópico, tanto que é muito usado pelo entrevistador para direcionar os tópicos sobre os quais o falante/entrevistado vai falar. Esse valor parece não ser possível para o **já** e é justamente o que ocorre em (217).

Uma outra ocorrência semelhante à anterior aponta para impossibilidade de troca quando há uma interrupção do tópico de (a), propondo um novo tópico em (b), nesse caso a proposta parte do locutor/entrevistado.

(218)

D: E a ópera? Eh, quais as partes que compõem uma ópera? A senhora sabe?

L: Co... quais são as partes?

D: É. O que é u... a, uma ópera?

L: Ah! Bom, uma ópera geralmente é um drama, né? Geralmente é um drama entre... Tem sempre o, a moça, o rapaz, o, o vilão ou o pai do, do, da moça sempre impedindo o, o, o namoro, né? Ou então a, a, a mulher sofredora como é a, a Noeme, né? Gosto demais de ópera (a). **Agora...** Que mais que você quer que eu diga... (b) (N I 3).

Em (a), o diálogo trata do tema ópera, em (b), o locutor, e não mais o documentador/entrevistador, interrompe o diálogo e sugere outras informações; “**Agora...**que mais você quer que eu diga...”. Esse novo direcionamento é instaurado a partir do **agora**. Observamos que também nesta ocorrência não é possível a troca pelo **já**, reafirmando mais uma diferença entre os itens em estudo e confirmando que eles não são completamente correlatos. Novamente, identificamos que a circunstância temporal está presente nesse **agora**, assim como a função de operador discursivo modificador de tópico.

Um outro exemplo que retiramos da transcrição do *corpus* oral, com o emprego do **agora** que não possibilita a troca pelo **já** é o (219):

(219)

E;Ah sei, e:: i o que qui você custuma a fazê a noiti, você gosta di saí, incontrá com amigus?

F:Não, eu já fiz issu muito i eu achu qui tudu é fasi, eu já passei dessa fasi, eu quandu eu era mais nova eu gostava muito, era barzinhu, era bati papu +, hoji não, hoji eu já sô mais di den

di casa mesmu, sô mais sussegada,(a) **agora** eu inda gostu di assim, di fazê uma leitura, di vê um bom programa, assisti uma palestra, palestra eu ouço muito i na na televisão, às vezes pegu fitas tamém gravadas pra ouvi [...] (b) (M I 5).

Em (219), observamos, na resposta do falante à pergunta do entrevistador, posições diferentes em relação ao seu comportamento de antes, quando era mais nova em (a) e de depois (hoje), em (b). Há um tópico maior, que diz respeito a estilo de vida e um subtópico, iniciado pelo **agora** que aponta para um outro estilo: em (a), sair de casa, versus, em (b), ficar em casa. Observamos nesse **agora**, vestígios de tempo, e esse fato pode ser uma justificativa para a impossibilidade de troca pelo **já**, nesse exemplo.

Também observamos que a troca do **já** pelo **agora** parece não ser adequada, quando o **já** é empregado, principalmente em textos acadêmicos, como artigos científicos e dissertações de mestrado, como conector de contrajunção e operador discursivo modificador de tópico. O exemplo a seguir é retirado de uma dissertação de mestrado, em que o **já** teve 30 ocorrências tanto como conector quanto como operador discursivo.

(220)

No exemplo **a**, a entidade nova (*um ônibus*) não está relacionada a nenhum SN; *ônibus* é não-ancorado; (a) **já** no exemplo **b**, *o menino* é uma entidade criada e está ancorada na entidade do falante. (b) (T E 17).

Nesse exemplo, a produtora do texto faz uma análise de ocorrência, retirada de seu *corpus*, usando a teoria contemplada em seu estudo. Para a análise, ela emprega o **já** instaurando uma ideia de contrajunção, na sequência (b) e apontando para entidades não-ancoradas, usadas no exemplo **b**. Consideramos que o **agora** não causaria o mesmo efeito de sentido que o **já**, visto que esse item instaura a ideia de diferença e de comparação, não estabelecendo a ideia de tempo, que com frequência ocorre com o **agora**.

Esse fato vem comprovar os dados apresentados na Tabela 4, em que o **já** aparece com 24,60% de ocorrências como conector de contrajunção e 22,70% como operador discursivo modificador de tópico, em textos escritos, e o **agora** aparece com 10,00% de emprego como conector de contrajunção e 18,00% como operador discursivo. Números diferentes ocorrem nos textos orais, em que o **já** aparece com 1,30% como conector de contrajunção e 0,70% como operador discursivo e o **agora** com 19,00% como conector de contrajunção, 21,50% como operador discursivo e 1,50% como marcador conversacional. Ainda observamos que o **já** não teve ocorrências como marcador conversacional nos textos orais, provando mais uma vez que eles não são correlatos.

Entretanto, em muitos outros exemplos, notamos que a permuta pode ocorrer, assinalando que o **já** e o **agora** têm empregos semelhantes, como em:

(221)

L: Como ficou resolvido? Do meu quarto, por exemplo, é luz direta e luz indireta. A luz direta é feita através de duas janelas: a luz direta vinda da rua de uma janela que é frontal que dá para a praia e outra janela lateral que dá para o morro, como eu havia falado antes (a). **Agora, (Já)** em cima da minha escrivaninha, eu coloquei uma luz, ah, bem em cima que me dá iluminação para escrever à noite, tudo isso (b) (N I 1).

Outros aspectos comuns entre o uso de **já** e **agora** são: i) os dois itens necessitam de um sujeito sintático, na sequência que eles instauram as suas novas funções, diferente do sujeito sintático da sequência anterior. e ii) deve haver uma pausa entonacional antes e, às vezes, depois desses itens. Essa pausa é marcada na escrita por vírgula, reticências ou ponto final.

Outra identidade é que eles ainda, em muitos exemplos, mantêm a função de advérbio, tanto no oral quanto no escrito. Entretanto, o **já** é mais prevalente na transcrição do *corpus* oral, com 98,00% em relação ao **agora**, com 58,00% (Cf. Tabela 3).

No *corpus* escrito essa situação se inverte, enquanto o **já** tem menor emprego como advérbio, 52,70%, como mostra a Tabela 4, apontando para um maior emprego nas outras funções de conector de contrajunção e operador discursivo, o **agora** é mais empregado como advérbio, tendo menos ocorrências nas outras funções. Acreditamos que esse fato ocorre porque, na oralidade o **agora** mantém resquícios da ideia de tempo, o que não ocorre com o **já** e, também, porque no discurso face a face há menos formalidade e um não-planejamento. Já na escrita, principalmente em textos acadêmicos, o uso do **já** configura maior formalidade e planejamento. Acreditamos também que a questão do auditório é fator importante neste emprego, pois nos textos acadêmicos há um auditório particular, que espera um texto com propriedades específicas e formato determinado como esse tipo de texto dissertativo. Há um refinamento do texto, o que pode indicar que o uso do **já** seja mais adequado.

Outro dado que levantamos diz respeito ao tipo de texto, tanto o **já** como o **agora** foram empregados com maior frequência nos textos dissertativos, no *corpus* oral com 69,00% (Cf. Tabela 10) e no escrito com 87,50% (Cf. Tabela 11). Assim os dois itens são mais usados em textos que estão na perspectiva do saber/conhecer.

Em relação às variáveis, propostas nesta pesquisa de gênero (homem/mulher), de escolaridade (culto/não-culto) e idade (jovem/adulto), observamos que os dados revelam uma

aproximação tanto do **já** quanto do **agora** entre as funções inscritas neles e abordadas nesta tese e as variáveis propostas, confirmadas nas Tabelas 6 e 7.

4.10 Possibilidades de gramaticalidade

Iniciamos nossas análises sobre as possibilidades de graus de gramaticalidade dos itens **já** e **agora**, reafirmando o que foi dito, anteriormente, que não é nosso objetivo examinar com detalhes essa questão, mas somente apontar que existe essa possibilidade e que ela foi observada por nós.

Atentos que estávamos às ocorrências do **já** e do **agora** em todos os materiais lidos nesta trajetória acadêmica, deparamo-nos com dois romances um da década de 1930 e um de 2009, o que evidencia que as funções de **já** e **agora** em estudo já ocorriam na língua escrita há mais de 80 anos. E note-se que não é em reprodução de fala, mas na narração do autor.

Travaglia (2002a, p. 8, 9) afirma que a gradualidade é um dos princípios do processo de gramaticalização, isto é, os sentidos e funções vão aparecendo, as palavras vão migrando de uma classe para outra, entretanto, esses novos sentidos e funções que surgem não eliminam necessariamente os outros já existentes.

Reforçando essa teoria, apresentamos, exemplos retirados do romance “O Quinze” de Rachel de Queiroz, (2003, p. 21-22), escrito na década de 1930:

(222)

Mas a mãe dele, que sentada ao sofá apreciava a dança, vendo-o, enxergou apenas o contraste deprimente da rudeza do filho com o pracionismo dos outros, de cabelo empomado, calças de vinco elegante e camisa fina por baixo da blusa caseira (a).

Já Vicente enlaçava a prima que, rindo, saiu dançando orgulhosa do cavalheiro [...] (b) (QUEIROZ, 2003, p. 21).

Observamos que o **já**, ao iniciar a sequência (b), está esvaziado da noção de tempo, não funcionando, pois, como um advérbio, como, normalmente é tratado, mas funcionando como um item da língua que promove um encaminhamento diferente daquele que vinha até então sendo construído pela autora.

Em (a), a mãe de Vicente compara o filho, julgando-o inferior, rude, em relação aos outros moços. Em (b), a partir do **já**, a narrativa toma outra direção, ou seja, Vicente, o filho, enlaça a prima e sai dançando. Esse comportamento do filho aponta para um *topos* que inclui alegria, felicidade, *topos* esse diferente do da perspectiva da mãe, que ao comparar o filho aos outros moços inclui na sua crença de felicidade a aparência e o jeito de ser, de se portar.

Observamos que o **já** funciona como um operador discursivo modificador de tópico, pois mobiliza uma ideia diferente da que vinha sendo expressa. Há, então, um novo sentido do **já**, usado pela autora, diferente dos registros encontrados, em gramáticas e estudos linguísticos, que pode configurar o processo de gramaticalização, visto que esse uso já aparece na década de 1930.

Além da possibilidade de gramaticalidade que aqui colocamos, queremos dizer que esse uso tem a ver com estratégias argumentativas usadas pela autora do texto, pois esse **já** tem uso semelhante ao do **mas**. Geraldi (1981, p. 65) diz que o autor elabora a argumentação pela estrutura dos enunciados, confirmando ser essa um modo corrente de interação humana, já que aquele que argumenta pretende interferir sobre as crenças do interlocutor. No exemplo, a autora, ao dar uma nova direção para a ideia anteriormente colocada, faz esse encaminhamento, partindo de um elemento da língua, no caso o item **já**, com o objetivo de levar o interlocutor a determinadas conclusões ou delas desviá-lo, ou seja, que Vicente não era inferior aos outros rapazes e que a felicidade não depende da aparência, do aspecto físico.

O valor da argumentação de uma frase não advém apenas de informações, mas, sobretudo, de uma orientação argumentativa presente no enunciado. Há, ainda, segundo Ducrot (1981, p. 180), uma escala argumentativa, ou seja, a sequência (b) não apaga a apreciação negativa da mãe em relação ao filho em (a), mas justapõe uma outra avaliação (a da prima que dele se orgulhava como par), que pode levar o interlocutor a considerar a ação de Vicente com a prima mais positiva, alterando o seu ponto de vista em relação à posição da mãe.

Enfim, Queiroz, ao mudar o foco da narrativa, pode instaurar no interlocutor um julgamento diferente daquele que a mãe do personagem fez na sequência (a), pois, ao enlaçar a prima e sair dançando, desencadeia uma leitura positiva em relação ao personagem Vicente.

Há nesse exemplo, feixes de ideias diferentes: para a mãe, o filho se contrastava com os outros homens da festa, pelo cabelo, pelas vestimentas, pelo comportamento, motivo de sua tristeza. Para o filho, Vicente, e, para a sua prima, esses elementos eram indiferentes. Outros feixes movem-se para eles no que diz respeito à felicidade, e isso é comprovado, pois o casal está feliz e dançando.

Apontamos esses aspectos para mostrar que, se por um lado o **já** não instaura a circunstância temporal, por outro ele é empregado com a função de operador discursivo que modifica a orientação argumentativa anteriormente apontada. Há então uma mudança do **já** advérbio para o **já** operador discursivo modificador de tópico, o que pode indicar um processo de gramaticalização, visto que para Castilho (1997, p. 26), esse é um processo de migração de

forma de uma categoria lexical ou gramatical, no caso o advérbio, para uma categoria gramatical ou para outra categoria mais gramatical, como a conjunção.

Ainda no romance de Queiroz (2009, p. 101), ela emprega o **já** com o valor temporal, valor esse presente em gramáticas, estudos linguísticos e dicionários, como em:

(223)

À noite, **já** novamente em Quixadá, bebendo e fumando numa roda de botequim, falou-se sobre o trato de gado, e alguém perguntou a Vicente:

E vale a pena? O capital que você tem em gado, fora as perdas, dará para cobrir sua despesa e seu trabalho? (QUEIROZ, 2009, p. 101).

Diante disso, notamos que há um gradualismo, pois segundo os autores estudados Bybee (2003), Hoper (1996), Castilho (1997) e Travaglia (2002a), há graus de gramaticalidade. As camadas surgem gradualmente, sem eliminarem as outras, ou seja, no mesmo texto há o emprego do **já** como advérbio e como operador discursivo modificador de tópico. Isso mostra que desde o início do século XX, esse item já fora empregado com valores diferentes dos registrados. Apontamos esse fato apenas como ilustração, pois o nosso trabalho focaliza somente a perspectiva sincrônica.

Trazemos um outro exemplo, com o uso do **já**, mas de um romance da década de 2009:

(224)

Minha avó não deixava por menos, jurava que seu marido era o pai dos filhos de Balbino, o leal criado. Dizia essas coisas com resignação na alma, mas transida de dores pelo corpo inteiro, a tal ponto que meu avô mandou vir reumatologistas de toda a Europa. Por fim trouxe da Suíça um mestre-de-obras que levantou um chalé no longínquo areal de Copacabana. E ali vovô a isolou, para que mitigasse seu sofrimento com banhos terapêuticos (a). **Já** eu, casei e fui morar com Matilde no velho chalé com o propósito de passar a vida inteira ao seu lado (b) (BUARQUE DE HOLANDA, 2009, p. 62).

No excerto, retirado de um romance de Buarque de Holanda (2009, p.62), verificamos o uso do item **já**, destituído do sentido temporal e que opera no discurso, orientando para um caminho diferente do que anteriormente fora apresentado. Na sequência (a), é abordada a relação entre a avó com o avô do narrador, na sequência (b), o narrador declara que relação diferente ele vivera com Matilde, sua esposa.

Observamos que são textos de duas épocas, década, de 1930 e início do século XXI, com a diferença de 79 anos de publicação entre um e outro, mas que trazem elementos da língua, sendo empregados com significados semelhantes, constatando um uso não

recomendado pelas gramáticas tradicionais e, apontando para um funcionamento textual-discursivo, desse item, que pode indicar um processo de gramaticalização.

Trazemos um exemplo, dentre muitos outros, para reforçar esta possibilidade sobre a qual estamos falando que é a gramaticalização dos itens **já** e **agora**.

(225)

F.trabalhá aqui, ali, tudu pur conviti i naquela época tamém num era tão difícil, a oferta tava muito maior du que a procura, intão num era difícil,(a) **agora**, hoji impregu já, eu já veju aí impregu ta tão difícil qui eu ficu pensanu si fossi na época di hoji eu não teria tidu a sorte qui eu tivi di tê passadu pur tantus impregus bons i gratificantis i hoji eu veju aí essa dificultadi nu mercadu, (b) (M I 5).

Em (a), o locutor/falante diz que, em época anterior, trabalho não era difícil, no entanto, hoje em dia, em (b), há muita dificuldade no mercado. O **agora** funciona como um conector de contrajunção que instaura, a partir dele, uma ideia adversa da anterior. Observamos também que além dessa ideia de contrajunção, há no **agora**, resquícios da ideia temporal, marcando o antes (naquele tempo) e o agora, nos dias de hoje. Ocorre, então, um dos princípios da gramaticalização (Travaglia, 2002a), que é a persistência, ou seja, a aderência à nova forma gramatical de traços antigos do item **agora**.

Também vamos abordar nessas análises, acerca da gramaticalização, as variáveis propostas nesta tese, como: culto x não-culto, homem x mulher, jovem x adulto, apontadas nas Tabelas 6 e 7. Essa duas Tabelas referem-se somente ao *corpus* oral, como já justificamos na parte da metodologia.

O objetivo dessas Tabelas 6 e 7 é verificar se algumas das variáveis afetaram as mudanças e o emprego desses itens na oralidade.

A tabela 6 apresenta o item **já** nas suas diferentes funções e variáveis como: de i) escolaridade: culta x não-culta; ii) gênero: homem x mulher e iii) idade: jovem x adulto.

Observamos, nessa tabela que, pelos dados, nenhuma variável favoreceu para as mudanças de uso desse item, pois os números revelados pela Tabela são muito aproximados.

Fato semelhante ocorre na Tabela 7, com o emprego do **agora**, entretanto, fazemos apenas uma observação para um dado que nos chamou atenção, que é o emprego do **agora** como operador discursivo pelos jovens, 38,00% em relação aos adultos com 18,00%, o que pode apontar que os jovens estejam empregando o **agora** na oralidade como operador discursivo modificador de tópico mais que os adultos, ou seja, os jovens estão contribuindo mais para a mudança de uso desse item, em relação ao uso comum de advérbio, favorecendo, então, a gramaticalização do **agora**, que está migrando da classe dos advérbios, categoria

gramatical, para a classe das conjunções como conectores argumentativos, categoria mais gramatical.

Trazemos essa questão da gramaticalização, porque foi um fenômeno que observamos no nosso *corpus* e que parece, realmente, estar em processo.

Enfim, concluímos estas análises, levantando, após percorrer um caminho de busca teórica, de levantamento de dados e de análise do material, algumas hipóteses que podem ter motivado a passagem do **já** e do **agora** de advérbio para conector de contrajunção e operador discursivo modificador de tópico.

Para o **agora**, consideramos que a sua mudança de advérbio temporal para conector argumentativo pode ter ocorrido pela comparação entre antes e depois, como: “há dois anos ele não comia verdura, **agora** ele come.” Há uma comparação entre o que ele comia antes e o que ele como neste momento.

Essa construção foi migrando para outros campos, como o da oposição, no exemplo:

(226)

Hoje em dia eu acho que o idioma é muito importante. E tá abrindo um espaço pela telecomunicação, assim, atualmente (est) eu tô falando agora, né? No momento. Tem muito mercado saturado, (a) **agora** de telecomunicação, negócio de celular, muita coisa e idioma vai fazê muita falta (b) (P I 6).

Nesse exemplo, o **agora** tem a função de conector de contrajunção, estabelecendo uma relação de oposição entre as duas sequências. Na sequência (a), o locutor trata da saturação do mercado, na (b), ele contra-argumenta, dizendo de outros mercados de trabalho para os quais faltarão profissionais como: telecomunicação, negócio de celular e domínio de idioma.

Observamos que há um eixo comum que está sendo abordado, que é o mercado de trabalho, e a partir dele uma comparação. Nessa comparação, há a ideia também de antes e agora: antes profissões já saturadas e agora profissões em alta. Notamos, então, que pode ter ocorrido uma contaminação da ideia de tempo, que mobiliza o antes e o neste momento, e a ideia de contrajunção e modificador de tópico.

Nesse aspecto, observamos que o **agora**, ao funcionar como contrajunção entre as sequências (a) e (b), carrega o princípio do fenômeno da gramaticalização, que é o da gradiência. Se por um lado ele funciona como oposição, por outro há ainda a ideia de tempo.

Esse item, nesse caso, fica na fronteira entre a função gramatical de advérbio e a mais gramatical de conector.

O processo de mudança do **agora** parece seguir as tendências que anotamos no referencial teórico. De uma oposição entre antes e agora teria aos poucos se passado

discursivamente para oposições não temporais. Essa é uma hipótese para o surgimento dos valores de contrajunção e mudança de tópico do **agora**.

No caso do **já**, o que pode ter motivado a mudança de uso pode ser o emprego do **já** como conjunção alternativa, que mobiliza ideias de alternância, muitas vezes opostas como: “Já chora, já ri”. “Já entra, já sai”. notamos que há uma oposição entre as ações: de chorar e rir e de entrar e sair.

Observamos, assim, que o **já**, além de funcionar como elemento que indica tempo, é usado também com a ideia de alternância, o que pode ter desencadeado o seu uso para outros campos como o da oposição e o de operador discursivo modificador de tópico.

Uma outra situação é a do emprego do **já** em contextos de uso imediato: “Já fala, já ri”. Notamos que há uma alternância de ações que se opõem em uma situação de comparação entre a atitude de antes e agora.

Esclarecemos, finalmente, que as fronteiras que separam os sentidos são muito estreitas e, portanto, exigem a clareza por parte do pesquisador de que os limites dos significados são fluidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos este estudo com a certeza de que descrever os mecanismos de constituição de uma língua, em uma perspectiva textual-discursiva, não é tarefa fácil, principalmente, se levarmos em consideração que a língua não é um produto acabado, encontrando-se em constante mudança e apresentando variações por razões diversas.

Esse fato ocorre, visto que esses usuários, em situações específicas, pretendem se fazer entender em suas manifestações e, para isso, empregam com criatividade recursos da língua.

Quando fizemos a proposta de descrever e analisar unidades da Língua Portuguesa do Brasil, em uma perspectiva sincrônica, vislumbramos muito mais que analisar as estruturas morfossintáticas e fonológicas, mas, acima de tudo, analisar essas unidades no contexto em que o falante se insere ao se manifestar.

Essa análise não implica abandonar a língua em função de sua exterioridade, mas tentar compreender o porquê de em determinados textos/contextos o usuário lançar mão de certos itens como, por exemplo, ao estabelecer a contrajunção, ele deixa de usar elementos prototípicos como o “mas” e seus correlatos e passa a empregar o **já** e o **agora**, registrados com regularidade em gramáticas tradicionais como advérbios de tempo.

Observamos que o locutor, ao elaborar o seu enunciado, usa determinados elementos da língua, visando, como afirma Aquino (1997, p. 348), arrastar o interlocutor à conclusão que ele tenciona. Neste estudo, dois desses elementos, **já** e **agora**, são tratados por nós como conectores argumentativos, funcionando como conectores de contrajunção e operadores discursivos modificadores de tópico e também como marcadores conversacionais.

Ao mobilizarmos mais de uma teoria e vários estudos, nesta tese, evidenciamos que nosso objeto de investigação exigiu que levantássemos confluências e contrapontos de diferentes pesquisas para melhor compreendermos os itens em foco, o **já** e o **agora**, em diferentes circunstâncias.

A observação de que esses itens poderiam exercer funções diferentes da de advérbio, tanto no que se refere à tipologia textual, quanto às modalidades da língua, orientou-nos no desenvolvimento deste estudo. Para isso concebemos língua como processo de interação e, nessa perspectiva, os conectores não apontam apenas para as suas funções gramaticais, mas, sobretudo, são observadas as suas funções semântico-argumentativas.

A partir da abordagem teórica da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa e outros estudos acerca da oralidade, dos advérbios, dos conectores de contração e da gramaticalização, desenvolvemos esta pesquisa de natureza quantitativa, com 11 tabelas e de natureza descritivo-analítica, investigando um *corpus* de 96 textos, sendo 66 escritos, retirados de diferentes fontes, adotando a tipologia de Travaglia ([2003] 2007) e 30 transcrições dos inquéritos dos Projetos NURC, PEUL e Mineirês, sendo 10 inquéritos de cada Projeto.

Observamos, nesta pesquisa, que o **já** e o **agora**, além de funcionarem como **advérbios de tempo**, conforme registro em gramáticas tradicionais e outros estudos, também se apresentam em novas funções como: i) de **conectores de contração**, estabelecendo adversidade entre enunciados (a) e (b); ii) de **operadores discursivos modificadores de tópico**, ou seja, ao iniciarem a sequência (b), eles apontam para um outro tema, anteriormente proposto, alterando a direção de (a); não a contradizendo, mas conferindo-lhe um novo caminho e iii) de **marcadores conversacionais**, como elementos responsáveis pela manutenção do diálogo, chamando a atenção do interlocutor ou retomando o assunto. Salientamos que os marcadores conversacionais estão presentes apenas na transcrição do *corpus* oral e, especificamente, o **agora** apresentou esta função.

Após introdução das considerações finais, apontamos outras conclusões como:

1) Os itens **já** e **agora** apresentaram usos diferentes conforme as tabelas do *corpus* oral e escrito.

O item **já** teve um emprego prevalente como advérbio no *corpus* oral, com 98,00% (Cf. Tabela 1). Esse dado indica que ele ainda mantém, na oralidade, uma relação forte com o que está registrado, principalmente, nas gramáticas tradicionais. Entretanto, apesar dessa prevalência, há uma flutuação, que não se pode deixar de considerar, mesmo que apenas com 2,00% de frequência, do emprego nas novas funções, ou seja, como conector de contração, pois houve um uso de 1,30% como conector de contração e de 0,70% como operador discursivo modificador de tópico. O **já** não foi empregado como marcador conversacional.

Caso diferente ocorre com o **agora**, que na oralidade apresentou um uso de 58,00%, como advérbio, 19,00% como conector de contração, 21,50% como operador discursivo

modificador de tópico e 1,50% como marcador conversacional (Cf. Tabela 2), portanto apresenta uma frequência bem mais alta nas funções enfocadas que o **já**.

Esses dados confirmam nossa hipótese de que os itens **já** e **agora** tiveram usos diferentes, conforme as modalidades da língua.

Koch et al. (2002, p. 124) afirmam que a conversação face a face, espontânea, como é o caso da nossa transcrição do *corpus* oral, composto de entrevistas e de diálogo, não é planejada e ocorre passo a passo, de forma fragmentada.

O que Koch et al. (2002) apontam pode nos ajudar a explicar o maior uso do **agora** no *corpus* oral, isto é, em várias ocorrências do **agora** como operador discursivo modificador de tópico e conector de contrajunção, dados mostrados anteriormente (Cf. Tabela 3), esse item é empregado como uma estratégia de interrupção do assunto anterior, em (a), dando sequência a um tema diferente, em (b), seja contra-argumentando ou mudando de foco. Escolhemos o exemplo (21), dentre vários outros do nosso *corpus*, para mostrar os fatos dessa nossa conclusão.

Observamos, ainda, que nesse exemplo (21) não foi possível fazer a troca pelo **já**, assinalando que somente o emprego do **agora** é possível. Nesse aspecto, observamos que o **já** e o **agora** nem sempre são correlatos, pois há especificidades que os diferenciam, ou seja, o uso do **agora** na fala foi empregado de forma mais significativa, como colocamos anteriormente, de acordo com a Tabela 3, do que o uso do **já**, com 1,30%, como conector de contrajunção e 0,70% como operador discursivo modificador de tópico (Cf. Tabela 3). Além da ideia de suspensão de um tema na sequência (a) e, a partir do **agora**, um novo tópico se estabelecer, há também nesse **agora** resquícios da ideia de tempo, não se distanciando, assim, da função de advérbio, registrada nas gramáticas tradicionais, mas, pelo contrário, ocorrendo uma interrelação de funções .

Acreditamos que o uso do **agora** nas transcrições do *corpus* oral teve emprego expressivamente superior ao do **já**, porque ele, nessa modalidade de língua, guarda resquícios da circunstância temporal, o que não ocorre com o **já**, ao lado das ideias de contrajunção e de operador discursivo modificador do tópico antecedente.

2) Como o emprego do **agora** possibilita, na oralidade, interrupções do assunto da sequência (a), dando uma outra orientação para a sequência (b), iniciando um novo tópico, observamos que essa pode ser uma justificativa para que ele funcione também como marcador conversacional, que opera na língua, contribuindo para o desenvolvimento do discurso, sem integrar o conteúdo cognitivo do texto, apenas situando o tópico, mantendo a interação. Fato que não ocorre com o **já**.

3) No corpus escrito o **já** apresenta uma situação diferente, pois tem um uso de 52,70% como advérbio, 24,60% como conector de contrajunção e 22,70% como operador discursivo modificador de tópico. E em contrapartida, o **agora** teve 72,00% como advérbio, 10,00% como conector de contrajunção e 18,00% como operador discursivo modificador de tópico. Esse fato pode significar que, como nosso *corpus* escrito é culto e, portanto, formal, planejado, não fragmentado, o não uso de itens com funções híbridas como ocorre com o **agora** na oralidade, pode ser empregado com menos frequência no texto escrito. Um outro aspecto que podemos salientar é que o **já** com as funções não adverbiais teve emprego relevante em textos dissertativos escritos, com 89,90%, em relação aos outros tipos de texto, como narrativo com 5,10%, descritivo com 3,80% e injuntivo com 1,20% (Cf. Tabela 8). Para os textos dissertativos, observamos a predominância de textos acadêmicos como dissertação de mestrado e artigos científicos, como no exemplo (201), o que nos parece sugerir que essa é uma outra manobra do produtor de texto em usar o **já**, instaurando a contrajunção, com 97,50%, em textos dissertativos, com nenhum emprego em textos narrativos e injuntivos e com 2,50% de emprego em textos descritivos e, ainda, empregando-o como operador discursivo modificador de tópico, com 81,50%, número semelhante ao uso da contrajunção, e apenas com 10,50% em textos narrativos, 5,00% em textos descritivos e 3,00% em textos injuntivos (Cf Tabela 9).

4) Como foi assinalado na conclusão 3, o **já** teve um emprego significativo em textos dissertativos acadêmicos, como dissertação de mestrado e artigos científicos como operador discursivo modificador de tópico, como no exemplo (201), já citado. Esse parece ser um recurso usado pelo produtor do texto, que sem a intenção de polemizar, mas apenas de apresentar concepções e resultados diferentes, utiliza o **já** como uma estratégia para a produção desse tipo de texto dissertativo. Entendemos que com o **mas** e seus correlatos o embate, o conflito se estabeleceria de forma mais contundente entre as sequências (a) e (b). Observamos também que esse uso do **já** sempre estabelece uma comparação entre as sequências (a) e (b).

5) Observamos ainda que tanto o **já** quanto o **agora** funcionam como elementos agregadores de porções textuais (Alves,1990, p. 29), estabelecendo coesão e coerência e contribuindo para a construção da textualidade.

6) Outro aspecto observado é que esses itens, além de funcionarem como conector de contrajunção e operador discursivo modificador de tópico arrolam a ideia de comparação entre as sequências (a) e (b), ratificando o que foi colocado em item 4. Essa ideia de comparação, que comporta um eixo comum de identidade entre as sequências (a) e (b), parece

ser uma especificidade do emprego do **já** e do **agora**, diferenciando-se assim do emprego do “mas” e de seus correlatos como porém, entretanto, contudo, no entanto e todavia.

7) Tanto o item **já** quanto o item **agora** mobilizam a ideia de prospecção, fazendo, na sequência (a) **já/agora** (b), o discurso avançar para um novo tópico, em (b), diferente do de (a) ou, então, (b) contra-argumentando (a).

8) Segundo Ducrot (1981, p. 178), os conectores não apenas introduzem a informação, mas está contida neles uma argumentação, que conduz o interlocutor em uma determinada direção. Essa afirmação de Ducrot coaduna com o que encontramos em nossa pesquisa sobre o **já** e o **agora**. Esses itens, além de promoverem o avanço do discurso, também, podem alterar o ponto de vista do leitor, já que em determinadas sequências linguísticas, como (a) **já/agora** (b), a sequência (b), iniciada pelo item, podem mobilizar uma força argumentativa capaz de assegurar que o interlocutor mude de opinião. Nesse aspecto, contamos com a teoria de Ducrot (1981, p. 181) sobre escala argumentativa, como apontamos no exemplo (10).

9) A argumentatividade, segundo GERALDI (1981, p. 65), é um modo corrente de interação, quem argumenta pretende interferir sobre as representações ou convicções do outro, e essa manobra pode ser feita pela língua. A escolha que o locutor faz ao construir o seu texto, ou seja, escolher entre **já** e **mas** ou **agora** e **no entanto** pode depender da imagem que o locutor tem de seu interlocutor e de seus propósitos.

10) Para convencer o seu leitor/ouvinte, o emprego de **já** e **agora** pode exigir do produtor do texto que ele conheça bem o seu público. Há diferenças entre elaborar textos com objetivos específicos que tratam, por exemplo, de um acidente, de uma opinião econômica, de uma paisagem paradisíaca, ou que tratam da discussão de dados de uma tese ou da base teórica de uma dissertação. Para cada assunto desses há um público particular diferente, que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 28) chamam de auditórios. Nesse aspecto, observamos novamente que o **agora**, sendo mais empregado em textos orais, e o **já**, em textos escritos, concorda com a posição desses autores, em relação a auditórios, ou seja, o desenvolvimento de uma argumentação necessita da atenção daqueles a quem se destina, caso contrário, ela não se efetiva. Ao escolher bem os recursos da língua, o produtor do texto pode atingir seu objetivo maior que é convencer, persuadir o seu auditório.

11) As Tabelas 9 e 11 apontam que o **já** e o **agora** foram mais empregados em textos dissertativos, tanto no *corpus* oral quanto no escrito. Esse emprego é coerente com as características, propostas por Travaglia (1991 e [2003] 2007, p. 103), que estabelece que o texto dissertativo coloca o enunciador na perspectiva do conhecer/saber, com o objetivo de refletir, avaliar, explicar, apresentar ideias, fazer análise e síntese de representações e o **já** e o

agora, principalmente, como conectores de contrajunção e operadores discursivos modificadores de tópico se prestam a esses objetivos.

12) Ficou constatado nesta pesquisa que o **já** e o **agora** podem ser empregados como conectores de contrajunção e operadores discursivos modificadores de tópico se na estrutura linguística esses itens estiverem ligados a um sujeito sintático diferente do sujeito da sequência anterior. Esse fato parece indicar uma especificidade desses itens, principalmente, se forem comparados com o emprego do **mas** e seus correlatos, que não necessariamente precisam dessa estrutura sintática. Uma pesquisa mais refinada acerca desse fato fica como sugestão. Além disso esses itens têm posição fixa na estrutura do enunciado, ou seja, em (a), **já/agora** (b), os itens em estudo sempre iniciam (b).

13) O fenômeno fonológico também ocorre com o emprego do **já** e do **agora**, ou seja, na língua falada há uma pausa antes e depois do emprego desses itens e na língua escrita essa pausa é, normalmente, marcada pelos sinais de pontuação: reticências, ou vírgula. Assinalamos que essa pausa, no corpus analisado, é mais expressiva com o item **agora**. Esse fenômeno também pode ocorrer com o **mas** como mostra uma pesquisa de Neves (1984, p. 21, 24) sobre a estrutura bipartida de enunciados em textos escritos como: (a). **Mas** (b). Em nosso *corpus* encontramos diversas ocorrências com essa estrutura: (a). **Já/Agora**, (b).

14) Foram observadas também diferenças entre o emprego do **mas** e seus correlatos e do **já** e **agora**, conforme pesquisa de Fabri (2001) quando a sequência que antecede o conector argumentativo não exige uma outra sequência inesperada, isto significa dizer que não pode haver após a sequência (a) uma quebra de expectativa, como ocorre com o **mas**. E também o **já** e o **agora** não são usados com a função de retificação, como o MasSN de Vogt e Ducrot (VOGT, 1989, p. 103).

15) Outras diferenças observadas nesta pesquisa entre o **mas** e **já/agora** dizem respeito ao emprego desses itens em determinados segmentos da língua, de acordo com pesquisa de Guimarães (1987, p. 61, 65) sobre o **mas**. Notamos que com o **já** e o **agora** deve haver uma correlação do uso do verbo em relação ao modo temporal, nas sequências (a) e (b), situação diferente do emprego do **mas**, como diz Guimarães (1987).

16) Observamos que há especificidades do **já** e do **agora** que desencadeiam diferenças com o **mas**, como no exemplo (212), em que o **já**, funcionando como operador discursivo modificador de tópico, não permite a troca com o **mas**. Esse dado pode significar que, como não há a ideia de adversidade, mas apenas uma outra orientação, um outro tópico, o **mas**, muitas vezes, não é usado.

17) Em nossa pesquisa teórica, não encontramos nas gramáticas tradicionais referências sobre o emprego do **já** e do **agora** como conector desencadeando a contrajunção, modificando o tópico anterior ou funcionando como marcador conversacional. Entretanto, dois dicionários de Houaiss (2009) e de Ferreira (2009) apresentam o **agora** como conjunção adversativa, funcionando como o **mas** e seus correlatos. Fato que concorda com o nosso estudo. Não há nesses dicionários referências sobre o emprego do **já** como conjunção adversativa.

18) Observamos, ainda, que o emprego do **já**, em texto escrito (Cf. exemplo 179 e 180), pode funcionar como um operador discursivo que organiza etapas de desenvolvimento de um assunto, com finalidade didática, com a intenção de direcionar a compreensão dos interlocutores.

19) Apresentamos, finalmente, que, de acordo com as Tabelas 6 e 7, não ocorreu prevalência de uso de acordo com as diferentes variáveis propostas, como escolaridade, gênero e idade, significando que diferentes usuários: culto/não-culto, homem/mulher e jovem/adulto não têm sido responsáveis pela mudança de emprego do **já** e do **agora** em diferentes tipos de textos: dissertativo, descrito, narrativo e injuntivo, e nas modalidades da língua: oral e escrita.

Concluimos esta tese, retomando a epígrafe: “Chega mais perto e contempla as palavras, cada uma tem mil faces”. Pesquisar essas faces foi uma travessia desassossegada, perturbadora, inquietante e, muitas vezes, desconfortável. **Agora**, ela foi, acima de tudo, um exercício de humildade, de paciência, de fascínio e de libertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1962.
- ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. Advérbios conjuntos: tecelões auxiliares da textualidade. In R. Letras, Campinas: PUCCAMP, v. 9, p. 14-45, 1990.
- AQUINO, Zilda Gaspar de Oliveira. **Conversação e conflito: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas**. 1997. 367 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- ARRUDA-FERNANDES, Vânia Maria Bernardes. A tipologia textual e o emprego de conectivos em textos orais e escritos. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 2, n. 129, p. 23-45, jul./dez. 1996.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.
- _____. Gramática Escolar da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995.
- BUARQUE, Chico. **Leite derramado**. São Paulo; Companhia das Letras, 2009.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ed. Saraiva, 1968.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- BYBEE, Joan L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In JANDA, Richard and BRIAN J. (Eds) **Handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 1-30.
- CÂMARA, Aline. L. **Multifuncionalidade e gramaticalização de já no Português falado**. São José do Rio Preto: 2006. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- CAMPOS, Claudia Mendes. O percurso de Ducrot na teoria da argumentação na língua. **Revista da ABRALIN**, V. 6, n. 2, p. 139-169, jul./dez. 2007.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A. Gramaticalização. **Estudos Linguísticos e Literários**. 19, Salvador, N. 19, p. 25-64, set. 1997.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; PAIVA, Maria da Conceição de. Introdução: a mudança linguística em curso. In DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; PAIVA, Maria da Conceição de (Org.). **A mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 13-30.

DUCROT, Oswald. **Princípios de Semântica Linguística** (Dizer e não dizer). São Paulo: Cultrix, 1972.

_____. **Provar e dizer: leis lógicas e argumentativas**. São Paulo: Global, 1981.

_____. Argumentação e “Topoi” argumentativos. In: **História e sentido na linguagem**. Guimarães, Eduardo. (org). Campinas, Pontes Editores, 1989, p. 13-38.

FABRI, Kátia Maria Capucci. **Da diferenciação das conjunções adversativas em diferentes tipos de textos escritos**. 2001. 122 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia. 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística Textual: Introdução**. São Paulo: Cortez, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

GALEMBECK, Paulo de Tarso; BLANCO, Luciane Raposo. Marcadores conversacionais na linguagem jornalística. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(2005\), p. 52-63. htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(2005), p. 52-63. htm)> Acesso: 07 jul. 2011.

GEORGAKOPOULOU, Alexandra; GOUTOS, Dionysis. Conjunctions versus discourse markers in Greek: the interaction of frequency, position, and functions in context. **Linguistics**, Berlin, v. 36, n. 5, 1988, p.887-917.

GERALDI, João Wanderley. Tópico Comentário e Orientação Discursiva. In ORLANDI, E. P. O. (org.). **Sobre a Estruturação do Discurso**. Campinas: IEL/ Unicamp, 1981, p. 63-90.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo R. Junqueira. Estratégias de Relação e Estruturação do texto. In: ORLANDI, E. P. O. (Org). **Sobre a Estruturação do Discurso**. Campinas: IEL/ Unicamp, 1981, p. 91-113.

_____. **Texto e Argumentação: um estudo de conjunções em Português**. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas: Pontes, 1995.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chigago / London: The University of Chigago Press. 1991.

HOPPER, Paul J. Some recent trends in grammaticalization. In: **Annual reviews anthropology**, n. 25, 1996, p. 217-236.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo. A categoria advérbio na gramática do Português falado. **Alfa**, São Paulo: UNESP, 51 (1), p. 151-174, 2007.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley (1995). **Semântica**. São Paulo: Ática. 1995.

ILARI, Rodolfo et al. Considerações sobre a posição do advérbio. In CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Gramática do Português falado**. Volume I: a ordem. Campinas: Editora UNICAMP, 2002, p. 53-120.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo, Contexto, 1992a.

_____. Dificuldades na Leitura/Produção de texto: os conectores interfrásticos. In CLEMENTE, Elvo; KIRST, Maria Helena Barão (Org.). **Linguística Aplicada ao ensino do Português**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992b, p. 83-98.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **A Coesão Textual**. São Paulo, Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **A Coerência Textual**. São Paulo: Contexto, 1996.

KOCH, Ingedore G. Villaça et al. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). **Gramática do português do falado**. 3. ed. Campinas, SP: Fapesp/Editora da Unicamp, 2002. v. 1, p.121-152.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

MACIEL, Carmen Terezinha Baumgärtner. **Aspectos constitutivos da subjetividade e da identidade de professores de Português como língua materna do oeste do Paraná**. 2001. 169 f. Dissertação (mestrado em Linguística Aplicada) Universidade Estadual de Maringá (PR), 2001.

MARCUSCHI, Luiz. Antônio. Oralidade e escrita. **Signótica**, Goiânia: Faculdade de Letras UFG, 9, p.119-145, jan./dez. 1997.

MARTELOTTA, Eduardo; RÊGO, Laura. Gramaticalização do lá. In MARTELOTTA, Eduardo, VOTRE Sebastião, Josué e CESÁRIO, Maria Mauro(Orgs). **Gramaticalização no português do Brasil** uma abordagem funcional. 1996, p. 131-139. Disponível em: http://www.discursioagramatica.letras.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf. Acesso em 15 de novembro. 2011.

MONNERAT, Rosane Santos Mauro. A categoria do advérbio no discurso da publicidade: a interface gramática e discurso. **Cadernos do IX CNLF**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 11, 2005. Disponível em: <www.filologia.org.br/ixcnlf/11/01.htm>. Acesso em: 10 jun. 2010.

NEVES, Maria Helena M. “O Coordenador Interfrasal Mas – Invariância e Variantes”. **Alfa**, nº. 28. p.21-42, São Paulo: UNESP. 1984.

_____. A análise funcionalista e o estabelecimento de quadros categoriais na gramática. **Revista. Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 99-117, jan./jun. 2012.

NURC (Norma Urbana Culta da Cidade do Rio de Janeiro). Coordenação Geral de Dinah Maria Isensee Callou. Desenvolvido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>>. Acesso em: jan. 2010.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Funcionamento e discurso. In: ORLANDI, E. P. O. (Org). **Sobre a Estruturação do Discurso**. Campinas: IEL/ Unicamp, 1981, p. 7-38.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTEC, Lucie. **Tratado da argumentação a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PEUL - Projeto de Estudos dos Usos Linguísticos: Amostra Tendência e Amostra Recontato, do Rio de Janeiro. Coordenado pelo prof. Anthony Naro. Desenvolvido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/peul/historia.html>>. Acesso em: 3 mar. 2010.

QUEIROZ, Rachel. **O quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

RAMOS, Jânia M. (Coordenadora do Projeto) Corpus do Dialeto Mineiro: textos orais; textos escritos dos séculos XVIII, XIX e XX. Belo Horizonte, UFMG/FAPEMIG/CNPQ/ Núcleo de Pesquisa em Variação Lingüística, 2007. **Mineirês** (versão eletrônica). Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/mineires/>> acesso em: 5 out. 2010.

RISSO, Mercedes Sanfelice. Os marcadores discursivos *agora* e *então*, no português falado: duas orientações argumentativas em confronto. **Encontro De Estudos Linguísticos De Assis** 3, 1997, Assis, SP. **UNESP**. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/eela/volume1.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2010.

_____. “Agora... o que eu acho é o seguinte”: um aspecto da articulação do discurso no Português culto falado. **Gramática do Português falado**. Ataliba Teixeira de Castilho (org), Campinas, Editora da Unicamp, 2002, p 31-60.

RUDOLPH, Elisabeth. The Role of Conjunctions and Particles for Text Connexity. In: CONTE, PETOFI; SOZER (eds.) **Text and Discourse connectedness**, 1989, p.175-190.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1971.

SAPATA, Andreza Carubelli. **O articulador discursivo *então* em suas várias funções no texto escrito do Brasil**. 2005. 130f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas (UNICAMP), Campinas.

SCHIFFRIN, D. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SOUZA, Edson Rosa Francisco de. **Gramaticalização dos itens linguísticos *assim, já, e aí* no Português brasileiro: um estudo sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional**. 2009. 260 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

TRAUGOTT, Elizabeth C. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Departamento of Linguistics. Stanford University, USA. Paper presented at ICHL XII, Manchester 1995/Version of 11/1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual discursivo do verbo em português**. 1991. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

_____. **Gramática e Interação: Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez. 1997.

_____. **Gramaticalização de verbos: Relatório de pesquisa Pós-Doutorado em Linguística**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2002a.

_____. Tipos, gêneros e subtipos textuais e o ensino de língua materna. In: **Língua Portuguesa: uma visão em mosaico**. 1ª ed. São Paulo: EDUC, Editora da PUC/SP, 2002b, p. 201-214.

_____. Típelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa Maria de Oliveira Barbosa; MARQUESI, Sueli Cristina (org). **Língua Portuguesa pesquisa e ensino**. São Paulo: EDUC/FAPESP, [2003]/ 2007. v. 2. p. 97-117.

_____. A caracterização de categorias de textos: tipos, gêneros e espécies. **Alfa: Revista de Linguística**. São Paulo, v.51, p.39 - 79, 2007a.

_____. Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros In: 4o Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (IV SIGET), 2007, Tubarão - SC. **Anais [do]**

4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (4º SIGET). Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, v.1, p.1297 – 1306, 2007b.

_____. Sobre a possível existência de subtipos. **Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN**. Organizador: Dermeval da Hora. João Pessoa, 2009. p. 2632-2641. ISSN 978-85-7539-446-5.

VOGT, Carlos. **O intervalo semântico**. (Contribuição para uma Teoria Semântica Argumentativa). São Paulo: Ática, 1977.

_____. **Linguagem Pragmática e Ideologia**. São Paulo: Hucitec, 1989.

ANEXOS

ANEXO A - Listagem dos textos constitutivos do *corpus* escrito com ocorrências²⁵**Texto 1:**

EDITORIAIS: Incerteza Europeia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 fev. 2010. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0802201001.htm>>. Acesso em: 21 dez. 2010.

Texto 2:

CUCOLO, Eduardo. Banco público vai puxar alta do crédito, diz BC. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 fev. 2010. Mercado. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2502201004.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2010.

Texto 3:

CACIOLI, Renan. Entrevista: tendência é a renovação, diz Sérgio Soares. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 mar. 2010. Esporte. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0903201003.htm>>. Acesso em: 9 de mar. 2010

Texto 4:

MAGENTA, Matheus; GUIBU, Fábio. Tradição x Inovação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 fev. 2010. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0802201018.htm>>. Acesso em: 8 fev. 2010.

Texto 5:

TAKAHASHI, Fábio. Entrevista, Aplicação do Enem “foi satisfatória”, afirma ministro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 dez. 2009. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0812200919.htm>>. Acesso em: 8 dez. 2009.

Texto 6:

TAKAHASHI, Fábio; PINHO, Ângela. Inep e gráfica têm responsabilidade em ações, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 nov. 2010. Educação. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saber/827066-inep-e-grafica-tem-responsabilidade-em-falhas-na-prova-do-enem.shtml>>. Acesso em: 8 nov. 2010.

Texto 7:

SCOLARI deve ser mantido, mas futebol sofrerá cortes de gastos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 set. 2010. Esporte. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2909201005.htm>>. Acesso em: 29 set. 2010.

Texto 8:

REAL Madrid vence e lidera grupo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 set. 2010. Esporte. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2909201021.htm>>. Acesso em: 29 set. 2010.

²⁵ A lista de texto está na ordem em que os textos aparecem na tese. Isso justifica o fato de as referências não estarem na ordem alfabética.

Texto 9:

APÓS abandonar os dois últimos GPs, Hamilton foca nas provas decisivas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 set. 2010. Esporte. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/806789-apos-abandonar-os-dois-ultimos-gps-hamilton-foca-nas-provas-decisivas.shtml>>. Acesso em: 29 set. 2010.

Texto 10:

SANT'ANNA, Emílio; MARCHIORI, Raphael. Nordeste "planejado" é mais barato do que praias de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 out. 2010. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff3010201023.htm>>. Acesso em: 30 out. 2010.

Texto 11:

PERES, Marcus Flamínio. Dino Buzzati recria mito grego para os quadrinhos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 out. 2010. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3010201023.htm>>. Acesso em: 30 out. 2010.

Texto 12:

RUSSO, Enzo; PERCOSSI, Massimo; EFE. Itália acha 12º corpo e confirma vazamento de diesel em navio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 jan. 2012. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1037645-italia-acha-12-corpo-e-confirma-vazamento-de-diesel-em-navio.shtml>>. Acesso em: 21 jan. 2012

Texto 13:

CABRAL, Maria Clara; ODILLA, Fernanda. Mesmo vazio, o Congresso custa R\$ 1,9 bi a contribuinte. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 out. 2010. Poder. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po3010201002.htm>>. Acesso em: 30 out. 2010.

Texto 14:

DIMENSTEIN, Gilberto. Essa arte é um lixo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 abr. 2010. Cotidiano. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2804201007.htm>. Acesso em: 28 abr. 2010.

Texto 15:

ATACANTE busca hoje 1º gol em Copa do Mundo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jun. 2010. Esporte. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2806201007.htm>. Acesso em: 28 jun. 2010.

Texto 16:

FERNANDES, Nohad Mouhanna. Desenvolvimento de habilidades de leitura de textos a partir da análise de pressupostos e subentendidos. In: SEMANA NACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGÜÍSTICOS, 9., 2007, São Gonçalo, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/11.htm>. Acesso em: 12 dez. 2011.

Texto 17:

LIMA, Creusa Helena Dutra. 2000 Inferência: uma estratégia para compreender o texto escrito. 2000. 122 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) -- Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2000.

Texto 18:

MENDONÇA, Ricardo. O encantador de poderosos. *Época*, São Paulo, 06 jan. 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/tempo/noticia/2012/01/o-encantador-de-poderosos.html>>. Acesso em: 06 jan. 2012

Texto 19:

GOMES, Christina Abreu. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; PAIVA, Maria da Conceição de (Org.). **A mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

Texto 20:

FERREIRA, Camila dos Santos. Humor e interação na HQ humorística: uma abordagem para o trabalho em língua Estrangeira. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 37, p. 69-83, 2º sem. 2008.

Texto 21:

WHITEMAN, Vivian. Pedro Lourenço e Herchcovitch fazem desfiles sem impacto. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 jan. 2012. Cotidiano. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/21189-pedro-lourenco-e-herchcovitch-fazem-desfiles-sem-impacto.shtml>. Acesso em: 21 jan. 2012.

Texto 22:

MAISONNAVE, Fabiano. China ataca interferência dos EUA na Ásia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 nov. 2011. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/9836-china-ataca-interferencia-dos-eua-na-asia.shtml>>. Acesso em: 19 nov. 2011.

Texto 23:

AVANZI, Silvia. Estantes: expõem e organizam. **Revista Casa Cláudia**, São Paulo, v. 35, n. 9, p. 125-127, set. 2011.

Texto 24:

PRESIDENTE do Santos descarta Juan por Salário alto. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 jan. 2012. Esporte. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1037797-presidente-do-santos-descarta-juan-por-salario-alto.shtml>>. Acesso em: 22 jan. 2012

Texto 25:

GASPARI, Elio. Obama botou os consulados para trabalhar. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 jan. 2012. Poder. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/21390-obama-botou-os-consulados-para-trabalhar.shtml>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

Texto 26:

CORREA, Vanessa. Expansão de shoppings se volta para os Jardins. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 dez. 2011. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1023032-expansao-de-shoppings-se-volta-para-a-regiao-dos-jardins-em-sp.shtml>>. Acesso em: 18 dez. 2011.

Texto 27:

GURGEL, Marina. Turista independente deve buscar um passeio simples. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 dez. 2011. Turismo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol>

com.br/fsp/turismo/13542-turista-independente-deve-buscar-um-passeio-simples.shtml>. Acesso em: 08 dez. 2011.

Texto 28:

CALIGARIS, Contardo. "Cisne Negro", o carnaval e as mães. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 mar. 2011. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1003201118.htm>> Acesso em: 10 mar. 2011.

Texto 29:

LOPES, José. Nasce sabendo. **Superintessante**, São Paulo, n. 281, ago. 2010. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/nasce-sabendo-614321.shtml>>. Acesso em: 17 jan. 2012.

Texto 30:

BLANCO, Gisela. Memória - Parte 1 - Esquecer para lembrar. **Superintessante**, São Paulo, n. 264, abr. 2009. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/esquecer-lembrar-617874.shtml>>. Acesso em: 19 jan. 2012

Texto 31:

FUHRMANN, Leonardo. Arquitetura das ideias. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, n. 74, dez. 2011. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=12472>>. , agosto 2006. Acesso em: 23 jan. 2012

Texto 32:

KENSKI, Rafael. A revolução do cérebro. **Superintessante**, São Paulo, n. 229, ago. 2006. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/revolucao-cerebro-446545.shtml>>. Agosto 2006. Acesso em: 23 jan. 2012

Texto 33:

SCHWARTSMAN, Hélio. Analfabetismo precoce. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 nov. 2011. Colunistas. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/1009988-analfabetismo-precoce.shtml>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

Texto 34:

TEXTO PUBLICITÁRIO. **Revista Cláudia**, São Paulo, v. 50, n. 5, maio 2011, p. 109.

Texto 35:

TEXTO PUBLICITÁRIO. **Revista Lola**, São Paulo, v. 1, n. 8, maio 2011, p. 48

Texto 36:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A (poli)gramaticalização do verbo acabar. **Letras & Letras** Uberlândia, v. 20, n. 2, p.21-56, jul./dez. 2004.

Texto 37:

FIÚZA Guilherme. A fundação Sarney é nossa. **Época**, São Paulo, 25 nov. 2011. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/opinioao/noticia/2011/11/fundacao-sarney-e-nossa.html>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

Texto 38:

LIMA, Fernanda. Como economizar apenas com cortes inteligentes no orçamento. **Cláudia**, São Paulo, 27 abr. 2011. Disponível em: <<http://claudia.abril.com.br/materia/como-economizar-com-cortes-inteligentes-no-orcamento-1711>>. Acesso em: 02 fev. 2012.

Texto 39:

COLLUCCI, Cláudia. CFM recua e permite que médicos viajem a convite da indústria. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 fev. 2012. Equilíbrio e Saúde. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1048422-cfm-recua-e-permite-que-medicos-viajem-a-convite-da-industria.shtml>>. Acesso em: 14 fev. 2012.

Texto 40:

EDITORIAIS: o declínio da Aids. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 nov. 2011. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/10541-o-declinio-da-aids.shtml>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

Texto 41:

EDITORIAIS: privatização no ar. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 05 fev. 2012. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/24092-privatizacao-no-ar.shtml>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

Texto 42:

MOURA, Flávio Rosa de. Um crítico no redemoinho. **Tempo Social**, São Paulo, v. 23, n. 2, nov. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v23n2/v23n2a04.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2012

Texto 43:

SAFATLE, Vladimir. Palestina: aqui não há nada para ver: uma Uzi na mão e o paraíso na cabeça. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 05 fev. 2012. Ilustríssima. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/24010-aqui-nao-ha-nada-para-ver.shtml>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

ANEXO B - Listagem dos textos constitutivos do *corpus* escrito sem ocorrências.

Texto 1:

COUTINHO, João Pereira. Os Pequenos príncipes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 fev. 2012. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/joaopereiracoutinho/1044714-os-pequenos-principes.shtml>>. Acesso em: 07 fev. 2012.

Texto 2:

SILVA, Deonísio da. **Os melhores contos de Ignácio de Loyola Brandão**. São Paulo: Global, 1993. 117 p. Disponível em: <http://www.releituras.com/ilbrandao_menu.asp>. Acesso em: 15 abr. 2012.

Texto 3:

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Texto 4:

QUASE 3 milhões já foram afetados pelas chuvas em Minas Gerais: balanço da defesa civil do Estado mostra que 2,8 milhões de pessoas em 182 municípios foram atingidas. **Época**, São Paulo, 11 jan. 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Brasil/noticia/2012/01/quase-3-milhoes-ja-foram-afetados-pelas-chuvas-em-minas-gerais.html>>. Acesso em: 11 jan. 2012.

Texto 5:

SANTOS, Geórgia. Usuários reclamam do baixo número de atendentes nos bancos. **JM Online**, Uberaba, 20 jan. 2012. Cidade. Disponível em: <<http://jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,56078>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

Texto 6:

PROPAGANDA CATHO ON-LINE (Brasil). Janeiro, fevereiro e março são ótimos meses para procurar um novo emprego. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2251/40>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

Texto 7:

UNABR. UNA, o melhor centro universitário privado de Minas. **Revista Lola: Magazine**, Brasil, n. 08, p.33-33, 01 maio 2011.

Texto 8:

PORTAL ANGELS. **Horóscopo mensal**. [S.l.: s.n.], 2012. Disponível em: <<http://www.portalangels.com/horoscopo/horoscopo-do-dia/horoscopo-do-dia-para-o-signo-de-touro.html>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

Texto 9:

PORTAL ANGELS. **Horóscopo mensal**: leão, gêmeos e touro. [S.l.: s.n.], 2012. Disponível em: <<http://www.portalangels.com/horoscopo/horoscopo-do-dia/horoscopo-do-dia-para-o-signo-de-touro.html>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

Texto 10:

PREVISÕES 2012: PREVISÕES PARA 2012, O HORÓSCOPO DE 2012 PARA TODOS OS SIGNOS. **Previsões Horóscopo 2012**: Capricórnio. [S.l.: s.n.], 2012.

Disponível em: <<http://www.previsoeshoroscopo2012.com/capricornio.php>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

Texto 11:

FERRZ, Lucas. O Instante decisivo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 05 fev. 2012. Ilustríssima. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/24012-o-instante-decisivo.shtml>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

Texto 12:

WENWCK, Paulo. Caetano Veloso e os elegantes uspianos: “Por que Schwarz ou Chaui nunca têm nada a dizer sobre o que se passa na Coreia do Norte?”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 abr. 2012. Ilustríssima. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/37126-caetano-veloso-e-os-elegantes-uspianos.shtml>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

Texto 13:

A AUTONOMIA delirante: o absurdo conflito entre os estudantes e a PM revela como a maior universidade do país perdeu a conexão com a realidade. **Época**, São Paulo, 11 nov. 2011. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/opiniao/noticia/2011/11/autonomia-delirante.html>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

Texto 14:

SEGATTO, Cristiane. A cilada dos falsos light: por que pizza de massa grossa, nhoque de batata e pudim de leite engordam menos que certas saladinhas. **Época**, São Paulo, 10 fev. 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Saude-e-bem-estar/cristiane-segatto/noticia/2012/02/cilada-dos-falsos-light.html>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

Texto 15:

FEIJÓ, Francisco Antonio. A Contribuição sindical compulsória deveria acabar? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 fev. 2002. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/23906-contribuicao-protége-o-trabalhador.shtml>>. Acesso em: 02 de novembro de 2012.

Texto 16:

PIRES, Paulo Roberto. O Erro de Machado: o futuro mestre e o direito inalienável ao equívoco. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 05 fev. 2012. Ilustríssima. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/24009-o-erro-de-machado.shtml>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

Texto 17:

AMARANTE, Gustavo A. J. "A Primavera Árabe na Síria é um desejo ardente", avalia leitor. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 mar. 2012. Painel do Leitor. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/1062603-a-primavera-arabe-na-siria-e-um-desejo-ardente-avalia-leitor.shtml>>. Acesso em: 16 mar. 2012.

Texto 18:

LISPECTOR, Elisa. Imaginação: prosa, poesia e tradução. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 dez. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/12771-imaginacao.shtml>>. Acesso em: 04 dez. 2011.

Texto 19:

PEDRO JACOBI. O Município no século XXI: cenários e perspectivas. In: _____.

Desenvolvimento e meio ambiente: meio ambiente e sustentabilidade. [S.l.: s.n.], [199-?].

Disponível em: <<http://michelonengenharia.com.br/downloads/Sutentabilidade.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

Texto 20:

GRANJEIA, Julianna et al. O Senho de pinheirinhos: Naji Nahas, 43 anos de altos e baixos.

Folha de São Paulo, São Paulo, 11 mar. 2012. Ilustríssima. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/30547-o-senhor-do-pinheirinho.shtml>>.

Acesso em: 11 mar. 2012.

Texto 21:

ASSIS, Machado de. Conto de escola. In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova

Aguilar, 1994. v. 2. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000268.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

Texto 22:

CARNAVAL e contravenção: é o momento certo para afastar a festa popular dos laços com o

crime organizado. **Época**, São Paulo, 02 fev. 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/opiniao/noticia/2012/02/carnaval-e-contravencao.html>>.

Acesso em: 24 fev. 2012.

Texto 23:

AZEVEDO, Reinaldo. Ex-presidente do PT explica: por que o Brasil é um dos países mais

corruptos do planeta. **Veja**, São Paulo, 06 abr. 2012. Blogs e Colunistas. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/tag/corruptao/>>. Acesso em: 06 abr. 2012.

ANEXO C - Listagem dos inquéritos constitutivos da transcrição do *corpus* oral

Inquéritos NURC – Rio de Janeiro

1. 0048, tipo DID, tema: casa– década de 70, gênero masculino, 25 anos
2. 0101, tipo DID, tema: casa – década de 70, gênero feminino, 36 anos
3. 0293, tipo DID, tema: vida social e diversão – década de 70, gênero feminino, 51 anos
4. 28, tipo DID, tema: família – década de 90, gênero masculino, 61 anos
5. 114, tipo DID, tema: casa – década de 70, gênero masculino, 50 anos.
6. 25, tipo DID, tema: cidade e comércio – década de 90, gênero feminino, 26 anos
7. 147, tipo D2, tema: vida social, diversão, a cidade, o comércio – década de 70, gênero feminino, 25 anos
8. 133, tipo DID, tema: cidade e comércio – década de 90, gênero feminino, 50 anos
9. 45, tipo DID, tema: cinema, televisão, rádio, teatro, circo – década de 70, gênero masculino, 33 anos.
10. 233, tipo DID, tema: cidade e comércio – década de 90, gênero masculino, 59 anos.

Inquéritos PEUL – Rio de Janeiro

1. Amostra Tendência, inquérito 06, temas: relações familiares, alimentação, diversão, carnaval – década de 90, gênero masculino, 20 anos, não-culto
2. Amostra Tendência, inquérito 05, temas: família, escola, trabalho, diversão e leitura – década de 90, gênero masculino, 21 anos, não-culto
3. Amostra Tendência, inquérito 01- continuidade, temas: amizades, família, trabalho e religião – década de 90, gênero masculino, 54 anos, não-culto
4. Amostra Tendência, inquérito 09, temas: amizade, praia, surfe, esporte, diversão, violência – década de 90, gênero masculino, 16 anos, não-culto
5. Amostra Tendência, inquérito 19, temas: família, trabalho, futebol, violência, viagem – ano 2000, gênero masculino, 37 anos, não-culto
6. Amostra Recontato, R01, temas: profissão, rotina do trabalho, violência – década de 1990- gênero feminino, 25 anos, não-culto
7. Amostra Tendência, falante 07, temas: família, lazer, violência – década de 2000- gênero feminino, 21 anos, não- culto

8. Amostra Recontato, falante 04, temas: família, gravidez, rotina de casa – década de 2000 – gênero feminino, 33 anos, não culto.
9. Amostra Recontato, falante 06, tema: relação familiar, diversão, carnaval – década de 2000 – gênero feminino, 36 anos, não- culto
10. Amostra Recontato, falante 08, tema: filhos, carnaval, futebol, Rio de Janeiro - década de 2000 – gênero feminino, 43 anos, não-culto

Inquéritos do Projeto Mineirês – Belo Horizonte

1. entrevista BH 01, tema: profissão, década de 2000 - idade 19 anos, gênero feminino, 3º grau incompleto
2. entrevista BH 02, tema: descrição de uma aula prática da área da saúde, década de 2000 - idade 19 anos, gênero masculino, 3º grau incompleto
3. entrevista BH 10, tema: o ensino para crianças com deficiência auditiva e normais, década de 2000 - idade 49 anos, gênero feminino, 3º grau
4. entrevista BH 04, tema: família, década de 2000 – idade 24 anos, gênero masculino, 2º grau
5. entrevista BH 11, tema: história de vida, década de 2000 – idade 54 anos, gênero feminino, 4ª série
6. entrevista BH 03, tema: cotidiano, família, vida social, década de 2000 – idade 16 anos, gênero feminino, 2º grau incompleto
7. entrevista BH 10, tema: vida acadêmica e social, década de 2000 - idade 22 anos, gênero feminino, 3º grau incompleto
8. entrevista BH 06, tema: infância, adolescência, religião, década de 2000 - 33 anos, gênero masculino, 2º grau
9. entrevista BH 08, tema: diversão, amizade, trabalho, década de 2000 – idade 22 anos, gênero masculino, 2º grau incompleto
10. entrevista BH 09, tema profissão e vida escolar, década de 2000 – idade 27 anos, gênero masculino, 2º grau.